



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
DO TRÓPICO ÚMIDO
CURSO DE MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO**

GLAUCE CRISTHIANE DA SILVA MONTEIRO

**AMAZÔNIAS NA TV: A PRESENÇA LOCAL NO
TELEJORNALISMO NACIONAL**

Belém
2011

GLAUCE CRISTHIANE DA SILVA MONTEIRO

**AMAZÔNIAS NA TV: A PRESENÇA LOCAL NO
TELEJORNALISMO NACIONAL**

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Sustentável, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Profº Dr. Durbens Martins Nascimento.

Belém
2011

Dados Internacionais de Catalogação de Publicação (CIP)

(Biblioteca do NAEA/UFPa)

Monteiro, Glauce Cristhiane da Silva

Amazônias na TV: a presença local no telejornalismo nacional / Glauce Cristhiane da Silva Monteiro ; Orientador, Durbens Martins Nascimento – 2011.

194 f.: il. ; 29 cm

Inclui bibliografias

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2011.

1. Telejornalismo- Amazônia. 2. Identidade social - Amazônia. 3. Representações sociais - Amazônia 4. Televisão – Brasil. I. Nascimento, Durbens Martins, orientador. II. Título.

CDD 22 ed. 070.4309811

GLAUCE CRISTHIANE DA SILVA MONTEIRO

Amazônias na TV: a presença local no telejornalismo nacional

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Sustentável, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará.

Belém-Pará, 16 de junho de 2011.

Banca Examinadora:

Prof^o Dr. Durbens Martins Nascimento
Orientador

Prof^o Dr. Manuel Dutra
Membro Externo Convidado

Prof^a Dr^a. Rosa Azevedo
Membro Interno Convidado

AGRADECIMENTOS

Meus mais profundos agradecimentos ao professor Durbens Nascimento, orientador deste trabalho, a quem recorri nos tantos momentos de dificuldades e dúvidas e quem jamais me faltou em nenhum deles. Por sua paciência, sabedoria, tranquilidade, sensibilidade e profundo espírito interdisciplinar, o meu muito obrigado.

Ao NAEA e a UFPA por oferecer a incrível possibilidade de aprender mais sobre a Amazônia com profissionais extremamente qualificados para falar sobre as diversas dinâmicas sociais, ambientais, políticas e econômicas da região, obrigada!

Aos meus colegas das turmas de 2009, 2010 e da turma especial de servidores da UFPA, agradeço por compartilharem durante as aulas conhecimentos, dúvidas, interpretações e indignações que contribuíram muito para a minha visão de mundo, para a minha formação e que demonstraram diariamente como a inter e transdisciplinariedade é possível e necessária na busca de soluções para os problemas que afligem esta região.

As minhas ex-chefes e amigas, Ana Danin e Luciana Miranda, por toda compreensão e apoio que foram essenciais na luta diária para conciliar estudos e trabalho. Sem vocês cursar o mestrado e realizar esta pesquisa (assim como tantas outras coisas ao longo do tempo que passamos juntas) teria sido impossível. Obrigada!

Obrigada também a minha colega de trabalho Jéssica Souza que gentilmente trocou de horário comigo várias vezes para me permitir assistir as aulas do mestrado.

Aos professores Manuel Dutra e Rosa Acevedo que de tantas formas ampliaram minha visão sobre meu objeto de estudo e me ajudaram a melhorar como estudante e como pesquisadora, lições que certamente estarão comigo nos trabalhos científicos futuros que pretendo desenvolver.

A Hendrick Maxil Zárate Rocha, meu melhor amigo e companheiro de todas as horas, que nestes dois anos, esteve comigo em todos os dias, noites e madrugadas dedicadas a esta pesquisa, que acumulou ainda a função de consultor em informática na busca de solução para a questão da captura dos programas a serem analisados, e sem o qual seria impossível a conclusão dos trabalhos. Por seu amor, exemplo, serenidade e apoio incondicional, que sempre me motivam a fazer e ser o meu melhor, obrigada!

Aos amigos Maria, Robson e Elden que sempre estiveram disponíveis para ajudar na realização desta pesquisa e para me ouvir tagarelando sobre a Amazônia e o telejornalismo, mesmo sem gostar do tema, obrigada!

A minha família que sempre fez o possível e o impossível para me incentivar e ajudar a estudar, não tenho palavras suficientes para agradecer o apoio ao longo destes 25 anos! Tenho muito orgulho de todos vocês! Aos bisos, avôs, tias-mães e primos-babás do meu filho, obrigada! Vocês sempre me fizeram me sentir especial e hoje fazem o mesmo por toda a minha família.

E principalmente, a Erick Monteiro Zárate, meu querido bebê, que me acompanhou e inspirou ao longo das aulas e de todo o tempo em que dediquei a este estudo e que certamente tornou o mestrado mais desafiador e também mais gratificante. Este trabalho, assim como tudo o que eu faço, é para você!

Sou o intervalo entre o que eu queria ser e o que os
outros me fizeram

(Fernando Pessoa)

RESUMO

A presente pesquisa analisa as representações sobre a região amazônica expressas em dois telejornais exibidos no horário nobre da televisão brasileira. A partir da perspectiva das representações sociais e das teorias do telejornalismo, foram analisados quatro parâmetros: os conceitos de Amazônia adotados nas notícias e reportagens; as representações dos estados da Amazônia Legal e sua relação com a região; os temas segundo os quais a Amazônia aparece em rede nacional; e as diferenciações nas matérias jornalísticas conforme a ausência e presença dos Núcleos de rede locais no processo de produção dos conteúdos. Para tal foram observados os telejornais exibidos entre 14 de junho e 09 de outubro de 2010, totalizando 101 textos jornalísticos. As representações sobre a região parecem estar, neste período, intimamente relacionadas as discursões de desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: Telejornalismo. Representação social. Identidade. Amazônia.

ABSTRACT

This research analyzes the representations on the Amazon region expressed in two primetime television news shows Brazilian television. From the perspective of social representations and theories of news broadcasting, have been examined four parameters: the concepts of Amazon adopted in the news and reports; the representations of States of the Legal Amazon and its relationship with the region; the themes under which Amazon appears on national television; and the differentiations in stories as the absence and presence of local television in the content production process. For such were observed the news showed between 14 June and 09 October 2010, totaling 101 journalistic texts. Representations about the region seem to be, in this period, closely related to the discourses on Sustainable Development.

Keywords: Journalism. Social representation. Identity. Amazon.

RESUMEN

El presente estudio analiza las representaciones sobre la región amazónica expresas en dos telenoticieros exhibidos en el horario noble de la televisión brasilera. A partir de la perspectiva de las representaciones sociales y de las teorías del telenoticiero. Fueron analizados cuatro parámetros: los conceptos de Amazonia adoptados en las noticias y reportajes, las representaciones de los estados de la Amazonia Legal y su relación con la región; los temas según los cuales Amazonia aparece en la red nacional; y las diferenciaciones en las materias periodísticas conforme la ausencia y presencia de los Núcleos de red locales en el proceso de producción de contenidos. Para tal fueron observados los telenoticieros exhibidos entre el 14 de Junio y 09 de Octubre de 2010, totalizando 101 textos periodísticos. Las representaciones sobre la región parecen estar, en este periodo, íntimamente relacionadas a las discusiones sobre el desarrollo sustentable.

Palabras clave: Periodismo. Representación Social. Identidad. Amazonia.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Gravações gerais e por telejornal	32
Quadro 2: Horários de Telejornais	56
Quadro 3: Gravações geral e por telejornal	72
Quadro 4: JN no ar - Amazônia.....	79
Quadro 5- Temas que citam a Amazônia no <i>JN</i>	94
Quadro 6- Conceitos de Amazônia no <i>JN</i>	95
Quadro 7: Temas que citam a Amazônia no <i>JR</i>	102
Quadro 8: Conceitos de Amazônia no <i>JR</i>	103
Quadro 9: Conceitos de Amazônia em matérias sem citação no <i>JN</i>	104
Quadro 10: Conceitos de Amazônia em matérias sem citação no <i>JR</i>	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Recorte Metodológico	27
Tabela 2: Recorte Metodológico	59
Tabela 3: Programação local transmitida semanalmente na TV Liberal.....	70
Tabela 4: Programação local transmitida semanalmente na TV Record-Belém.....	70
Tabela 5 - Matérias em relação a nomeação da Amazônia	91
Tabela 6: Conceitos de Amazônia conforme citação e telejornal	108
Tabela 7: Notícias sobre a Amazônia por mês, Estados citados e responsáveis pela produção (JN).....	108
Tabela 8: Notícias sobre a Amazônia por mês, Estados citados e responsáveis pela produção (JR)	126
Tabela 9: Estados Amazônicos.....	143
Tabela 10: Total de Notícias segundo a participação dos Núcleos de Rede locais.....	165

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. AMAZÔNIAS NA TV	23
2.1. NÚCLEOS DE REDE E REDES DE TELEVISÃO NO BRASIL:	23
2.2. AMAZÔNIA NA TV: PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO	24
2.3. A AMAZÔNIA NOS TELEJORNAIS NACIONAIS:	25
2.4. A PRESENÇA DO LOCAL NO TELEJORNALISMO NACIONAL	27
2.5. RESUMO DA PESQUISA.....	30
3. REFERENCIAL TEÓRICO	34
3.1. REFERÊNCIAS TEÓRICAS PARA ANÁLISE	34
3.2. ENTRE IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	34
3.3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	36
3.4. IDENTIFICAÇÕES	41
3.5. TELEJORNALISMO	44
3.6. REPRESENTAÇÕES E IDENTIFICAÇÕES DA/COM A AMAZÔNIA.....	47
3.7. DEFINIÇÕES DE AMAZÔNIA.....	51
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	54
4.1. DELIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	54
4.2. PESQUISA EM COMUNICAÇÃO.....	55
4.3. SELEÇÃO DE FONTES.....	56
4.4. ANÁLISE DOCUMENTAL:	57
4.4.1. Coleta de dados:.....	57
4.4.2. Transcrição	59
4.4.3. Elementos analisados:	60
4.5. ANÁLISE DO CONTEÚDO	62
5. A AMAZÔNIA E OS TELEJORNAIS NACIONAIS	65

5.1. DA TV NA AMAZÔNIA A AMAZÔNIA NA TV.....	65
5.1.1. Redes de Televisão no Brasil:	65
5.1.1.1. Rede Globo:.....	66
5.1.1.2. Rede Record	67
5.1.2. Redes de Televisão no Pará	67
5.1.2.1. TV Liberal: Afiliada Rede Globo.....	67
5.1.2.2. TV Record-Belém: Filiada Rede Record	68
5.2. ÍNDICE DE REGIONALISMO NA TV LOCAL	69
5.3. PROGRAMAS ANALISADOS:.....	71
5.3.1. Jornal Nacional (JN) – Rede Globo:	73
5.3.2. Jornal da Record (JR) – Rede Record:	74
5.3.3. Séries de Reportagens:	75
5.3.3.1. Jornal Nacional:.....	75
5.3.3.2. Jornal da Record:.....	80
5.3.4. Núcleos de Rede	83
6. DELIMITAÇÕES DA AMAZÔNIA NA TV	91
6.1. CONCEITOS DE AMAZÔNIA:	91
6.1.1. Jornal Nacional:.....	91
6.1.1.1. Julho:	91
6.1.1.2. Setembro:.....	92
6.1.1.3. Conceito de Amazônia no JN:.....	94
6.1.2. Jornal da Record:	95
6.1.2.1. Julho:	95
6.1.2.2. Agosto:	97
6.1.2.3. Setembro:.....	99
6.1.2.4. Outubro:.....	100
6.1.2.5. Conceitos de Amazônia no JR:.....	102

6.1.3. Conceitos da Amazônia em matérias sem citação:	103
6.1.3.1. Jornal Nacional:.....	103
6.1.3.2. Jornal da Record:.....	104
6.1.4. Que Amazônia?	105
6.2. ESTADOS AMAZÔNICOS:	108
6.2.1. Jornal Nacional:	108
6.2.1.1. Pará:.....	109
6.2.1.2. Amazonas:	113
6.2.1.3. Rondônia:	117
6.2.1.4. Acre:	118
6.2.1.5. Mato Grosso:	120
6.2.1.6. Amapá:	122
6.2.1.7. Maranhão:.....	124
6.2.1.8. Tocantins:	124
6.2.1.9. Roraima:	125
6.2.2. Jornal da Record:	126
6.2.2.1. Pará:.....	127
6.2.2.2. Amazonas:	134
6.2.2.3. Rondônia:	138
6.2.2.4. Roraima:	139
6.2.2.5. Amapá:	140
6.2.2.6. Acre, Tocantins, Maranhão e Mato Grosso:.....	141
6.2.3. Identidade e representações dos estados amazônicos: definições de Amazônia:	141
7. REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA NA TV	151
7.1. REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA:.....	151
7.1.1. Meio Ambiente: florestas e rios	151
7.1.2. Sociedade: ribeirinhos, povos da floresta, migrantes e periféricos	153

7.1.3. Infraestrutura e serviços: isolamento	155
7.1.4. Urbano: enclaves na floresta	158
7.1.5. Governança: interferências dos Estados e instituições	161
7.2. A SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA:	164
7.3. NÚCLEOS DE REDE E AS REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA:	165
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
8.1. AMAZÔNIAS NA TV	168
9. REFERÊNCIAS	173

1. INTRODUÇÃO

“Aqui do alto a imensidão verde que atrai os olhos do mundo inteiro. Lá em baixo 25 milhões de brasileiros”¹.

O que é a Amazônia? Respostas a esta pergunta são encontradas todos os dias em conversas, textos oficiais, propagandas, fotografias e também em livros escolares e meios de comunicação de massa. A origem da resposta pode ser tanto endógena, quando é elaborada por pessoas e grupos que habitam a região; quanto exógena, quando quem emite os discursos têm sua fala localizada fora dela. Mas a resposta também pode ser construída com tantas modulações que defini-la como de “autoria interna” ou “externa” possa se tornar um desafio, especialmente quando se leva em consideração que as definições da região são construídas e reconstruídas, cotidianamente, há mais de cinco séculos e que, por tanto, há uma genealogia, uma historicidade das representações sobre a Amazônia.

“Os discursos que falam sobre a Amazônia não se baseiam na realidade, mas em outros discursos”, defende (BUENO, 2002, p.3) ao analisar o imaginário brasileiro sobre a Amazônia. Segundo a autora, este lugar não é uma concepção a priori. Sua representação se manifesta a partir da apropriação mental e material do vocábulo, que pode apresentar flutuações em decorrência de contextos temporais e espaciais. Bueno (2002) trata o imaginário da região a partir da comparação de relatos de viajantes de séculos passados, livros didáticos de geografia, revistas de circulação nacional, da observação participante em uma “comunidade tradicional” localizada no município de Abaetetuba e de entrevistas feitas em Belém, Manaus e São Paulo.

Ela defende que o imaginário sobre a Amazônia está ligado essencialmente a duas representações da natureza, especialmente, da floresta. De um lado, a floresta em pé, um paraíso a ser preservado. De outro, uma floresta que precisa ser desbravada/dominada em prol do desenvolvimento e do progresso regional e nacional. Apesar das fontes dos discursos analisados serem tanto endógenas, quando exógenas, a representação ambiental da Amazônia é a mesma, embora que possua flutuações em cada tipo de “autor” observado.

Na visão da autora, a floresta se sobressai de tal maneira sobre os homens, que os homens narrados nos discursos sobre a Amazônia são sempre homens da floresta: povos

¹ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 19 de junho de 2010.

tradicionais, indígenas, ribeirinhos, caboclos. A identificação dos habitantes com o lugar é imediata, ou seja, eles se identificam com o espaço geográfico mais próximo no qual vivem (seu bairro, comunidade ou município) e não com o conceito abrangente e carregado de indefinição de “Amazônia”. A relação da representação da Amazônia com a natureza é tão íntima e indissociável que mesmo entrevistados de Belém e Manaus, capitais de estados amazônicos, ao falarem da região, se posicionavam como indivíduos fora dela.

Castro (2005) afirma que se identificam como amazônidas quatro grupos: classes medianas da população urbana, artistas e intelectuais locais, migrantes de outras regiões e seus descendentes e os amazônidas espirituais, aqueles que se sentem pertencentes ou ligados a região mesmo sem jamais a ter visitado. E entre os grupos que vivem na Amazônia, os que não se identificam como amazônidas seriam justamente os “povos da floresta” e aquele conjunto de indivíduos aos quais os discursos apontam como sendo o símbolo e a aura da Amazônia.

Como parte do “mundo inteiro”, os brasileiros, amazônidas ou não, também se sentem atraídos pela “imensidão verde”. Mas será que a Amazônia se restringe a esta “imensidão verde” para os “25 milhões de brasileiros” que estão “lá embaixo”? Será que estas populações de alguma maneira participam da elaboração dos enunciados que definem a Amazônia? Quando se trata de produção e conteúdos para telejornais nacionais, o modelo de *redes nacionais*², responderia que sim a esta última pergunta. Será?

Ao refletir sobre o conceito de *nacional* atribuído às redes de televisão brasileiras, Manuel Dutra (DUTRA, 2010) questiona se os atores locais teriam ou não autonomia para a produção de conteúdos ou se, ao contrário, apenas reproduziriam a gramática imposta pela emissora dominante, disfarçando como local um discurso que seria, na verdade, nacional.

Ao narrar o Modo de fazer o Jornal Nacional, (BONNER, 2009), afirma que todos os integrantes das equipes que participam do telejornal obedecem a um perfil editorial enraizado e claro para cada um e todos os jornalistas responsáveis pela seleção, produção e edição de conteúdos. No entanto, este perfil diz respeito, sobretudo, à escolha se o tema será ou não publicado e ao formato estético-jornalístico que cada reportagem e notícia terá e não diz respeito aos conteúdos abordados. O que significaria que em relação à Amazônia a rede nacional diz “sim” ou “não” aos conteúdos sugeridos pelos Núcleos de

² Modelo segundo o qual emissoras líderes nacionais se associam por filiação ou afiliação a outras emissoras regionais e locais para retransmitir sua programação. Estas emissoras regionais e locais teriam participação direta na produção e conteúdos para os telejornais por meio de seus Núcleos de rede.

rede locais, baseada em critérios como abrangência, historicidade e repercussões. Também a Rede possui critérios de tratamento para os assuntos abordados e modelos estéticos a serem seguidos para a construção das notícias e reportagens, mas o conteúdo (quem entrevistar, que assuntos abordar ou a hierarquização das informações dentro do texto jornalístico) seria selecionado e construído pelos autores (equipes jornalísticas) que produzem a matéria. Quando as mesmas estão sendo “criadas” pelos Núcleos de rede (NR) locais, os NR teriam autonomia plena para a construção de conteúdos, embora obedeçam a orientações já enraizadas sobre o perfil editorial do Jornal Nacional, que se expressariam principalmente no formato do texto (duração, gênero, neutralidade, objetividade, etc). E mesmo estas diversas avaliações/decisões da rede nacional que permeiam todo o processo de negociação dos conteúdos poderiam ser reavaliadas e modificadas de tal modo que o “não” possa se tornar um “sim”.

Observando 101 notícias e reportagens exibidas pelo Jornal Nacional e pelo Jornal da Record entre junho e outubro de 2010, nota-se que a relação dos Núcleos de rede com as emissoras “cabeças de rede” é distinta nos dois casos. Na Rede Record (Jornal da Record) as matérias são majoritariamente produzidas pelos Núcleos de rede sem a participação direta de integrantes da rede em sua formulação. O que quer dizer que, apesar os temas terem sido negociados e aprovados, por tanto, orientados segundo um perfil editorial da emissora líder da rede e do telejornal no qual as notícias e reportagens serão exibidas, os profissionais que apuram e montam as matérias são exclusivamente dos Núcleos de rede locais (repórteres, produtores, editores, cinegrafistas das filiadas e afiliadas e não da emissora do Rio de Janeiro ou São Paulo). De outro modo, no período analisado, na Rede Globo (Jornal Nacional) há o predomínio de notícias e reportagens sobre a Amazônia produzidas integralmente por equipes de jornalismo da sede da rede (Rio de Janeiro).

Os fatores que determinam em que momentos líderes de rede optam por abordar determinado assunto da Amazônia por meio dos NR ou por meio do envio de equipes completas (repórter, produtor e cinegrafista) à região não podem ser indicados neste trabalho. Para tal, a metodologia necessitaria incorporar entrevistas tanto com integrantes dos NR locais, quando com os editores/produtores das redes nacionais ou observação participante do funcionamento dos Núcleos de redes, por exemplo. No entanto, observando o recorte metodológico da pesquisa, pode-se especular que a Rede Record, diante da necessidade de elaborar um programa com quase um a hora de duração, opta por utilizar majoritariamente jornalistas locais (NR) para a produção de conteúdos devido aos custos

financeiros e de tempo, menores neste sistema do que seriam no caso de envio de equipes especiais. O uso de equipes locais seria, pela lógica de produção jornalística, mais “prática” e mais “cotidiana” em meio a rotina de produção do Jornal da Record.

Na Rede Globo, durante o período analisado, há um predomínio de divulgação de reportagens especiais sobre a Amazônia que compõem Séries de reportagens. Estas majoritariamente tratam de questões nacionais que lhes pareceriam melhor abordada por uma mesma equipe jornalística. Ou seja, para falar sobre as maiores preocupações dos brasileiros em cada região seria mais “prático” orientar equipes do Rio de Janeiro sobre os temas e formatos e enviá-las a todas as regiões do que fazer o mesmo com os NR, aparentemente usados mais para coberturas cotidianas, ou seja, de situações classificadas como factuais. A justificativa para tal aparece sob um discurso de maior “qualidade” e “uniformidade” das reportagens no interior das Séries, o que não deixa de revelar que os NR localizados fora do eixo Rio-São Paulo seriam também “mais distantes qualitativamente” da proposta do Jornal Nacional e que o telejornal, e não as temáticas, é que seria o instrumento “nacionalizador” dos conteúdos.

Por outro lado, ao permanecer por menos tempo no ar, o Jornal Nacional precisa “sintetizar” ainda mais os acontecimentos mais importantes do dia. Enquanto no Jornal da Record, cerca de 20 a 30 matérias vão ao ar todos os dias, no Jornal Nacional não são exibidas mais de 15 matérias diariamente. Neste total além dos temas nacionais ainda estão abarcados os conteúdos internacionais. Por tanto, ao selecionar o que de mais importante aconteceu no dia, observa-se que há um claro predomínio de reportagens e notícias que se localizam na tríade São Paulo/Rio de Janeiro/Brasília. Restando pouco tempo dedicado a fatos que se passam nas demais regiões do país, incluindo a Amazônia. Esta região em particular aparece no telejornal apenas de forma “especial”, na produção de reportagens e séries específicas que a incluem.

Apesar desta distinção quantitativa em termos de “autoria” nas duas emissoras, a presença dos Núcleos de rede no processo de produção de conteúdos tem o mesmo impacto qualitativo. As matérias produzidas com informações locais se referem a um número maior de temáticas e evocam um número maior de conceitos sobre a Amazônia, resultando em uma gama maior de representações sobre a região, quando comparadas as notícias e reportagens que foram elaboradas sem a participação destes agentes locais. Por outro lado, a imagem ou representação dos estados da Amazônia em relação a região e os elementos periféricos da representação da Amazônia, quando considerada a totalidade das matérias transmitidas no período, são coincidentes. Sendo possível apontar que o núcleo central da

representação sobre a Amazônia nos dois telejornais a respeito da identidade amazônica (O que é a Amazônia? Como são os amazônidas?) é compartilhado.

De todo modo, foi possível observar desde o início dos trabalhos desta pesquisa, que a Amazônia no telejornalismo nacional noturno, na verdade, são Amazônias. O lugar pode ser o mesmo, mas seus limites geográficos, suas descrições internas, as características que definiriam seu espaço e sua população são fluídas e definições sobre a região apontadas como “inquestionáveis” em um momento, são perfeitamente errôneas e parciais em outro.

A presente análise busca de um lado atualizar dados sobre as representações da Amazônia na televisão aberta brasileira³ e de outro comparar como ela é definida, que temas são transmitidos, que imagens são divulgadas, que unidades da federação são identificadas como amazônicas, que conceitos de Amazônia são utilizados e como as mensagens sobre a região apresentam distinções quando são produzidas com a participação de Núcleos de Rede locais em relação às mensagens que são integralmente produzidas pelas sedes das emissoras. Logo, a pesquisa envolve quatro parâmetros: os conceitos evocados nas notícias e reportagens para definir e localizar a Amazônia; a relação dos estados pertencentes a região com a representação da Amazônia; a relação entre a participação ou ausência dos Núcleos de rede locais (amazônicos) com as representações da região; e os temas sob os quais são narrados eventos e fatos a respeito da região.

A partir de uma abordagem qualitativa e com base na Teoria das Representações Sociais, os estudos sobre Identificação e as Teorias do Jornalismo, foram analisadas 101 notícias e reportagens exibidas no Jornal Nacional e no Jornal da Record no período de 14 de junho a 09 de outubro de 2010. Os dados foram organizados, codificados e categorizados, conforme perspectiva da Análise de Conteúdo com vistas a observar o sentido, no caso, as representações de uma identidade Amazônica, a ser resgatado de um texto (a saber os telejornais Jornal Nacional e Jornal da Record), que seria seu “esconderijo”.

A região é retratada nestes programas jornalísticos com base em cinco elementos periféricos da representação: meio ambiente, sociedade, infraestrutura e serviços, questão urbana e governança. Os quais indicam o desenvolvimento sustentável como núcleo representacional dos discursos sobre a Amazônia. Quando as reportagens contam com a participação dos Núcleos de rede locais em seus processos produtivos, o desenvolvimento

³ Cujo trabalho desbravador de Manuel Dutra já expunha mais de uma década atrás.

sustentável da região aparece como necessário, um desafio a ser superado, mas um objetivo possível. Quando os textos são majoritariamente produzidos sem a presença dos Núcleos de rede, a dualidade homem-natureza parece mais difícil de conciliar na busca do crescimento econômico e na melhoria de condições de vida da população regional.

O Objetivo geral desta pesquisa era observar as representações sociais sobre a Amazônia nas notícias e reportagens exibidas no Jornal da Record e no Jornal Nacional atentando especialmente para as eventuais diferenciações nas matérias segundo a presença ou ausência dos Núcleos de rede no processo de produção das notícias.

Também era objetivo deste trabalho analisar os conceitos clássicos da Amazônia que eram evocados para definí-la e localizá-la espacialmente ou ainda que serviam de parâmetros para classificar algo como pertencente ou não-pertencente a região. Por este motivo nos voltamos para a análise do emprego de conceituações sobre a Amazônia, especialmente na crítica ao uso da definição de Amazônia Legal e o pertencimento dos estados de Mato Grosso e Maranhão a Amazônia.

Outro objetivo dizia respeito a presença ou participação dos Núcleo de rede locais nos processos de produção e conteúdos. A principal hipótese era de que há uma influência dos jornalistas dos Núcleos de rede locais das emissoras filiadas e afiliadas localizadas na região sobre as definições da Amazônia presente nas reportagens e notícias, por tanto, há influência local nas representações expressas nacionalmente sobre a Amazônia no telejornalismo do horário nobre. Constatamos que há “presença” e a “participação” são processos distintos no processo produtivo das notícias. A presença dos NR mostrou-se um elemento de diferenciação, mas a percepção sobre a participação efetiva dos NR locais na produção dos conteúdos apenas começou a ser observada e esta temática, ou seja, a relevância ou localização dos NR no fluxo de produção de conteúdos é um caminho ainda inexplorado na pesquisa sobre as representações da Amazônia na TV.

Também se tinha como hipóteses a existência de flutuações nas representações sobre a Amazônia nas notícias e reportagens analisadas segundo a citação ou não-identificação do local dos acontecimentos como “Amazônia”. Comprovamos que quando os fatos ocorridos neste “lugar” são narrados dissociados da palavra “Amazônia”, as representações se tornam mais fluidas e distintas e evocam outros elementos representacionais.

Em relação a relação dos estados amazônicos e o conceito de Amazônia na TV, já se supunha que o Pará e o Amazonas fossem os lugares mais referenciados em relação a região. O que se descobriu, no entanto, é que o Amazonas está mais próximo das

definições clássicas da Amazônia, especialmente no que tange a questão da Floresta e do meio ambiente em geral. Por outro lado, o Pará é o estado Amazônico que alcança maior visibilidade e que reúne as principais temáticas que marcam as discussões sobre a Amazônia.

Como resultado desta pesquisa esperava-se uma reflexão a partir dos conceitos de Amazônia adotados e a partir deles sobre os limites e localização espacial da região. Também se esperava contribuir para a reflexão sobre a Amazônia e cada estado apontado como Amazônico, o que fica claro com as definições da região e a relação de pertencimento que os estados da Amazônia Legal parecem ter com o “lugar” nas matérias analisadas.

Finalmente se esperava com este trabalho de investigação científica levantar dados primários que possa inspirar ou contribuir para pesquisas futuras mais específicas e complexas sobre como os amazônidas, por meio do telejornalismo, poderiam negociar ou participar dos processos de negociação sobre as “imagens” da Amazônia que são transmitidas na televisão aberta brasileira. Por este motivo, foi uma preocupação recorrente descrever as notícias e reportagens a fim de que o leitor pudesse “visualizar” na medida do possível a Amazônia tal como ela é descrita, limitadas, conceituada e representada na TV.

No primeiro capítulo desta dissertação se exporá considerações sobre o modo de fazer jornalismo. No capítulo seguinte, serão abordados os conceitos teóricos que embasam este estudo e localizam sua estrutura de pensamento. O terceiro capítulo trata da abordagem metodológica e descrição de como foi feita a pesquisa.

No capítulo quatro são expostas informações sobre a história e a programação das emissoras analisadas (Rede Globo e Rede Record) e informações necessárias para entender as representações da Amazônia nestes programas e a atuação dos Núcleos de rede locais. No capítulo cinco os dois primeiros parâmetros para analisar as representações da região são analisados: os conceitos de Amazônia evocados e a relação entre a representação da região e os estados que a compõe incluindo a descrição detalhada das matérias analisadas. No capítulo seis, ao analisar a participação dos Núcleos de rede e os temas sobre a região abordados nacionalmente, são expostas as representações periféricas da representação a identidade Amazônica e seu núcleo representacional.

2. AMAZÔNIAS NA TV

2.1. NÚCLEOS DE REDE E REDES DE TELEVISÃO NO BRASIL:

A partir da década de 1970, com o uso do videotape, as emissoras de televisão brasileiras passaram a poder transmitir programas gravados. Até aquele momento, a grade de programação era majoritariamente transmitida ao vivo ou contava com gravações feitas com tecnologia de cinema, especialmente filmes de 16 mm, que comportavam um processo demorado e difícil para gravar, editar e exibir imagens em movimento. Este sistema mantinha uma espécie de arquipélagos de emissoras de televisão que produziam conteúdos e os transmitiam em um determinado raio de ação. Assim, as emissoras eram todas locais ou regionais e produziam quase integralmente sua grade de programação e, por tanto, a maior parte dos conteúdos exibidos tinha origem igualmente local ou regional.

Após o advento do videotape, o modelo de televisão aberta no Brasil se instituiu a partir da formação de redes nacionais de mídia. Neste sistema as emissoras nacionais, também conhecidas como “cabeça de rede”, produzem a maior parte da programação exibida em território nacional e se associam a emissoras regionais e locais por questões técnicas (disponibilização de retransmissores e uso das concessões de irradiação em radiodifusão das emissoras locais), jornalísticas (uso de recursos humanos e técnicos como câmeras e equipamentos de edição de notícias das emissoras filiadas e afiliadas como extensão de suas próprias estruturas, diminuindo os custos de produção tanto financeiramente quando temporalmente) e financeiras (também possibilita o aumento da arrecadação orçamentária na medida em que oferece pacotes de divulgação publicitária simultânea em vários pontos do país, condicionada ao índice de audiência da emissora em determinado horário e dia da semana).

Assim, atualmente, as notícias e informações sobre a região amazônica exibidas nos telejornais nacionais podem contar com a produção ou participação dos Núcleos de Rede das emissoras locais filiadas (É o caso da emissora Record Belém que é uma extensão organizacional da Rede Record) ou afiliadas (É o caso da TV Liberal em relação à Rede Globo. Empresas autônomas ligadas por um contrato de associação) à rede nacional, que se reportam diretamente aos programas nacionais. Ou seja, trata-se de um departamento que sofre influências de duas estruturas organizacionais de níveis distintos e com regras de atuação e comportamento que são diferentes entre si e nelas ocupa um papel diferenciado, ao mesmo tempo em que preserva o princípio de produção das notícias com

vistas a “agradar” seus clientes, os telespectadores, que por meio dos índices de audiência, são tidos como principal referencial deste “sistema”.

Nas emissoras locais, este departamento é um dos principais, por representar até fisicamente a presença da Rede no veículo de comunicação e, por tanto, ilustrar os padrões e princípios defendidos pela organização nacional e que devem se “irradiar” aos demais setores jornalísticos da empresa local como “rotinas” de apuração, modelos de entrevista, estética de captura de imagens e sistema de emissão e estruturação de telejornais. Este também é o setor jornalístico que mais recebe investimentos financeiros diretos das empresas nacionais e por meio do qual as principais comunicações e interações entre as equipes jornalísticas das duas emissoras são realizadas. Como consequência deste modelo de produção de informações as empresas locais transmitem a programação da rede de televisão a qual está relacionada e produz apenas um reduzido percentual dos programas exibidos diariamente⁴.

2.2. AMAZÔNIA NA TV: PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO

A palavra “Amazônia” é uma das mais conhecidas no mundo apesar de o seu significado ser de difícil definição. As “impressões” sobre a região são construções históricas, econômicas, culturais e sociais que datam desde os relatos de viagem dos “descobridores” europeus nas narrativas sobre a lenda das Amazonas até os discursos contemporâneos sobre este lugar, seus habitantes e sua importância no cenário econômico e político internacional emitidos pelos vários agentes que defendem a função que a Amazônia deve desempenhar em cada contexto.

O que é a Amazônia? E até que ponto identificar respostas a esta pergunta pode se tornar importante? Encontram-se descrições e definições sobre a Amazônia em livros (de romance, acadêmicos ou didáticos), nas diversas obras de arte (de esculturas a fotografias e filmes de cinema), em documentos oficiais que regulam acordos nacionais e internacionais (que, por sua vez, apontam seus limites), em legislações que regulamentam atividades que podem ou não serem desenvolvidas neste espaço. Em cada “definição” apresentada estão

⁴ De acordo com o inciso III do artigo nº 221 da Constituição Federal de 1988, um percentual da programação dos canais locais devem ser reservados à transmissão de conteúdos que tratam da própria localidade ou região. Porém, este percentual ainda não foi regulamentado, embora tramite no Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 256/91 que indica como percentual mínimo, 5,95% de programação regional presente na grade de programação das emissoras locais no decorrer da semana. Atualmente, este percentual é preenchido essencialmente com programas do gênero informativo ou jornalístico, em especial telejornais.

embutidas intenções, relações de poder, crenças, valores sociais, tentativas de preservação ou alteração da realidade.

Steinbreener (2009) sobre estas diversas definições comenta como em cada “conceito” adotado estão também registradas as intenções políticas de cada “contato” que, no caso brasileiro, o governo central teve/tem com a região e o papel que atribuía a Amazônia em determinado momento histórico.

Os fatores de ‘auratização’ da Amazônia, como coloca Paes Loureiro (1995), ficam evidentes nas várias formas de relatar os distintos contatos com a região ao longo do tempo, Do Eldorado e paraíso terrestre dos primeiros cronistas, passando pelo império das ‘drogas do sertão’ dos primeiros tempos de domínio português, pela ideia de ‘celeiro do mundo’ sob inspiração pombalina, que desejava promover a agricultura de exportação na região; até a noção mais recente de megabiodiversidade amazônica, construída a partir dos anos 90; a aura mítica revela-se como impressão constante sobre a região (STEINBREENER, 2009, p.09).

Conhecer estas dinâmicas e variáveis nos ajuda a refletir sobre ações, posicionamentos e planos para o desenvolvimento da Amazônia e a compreender melhor as esferas da sociedade que constroem e ajudam a manter cada definição apresentada, assim como os possíveis impactos que um conceito posto em prática pode ter em relação à sociedade, à economia, ao meio ambiente e à política, enfim, em relação à promoção do desenvolvimento sustentável desta região, vista como estratégica em várias esferas.

Nota-se, no entanto, que o que se inventa existe, pode ser muito real; mesmo porque muitos tomam a invenção como referência, vivência, possibilidade ou realidade. Há momentos em que já não se sabe mais onde esta a Amazônia, como ela teria sido, como realmente é e porque é narrada em tantas modulações. E como se fosse um mito, uma Atlântida perdida no Novo Mundo, algo que teria sido, existido, desconhecido (IANNI, 2001. p. 10).

2.3. A AMAZÔNIA NOS TELEJORNALIS NACIONAIS:

Entre as diferentes fontes de informação sobre a Amazônia estão as divulgadas pelos meios de comunicação de massa que se distinguem de outras estratégias de divulgação de discursos dos demais campos sociais (como o científico, o político, o econômico, etc.) por seu alcance, ou seja, por terem a capacidade de falar simultaneamente a platéias de milhões de pessoas pertencentes a diferentes origens, classes sociais, faixas etárias, gêneros, níveis educacionais ou formações ideológicas.

Apesar de suas mensagens trazerem em si os mesmos discursos de outros campos (jurídicos, ambientais, científicos, políticos, econômicos, etc.), sua capacidade de, diante dessas quase incontáveis platéias, se revestir de uma aura de verdade têm, justamente,

como argumento principal esta polifonia que lhe atribui uma sensação de legitimidade difícil de ser contestada pelo cidadão que não dispõe de ferramentas de análise que possam propiciar a crítica, não apenas dos conteúdos, mas do próprio meio de comunicação e do campo social no interior dos quais as mensagens são produzidas. Por estes motivos a “fala” dos veículos de comunicação de massa tem um papel fundamental também em relação à reprodução e divulgação de definições sobre a Amazônia em setores mais amplos da sociedade.

Atualmente os meios de comunicação têm um papel preponderante na formação do Imaginário sobre Amazônia. Imagens como as relacionadas acima [celeiro do mundo, pulmão do mundo, vazio demográfico] são comuns tanto na mídia escrita como na televisiva. Os estereótipos associados à Amazônia são atualizados diariamente pela imprensa, e embora a origem da maioria deles tenha se perdido, remetem a concepções de Amazônia que vêm sendo construídas e reconstruídas há cinco séculos. (BUENO, 2002. p. 06)

Dos diversos meios de comunicação no Brasil, a televisão alcançou um lugar especial nos lares e nas vidas das pessoas. Ao aliar texto e imagem, atrai o olhar e facilita a compreensão dos conteúdos por um número ainda maior de pessoas em relação aos outros veículos de comunicação⁵. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que o aparelho está presente em 91,4% dos domicílios⁶. Sua importância e poder de influência são tão grandes que esta mídia concentra mais de 60% de toda a arrecadação publicitária nacional⁷.

A parceria imagem-palavra talvez seja justamente o núcleo de seu potencial de emissor, de formador de opinião. Já que a TV é capaz de simular a forma de comunicação mais natural existente: a face-a-face. É comum ouvirmos relatos de pessoas que dão “Boa Noite” aos apresentadores de telejornais, por exemplo, ou que afirmam que conhecem lugares e pessoas devido à frequência com a qual os vê na televisão.

Se em uma mensagem a definição sobre o que é a Amazônia alcança a tantas pessoas cotidianamente, quem é o autor destas descrições? Cotidianamente, os profissionais de jornalismo são os agentes que constroem e divulgam as notícias selecionando as informações, incluindo as mensagens sobre a região, respeitando acordos e critérios que têm como limites o interesse público e social, a atratividade estética que

⁵ A comunicação impressa tem como pré-requisito a alfabetização; o rádio tem como limitação a ausência de imagens e as novas mídias como a internet ainda são inalcançáveis por grande parte da população devido ao custo dos equipamentos.

⁶ Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (PNAD). IBGE, 2005.

⁷ José Marques de Melo, conferência inaugural VI INTERCOM-NORTE “Mercado, Região e Comunicação na Sociedade Digital”. 20/06/2007. Belém-Pará

garante a arrecadação publicitária que mantém este sistema produtivo de notícias e ainda um conjunto de regras e estruturas que mantém estes sistemas de produção de informações.

E como eles definem o que é a Amazônia? Quais os fatos que acontecem neste espaço que devem ser compartilhados com a sociedade em nível nacional? Onde está localizada a Amazônia? Dúvidas como estas deram origem ao projeto “*Amazônias na TV: a presença local no telejornalismo nacional*” que se volta para as representações sociais da (identidade) Amazônia expressas nos telejornais “Jornal Nacional” (JN) e “Jornal da Record” (JR). De 14 de junho a 09 de outubro de 2010 foram gravados 162 telejornais nos quais 64 programas apresentaram referências diretas ou indiretas a região, num total de 101 notícias ou reportagens divulgadas no período conforme a Tabela 1:

Tabela 1: Recorte Metodológico

	JN	JR	Total
Total de programas gravados	81	81	162
Nº de Programas com Referências	31	33	64
Nº de Reportagens com Referências	46	55	101

Quando a palavra “Amazônia” é dita na televisão, ela é acompanhada de um conjunto de imagens mentais (representações e imaginários) e audiovisuais (imagem como um objeto integrante das reportagens e notícias) e de definições sobre o que ela significa em cada momento em que é enunciada. Nas diferentes mensagens, nos diferentes programas e segundo os distintos propósitos e motivações pelos quais a Amazônia é evocada, essas “definições” são igualmente diferentes e podem até mesmo se tornar antagônicas. Assim, ao mesmo tempo em que a região é um “conceito” amplamente conhecido e cotidianamente abordado pela TV, sua definição carrega uma imprecisão que amplia as mensagens e possibilidades de conceituação e de classificação. Essa “definição e não-definição” faz parte de um ciclo que parece caracterizar o que é a Amazônia, mas que na verdade explicita a polifonia e a variedade de interpretações e intenções sobre a região presentes na sociedade.

2.4. A PRESENÇA DO LOCAL NO TELEJORNALISMO NACIONAL

Se nos telejornais de horário nobre há diferentes representações sociais sobre o que é a Amazônia, onde ela fica, porque é assim e o que é “amazônico”, de onde vêm estas “definições”? A presente de pesquisa leva em consideração três instâncias desta discussão.

Em primeiro lugar é considera-se, no caso analisado, que os jornalistas dos Núcleos de Rede das emissoras locais são os principais personagens locais que cotidianamente têm a possibilidade de participar dos processos de produção de conteúdos na TV apontando inclusive definições sobre o que é a Amazônia, ao selecionar e hierarquizar os demais agentes locais e suas falas segundo o modo como aparecerão nas notícias divulgadas nos telejornais nacionais que fazem parte desta pesquisa. Depois é preciso considerar que eles não o fazem sozinhos.

A televisão é naturalmente polifônica e suas mensagens parecem ser, aos seus telespectadores, “legítimas e verdadeiras” devido ao seu pertencimento ao Campo dos Media⁸. Logo, em cada reportagem⁹, nota e notícia divulgada num telejornal, além da participação dos jornalistas, há várias vozes, ocultas ou não: as fontes. As fontes podem ser instituições diversas, pessoas que passam pela experiência contada ou que simplesmente expressam sua opinião, grupos organizados, representantes do poder público, pesquisadores e especialistas no tema abordado, enfim, pessoas que direta e indiretamente influenciaram a versão jornalística no momento em que a história foi contada na televisão.

A seguir ainda existe uma instância estrutural, editorial e técnica que podem intervir no momento em que as mensagens são produzidas e está relacionada ao que parece ser a própria natureza deste meio de comunicação, a sua gramática.

Cada canal de televisão enquanto empresa jornalística também é um ator social com seus interesses e objetivos. Enquanto empresas que vendem um produto (a notícia), precisam se diferenciar entre si e competem constantemente em busca da audiência. Os dois processos mencionados podem exemplificar as linhas editoriais das emissoras de TV, ou seja, um conjunto de “regras” e modos de fazer que as definem, assim como define os conteúdos produzidos por elas. Por outro lado, “criar” uma reportagem também tem implicações técnicas no uso de câmeras e equipamentos de edição de imagens e sons, por exemplo, fatores que quando limitados tendem a restringir os conteúdos abordados.

Além disso, no Brasil historicamente se instituiu um modelo de “redes de informação” no qual as emissoras locais e regionais são filiadas ou afilhadas de empresas maiores e nacionais cuja programação é retransmitida quase integralmente em nível local.

⁸ Adriano Duarte Rodrigues define o campo dos media como um campo social autônomo, porém que funciona como uma interseção entre os demais ampliando os discursos alheios ao mesmo tempo em que esta polifonia atribui legitimidade ao que é dito.

⁹ Neste trabalho a diferenciação entre notícia e reportagem se dará segundo os critérios de duração e temporalidade. Ou seja, serão denominadas reportagens textos jornalísticos que possuam mais de dois minutos e que se dediquem a mostrar fatos que não aconteceram no mesmo dia em que foram ao ar.

Entretanto, as emissoras nacionais não possuem equipes de jornalismo (repórter, editores de texto, produtores, cinegrafistas, editores de imagens) específicas para os telejornais exibidos das 20h as 22h. Os jornalistas que elaboram estes textos jornalísticos são necessariamente integrantes de um Núcleo de rede que pode estar localizado, tanto na Globo Rio, quando na TV Liberal em Belém, por exemplo. Logo, as reportagens e notícias divulgadas no JN e no JR sobre a Amazônia, ou são construídas a partir de informações investigadas a nível local especialmente em função do contato que mantém com as emissoras filiadas e afiliadas de sua rede, ou são construída localmente, porém a partir de um olhar exógeno com o envio de equipes de jornalismo especiais, geralmente oriundas do Rio de Janeiro, para o lugar do qual se pretende falar.

Por tudo isso, um programa de TV é necessariamente um produto coletivo, não apenas porque é feito por pessoas, portanto por “mundos” resultantes de uma realidade histórico-social que, apesar de ser interpretada de forma distinta, é compartilhada coletivamente; mas também porque a TV prevê, desde o seu planejamento, a criação de consensos (conscientes ou não) sobre o teor do que é publicizado. Enquanto “produto”, as mensagens televisivas precisam “agradar” a maior parte do público telespectador, sob a punição imediata da baixa audiência e da conseqüente migração dos anunciantes. Neste contexto, as representações sociais se tornam ferramentas cotidianas.

Como produto de práticas discursivas enraizadas no imaginário. [O que é publicado no TV] é recuperado pelo produtor midiático e devolvido à experiência coletiva sob a forma de bens destinados ao consumo no mercado simbólico. (DUTRA, 2003. p. 15).

Os diferentes discursos sobre a Amazônica aparecem nos textos jornalísticos porque estão presentes, antes de tudo, na sociedade e que, por outro lado, “estar na mídia” também envolve uma série de estratégias que dinamizam essas definições sobre o que é a região. Até porque “Nessa interação que mantém com a TV, o telespectador impõe seu ‘imaginário pessoal único e indevassável, o sonho, o devaneio a as representações’ que constrói a partir do que vê e do que imagina” (REZENDE, 2000. p. 37).

De tal forma que observando as definições da Amazônia na televisão, especificamente nos telejornais do horário nobre, podem ser consideradas um indicativo de como a sociedade pensa ou conceitua a região ao observar as várias “vozes” e definições evocadas em cada mensagem que fala da Amazônia num determinado contexto. Ao mesmo tempo em que estas definições se tornam relevantes por seu alcance, devido a possibilidade

característica dos meios de comunicação de falar ao mesmo tempo para milhões de pessoas.

2.5. RESUMO DA PESQUISA

O problema da pesquisa *Amazônias na TV: a presença local no telejornalismo nacional* é o que é a Amazônia na televisão brasileira e seu principal objetivo é, então, analisar as representações sociais da Amazônia presentes nas notícias e reportagens sobre a Amazônia no telejornalismo nacional, especificamente no Jornal Nacional e no Jornal da Record, programas da Rede Globo e da Rede Record, respectivamente; atentando para a eventual diferenciação entre as definições da região nas mensagens nacionais sobre a Amazônia quando possuem ou não a presença de Núcleos de Rede locais em seu processo de produção.

A identificação da presença de um NR na produção da reportagem ou notícia seja relativamente fácil, já que no decorrer de sua transmissão são mostradas legendas com os “créditos” da matéria, ou seja, qual seu repórter e onde ele estava gravando a notícia, qual o cinegrafista que capturou aquelas imagens, qual produtor participou da construção deste conteúdo e quais editores de imagens e texto moldaram sua forma final. Já no final dos telejornais aparece a lista completa de cada profissional que executa estas funções (produtor, repórter, cinegrafista, etc), sendo, desta forma, possível comprar estas duas informações e identificar que a equipe de jornalismo é pertencente a um Núcleo de rede local (amazônico) ou externo (não-amazônico). A repetição destes créditos, ou seja, quando todas as matérias sobre um lugar (um estado) são produzidas pela mesma equipe, é possível identificar que se trata de um Núcleo de rede local.

Apesar de ser fácil identificar a presença de Núcleos de rede locais nas matérias exibidas no JN e no JR, a influência ou participação deste NR é mais difícil de ser investigada. O modelo de *redes nacionais* ao mesmo tempo que convoca jornalista que vivem nas diferentes regiões, e o mesmo é válido para a Amazônia, para participar da construção e conteúdo, lhes impõe determinados critérios, normas, modelos para a seleção, produção, apuração, gravação de entrevistas, definição do que é mais importante dentro de um assunto, critérios para a eleição das melhores imagens para ilustrar temas, etc; lhes impõe, de forma mais ou menos explícita, mais ou menos direta e em maior ou menor medida autoritariamente o “como fazer jornalismo”. Na maioria das vezes este conjunto normativo é apreendido cotidianamente em meio as negociações de construção e conteúdos

para divulgação nacional. Assim, os manuais de jornalismo são transmitidos aos novos profissionais que são incorporados ao sistema mais pela transmissão da experiência e memória dos profissionais mais antigos, que pela leitura de um texto. Tratando-se de uma transmissão oralizada e não textual e desta forma transmitindo a quem está neste processo de apreensão a sensação de naturalidade diante destas regras¹⁰.

De tal modo, parte-se da hipótese principal de que, no caso do telejornalismo do JN e do JR, ou seja, das mensagens jornalistas cotidianas, as Amazônias na televisão são majoritariamente produzidas com a participação dos Núcleos de Rede das emissoras locais, por tanto, são marcadas por uma presença local nas mensagens nacionais. Logo, estas definições são também influenciadas pelas significações sobre a região de sujeitos locais, especialmente dos jornalistas dos Núcleos de rede; das relações de interação entre os sujeitos locais e nacionais bem como das três instâncias anteriormente descritas que caracterizam o sistema de produção de notícia: os indivíduos/jornalistas, as fontes/polifonia e a instância estrutural-editorial-técnica ou gramática das redes nacionais.

Acredita-se também na premissa de que as definições sobre a Amazônia nas mensagens nacionais com ou sem a presença de atores locais não se diferenciam substancialmente entre si devido ao compartilhamento de representações sociais em nível nacional. Segundo Bueno (2002), o imaginário sobre a Amazônia presente nos relatos de viagem, nos livros didáticos, na imprensa e nos projetos políticos voltados para a região são mais coincidentes que dissonantes, ou seja, as representações sobre a região são compartilhadas nacionalmente por meio das políticas públicas, memória social, referência do sistema educacional, etc.

Na pesquisa de Bueno o pertencimento a região não revelou ser motivo de diferenciações em relação a representação da Amazônia pelos entrevistados (amazônidas e não-amazônida). A autora explica este fenômeno por meio da identificação dos amazônidas estarem mais relacionadas com o lugar imediato em que vivem que com a região, ou seja, serem identificações locais e não regionais.

As modulações que podem ser expressas nas mensagens do JN e do JR, com ou sem a presença local (NR) durante seu processo produtivo podem apresentar flutuações a experiência vivida dos atores sociais locais na Amazônia, o que os faz conhecê-la e

¹⁰ A autora da presente pesquisa trabalhou como estagiária no Núcleo de rede da TV Liberal, afiliada da Rede Globo no Pará, no ano de 2007, além de poder observar os processos e negociações de conteúdo ao longo de sua permanência nesta emissora (2007 a 2008) e também acompanhou como amiga pessoal o percurso do atual produtor de rede da TV Record-Belém em seu processo de “aprendizagem” das regras e rotinas do Núcleo de rede, durante o qual o mesmo lhe fez relatos e explicações sobre este fenômeno.

interpretá-la de forma única, quando comparado ao conhecimento e interpretação de outros indivíduos que não convivem cotidianamente com os temas regionais. Esta pesquisa trata, portanto, de construção e reprodução de representações sociais nas mensagens que são transmitidas na televisão aberta nacional.

Logo, a fim de se aproximar do objeto pesquisado e buscar os objetivos da pesquisa e a verificação das hipóteses sobre a presença e eventual influência local, especialmente dos jornalistas dos Núcleos de Rede locais, nas mensagens exibidas nacionalmente sobre a Amazônia, a presente pesquisa utiliza como principal fonte de dados a análise documental dos telejornais exibidos no período de 14 de junho a 09 de outubro, no horário nobre da televisão brasileira.

O Quadro 1 abaixo mostra a totalidade das gravações efetivadas na primeira coluna, ou seja, quais dias do período analisado fazem parte da amostra. Nos dias que não fazem parte da pesquisa ocorreram falhas técnicas e operacionais que impediram gravação dos programas a serem analisados, tais como falta de energia elétrica ou flutuações extremas no horário de exibição dos telejornais e tal modo que as gravações foram deveras fragmentadas, e, por este motivo, descartadas. A segunda coluna da tabela indica, entre todos os dias de gravação, em que datas, ocorreram referências/citações a região amazônica no Jornal Nacional. A terceira coluna sinaliza em que datas/programas exibidos foram exibidas notícias ou reportagens que faziam referências a Amazônia no Jornal da Record.

Quadro 1- Gravações gerais e por telejornal

Total de dias gravados						Referências no Jornal Nacional						Referências no Jornal da Record					
S	T	Q	Q	S	S	S	T	Q	Q	S	S	S	T	Q	Q	S	S
Junho						Junho						Junho					
21	22	23	24	25	26	21	22	23	24	25	26	21	22	23	24	25	26
28	29	30				28	29	30				28	29	30			
Julho						Julho						Julho					
			1	2	3			1	2	3			1	2	3		
5	6	7	8	9	10	5	6	7	8	9	10	5	6	7	8	9	10
12	13	14	15	16	17	12	13	14	15	16	17	12	13	14	15	16	17
19	20	21	22	23	24	19	20	21	22	23	24	19	20	21	22	23	24
26	27	28	29	30	31	26	27	28	29	30	31	26	27	28	29	30	31
Agosto						Agosto						Agosto					
2	3	4	5	6	7	2	3	4	5	6	7	2	3	4	5	6	7
9	10	11	12	13	14	9	10	11	12	13	14	9	10	11	12	13	14

16	17	18	19	20	21	16	17	18	19	20	21	16	17	18	19	20	21
23	24	25	26	27	28	23	24	25	26	27	28	23	24	25	26	27	28
30	31					30	31					30	31				
Setembro						Setembro						Setembro					
		1	2	3	4			1	2	3	4			1	2	3	4
6	7	8	9	10	11	6	7	8	9	10	11	6	7	8	9	10	11
13	14	15	16	17	18	13	14	15	16	17	18	13	14	15	16	17	18
20	21	22	23	24	25	20	21	22	23	24	25	20	21	22	23	24	25
27	28	29	30			27	28	29	30			27	28	29	30		
Outubro						Outubro						Outubro					
				1	2					1	2					1	2
4	5	6	7	8	9	4	5	6	7	8	9	4	5	6	7	8	9

O período para a captura das mensagens teve início tão logo foi possível tecnicamente começar com as gravações domésticas, o que requeria uma infraestrutura computacional e um sistema de edição e redução do tamanho dos arquivos dos programas. O prazo final para estes registros foi em função da capacidade de armazenamento do sistema e na tentativa de incluir a cobertura do Círio de Nazaré, evento que anualmente entra na grade de programação nacional e local, o que asseguraria, portanto, a presença de ao menos uma reportagem produzida na Amazônia dentro do corpus da pesquisa.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. REFERÊNCIAS TEÓRICAS PARA ANÁLISE

Os dados obtidos serão analisados segundo a técnica da análise do conteúdo em busca das representações sociais presentes nos textos audiovisuais. A pesquisa será baseada nas referências teóricas de Serge Moscovici e em sua Teoria de Representações Sociais, no conceito de Identificação tal qual é defendido por Stuart Hall e nas “Teorias do Jornalismo”, compreendidas como o conjunto de saberes e percepções sobre a prática e teorização das atividades desempenhadas no interior do Campo dos Media.

Essas reflexões sobre a representação da identidade amazônica são elaboradas com base em uma perspectiva compreensiva da realidade social, buscando, não explicações ou apreensões plenas dos significados, mas uma reflexão sobre os acontecimentos e fenômenos sociais, entendendo, no entanto, que a própria pesquisa não deixa de ser um recorte baseado em outros discursos, portanto, uma versão da realidade. Além disso, partimos de uma compreensão multidisciplinar dos fenômenos sociais, por um lado, devido à natureza do objeto de estudo; por outro, devido à natureza interdisciplinar da própria ciência da comunicação.

Momentaneamente, as Representações Sociais serão consideradas como as interpretações da realidade possíveis aos sujeitos. Uma mediação entre o interior e o exterior que os relaciona e os atribui sentido. Já por Identificação, se denomina os diversos processos/tentativas de localização e de definição de um “eu” em relação a um “todo” e/ou a um “outro”.

3.2. ENTRE IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Qual a diferença entre imaginário e representação social? Pesquisas sobre comunicação e identidade amazônica comumente fazem alusão a um destes conceitos para evocar o conjunto de significações atribuídas a um dado tema tal qual é exposto no meio de comunicação ou na sociedade em geral. Destacam-se entre as referências bibliográficas selecionadas a respeito da Amazônia, seus discursos e identificações, os trabalhos de João de Jesus Paes Loureiro em *A poética do Imaginário* e de Magali Franco Bueno a respeito do *Imaginário sobre a Amazônia Brasileira*.

É possível apontar duas principais diferenciações entre estes conceitos. A primeira tem relação com a definição conceitual de imaginário e de representações sociais e os “papéis” que desempenham em relação ao simbólico e à realidade. A segunda é principalmente de ordem teórico-metodológica e está relacionada a percepções da realidade e ao uso das conceituações na pesquisa.

Por imaginário define-se um conjunto de parâmetros ao mesmo tempo racionais e subjetivos que mantém relações contínuas com a *construção e interpretação* da realidade social. A abordagem é mais próxima da sociologia compreensiva de origem francesa e se preocupa com o universo simbólico dos atores sociais, o que faz deste um conceito coletivo. Os principais pensadores desta definição são Gaston Bachelard e Gilbert Durand.

[...] O imaginário, mesmo que seja difícil defini-lo, apresenta, claro, um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não-racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas. De algum modo, o homem age porque sonha agir. O que chamo de ‘emocional’ e de ‘afetual’ são dimensões orgânicas do agir a partir do espírito. Evidentemente a prática condiciona as construções do espírito, mas estas também influenciam as práticas (MAFFESOLI, 2001, p.77).

Representações Sociais são modelos de *interpretação e de interação* com a realidade a partir da apreensão e reprodução de significados que pode ser tanto individual quanto coletiva. Esta conceituação possui uma noção de estruturação do pensamento a partir de categorização e dos processos de familiarização e hierarquização do “novo”. É uma revisão do estruturalismo de Émile Durkheim realizada por Serge Moscovici, com uma abordagem mais próxima da fenomenologia, na tentativa de aliar o individual e o social como duas dinâmicas de uma mesma estratégia simbólica.

Conjuntos dinâmicos ou as ciências coletivas sui generis, destinadas à interpretação à descrição do real [...]. Um corpus de temas, de princípios, tendo como unidade e se aplicando a Zonas de existência e de atividade particulares [que] determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores e das ideias presentes nas visões partilhadas pelos grupos e que regem, a partir de então, as condutas desejáveis e admissíveis. (MOSCOVICI apud CASTRO, 2005. p. 02)

Arneide Cemin (2001), ao analisar a Escola Sociológica Francesa, indica uma interação entre os dois conceitos. “Para Durant, a estrutura é encontrada ao nível do esquema que, por sua vez, é anterior a imagem. [...] O esquema leva em conta as afeições e as emoções e faz a junção entre os gestos inconscientes e as representações” (CEMIN, 2001, p.6-7). Enquanto para Durkheim, segundo a autora, “as representações são sempre

‘imaginárias’ porque o modo de instituição do social é o imaginário: a forma como a sociedade imagina, projeta e objetiva denominando e classificando” (CEMIN, 1998, p.1).

Assim, nesta pesquisa optou-se por utilizar a Teoria das Representações Sociais, uma vez que o objeto da análise são as definições da Amazônia em notícias e reportagens exibidas na televisão aberta brasileira, Por tanto, se localiza no cerne do campo das mídias, um campo social que privilegia as “comunicações e interações sociais”. A análise privilegia, assim, o conceito de representações midiáticas tal como é proposto por Castro (2006) a partir da compreensão de que as representações podem ajudar a compreender as *interações* cotidianas dentro de uma sociedade e por isso são ferramentas teórico-metodológicas pertinentes aos estudos na área de comunicação social.

3.3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais elaborada por Serge Moscovici na década de 1960 é uma tentativa de dar um novo impulso à Psicologia Social por meio da proposição de uma referência teórica-metodológica que aliasse as dinâmicas sociais e individuais na produção de sentido e na construção e regras de comportamento pelas sociedades e grupos. Para o autor, estes fenômenos estão intimamente relacionados com a interação social, na qual a comunicação tem um papel central.

Assim, Moscovici (2003) propõe que a Psicologia Social passe a se ocupar de como o modo particular (psicológico) de compreender e de comunicar cria a realidade e o senso comum (social). Por esse mesmo motivo, ele abandona a herança nominal da Dialética Durkheimiana e opta por passar a chamar as representações de “sociais” e não de “coletivas”. Porque enquanto Dukheim se voltava para as fontes de manutenção da Sociedade, Moscovici evoca o conceito de Representação para, justamente, refletir sobre essas mudanças. (MOSCOVICI, 2003. p. 14)

Nós mesmos vemos as representações sociais se construindo por assim dizer diante dos nossos olhos na mídia, nos lugares públicos, através desse processo de comunicação que nunca acontece sem alguma transformação. Mesmo quando a mudança afeta o sentido, os conceitos, as imagens ou a intensidade e associação das crenças, no seio de uma comunidade, ela sempre é expressa em representações (MOSCOVICI, 2003, p.205).

De acordo com essa teoria “o que as sociedades pensam de seus modos de vida, os sentidos que conferem à suas instituições e às imagens que compartilham, constituem uma parte essencial de sua realidade e não simplesmente um reflexo seu” (MOSCOVICI, 2003.

p. 173). As representações não são fixas, mas herdadas e re-significadas de acordo com o momento histórico em curso e uma prevalece sobre outra conforme sua coerência num dado momento. Isto explicaria porque valores desprezados ou ignorados em uma geração podem passar a ser valorizados na seguinte. Isso explica a mudança social.

Moscovici então define como Representações Sociais:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e sua história individual e social". (MOSCOVICI, 2003, p.21)

E afirma ainda a importância da comunicação na dinâmicas das representações:

[...] A influência da comunicação no processo da representação social, ilustra também a maneira como as representações se tornam senso comum (...). As representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros (MOSCOVICI, 2003, p. 08)

A partir desta percepção do papel das representações sociais nas interações e comunicações, Castro (2006) defende que elas também desempenham um papel importante nos fenômenos de comunicação social, onde as trocas e interações acontecem mediadas pelos meios e veículos de comunicação. O autor chama este fenômeno em particular de Representações Midiáticas e as define como:

Representações Sociais produzidas segundo os efeitos e processos próprios aos fluxos de informação contemporânea e de acordo com os critérios e massificação e de espetacularização da cultura que caracterizam estas sociedades. (CASTRO, 2006. p. 04)

De acordo com esta teoria a interpretação e a construção da realidade se dão especialmente por meio da compreensão, que consiste basicamente em processar informações por meio dos sentidos a partir de estímulos do ambiente. No entanto, há limitações a esta lógica tanto devido ao fato de que a observação é sempre seletiva (fragmentação preestabelecida da realidade), quanto devido a perspectiva de que a mediação da noção de aparência e essência se dá por meio de imagens mentais (distinção entre real e ilusão). Além disso, há graus de diferenciação entre os estímulos que estão relacionados com a cultura na qual os indivíduos ou grupos estão imersos. Entretanto para

Moscovici estas “brechas” apenas reforçam a existência das representações sociais, pois são elas que preenchem estes espaços “vazios”.

Assim, Representações são mediações entre o mundo externo e interno que os relaciona e os faz ter sentido. Tornando-as, não um reflexo da realidade, mas sim uma entidade organizadora do real. Deste modo as Representações Sociais têm por função convencionar, ou seja, ajustar o novo/diferente ao nosso quadro cognitivo familiarizando novas ideias e abrindo espaço para novas interpretações, e ainda proporcionar um sistema de referência que permite que este novo/diferente seja hierarquizado em relação ao que já se conhece, ou seja, atribuindo um lugar ao desconhecido entre a teia de significados já existentes e assim permitindo que seja possível lhes atribuir sentido.

Esse processo de apreensão da realidade através das representações é extremamente importante em vários campos da vida social. É nesse jogo de “familiar-não-familiar” que as representações administram que encontramos, por exemplo, sua relação com as Identificações. É a partir do reconhecimento, da atribuição de valor e do encaixe de ideias e noções, da familiaridade das coisas em relação aos indivíduos e aos grupos sociais que se criam, se reproduzem e se modificam as Identificações.

É nos processos de comunicação, certamente, em que eles alcançam sua função mais complexa e importante. Já que cada indivíduo constrói seu mundo a partir das Representações que cria e/ou herda socialmente, mas esse mundo só se torna material ou “real” quando confrontados com outros universos. Ou seja, é na interação social, possível apenas através de processos comunicacionais, midiáticos ou não, que as Representações enquanto fenômenos sociais acontecem. É através do compartilhamento de informações, de saberes e normas sociais mediados pelos mais variados meios que as Representações encontram suas duas principais características: a maleabilidade, construída pela contribuição de todos os indivíduos; e a coletividade, fruto da interação e compartilhamento dessas “noções” que são a origem e a fonte da manutenção das Identidades.

A explicação para que estas duas dinâmicas coexistam harmoniosamente quem dá é Jean Claude-Abriç (1998). Ele conta que a Representação pode ser “dividida” em duas partes. De um lado tem-se o Núcleo Central da Representação e de outro as representações ou sistemas periféricos.

A organização de uma Representação Social apresenta uma característica específica: a de ser organizada em torno de um Núcleo Central, constituindo-se em um ou mais elementos que dão significado à Representação. [...] O Núcleo Central é determinado, de um lado, pela natureza do objeto representado, de

outro, pelo tipo de relações que o grupo mantém com este objeto, e, enfim, pelo sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo [...] trata-se do elemento, ou elementos, o mais estável, da Representação, aquele que assegura a continuidade dos contextos móveis e evolutivos. (ABRIC, 1998, p. 30)

Em torno deste Núcleo Central organizam-se os Elementos Periféricos.

Eles constituem o essencial do conteúdo da representação: Seus componentes mais acessíveis, mais vivos e mais concretos [...]. A transformação de uma Representação se opera, na maior parte dos casos, através da transformação de seus elementos periféricos: mudança de ponderação, interpretações novas, deformações funcionais defensivas, integração condicional de elementos contraditórios. É no sistema periférico que poderão aparecer e ser toleradas contradições. (ABRIC, 1998, p. 30-31)

Assim estas duas instâncias da Representação correspondem, respectivamente, à suas propriedades sociais (mais estáveis e históricas) e individuais (mais maleáveis e contextualizadas).

A Teoria das Representações Sociais destaca ainda dois atributos das representações. Em primeiro lugar elas são convencionadas pelo social e pelo cultural que “limitam” o pensamento e condicionam a imaginação diante de novas informações. Um segundo ponto diz respeito a característica prescritiva das representações que se impõem de forma inevitável. Porque para cada questionamento e conflito há sempre uma resposta/solução pré-estabelecida que foi construída socialmente e que é transmitida antes mesmo que as questões sejam claramente formuladas. Estas respostas servem de guia mostrando saídas, respostas, formas de agir e interagir com os outros, limitando e guiando em todos os campos. São elas que indicam a separação entre o “aceitável” do “inaceitável” e do “igual” com o “diferente”, entre os limites do “eu” com o “outro” e o “todo”.

O caráter social da representação lhe garante que ela seja sempre partilhada. Já que, por um lado, ela é repensada, referenciada e representada por cada um e está sujeita a ser conhecida e aceita por todo um grupo numa equação exponencial; e, por outro, ela se enraíza no inconsciente e permite que os indivíduos se apropriem dela como se seus inventores fossem.

As representações sociais emergem não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico [...] (MOSCOVICI, 2003, p. 21).

A interação entre os aspectos individuais e sociais da representação sociais se dá por meio dos processos comunicativos que criam ou reproduzem as classificações e atribuições já existentes. Por tanto, pensar algo, atribuir sentido, depende, primeiramente, de o indivíduo ou grupo de indivíduos terem ou não determinada(s) representação(ões). É como falar de um fenômeno conhecidos por todos ou por poucos. A reação social, a identificação, a aceitação, a rejeição e a hierarquização dada ao comentário estão condicionadas pela representação, partilhada ou não, do “algo”. Sentir-se orgulhoso, concordar, discordar, se impressionar, ignorar, defender ou atacar aquela informação varia conforme o grau de identificação do grupo, bem como o momento vivido socialmente e os papéis sociais desempenhados pelos indivíduos.

Ao final, as representações são versões de realidades disfarçadas de verdade, mas que jamais podem ser chamadas de falsas porque o acreditar as torna reais. Mais ainda, o acreditar socialmente as torna inquestionáveis. Na medida em que passam a influenciar as normas e as ações quando ditam o que é ou não comum e/ou diferente, o que é ou não aceitável e/ou inaceitável, elas são tão materiais e palpáveis quanto o pensamento pode ser.

Representações são vitais porque elas é que estão no fundo de todas as formas de interação, já os indivíduos conversam e convivem a partir de “pontos comuns”, de familiaridades, de Representações partilhadas socialmente. Portanto, elas são produtoras e produtos de interações, comunicações e Identificações.

Em todos os intercâmbios comunicativos, há um esforço para compreender o mundo através de ideias específicas e de projetar essas ideias de maneira a influenciar outros, a estabelecer certa maneira de criar sentido, de tal modo que as coisas são vistas desta maneira, em vez daquela. Sempre que um conhecimento é expresso, é por determinada razão, ele nunca é desprovido de interesse. (MOSCOVICI, 2003, p.28)

As Representações Sociais são, então, processos de familiarização do não-familiar, processos que atribuem e reproduzem sentidos. Este fenômeno é observado através de duas etapas: A Ancoragem e a Objetivação.

A primeira é definida como a fase em que as ideias diferentes ou não-familiares são reduzidas à categorias ou imagens comuns, colocando-as em um contexto familiar. É o que acontece quando ao conhecer uma pessoa, ela é “arquivada” como “parecida com fulano”, “irmã de beltrano” ou “fã de Heavy Metal”. Enquadra-se o diferente convertendo-o em coisas/categorias/grupos familiares. O segundo “passo” chama-se Objetivação. É o tornar material o imaterial. Converter uma ideia em fato/ato. Isto ocorre principalmente através da nomeação e da popularização que vão tornar esta ideia uma espécie de símbolo

de sua categoria de forma que suas características, no futuro, permitirão também classificar dentro da mesma categoria outras ideias, servindo de parâmetro para a interpretação. (MOSCOVICI, 2003, p. 60-61)

Uma vez devidamente nomeado, se torna mais fácil compartilhar esta atribuição de sentido socialmente e popularizá-la até que também se torne um conhecimento enraizado, cotidiano. Até que se torne uma Representação. Assim surgem os novos vocábulos ou as perífrases evocadas pela Mídia, ou ainda os estereótipos, e porque não, algumas Identificações?

Quando classificamos alguém, nós o enquadramos em um conjunto linguístico que o confina a um determinado padrão comportamental ou a determinadas reações. E se ele descobre o que nós sabemos podemos influenciar a forma como ele se comporta porque ele tomou conhecimento das nossas exigências específicas relacionadas às nossas expectativas. (MOSCOVICI, 2003, p. 67)

E Moscovici completa:

Na verdade, nós encontramos, então, incorporados em nossa fala, nossos sentidos e ambiente, de uma maneira anônima, elementos que são preservados e colocados como material comum do dia-a-dia, cujas origens são obscuras ou esquecidas. Sua realidade é um espaço vazio em nossa memória (...). (MOSCOVICI, 2003, p. 75)

3.4. IDENTIFICAÇÕES

Para a psicologia social, a identidade é um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico com o social em um indivíduo. Ela exprime a resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante. A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social; vinculações a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente (CUCHE, 2002, p.177)

Quando se trata de Identidade, a afirmação de João de Pina Cabral parece cada vez mais coerente: “Parece incrível que, de uma coisa tão impalpável [Identidade], saiam fenômenos tão maciços: guerras, pazes, famílias, países, caminhos, obras de arte...” (CABRAL, 2003, p. 02).

A interdisciplinaridade do tema dificulta a formulação de uma teoria que comporte todos os fenômenos de identificação. A Psicologia se volta para a busca da consciência do “Eu” e das relações intersubjetivas com o “Outro”. Já a Sociologia e a Antropologia buscam a Identidade Social e a Cultural, na tentativa de desvendar os mistérios da articulação do “Eu” com o “Nós” e com os “Outros”. A polissemia na

conceituação é um desafio. João de Jesus Medeiros (2004) optou em suas “Notas acerca de uma abordagem complexa sobre a questão da Identidade”, em dividi-la em dois blocos: De um lado a Identidade Individual; De outro, a coletiva.

A Identidade Individual refere-se à tentativa contínua dos indivíduos de se localizarem socialmente. De criarem referência e diferença entre o “mim” e os “outros”, de responder a eterna pergunta: “Quem sou eu?”, cuja resposta está intimamente relacionada sempre pela alteridade. Já a Identidade coletiva (social ou cultural) ajusta os comportamentos e converte as diferenças e semelhanças individuais em pontos em comuns ou dissonantes entre grupos. Grupos que compartilham práticas, ideologias, gostos e pontos de vista, que carregam dentro de si conjuntos significantes fortes o bastante para uni-los em determinados pontos e momentos e mantê-los unidos em tantos outros assuntos dissonantes que fazem parte da Identidade de cada indivíduo e subgrupos.

Todavia, na contemporaneidade a integração proporcionada por meios de comunicação e de transportes diante do fenômeno da globalização dificulta a definição das identidades uma vez que os cidadãos são do mundo, as fronteiras são cada vez mais fluidas, os papéis sociais mais múltiplos e as interações e integrações mais complexas. A diversidade de abordagens sobre a identidade então apresentam como ponto em comum o fato de apontar este fenômeno como um processo dinâmico.

Acreditando que não é possível se chegar a um posicionamento claro sobre “quem eu sou?”, se concluí então que todas as respostas a esta pergunta estão contaminadas pelas próprias visões de mundo e de tempo, que tornam rapidamente obsoleta qualquer resposta. Assim, o que existe são processos de busca de Identidades, são Identificações.

Toda identidade, ou melhor, toda declaração identitária, tanto individual quanto coletiva (mesmo se, para um coletivo, é mais difícil admiti-lo), é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato (AGUIER, 2001, p.10)

Estas “definições” são sempre marcadas pela alteridade, seja pela percepção e diferenciação que o indivíduo estabelece em relação aos “outros”, quando pela consciência que os “outros” também criam percepções sobre o meu “eu”, que é sempre o “outro” de alguém. HALL (1999) diz que em vez de falar-se em Identidade como algo acabado, deve-se adotar a nomenclatura de Identificações, marcando assim como um processo contínuo e em constante renovação e a define como “uma falta de inteireza que é preenchida a partir do nosso exterior pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 1999, p.39)”. Portanto, as identificações são várias, fluídas e mutáveis.

Na medida em que a identidade é sempre a resultante de um processo de identificação no interior de uma situação relacional, na medida também em que ela é relativa, pois pode evoluir se a situação relacional mudar, seria talvez preferível adotar como conceito operatório para a análise o conceito de 'identificação' do que a 'identidade' (CUCHE, 2002, 183)

Aliás, a identificação é marcada por processos contínuos que são sempre permeados pela polifonia do social e cultural e pela diferenciação representada pela alteridade, pelo “outro” que também referencia. Nesta perspectiva, a Identificação proporciona sempre uma concepção de um “nós” em oposição e com base no conhecimento sobre o “eles”.

Este ‘outrem’ cuja alteridade ‘eu’, sujeito de referência, creio descobrir de repente e do qual, por esta razão, começo a me separar, não fazia até agora parte se não de mim mesmo, pelo menos do ‘meu mundo’ e da ‘minha vida’? Mesmo havendo se tornado uma parte irreconhecível – estranho porque doravante cada vez mais estrangeiro -, ele continua, no entanto, de certo ponto de vista, a representar uma parte inalienável de ‘minha’ Própria Identidade. (LANDOWSKI, 2002, p. 18)

Diante da dificuldade de se apontar elementos norteadores que possam ajudar a se indicar o “eu/nós”, Bourdieu explica que a definição de identificações é possível apenas diante da alteridade.

Sabe-se que os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a ideia que eles têm deles próprios, todo o impensado pelo qual eles constituem como ‘nós’ por oposição a ‘eles’, aos ‘outros’ e ao qual estão ligados por uma adesão quase corporal. É isto que explica a força mobilizadora excepcional de tudo o que toca à identidade (BOURDIEU, 1992, p.124)

Na relação entre a Alteridade e Identificação os indivíduos buscam referências de comportamento. “A Identidade não me diz quem eu sou e não me dá a verdadeira noção do que eu faço, mas, indica sim, quem eu devo ser e o que os outros esperam de mim” (TOURAINÉ apud MEDEIROS, 2004, p.114). Daí a importância de analisar definições sobre a Amazônia na televisão, como uma forma de observar as definições do que é e de quem é Amazônia/Amazônico e observar que expectativas ou projetos são pensados para a região e seus habitantes.

Diariamente as noções identitárias são construídas e reconstruídas. Essa transição é expressa na mensagem midiática que podem, em momentos distintos ou não, emitir definições de Identificações concorrentes e contraditórias que gerarão ou fortalecerão Identidades múltiplas em relação ao público receptor já repleto de noções identitárias fragmentadas.

A Identidade plenamente unificada, completa, segura é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade de desconcertante de Identidade possíveis com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1999, p. 13)

É no confronto com este “Outro” que emerge a alguém a noção de seu próprio “Eu”. Um “Eu” relativamente necessário único para que façamos sentido no mundo. “A Identidade permite que o indivíduo consiga se situar num sistema social e seja, neste mesmo sistema, localizado socialmente”. (MEDEIROS, 2004, p. 117). E o mundo faça sentido em nós. “Eu sou o que você não é. Sem dúvida. Mas não sou somente isto; sou também algo mais, que me é próprio – ou que talvez nos seja comum. Algo, mas o quê?” (LANDOWSKI, 2002, p. 27).

Ora, o que é a mídia senão uma grande vitrine que expõe conceitos e ideias através de estereótipos e representações enraizadas no (in)consciente coletivo? Ao mesmo tempo, não são os emissores membros também do conjunto social cujas percepções, opiniões e crenças provem justamente de Identificações e representações das culturas e sociedades as quais pertencem?

Segundo a Teoria das Representações Sociais, a interação social é mediada pela comunicação e pelas construções simbólicas compartilhadas com os grupos nos quais estar-se inserido ou identificado. Por outro lado a dinâmica de produção de informações pela imprensa televisiva, devido às características deste meio de comunicação, requer que as mensagens sejam sempre concisas e facilmente apreendidas pelo público telespectador. Por este motivo elas se reportam a representações que seus produtores creem consolidadas socialmente e remetem a noções/imagens/informações da região com as quais se acredita que os receptores estão familiarizados ou possam identificar mais facilmente como sendo “amazônicas”.

3.5. TELEJORNALISMO

O telejornalismo refere-se a parte da comunicação voltada para a produção de conteúdos jornalísticos ou informativos para a televisão. Estes programas possuem lógicas narrativas próprias com critérios de seleção de notícias diferenciados. A dualidade entre a pressão do “informar bem” para atrair ao público e “informar rápido” para informar mais, condiciona um sistema de produção de informações que, ao mesmo tempo em que reconhecidamente narra os fatos em uma distância temporal em relação aos

acontecimentos/realidade para a produção da notícia, mantém uma busca constante por reduzir e eliminar este lapso.

Os estudos sobre este fenômeno [telejornalismo] exigem do mundo acadêmico, em particular dos pesquisadores, um olhar mais atento e maiores investigações sobre os telejornais de rede nacional, os noticiários regionais e locais que contribuem diariamente, de uma forma relevante, para a construção de parte da realidade social da realidade brasileira (PEREIRA JR; CORREIA, 2008, p.11-12)

Pesquisadores como Pereira Jr. e Correia, ao analisar as relações entre telejornais e o cotidiano das pessoas, defendem que o telejornalismo representa um lugar de referência para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo (PEREIRA JR ; CORREIA, 2008).

No caso brasileiro, a TV não é apenas um veículo do sistema nacional de comunicação. Ela desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condição de única via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população (REZENDE, 2000, p. 23).

Rezende defende que vários são os fatores que tornaram a televisão uma instituição importante no Brasil, mais que em outros países: “a má distribuição da renda, a concentração da propriedade das emissoras, o baixo nível educacional, o regime totalitário das décadas de 1960 e 1970, a imposição de uma homogeneidade cultural e até mesmo a alta qualidade da nossa teledramaturgia” (REZENDE, 2000).

Mas as “falas” da TV não podem ser confundidas com a realidade, e devem ser vistas como mediações entre os distintos interesses e percepções de outros campos sociais o que faz deste discurso, um enunciado necessariamente polifônico.

Entendemos como campos dos media, o campo cuja legitimidade expressiva pragmática é por natureza uma legitimidade delegada dos restantes campos sociais e que, por conseguinte, está estruturado e funciona segundo os princípios e estratégias de composição dos objetivos e dos interesses dos diferentes campos, quer essa composição prossiga modalidades de cooperação visando, nomeadamente, o reforço da força da sua legitimidade, quer prossiga modalidades conflituais de exacerbação das divergências e do antagonismo (RODRIGUES, 1990, p.152)

Em seu papel de mediação que lhe diferencia o campo dos media, então, está inserido em uma interface entre os distintos interesses e tensões dos demais campos sociais, porém também se impõe em maior ou menor medida sobre eles.

Penso, então, que atualmente todos os campos de produção cultural estão sujeitos às limitações estruturais do campo jornalístico. [...] E essas limitações exercem efeitos sistemáticos muito equivalentes em todos os campos. [...] Através do peso

do conjunto do campo jornalístico, ele pesa sobre todos os campos de produção cultural (BOURDIEU, 1997, p.80-81)

BAUER, GASKELL; ALLUM (2002) afirmam que o registro de definições em um determinado veículo de comunicação é um indicativo da visão de mundo de um determinado grupo social em um contexto histórico específico, o que pode ser comprovado pela aquisição destas informações por terminadas pessoas em detrimento de outras opções de informações, quando um indivíduo prefere assistir este e não outro telejornal.

Os impactos da recepção de informações sobre os acontecimentos em seus diferentes níveis (local, regional, nacional e internacional) afetam a vida cotidiana das populações, possibilitando novas interpretações e representações sobre as informações que lhe são narradas.

Por meio da televisão, os telespectadores não apenas ampliam suas visões do rico fluxo de informações, mas, por causa da vividez e da continuidade da televisão, são capazes de experimentar, indiretamente, vidas e situações diferentes da vida local. A partir dessa experiência indireta, os espectadores são capazes de reconstruir de forma imaginativa, suas próprias vidas e futuros, suas próprias comunidades e culturas (SALZMAN, 2001, p.263)

Por esta tentativa de satisfazer de forma homogênea seu público tão heterogêneo, os processos de construção de informações no campo dos media são complexos e envolvem mediações internas e externas ao campo.

O processo de construção da notícia é extremamente complexo e envolve desde a captação, elaboração/redação/edição, até uma audiência interativa. Envolve momentos de contextualização e descontextualização dos fatos. É resultado da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras da redação), da língua e das regras do campo das linguagens, da enunciação jornalística e das práticas jornalísticas [...]. A notícia, ao refratar a realidade, constitui e é constituída por ela (PEREIRA JR ; CORREIA, 2008, p.13).

Entre os vários papéis que a comunicação assume enquanto instância mediadora na contemporaneidade está a aproximação entre diferentes pessoas e lugares que por sua vez tem impactos nos processos de identificação com duas situações divergentes. Por um lado, o modelo de telejornalismo em rede consolidado no Brasil durante o período militar como forma de integração nacional silenciou “sotaques e sabores” regionais que perderiam espaço na grade de programação local em troca de escassas aparições nacionais. Por outro lado, ao compartilhar simultaneamente as mesmas informações, a TV pode acabar por construir uma “representação da diferença como unidade ou identidade” (COUTINHO, 2008, p.92-94).

Estas fronteiras de identificação estão permeadas de disputas nas arenas política, cultural, social e econômica uma vez que resultam do que Cuche denomina de compromisso entre o que o grupo identificado pretende demarcar como identificação e o que os “outros” querem lhe designar. A este fenômeno de identificações “impostas” o autor associa as distintas escalas de poder político e social que cada grupo ou indivíduo pode ter de se auto nominar ou representar diante dos “outros”. (CUCHE, 2002, p. 200)

3.6. REPRESENTAÇÕES E IDENTIFICAÇÕES DA/COM A AMAZÔNIA

Em meio à chamada crise de Identidade um aspecto chama a atenção: o fortalecimento de Identidades locais paralelo ao fenômeno da globalização. Como fala Stuart Hall, Kevin Robin acredita que “há, juntamente com o impacto do global, um novo interesse pelo local” (HALL, 1999, p. 77). Seria este o caso da Amazônia? A região parece se resguardar daquele aspecto da amplificação midiática que torna tudo tão próximo e igual. A palavra “Amazônia” carrega naturalmente consigo a ideia de intocado e natural. Hall explica que:

A ideia de que esses lugares ‘fechados’ – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pela modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a alteridade (...) mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas puros e de seus lugares exóticos apenas como intocados (HALL, 1999, p. 79).

No decorrer da história, a Amazônia herdou esta imposição ao naturalismo, conforme nos revela Magali Franco Bueno:

Atualmente os meios de comunicação têm um papel preponderante na formação do Imaginário sobre Amazônia. Imagens como as relacionadas acima [celeiro do mundo, pulmão do mundo, vazio demográfico] são comuns tanto na mídia escrita como na televisiva. Os estereótipos associados à Amazônia são atualizados diariamente pela imprensa, e embora a origem da maioria deles tenha se perdido, remetem a concepções de Amazônia que vêm sendo construídas e reconstruídas há cinco séculos. (BUENO, 2002. p. 06)

Adriano Duarte Rodrigues ao comentar sobre as características do Campo dos Media explica que como instância de mediação, os veículos de comunicação tendem mais para o reforço de concepções que acredita serem predominantes no cenário social que para a contradição destas percepções. “O campo dos Media não atualiza propriamente o fundo mítico primitivo escondido nos demais profundos estratos do imaginário coletivo. O seu

retorno dá-se antes sob um modo específico adaptando-o a sua estrutura” (RODRIGUES, 1990, p.154).

A partir das reflexões teóricas e da consulta às referências bibliográficas, a presente pesquisa sobre a relação entre as representações sociais da Amazônia e o telejornalismo nacional tem por hipótese a impressão de que as diversas representações da região quando esta é nomeada são sempre permeadas pelo mesmo núcleo representacional: a naturalidade primitiva-exótica, hipótese comprovada pela pesquisa de Manuel Dutra na década de 1990. No entanto, quando os fatos ocorridos neste “lugar” são narrados dissociados da palavra “Amazônia”, as representações se tornam mais fluidas e distintas. O que significaria que a representação do lugar descrito como Amazônia não é a mesma representação da Amazônia, palavra que referencia um lugar sem delimitação específica.

Se no decorrer da história os discursos oficiais sobre a Amazônia foram permeados de definições desta como “El dourado”, “floresta natural”, “Éden” ou “inferno verde”. Acredita-se que os discursos midiáticos herdaram também esta representação e sustentaram a noção de identificação do local com base em representações da Amazônia como “natural”. Daí amazônico, na fala midiática, seria o índio, a floresta, a fauna, o verde, os rios, os chamados povos da floresta.

E quem seriam, então, os ‘povos da floresta’? Seriam eles classificados por sua origem étnica, como indígenas, nativos, povos tradicionais, portadores de estilos de vida tradicionais, comunidades autóctones, agricultores de subsistência ou populações locais? Neste caso, sua categorização como ‘povos da floresta’ não se vincula necessariamente ao território, de vez que são midiáticos em distintos lugares, ora pescando, ora coletando, ora referindo roçados, ora presentes em ambientes urbanos. Em certo sentido, esses ‘povos’ aproximam-se conceitualmente, mas apenas parcialmente, das ‘populações tradicionais’, na forma como Barreto Filho (...) afirma deste conceito: ‘trata-se de construto ideológico cuja força reside exatamente na generalidade de seu significado e na flutuação de seu emprego, não sendo possível o exercício do rigor científico nesta matéria. (DUTRA, 2004, p. 135)

Um processo que Rosane Steinbrenner (2009) chamou “centralidade ambiental *versus* invisibilidade urbana”.

Seja como for, a floresta surge como atributo máximo de classificação da Amazônia, o que por si só reforça, em paralelo, a ideia de *desumanização* do espaço, traduzida, por exemplo, na noção, problemática do ‘vazio demográfico’. Tal centralidade ambiental (...) tendo, por outro lado, a promover a invisibilidade de grupos humanos, em especial das populações urbanas da Amazônia. Esta opacidade do urbano na região, que aparece nos vários campos discursivos que disputam a definição do sentido da Amazônia, tem um caráter contraditório e perverso. Contraditório, quando analisadas as taxas de urbanização na Amazônia e as dinâmicas demográficas, como o crescimento de fatores de morbidade

típicos da deterioração da qualidade de vida em metrópoles, por exemplo, os resultantes de fatores como stress e violência urbana. Perverso, porque esta aparente invisibilidade desses segmentos populacionais como neutraliza, na medida em que tendem a ‘naturalizar’, a escassez de políticas voltadas a melhorar os dramáticos indicadores sociais das cidades amazônicas (STEINBRENNER, 2009, p.19)

Fábio Castro escrevendo sobre a reorganização das identificações na Amazônia comenta que quatro grupos se reconhecem como amazônidas. Camadas medianas da população urbana a quem as “mitificações de uma identidade regional nunca deixam de comover”; populações constituídas pela imigração ao longo das últimas décadas do século XX “em muitos casos aceitam de coração aberto esta denominação”; compreende a grande maioria dos artistas e intelectuais dos centros urbanos locais “que demonstram uma incapacidade crônica em superar a mentalidade colonizadora”; e por fim, o que o autor define como amazônidas espirituais. “Multidões de indivíduos que jamais estiveram na região, mas que, talvez por influência da representação midiática (...) acabam por ingressar nos caminhos de uma histeria social marcada pelo sentimento identitário”. (CASTRO, 2005, p. 8).

O pesquisador ainda se pergunta: “E quem, então, não se reconhece como ‘amazônida’, dentro da Amazônia? Diríamos que conjunto de populações ditas ‘tradicionais’. Justamente aquelas que servem de referência à fabulação da coerência intelectual e identitária desejada” (CASTRO, 2005, p. 8).

Ao refletir sobre os “*Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença*”, Carmem Izabel Rodrigues aponta esta falta de reconhecimento quanto à categoria de caboclo que seria, então, uma identificação negativa, uma representação, no sentido de que os grupos denominados de caboclos não se reconhecem como tal. Tal identificação é atribuída pelos “outros” a um “eu” que a recusa.

A categoria caboclo torna-se, assim, um problema teórico e ético, tanto quanto político: uma identidade reificada pela negação, como alguém ou algo que está fora do lugar (da modernidade contemporânea); ao mesmo tempo, é aquele que não tem consciência de si, ou pior, é aquele que pensa pelas representações e estereótipos construídos pelos outros ou mesmo através de uma ‘dupla consciência’ (RODRIGUES, 2006, p.123).

Assim, as disputas por hegemonia entre grupos envolve um aspecto identitário relevante para os estudos em comunicação. Ao fenômeno de identificações “impostas” CUHE (2002) afirma que há uma ampla margem entre a representação de uma identidade que o grupo identificado deseja projetar socialmente, ou seja, como ele deseja ser

reconhecido; e as representações que os “outros” tentam lhe designar. Esta margem move-se conforme a capacidade de cada grupo ou indivíduo de se auto-nominar ou representar diante de outros ou de resistir a representação da identidade que lhe é imposta socialmente.

No caso dos chamados caboclos, sua capacidade de auto-definição (de projetar uma representação de identidade) é menor que a capacidade de outros grupos, artistas e classes hegemônicas, por exemplo, de identifica-lo e de impor esta representação e identidade a outros setores da sociedade.

Podemos também pensar essa categoria como um lugar de representação, ao mesmo tempo um lugar residual e uma fronteira móvel que avança e recua. Uma cultura cabocla, vista sempre como um lugar residual, não existiria como cultura própria; afirmar-se-ia pela negação; seria então um espaço marcado por um duplo discurso de exclusão. De quem olha e fala do exterior, o caboclo é aquele que está fora da modernidade. De quem olha do interior e vê o outro como espelho – ao mesmo tempo em que se vê pelos olhos do outro – o caboclo é aquele que deseja ser o outro de si mesmo (RODRIGUES, 2006, p.125).

Esta fragilidade de fronteiras sobre a identificação e a representação da Amazônia também é expressa nos estudos de Magali Franco Bueno. Ao analisar as representações sociais sobre a Amazônia junto a um grupo de pessoas em diferentes locais do Brasil (Manaus, Belém e São Paulo), entre outros fatores, buscou a definição da região apontada pelos entrevistados. O procedimento incluía fornecer ao informante um mapa da América do Sul com os limites administrativos dos países e dos estados brasileiros, especificamente, e pedir a cada um que indicasse no mapa onde ficava a Amazônia.

Entre os 80 entrevistados, sendo 30 das cidades de Belém, 30 de Manaus e 20 da cidade de São Paulo, as “definições” imagéticas se distribuíram majoritariamente entre o Estado do Amazonas, a Amazônia Clássica (Região Norte), a Amazônia Legal e, em menor número, a Pan-Amazônia, sempre em uma associação imediata com a figura da floresta, mesmo entre os entrevistados (urbanos) paraenses e manauaras, o que explicitaria uma relação distanciada, uma não-identificação, em relação à região. (BUENO, 2002)

Estes exemplos demonstram que o imaginário de brasileiros sobre a Amazônia está muito influenciado pelas políticas governamentais para a região e pelo conteúdo exposto nos livros didáticos, mas, preponderantemente, pelo discurso da mídia sobre a região. É evidente que todos os três estão fortemente imbricados, mas como foi visto, os meios de comunicação são, atualmente os maiores veiculadores de imagens sobre a região e no seu discurso predomina a destruição da Amazônia e a necessidade de sua preservação (BUENO, 2002, p.157)

Nos discursos televisivos parece ser difícil falar e definir a Amazônia sem recorrer a estereótipos regionalistas. Os discursos sobre ela são muitos e seu alcance é universal. A

multiplicidade de informações sobre a Amazônia chegam através das mais diversas técnicas, à distância de um botão; confundindo sentidos, entrelaçando permanentemente o aqui/agora com o lá/depois; a realidade imediata, com fatos da outra margem do tempo/espaço. Para aqueles a quem não é permitido conhecer presencialmente, a Mídia mostra a “realidade” de forma próxima e verossímil gerando a possibilidade do surgimento de novos fenômenos como no caso dos amazônidas espirituais, narrados por Castro (2005).

A presente pesquisa considera que as Identificações e as Representações Sociais da Amazônia, também foram contagiadas pela “miscigenação” conflituosa da formação histórica, política, cultural e social deste espaço (assim como ocorreu em tantos outros), alimentada pela interferência do poder público na região por sua vez atraída pelo potencial político-econômico da Amazônia e ampliada cotidianamente na produção de reportagens, notícias e informações sobre ela que são divulgadas nacionalmente por meio de veículos de comunicação televisivos.

É preciso dizer também que não se pode confundir a presente abordagem sobre representações sociais de identidades amazônicas com a essência da região ou de suas identidades. O estudo se volta para as representações e identidades tal qual são expressas nos conteúdos transmitidos nos telejornais “Jornal Nacional” e “Jornal da Record”, considerando as definições apresentadas por eles, sem questionar se estas definições estão próximas ou distantes da “realidade”.

3.7. DEFINIÇÕES DE AMAZÔNIA

Para fins delimitatórios desta pesquisa uma vez que o objeto de estudos são as definições de Amazônia expressas nos telejornais “Jornal Nacional” (JN) e “Jornal da Record” (JR), transmitidos respectivamente, pela Rede Globo e pela Rede Record de Televisão, buscando nas referências diretas e indiretas a região, as principais representações sociais sobre este lugar existentes nestes textos jornalísticos, opta-se por utilizar como conceito-chave sobre a Amazônia a definição de “Amazônia Brasileira”, entendida como a totalidade dos espaços dos nove estados que integram a Amazônia Legal (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Maranhão e Mato Grosso).

Nos recortes sobre a Amazônia nos telejornais observados, se irá levantar empiricamente a que “Amazônias”, as reportagens se referem. O uso comparado destes

dados poderá indicar informações relevantes sobre a Representação Social da região no telejornalismo nacional.

Segundo Luis Aragón a indefinição da região é possibilitada por fatores ligados aos próprios critérios da classificação¹¹ (Informação Verbal).

- a) **Bacia Hidrográfica:** Esta classificação não apresenta definição sobre que rios e acidentes geográficos poderiam ser os limites da região. Além disso, incorpora áreas de cerrado e de altas altitudes que não se caracterizam como áreas florestais. Estes critérios também deixariam de fora o Estado do Amapá e os territórios das Guianas que não possuem rios que estejam incorporados a esta bacia hidrográfica. No entanto, esta definição da Amazônia é importante para as políticas de recursos hídricos.
- b) **Floresta Tropical:** Esta definição seria baseada em características da flora e é marcada pela tendência ao aumento das precipitações e temperaturas no ambiente. Por estar ligada a um ecossistema cada vez mais invadido e alterado pela ação antrópica, cria um fator “tempo” por conta do agravamento destas ações. Uma limitação de seu uso seria a invisibilidade da questão urbana implícita neste conceito. Os limites naturais da floresta não são consensuais entre os pesquisadores e a área poderia se estender até o extremo sul da América Latina e agregaria elevadas altitudes. Com esta classificação áreas de serrado dos estados de Mato Grosso e Goiás seriam excluídas.
- c) **Amazônia Legal:** Esta classificação é de ordem administrativa e foi estipulada pelo Governo Brasileiro em 1953 a fim de propor projetos para o desenvolvimento da região. Três por cento do orçamento do país seriam destinados a este objetivo e a administração dos recursos esteve a cargo da Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM/SUPVA). Devido a existência dos recursos, houve uma corrida de adesão e, além dos estados da região norte, também passaram a fazer parte desta definição de Amazônia áreas dos estados do Maranhão, Goiás (posteriormente se tornaria o Estado do Tocantins) e Mato Grosso. Os limites da Amazônia Legal foram então estabelecidos por lei e incorporam

¹¹ Aula da disciplina “Meio Ambiente e Desenvolvimento”, ministrada pelo professor doutor Luis Aragón no dia 15 de maio de 2009, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará.

60% do território nacional, mas não coincidem com os limites político-administrativos dos municípios e estados, o que dificulta a realização de projetos e proposição de medidas.

- d) **Amazônia Internacional:** Reúne oito países da América do Sul (Bolívia, Colômbia, Brasil, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela) que compõem a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA). Cada país definiu que áreas ou partes de seu território eram entendidos como amazônicos. A Guiana Francesa não faz parte do grupo devido ao fato de ser uma colônia francesa e sua inclusão poderia ser problemática politicamente na medida em que o governo da França teria direito a voto nas decisões dos países sul-americanos envolvidos.
- e) **Amazônia Pan-Americana:** Esta delimitação envolve todos os critérios anteriores sobre a bacia, a floresta, a Amazônia legal e a internacional, porém inclui as áreas da Guiana Francesa.
- f) **Região Norte ou Amazônia Clássica:** Delimitação político-administrativa do governo brasileiro que dividiu o país em cinco grandes regiões a partir dos limites dos estados. Esta classificação é a adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ao divulgar informações sobre a população e economia do país e esta divisão é apresentada nos livros didáticos brasileiros, o que acaba tornando-a um conceito paralelo ou alternativo ao de Amazônia. Ela também é a definição adotada pelos órgãos federais de análise como o Instituto Aloísio Teixeira de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1. DELIMITAÇÕES DA PESQUISA

Pesquisa “*Amazônias na TV: a presença local no telejornalismo nacional*” é qualitativa exploratório-descritiva e parte de uma perspectiva compreensiva da realidade social em uma filiação fenomenológica utilizando como principal estratégia de coleta de dados a análise documental.

A investigação fenomenológica trabalha sempre com o qualitativo, ou seja, o que faz sentido para o sujeito, com o fenômeno posto em suspensão, como percebido e manifesto pela linguagem. Trabalha também com o que se apresenta significativo e relevante no contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem (SILVA, GOBBI; SIMÃO, 2004, p. 71)

A codificação e análise dos dados serão realizadas com base nas proposições da teoria das Representações Sociais, tal como proposta por Serge Moscovici, e tendo em vista as especificidades dos processos comunicativos, particularmente os televisivos, como critérios para adaptação do método. A hierarquização dos dados se baseia na Análise de conteúdo.

O objeto da pesquisa são as definições de Amazônia presentes nas mensagens transmitidas na grade de televisão aberta nacional, ou seja, sobre os lugares identificados como amazônicos, especialmente, o estado do Pará enquanto um subconjunto da região amazônica, que obedece as delimitações da divisão político-administrativa do Estado brasileiro.

Levando em conta que estes significados produzidos e divulgados amplamente, apesar de evocarem uma impressão de realidade e fidedignidade próprias dos discursos jornalísticos enquanto locutores da “verdade dos fatos”, não correspondem a uma realidade e sim a percepções do real dos agentes que produzem estas mensagens, buscam-se aproximações com este universo de produção de conteúdos. Esta natureza de compreensão das interpretações dos sujeitos sociais faz desta uma pesquisa essencialmente qualitativa.

Um objetivo importante do pesquisador qualitativo é que ele se torna capaz de ver ‘através dos olhos daqueles que estão sendo pesquisados’. Tal tipo de enfoque defende que é necessário compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo, pois são estes que motivam o comportamento que cria o próprio mundo social (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002, p.32-33)

4.2. PESQUISA EM COMUNICAÇÃO

A comunicação como um fenômeno social nasce e se desenvolve paralelamente ao desenvolvimento do sistema capitalista e dos modos de produção. Por um lado, é resultado do desenvolvimento tecnológico que possibilitou o surgimento de aparatos técnicos que lhe dessem o alcance de público que atingiu na contemporaneidade. Desde as rotativas de Gutemberg que possibilitaram a impressão de textos em larga escala e o surgimento dos primeiros livros e jornais, passando pelo rádio e seu uso durante a campanha ideológica de Adolf Hitler para mobilizar “as massas”, até o surgimento da televisão, que no Brasil foi uma das estratégias utilizadas pelos governos militares estabelecer uma noção de unidade nacional, e da internet e seu potencial de interatividade e conectividade global. De outro modo, a TV é muito mais que um aparelho eletrônico. É um produto social e cultural já que não basta estar ligada para funcionar adequadamente, precisa divulgar conteúdos e conteúdos com determinadas características para que seja interessante à sua audiência.

Os meios de comunicação de massa constituem, ao mesmo tempo, um setor industrial de máxima relevância, um universo simbólico que é objeto de consumo em grande escala, um investimento tecnológico em contínua expansão, uma experiência individual cotidiana, um terreno de conflito político, um sistema de mediação cultural e de agregação social, uma maneira de passar o tempo, etc (WOLF, 2003, IX).

Emergente entre outras disciplinas sociais e humanas, a comunicação se utiliza ainda hoje de teorias e metodologias das ciências irmãs, enquanto desenvolve um apanhado referencial particular. As teorias de comunicação de massa, que se referem à evolução de contextos e paradigmas na pesquisa sobre os meios de comunicação ou mídia, também surgiram no interior de outros campos do conhecimento. Assim os primeiros conceitos e teorias de comunicação, vista ainda apenas como um objeto de estudo, surgem em outros campos de conhecimento como a Teoria Hipodérmica, que herda da Psicologia a noção de causa-consequência que acreditava na eficiência máxima dos *mass media*, e as Teorias Funcionalista e Crítica que nascem de abordagens positivistas e marxistas filosóficas e sociológicas e se referem ao impacto e eficácia dos meios de comunicação na disseminação de símbolos e ideais na sociedade (WOLF, 2003).

O intercâmbio de conceitos é facilitado por essa natureza trans e interdisciplinar da comunicação enquanto um objeto de pesquisa que inspirou investigações a seu respeito nas demais ciências e o conseqüente nascimento da comunicação como disciplina

independente, mas que marcadamente se utiliza dos preceitos teóricos de áreas como a sociologia, antropologia e psicologia. “A comunicação, que por natureza deve recorrer a vários níveis, não teria um só método privilegiado. Deveria fazer uso da multiplicidade de métodos disponíveis, sempre a partir da problemática específica que constitui seu objeto de estudo” (LOPES, 2005. p.109).

Desta forma, os estudos sobre a divulgação de sentidos no interior dos meios de comunicação e sua relação com as representações e identificações sociais requerem opções metodológicas e teóricas que se aproximem da complexidade do fenômeno.

[...] Os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequencias de cena e muito mais. É, portanto, indispensável levar essas complexidade em consideração, quando se empreende uma análise de seus conteúdos e estruturas (ROSE, 2002, p.343).

4.3. SELEÇÃO DE FONTES

O objeto do presente estudo são as definições sobre a Amazônia presentes no telejornalismo nacional e como a presença de Núcleos de Rede locais influencia nestas definições, atentando para como os lugares identificados como Amazônicos são expostos nos telejornais analisados. O recorte metodológico são os telejornais “Jornal Nacional” e “Jornal da Record” exibidos entre 14 de junho e 09 de outubro de 2010. Ambos vão ao ar entre as 19h e 21h, período identificado como horário nobre da TV aberta no qual o número de televisores ligados e telespectadores assistindo televisão são os maiores do dia. Os critérios para esta seleção destes programas foram:

- a) **Características das emissoras:** Como a pesquisa se voltará para uma análise comparativa entre telejornais, optou-se por escolher emissoras comerciais. Assim excluiu-se a TV Cultura, veículo de comunicação que possui razões sociais distintas das demais por ser uma TV educativa, mantida pela Fundação Padre Anchieta;
- b) **Viabilidade de coleta de dados:** Os horários de exibição dos programas foram observados e, perceptivelmente, transpõem-se (ver Quadro 2).

Quadro 2: Horários de Telejornais

Emissora	Telejornal Nacional	Início	Fim
SBT	SBT Brasil	19h45	20h30
Rede Globo	Jornal Nacional	20h00	20h40
Rede Record	Jornal da Record	20h10	21h00

Percebeu-se, então, que seria mais viável analisar apenas dois canais de forma que apenas dois jornais poderiam ser gravados simultaneamente, sem prejuízo ao trabalho de coleta de dados.

- c) **Índices de audiência:** Por fim, também levou-se em consideração os índices de audiência e cobertura das emissoras analisadas, que apontam que os telejornais “Jornal Nacional” e “Jornal da Record”, como líderes de audiência.

4.4. ANÁLISE DOCUMENTAL:

A análise documental será o instrumento de coleta de dados sobre o objeto analisado. Sendo que a fonte, neste caso, serão as gravações dos telejornais analisados que serão, assim, consideradas como documentos públicos não-arquivados¹², que segundo Cellard (2008) são caracterizados como documentos que estes foram “distribuídos” ao grande público de forma gratuita por meio da TV aberta brasileira, mas não estavam sistematicamente arquivados ou disponíveis para consulta e sua obtenção se deu em função da própria realização da pesquisa e, por isso, não estarão disponíveis em locais públicos. Apesar de que se planejar doá-los ao acervo da Biblioteca do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA), não há indicativos de como se daria a consulta a este acervo no futuro.

O autor defende que todo “vestígio do passado” pode ser considerado como documento ou ‘fonte’. “Pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza icônica e cinematográfica, ou de qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos, etc.” (CELLARD, 2008, p.296-297).

4.4.1. Coleta de dados:

Como a natureza da Televisão enquanto veículo de comunicação é perene, ou seja, as mensagens são produzidas para o consumo imediato dos seus públicos e no atual modelo de radiodifusão é impossível o “retorno” ou “pausa” das mensagens sem prejuízo à sua compreensão, foi necessário gravar de maneira doméstica os dois telejornais analisados no período: Jornal Nacional (Rede Globo) e Jornal da Record (Rede Record).

Para isso foram testadas diversas fórmulas de gravação e o uso de Placas de Vídeo Digitais e Analógicas em computadores pessoais adaptados foi a melhor forma encontrada.

¹² Conforme classificação proposta por CELLARD (2008).

Dois computadores localizados em ambientes diferentes (a saber, a residência da pesquisadora e uma sala de pesquisa concedida pelo Departamento de Pós-graduação em Engenharia Mecânica da Universidade Federal do Pará) receberam memória, processadores e discos rígidos compatíveis para desempenhar a função de grande capacidade de armazenamento e processamento de dados e foram conectados ao software “Team Viewer 5”, para permitir o controle remoto de ambos. Os programas “Media Center” e “Total Media 3.5” foram os *softwares* utilizados para a recepção de sinais das TVs analisadas e gravação dos programas.

As gravações iniciaram sistematicamente a partir do dia 14 de junho de 2010 e seguiram ininterruptamente até o dia 09 de outubro de 2010, sendo que a extensão do período até o mês de outubro se deve a inclusão da cobertura do Círio de Nazaré no corpus analisado, que tradicionalmente é transmitida nos telejornais de horário nobre, o que garantiria, assim, a presença de pelo menos uma reportagem produzida pelos Núcleos de Rede paraenses no recorte metodológico.

Gravações experimentais foram realizadas no primeiro semestre de 2010, mas devido às limitações técnicas que tornaram os dados não sistêmicos e descontínuos, estes programas não serão analisados pela pesquisa atual.

As gravações foram então editadas (com o uso do programa *Windows Live Movie Maker*) de forma a conter apenas os telejornais analisados e seus intervalos comerciais, uma vez que as mudanças nos horários de exibição dos programas, em vários momentos, demandou um aumento do tempo de gravação a fim de não prejudicar o objeto analisado.

Também é preciso esclarecer que o período analisado possui duas especificações que faziam com que os programas se movimentassem na grade de programação: a Copa Mundial de Futebol 2010 e a Propaganda Política Obrigatória para as Eleições 2010. Assim, rupturas nas programações foram observadas em função de horários dos jogos e na inserção do horário eleitoral tanto para propaganda de partidos políticos (junho e julho), quanto para propaganda de candidatos em si (a partir de agosto). Estas discontinuidades afetaram as gravações e por este motivo, alguns programas do período foram perdidos ou desconsiderados na pesquisa.

Diariamente, foram gravados integralmente os dois jornais observados. Sendo que os arquivos foram recortados conforme dois critérios distintos. Primeiramente, foram observadas apenas notícias e reportagens sobre a Amazônia, desconsiderando-se de tal modo outros gêneros jornalístico como notas e comentários em geral. Depois, foram observadas as informações sobre a região que possuíam qualquer referência à Amazônia,

ou seja, as que se reportam a Amazônia, tanto pela evocação do vocábulo, quanto pela contextualização possível de ser realizada por meio da identificação do lugar onde acontecem os fatos narrados. No total foram 81 dias de gravação que possibilitaram a esta pesquisa um recorte de 64 programas com referências e um total de 101 notícias e reportagens sobre a região (ver Tabela 2 **Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

Tabela 2: Recorte Metodológico

	JN	JR	Total
Total de programas gravados	81	81	162
Nº de Programas com Referências	31	33	64
Nº de reportagens com referências	46	55	101

4.4.2. Transcrição

As fontes escolhidas para a realização da pesquisa requerem o uso de transcrições de dados: as gravações de telejornais estudados. Transcrever é registrar, em uma forma possível de ser impressa, os dados obtidos através das técnicas de coleta. A transcrição é uma forma de traslado de significado dos textos uma vez que não produz cópias, mas induz a produção de um novo significado para o que está registrado.

Nunca haverá uma análise que capte uma verdade única do texto. Por exemplo, ao transcrever material televisivo, devemos tomar decisões sobre como descrever os visuais, se vamos incluir pausas e hesitações na fala, e como descrever os efeitos especiais, tais como música ou mudanças na iluminação. Diferentes orientações teóricas levarão a diferentes escolhas sobre como selecionar para transcrição (ROSE, 2000, p. 344).

A transcrição também dependerá das unidades de análise escolhidas para a pesquisa, que será a base da codificação dos dados e deve ser eleita conforme os objetivos da pesquisa. Na presente pesquisa as unidades de análise das fontes de dados transcritas são o vocábulo ou referências ao que poderia ser definido como a “Amazônia”.

O modelo de transcrição das gravações dos telejornais baseia-se em experiências propostas três pesquisadores que trabalharam diretamente com a transcrição de conteúdo telejornalístico: Manuel Dutra, Guilherme Rezende e Diana Rose. Em todos os casos, as técnicas de transcrição se aproximam.

Dutra organizou, em forma de “roteiros”, as mensagens que analisou sobre a TV. Sua descrição inclui as imagens e, logo abaixo, no texto, as falas identificadas dos personagens ali registrados. Já Rezende organizou uma espécie de tabela com os dados. Do lado esquerdo o registro sobre as imagens; do lado direito, o dos elementos textuais. Este modelo se aproxima do utilizado por Diana Rose com o diferencial que a mesma elaborou códigos para mostrar as tomadas de câmera, unidade de análise de sua pesquisa.

Essas opções estão perfeitamente justificadas pela problemática desenvolvida pelos autores. A saber, a apresentação do conceito sobre a Amazônia em vídeos-documentários jornalísticos, de Dutra (2004); a relação palavra-imagem, em Rezende (2000); e a representação social da loucura na televisão, de Rose (2002).

Nos dois últimos casos, registra-se ainda que esse modelo de apresentação das mensagens se aproxima dos tradicionais roteiros ou *script* dos telejornais, espécie de mapas organizados na rotina jornalística sobre a hierarquização do conteúdo que será transmitido. Tais documentos, baseados em três colunas (imagem, identificação de quem e para que câmera fala, e texto) são criados diariamente nas redações de telejornalismo e entregues a equipe jornalística e técnica para a transmissão das mensagens do telejornal no momento que este entra no ar.

Com base nestas referências, esta pesquisa opta por registrar as mensagens que serão analisadas conforme o modelo defendido por Rezende, com o detalhamento icônico de Rose. No entanto, detalhando mais profundamente a descrição das imagens e análise do material, como fez Manuel Dutra. (Apêndice B). Em uma busca de hierarquização de dados e fidedignidade em relação a transposição imagem-palavra característica da televisão. Já que, segundo Rose (2002) a finalidade da transcrição é, justamente, gerar um conjunto de dados aptos para a análise de forma que se translade e simplifique a imagem complexa da tela.

4.4.3. Elementos analisados:

De acordo com André Cellard (2008) os elementos que devem ser observados para a avaliação dos dados da Análise Documental são: Contexto de produção do documento, autoria, autenticidade e confiabilidade, natureza do texto (meio específico no qual foi produzido), conceitos chave e lógica interna do texto.

Para a observação da Amazônia no telejornalismo nacional, elaborou-se um modelo de transcrição próprio (Apêndice B). O contexto de produção do documento se refere a lógica da produção jornalística enquanto produto a ser comercializado pelas empresas-telejornalísticas. A autoria é marcadamente da equipe de jornalistas (locais, locais e nacionais ou apenas nacionais) com a presença polifônica de diversos atores e campos sociais que atribuem legitimidade ao que é dito.

A autenticidade e confiabilidade do texto está relacionada a produção dos conteúdos, já a das gravações em si têm como limite situações técnicas que, eventualmente, dificultaram sua captura. A natureza do texto é jornalística e sua lógica

interna e conceitos-chave estão relacionados tanto às Representações Sociais e processos de Identificação com a Amazônia por parte dos enunciadores, quando com a lógica produtiva de conteúdos pela televisão.

A partir das transcrições de informações “locais” exibidas nacionalmente serão observados alguns critérios sobre as mensagens divulgadas no período analisado:

- a) **Categorias:** Cada reportagem sobre a Amazônia foi atribuída a uma categoria temática escolhida segundo a observação do conjunto das informações transmitidas dentro do recorte metodológico (leitura Flutuante);
- b) **Imagens:** “Quadros” visuais utilizados para exemplificar ou localizar as informações narradas como amazônidas. São exemplos de imagens a serem observadas: aéreas da floresta amazônica, de periferias e centros urbanos, de “populações amazônidas”, etc;
- c) **Definições:** Destacar-se-á as definições da região como aparecem nos conteúdos jornalísticos: um lugar, uma paisagem, por suas populações, etc. e pelos conceitos de Amazônia referenciados tais como Amazônia Legal, Pan-Amazônia, Região Norte, etc;
- d) **Duração:** A duração das informações sobre a região transmitidas está relacionada diretamente ao grau de importância atribuído ao dado jornalístico;
- e) **Localização:** Em que “lugar” do telejornal a informação é exibida (primeiro ou último bloco, possuem chamada no início do jornal ou entre os intervalos comerciais? etc.), o que está relacionado ao grau de importância da notícia.
- f) **Representações Sociais:** Os dados anteriores expressarão Representações Sociais, a partir de seus núcleos centrais e sistemas periféricos que serão descritos e analisados;
- g) **Identificações:** A proximidade e detalhamento com os quais são comunicadas as mensagens sobre a Amazônia nas notícias e reportagens, conforme elas são produzidas com ou sem a presença dos NR da região;

Primeiramente, foram recortadas todas as falas sobre a Amazônia ou localizadas na região e, posteriormente, organizadas a partir da elaboração dos roteiros sintáticos dos telejornais (Apêndice A). Depois, foram selecionados os textos jornalísticos que se referem a Amazônia ara que sejam transcritos conforme modelo proposto, em uma tentativa e aproximação entre a simultaneidade das imagens e informações textuais, bem como

identificação dos sujeitos destas falas e as informações destacadas por escrito para o telespectador, baseado no modelo de “*script*” mantido pelas empresas jornalísticas.

4.5. ANÁLISE DO CONTEÚDO

Os dados coletados durante a realização da pesquisa foram analisados com base na Análise do Conteúdo. Entendida como “Uma técnica da pesquisa qualitativa que propicia o surgimento de teorias que almejam uma análise mais eficiente das falas declaradas dos atores sociais, tais como a Teoria das Representações Sociais e a Teoria da Ação (SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2004, p. 71)”.

Os dados foram trabalhados conforme suas especificações e possuem dois tipos de informações. A primeira é de ordem estruturante e se refere a “localização” e duração das reportagens dentro dos telejornais, bem como a identificação das vozes em cada enunciado. O segundo tipo de informações são as manifestações declaradas das fontes em si, das quais foram “recortadas” as definições sobre a região e o distanciamento entre o sujeito da fala e o tema (Amazônia).

Tanto as informações estruturantes do campo jornalístico, quanto as declarações dos informantes foram observadas para a simplificação em busca das Representações Sociais da Amazônia (o que é a Amazônia?), das Representações Sociais da identidade amazônica (O que torna determinado fato, objeto ou sujeito amazônico?) e dos processos de identificação por parte dos sujeitos investigados sobre a Região (identificação ou não como amazônida, ou enquanto morador na região amazônica).

De tal modo que as unidades de registro para a análise do conteúdo são os telejornais selecionados e as categorias de análise são de natureza semântica, ou seja, os temas/definições/inferências sobre a Amazônia na TV.

Levando em conta que, segundo Bauer (2002), os procedimentos de Análise do Conteúdo reconstroem representações em suas dimensões sintáticas (transmissores de sinais e suas inter-relações) e semânticas (relações entre os sinais e seu sentido normal). Uma vez que as unidades de análise são temáticas ou semânticas, pois “as características as quais se referem no texto implicam um juízo humano”, e a amostra selecionada será simplificada conforme modelos próprios das técnicas de coleta de dados em busca de Representações e Identificações Sociais não foram utilizados programas computacionais estatísticos.

Após a coleta dos dados, os programas foram assistidos diversas vezes em uma Leitura Flutuante que tinha dois objetivos: O primeiro era embasar a escolha de uma metodologia de transcrição e o segundo, buscar indicadores sob os quais os dados pudessem ser organizados. Durante esta pré-análise foi elaborado o modelo próprio de transcrição e observou-se se os dados obtidos poderiam servir para analisar os parâmetros da pesquisa propostos: os conceitos de Amazônia evocados para localizar e limitar a região; a relação dos estados da Amazônia Brasileira com as representações da região; os temas abordados sobre a Amazônia; e a participação dos Núcleos de rede nas produções dos conteúdos para o Jornal Nacional e Jornal da Record a respeito da Amazônia.

Na fase de exploração do material, foram observadas mais atentamente as unidades de análise a fim de estabelecer um código e hierarquizar os dados. As informações da pesquisa forma agrupadas em uma tabela no programa Excel do pacote Microsoft Office contendo:

- a) Data de exibição da notícia ou reportagem;
- b) Telejornal onde foi veiculada;
- c) Autor principal da notícia, ou seja, estado de origem das informações ou onde se localiza o repórter;
- d) Tipo de produção segundo a participação dos Núcleos de Rede. Quando os NR participavam, as notícias foram classificadas como locais, quando não participavam, como nacionais. Os textos jornalísticos eram definidos como locais mesmo nos casos em que o autor principal estava em um estado que não pertence a região amazônica, como Santa Catarina ou Goiás, por exemplo.
- e) A seguir foram sinalizadas as reportagens e notícias conforme citam ou não citam a Amazônia;
- f) Também foi destacada a participação ou não dos Núcleos de rede na produção dos conteúdos. Isso porque mesmo notícias nacionais eventualmente podem ter a participação de Núcleos de rede em algum momento do processo de produção do conteúdo por meio de cessão de imagens, realização de entrevistas ou envio de informações. A presença de integrantes dos NR nestas reportagens foi observada por meio da identificação dos profissionais/jornalistas que produziram a matéria, o que é conhecido como crédito das matérias, uma espécie de legenda onde consta o

nome e cargo das pessoas que participaram a produção do conteúdo, inclusive dos Núcleos de rede.

- g) A localização das notícias em relação aos blocos e ordem de informação divulgada e ainda se a informação foi a primeira ou a última notícia exibida.
- h) Os estados brasileiros citados nas reportagens e notícias;
- i) O resumo de cada matéria; e
- j) Temas abordados nas matérias;

Com a transcrição do material os textos foram parafraseados, destacando a informação principal, até o momento em que foram localizados a diferenciação entre o assunto do qual trata cada matéria do tema de cada matéria. Esta síntese permitiu comparar notícias e reportagens conforme os quatro critérios analisados: conceitos de Amazônia adotados; estados e sua relação com a região; tema sobre os quais se fala da Amazônia e diferenciações quando da presença ou ausência dos Núcleos de rede no processo de construção a notícia/reportagem. Segundo cada um destes critérios, foram estabelecidas diferenciações e aproximações entre as duas unidades de registro (JN e JR) especialmente na busca dos elementos periféricos e do núcleo representacional da região nos textos jornalísticos.

A análise de conteúdo das mensagens gravadas se mostrou uma via pertinente para a busca das representações sociais contidas nas notícias e reportagens dos dois telejornais. No entanto, a análise das relações identitária entre os Núcleos de rede e a região carecia de outros métodos de coleta de dados ou interpretação de dados para ser melhor abordada, especialmente, da realização de entrevistas ou observações participantes junto aos Núcleos de rede locais. A metodologia adotada é também fator limitante na análise das relações de poder, no caso expressas nas negociações pela divulgação nacional de conteúdos sobre a Amazônia na medida em que não apenas faltam fontes de dados que possam aprofundar a discussão, como também princípios metodológicos mais pertinentes a discussões mais densas a respeito do contexto dos enunciados.

5. A AMAZÔNIA E OS TELEJORNALIS NACIONAIS

5.1. DA TV NA AMAZÔNIA A AMAZÔNIA NA TV

5.1.1. Redes de Televisão no Brasil:

O surgimento e fortalecimento das redes de televisão no Brasil caminham paralelos à falta de unidade das legislações de radiodifusão e comunicação que apontam o papel sociocultural da TV.

Esta preocupação se expressa na Constituição Federal, no capítulo Da Comunicação Social, cujo Artigo 221 estabelece como finalidades da programação das emissoras de radiodifusão: 'II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação; III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei'. O dispositivo nunca foi regulamentado, a despeito da tentativa da ex-deputada Jandira Feghali (PCdoB-RJ), que apresentou projeto de lei sobre o tema em 1991. Até hoje, este tramita pelo Congresso Nacional. (VALENTE, 2009, p.2)

As normas oficiais também se pronunciam contra a formação de mono e oligopólios no país.

A Constituição do Brasil reza, desde 1988, que os Meios de Comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio (parágrafo 5, art. 220), mas as normas legais mais recentes – como a Lei do Cabo, a Lei Mínima e a Lei Geral das Telecomunicações – por intensão expressa do legislador não incluíram dispositivos diretos que limitassem ou controlassem a concentração da propriedade (PORCELL, 2008, p. 57).

Estes “fantasmas” nos documentos oficiais criam o que os estudiosos ligados ao grupo de pesquisa “Observatório do Direito à Comunicação” chamaram de “Donos da Mídia”, grupos que aglutinam a posse de distintos veículos e tipos de veículos de comunicação.

A inexistência de restrições à propriedade cruzada permite que as redes nacionais de TV aberta se constituam como um elemento aglutinador e instrumento hegemônico de um sistema de mídia que, no total, inclui entre emissoras de rádio e TV e jornais, 667 veículos de comunicação. Esta faculdade oligopolizadora define as bases da estruturação do sistema de mídia no país e condiciona seu contorno econômico, político e cultural (HERZ, 2002).

O levantamento aponta que as redes privadas de televisão no Brasil reúnem 140 grupos afiliados e abrangem 667 veículos de comunicação que estão relacionados a “um sistema de poder político e econômico fortemente enraizado nas várias regiões do país” (PORCELL, 2008).

Flávio Porcell cita que em 2006, um terço dos deputados e senadores eleitos para o Congresso Nacional são proprietários ou parentes de proprietários de emissores de rádio e TV. A relação entre o Campo dos Media e o Campo Político é histórica. Ao comentar sobre o histórico da Rede Globo e Rede Record, por exemplo, o pesquisador aponta uma aproximação entre os interesses políticos e o telejornalismo nacional.

5.1.1.1. Rede Globo:

Inaugurada em 1965, 15 anos após o surgimento da TV no Brasil, a Rede Globo tem sua história marcada por seu envolvimento com as questões políticas do país e é apontada como um dos principais atores no projeto de integração nacional brasileira. “[A Globo] só conseguiu se viabilizar graças a um acordo de cooperação técnica e financeira com o grupo norte-americano *Time-Life*, que se constituía num flagrante desrespeito à legislação brasileira” (PORCELL, 2008, p.53). Ao ignorar as irregularidades, “começa uma relação muito próxima entre a Rede Globo e o poder militar” (PORCELL, 2008, p.53).

De acordo com Bucci a infraestrutura para a integração em telecomunicação foi estabelecida na década de 70, de um lado com o apoio do Estado via Embratel e, de outro, com a participação das redes, especialmente da Rede Globo, num modelo no qual as redes de televisão brasileiras eram totalizadoras e, ao mesmo tempo, servis ao Governo.

Essas imagens que percorreram simultaneamente um país tão dividido como o Brasil contribuíram para transformá-lo sem um arremedo de nação, cuja população, unificada não enquanto ‘povo’ mas enquanto ‘público’, articula uma mesma linguagem segundo uma mesma sintaxe. A imaginação se dá ao nível do imaginário (BUCCI apud PORCELL, 2008, p. 55).

Assim, quando começou a ser transmitido em 1969, o Jornal Nacional, carro-chefe da Rede Globo, atingia cerca de 60 milhões de brasileiros graças a infraestrutura tecnológica e as associações com emissoras filiadas e afiliadas em todo o território nacional.

No Pará a emissora foi ligada primeiramente à TV Guajará, canal 4, segunda emissora de TV do estado. E desde a fundação da TV Liberal, é a “matriz” do canal 7 de Belém e possui contrato de afiliação também com a TV Tapajós, com sede em Santarém que é a responsável pela cobertura da Região Oeste do Pará.

5.1.1.2. Rede Record

A TV Record foi inaugurada às 20h do dia 27 de setembro de 1953. “Com um início tímido e sem identidade própria, a Record surgiu no panorama nacional de forma marcante a partir de 2005” (PORCELL, 2008, p.64).

De acordo com o site da emissora, o destaque nos primeiros anos estava nos programas musicais, seguidos por telejornais, mas foi pelos programas esportivos que a TV Record ganhou visibilidade ao ser a primeira a transmitir jogo de futebol ao vivo no Brasil.

Nas décadas seguintes o jornalismo ganhou impulso, especialmente com a criação do Jornal da Record em 1972. A partir de 1990 a informação seria o principal destaque na grade de programação da emissora que expandida sua cobertura com correspondentes internacionais.

Ligada à Igreja Universal do Reino de Deus, liderada pelo Bispo Edir Macedo, a Rede Record ganha destaque em 2005 quando inicia a busca pela vice-liderança no mercado televisivo brasileiro. Em 2006, a emissora investe em um formato de telejornalismo que a aproxima do modelo adotado pela Rede Globo.

O Jornal da Record, além de ser apresentado por dois ex-jornalistas da principal concorrente, Celso Freitas e Adriana Araújo, adotou cenários e logotípia nos mesmos padrões da [TV] Globo. As letras *JR* - de *Jornal da Record* - obedecem à mesma composição visual de *JN* - de *Jornal Nacional* - com letras azul-claras, contornadas por um alinhamento vermelho. O cenário do *JR* é praticamente igual ao do *Jornal Nacional* da Globo. E o formato das matérias e a escolha dos temas abordados também seguiram o mesmo modelo. (PORCELL, 2008, p.65).

A transição começara ainda em 2005 com a demissão do âncora (apresentador) do Jornal da Record, Boris Casoy que acredita nas implicações políticas da transformação do formato da emissora.

Não posso dizer com exatidão o que aconteceu. Há relatos...mas ainda não sou tão ingênuo a ponto de aceitar a versão que me foi dada pela direção da Record. (...) Segundo figuras importantes da república, foi um acordo entre a Igreja Universal, com notórias ligações com a Record, e o Presidente Lula para que este apoiasse o Bispo Crivela sobrinho de Edir Macedo, candidato ao Governo do Rio. E Lula, no Rio, subiu em dois palanques, no do PT e no de Crivela (O VELHO âncora volta à cena, 2007. p. 18).

5.1.2. Redes de Televisão no Pará

5.1.2.1. TV Liberal: Afiliada Rede Globo

A TV Liberal foi fundada em 1976 por Rômulo Maiorana, já detentor do Jornal O Liberal e da Rádio Liberal. O Ministro das Telecomunicações, Euclides Quant de Oliveira, foi quem colocou o canal 7 no ar às 19h do dia 27 de abril de 1976 acionando o que o

Jornal O Liberal do dia seguinte definiu como “o que há de mais moderno em matéria de televisão”.

A emissora começou a transmitir 14 meses antes do previsto pelo contrato de concessão a fim de assegurar sua filiação à Rede Globo de Televisão, que até então estava associada com a TV Guajará, canal 4 de Belém. A partir daí “foram clássicos e shows especiais, e, nos dias seguintes, filmes de primeira linha, em perfeição de cores que o Pará jamais tinha visto, tanto pela alta tecnologia quanto pela potência de transmissão, além de uma programação integralmente a cores”, dedicando um significativo espaço à informação e dando destaque ao departamento jornalístico¹³. O Telejornalismo no canal foi inaugurado no dia 1º de maio de 1987, mas só se tornaria diário, anos depois com o Jornal Hoje edição local e o Jornal Nacional edição local, precursores dos Jornais Liberal Primeira e Segunda Edição (JL1 e JL2), respectivamente.

A superioridade da emissora era expressa em seu alcance (enquanto as TV Marajoara e Guajará irradiavam seu sinal com um *quillowatt* de potência, os transmissores da TV Liberal, alcançavam 20), tecnologia (A emissora foi a primeira a transmitir em cores no estado, enquanto as concorrentes ainda eram “preto e branco”) e pelo tempo em que permanecia no ar (as transmissões começavam as dez da manhã, sete horas antes das demais). Em 1981 a inauguração do sinal via satélite da TV Liberal trouxe uma novidade para o Estado do Pará. O sinal irradiado passou a alcançar outras cidades em solo paraense.

Atualmente a TV Liberal mantém sete programas locais: Os telejornais Bom Dia Pará, Jornal Liberal 1ª Edição e o Jornal Liberal 2ª Edição; o esportivo, Globo Esporte; o programa de entrevista semanal Liberal Comunidade; e a revista eletrônica, É do Pará, e ainda o Boletim “Liberal Notícias”.

5.1.2.2. TV Record-Belém: Filiada Rede Record

A presença da Rede Record em Belém iniciou bem antes da inauguração da TV Record-Belém, em 1997. De 1967 a 1969, a emissora paulista líder da Rede de Emissoras Independentes (REI) transmitia sua programação no Pará por meio da TV Guajará, canal 4. Em 1969 a TV paraense passa a ser afiliada da Rede Globo. Depois, passa a transmitir o sinal da Rede Bandeirantes e, em 1990, volta a retransmitir a programação da Rede Record até que, em 1º de novembro de 1995, o canal 4 é vendido e se torna uma rede evangélica, a TV Boas Novas.

¹³ Memorial da Televisão Paraense, 2001

O empresário paraense Carlos Santos obteve, então, a concessão do canal 10, mas não consegue inaugurar sua emissora. Logo após, a concessão foi comprada pela Rede Record que cria, no dia 10 de junho de 1997 a Rede Record Pará, Record Norte ou Record-Belém, que a partir de 2008 passou a contar também com repórteres e emissoras no interior do estado e se torna referência no telejornalismo regional.

Atualmente a emissora mantém cinco programas locais: Os jornalísticos Fala Pará, Balanço Geral e Pará Record, o esportivo Esporte Record e semanal Fala Pará Entrevista.

5.2. ÍNDICE DE REGIONALISMO NA TV LOCAL

O estudo “Programação Regional na TV aberta brasileira”, produzido pelo Observatório do Direito à Comunicação, apontou que das 33 existentes são sete as principais redes de TV no Brasil: Rede Globo, Rede Record, SBT, Rede Bandeirantes, Rede TV, Rede Pública de TV e a CNT. Em todo o país 421 empresas são geradoras de conteúdo e existem 9.998 retransmissoras do serviço de som e imagem.

Os pesquisadores observaram o percentual de programação local ou regional exibido na grade de programação de 11 capitais brasileiras a saber: Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília, Cuiabá, Salvador, Natal, Recife, Fortaleza e Belém.

Os resultados constataam a prevalência de conteúdos exógenos em detrimento dos endógenos nas TVs brasileiras. A média nacional de programas dedicados à produção local foi de 10,83%. Sendo que entre as emissoras comerciais, este número não superou a média de 9,14%. Índices inferiores aos 30% previstos pela versão inicial do Projeto de Lei proposta pela ex-deputada Jandira Feghali para regularizar o tema no país e que ainda tramita no Congresso.

No final da lista das dez emissoras com maior índice de regionalização no Brasil, aparecem as paraenses TV RBA (afiliada Rede Bandeirantes) e TV Cultura de Belém (integrante da Rede Pública de TV), respectivamente com 15,82% e 15,41% de produção local.

No quadro que envolve o índice de regionalização entre os “cabeças de rede”, a Rede Record aparece em terceiro lugar com 11,20% em média de programação de suas filiadas e afiliadas caracterizada como regional ou local. Já a Rede Globo aparece em último lugar com 7%.

Das 11 emissoras filiadas e afiliadas à Rede Record, observadas na pesquisa, cinco estão acima da média nacional. É o caso da Record-Belém com cerca de 12,9% da programação voltada para produções locais, essencialmente de caráter informativo ou jornalístico. A média da Rede Globo é atribuída a “rigidez da grade nacional, cuja manutenção termina por ser mais rentável pela alta arrecadação nacional e local a partir dela”. Em geral, em Belém a média de programas regionais está em 9,91% entre as seis geradoras de conteúdos.

A partir da programação das emissoras disponíveis em suas páginas na internet, verifica-se que os percentuais de programação local na grade de programas das emissoras locais analisadas pela presente pesquisa é de 6,94% para a TV Liberal e 13% para a TV Record-Belém, respectivamente, com 11h40 e 21h50 de programas paraenses transmitidos semanalmente, conforme Tabela 3 e Tabela 4:

Tabela 3: Programação local transmitida semanalmente na TV Liberal

TV Liberal					
	Início	Término	Total/dia	Nº de dias	Total Semanal
Segunda a sexta					
Bom Dia Pará	6h25	7h15	0h50	5	04h10
Liberal Notícias	8h06	8h11	0h05	5	0h25
Jornal Liberal 1ª Edição + Globo Esporte	12h00	12h45	0h45	5	03h45
Jornal Liberal 2ª Edição	19h00	19h20	0h20	5	01h40
Sábado					
Jornal Liberal 1ª Edição + Globo Esporte + É do Pará	11h50	12h45	0h55	1	0h55
Jornal Liberal 2ª Edição	18h50	19h10	0h20	1	0h20
Domingo					
Liberal Comunidade	7h00	7h25	0h25	1	0h25
Total de horas no ar semanalmente:					168h
Total de horas semanais de programação local:					11h40
Percentual de horas semanais de programação local:					6,94%

Fonte: Elaboração Própria (2010)

Tabela 4: Programação local transmitida semanalmente na TV Record-Belém

TV Record-Belém					
	Início	Término	Total por dia	Nº de dias	Total Semanal
Segunda a sexta					
Fala Pará	7h30	8h30	1h00	5	5h00
Balanço Geral + Esporte Record Pará	12h00	14h30	2h30	5	12h30
Pará Record	19h40	20h10	0h30	5	02h30
Sábado					

Fala Pará Entrevistas	11h30	12h00	0h30	1	0h30
Balanço Geral	12h00	13h00	1h00	1	1h00
Pará Record	19h40	20h00	0h20	1	0h20
Total de horas no ar semanalmente:					168h
Total de horas semanais de programação local:					21h50
Percentual de horas semanais de programação local:					13,00%

Fonte: Elaboração Própria (2010)

De acordo com o Levantamento “Donos da Mídia”, também elaborado pelo Observatório do Direito à Comunicação, nos 143 municípios paraenses atuam 121 veículos de comunicação, nos quais nove emissoras de TV estão ligadas a 334 retransmissoras em todo o Estado. Com destaque para as Organizações Rômulo Maiorana, afiliada da Rede Globo, que possui 14 veículos de comunicação entre eles a TV Liberal, sua retransmissora no Pará.

Os números refletem a relação íntima que as emissoras locais e nacionais mantêm. De um lado, as emissoras locais precisam o apoio das redes de televisão para preencher a grade de programação. A manutenção de cerca de 10% de programas próprios estão no limiar da capacidade financeira, técnica e operacional das empresas locais. De outra forma, as “cabeças de rede” dependem as emissoras filiadas e afiliadas para manter uma cobertura nacional tanto no que se refere a captação e produção de informações, quando no que diz respeito ao alcance do sinal irradiado. Os dois fatores estão ligados, por sua vez aos índices de audiência dos canais de TV e a arrecadação publicitária que sustenta o sistema.

A pesquisa do Observatório do Direito à Comunicação apontou as regiões Sul e Centro-Oeste como as mais regionalizadas, em detrimento da região Sudeste, onde estão localizadas as empresas líderes das redes de televisão. O que pode indicar a importância da participação das emissoras locais e regionais na grade de programação nacional, especialmente no que se refere ao telejornalismo. Fenômeno que se articula principalmente pela mediação dos Núcleos de rede locais.

5.3. PROGRAMAS ANALISADOS:

Durante o Período de 14 de junho de 2010 a 09 de outubro de 2010 foram gravadas as transmissões de dois telejornais nacionais (Jornal Nacional e Jornal da Record), exibidos entre as 19h e 21h de segunda a sábado.

Dentro deste recorte estão 118 dias, sendo que em 102 deles haveria exibições de telejornais que totalizariam 204 programas exibidos no período. Por problemas técnicos e falhas operacionais, incluindo mal funcionamento do sistema, falta de energia elétrica e gravações parciais devido a mudança no horário de exibição, foram considerados 81 dias de programação. Assim fazem parte da pesquisa 162 telejornais, sendo analisados 31 do Jornal Nacional e 33 do Jornal da Record.

As tabelas abaixo mostram, respectivamente, o total de programas gravados e, destes, em quais programas do Jornal Nacional e do Jornal da Record aparecem referências a Amazônia:

Quadro 3: Gravações geral e por telejornal

Gravações						Referências no Jornal Nacional						Referências no Jornal da Record					
S	T	Q	Q	S	S	S	T	Q	Q	S	S	S	T	Q	Q	S	S
Junho						Junho						Junho					
21	22	23	24	25	26	21	22	23	24	25	26	21	22	23	24	25	26
28	29	30				28	29	30				28	29	30			
Julho						Julho						Julho					
			1	2	3			1	2	3				1	2	3	
5	6	7	8	9	10	5	6	7	8	9	10	5	6	7	8	9	10
12	13	14	15	16	17	12	13	14	15	16	17	12	13	14	15	16	17
19	20	21	22	23	24	19	20	21	22	23	24	19	20	21	22	23	24
26	27	28	29	30	31	26	27	28	29	30	31	26	27	28	29	30	31
Agosto						Agosto						Agosto					
2	3	4	5	6	7	2	3	4	5	6	7	2	3	4	5	6	7
9	10	11	12	13	14	9	10	11	12	13	14	9	10	11	12	13	14
16	17	18	19	20	21	16	17	18	19	20	21	16	17	18	19	20	21
23	24	25	26	27	28	23	24	25	26	27	28	23	24	25	26	27	28
30	31					30	31					30	31				
Setembro						Setembro						Setembro					
		1	2	3	4			1	2	3	4			1	2	3	4
6	7	8	9	10	11	6	7	8	9	10	11	6	7	8	9	10	11
13	14	15	16	17	18	13	14	15	16	17	18	13	14	15	16	17	18
20	21	22	23	24	25	20	21	22	23	24	25	20	21	22	23	24	25
27	28	29	30			27	28	29	30			27	28	29	30		
Outubro						Outubro						Outubro					
				1	2					1	2					1	2
4	5	6	7	8	9	4	5	6	7	8	9	4	5	6	7	8	9

5.3.1. Jornal Nacional (JN) – Rede Globo:

No período analisado a duração do *JN* variou de 29 a 56 minutos. O telejornal é transmitido de segunda a sábado entre as novelas das sete e das nove. O início do programa se manteve próximo às 20h com término que variava das 20h20 as 21h. A flutuação no horário do jornal está diretamente relacionada à propaganda gratuita eleitoral que ora era exibida logo após o jornal, ora ia ao ar entre os blocos do programa.

O *JN* possui quatro blocos de notícias. Os temas tratados em cada um variaram bastante no período analisado em função de dois eventos principais: Eleições e Copa do Mundo. Nos meses de junho e julho, mais da metade do tempo do telejornal foi dedicado à informações da África do Sul transmitida diretamente da sede da Copa com o auxílio de mais de 200 profissionais, entre eles a apresentadora Fátima Bernardes. Além de divulgar a “agenda dos candidatos à presidência” e as “pesquisas de opinião”, nos meses de agosto, setembro e outubro, informações e orientações sobre a Justiça Eleitoral, documentos necessários para a votação, novidades nas eleições 2010 como o voto em trânsito, disputas nos principais estados e denúncias de quebra de sigilo fiscal de pessoas ligadas ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) ocuparam a maior parte do horário.

Assim, pode-se apontar que o primeiro bloco do *JN* era dedicado aos assuntos do dia que além das coberturas já citadas, também envolveram reportagens sobre as enchentes nos estados do Nordeste Brasileiro e o Caso do goleiro Bruno. Neste bloco também foram mostradas as reportagem da série “*JN no Ar*”, projeto em que uma equipe de jornalistas enviados pelo Jornal Nacional visitou uma cidade em cada unidade da federação mostrando os pontos positivos e negativos que representam desafios aos novos governantes que dirigirão o país a partir de 2011. Esta série especial de reportagens apresentava os estados e em seguida as reportagens sobre o município sorteado, sendo que todos os locais possuíam mais de 50 mil habitantes e estavam em proximidades de aeroportos, porém fora das regiões metropolitanas ou polos regionais.

O segundo bloco do Jornal Nacional concentrava as reportagens sobre política, economia e a cobertura de temas internacionais, com destaque para a chacina na fronteira do México com os Estados Unidos, na qual morreram quatro brasileiros, sendo dois deles paraenses; o derramamento de óleo no golfo do México e a crise internacional em torno da política de armamento nuclear do Irã.

A terceira parte do telejornal era dedicada às eleições 2010, com reportagens sobre a agenda dos candidatos, pesquisas de opinião e informações relacionadas as

novidades do pleito deste ano. O quarto e último bloco do jornal é dedicado a reportagens sobre esportes, últimas informações sobre política, e informações de última hora.

5.3.2. Jornal da Record (JR) – Rede Record:

Durante os meses de junho a outubro de 2010, o JR manteve sua duração quase sem modificações. De segunda a sexta com 50 minutos de duração média e aos sábados com 30 minutos. Ao que parece para ajustar-se ao horário político gratuito, a Rede Record optou por reduzir o tempo de permanência no ar de outros programas e o Jornal da Record apenas sofreu alguma flutuação na grade de programação, começando ou terminando além de seu horário regular, especialmente aos sábados ou quando a propaganda política obrigatória se localizava entre os blocos do telejornal. O início do programa esteve sempre entre 19h50 e 20h10 e seu término entre 20h30 e 21h30.

De segunda a sexta o Jornal da Record possui quatro blocos de notícias e aos sábados, três. Além das variações na programação em detrimento da Copa Mundial de Futebol e da cobertura das Eleições 2010, o longo período de permanência no ar dificulta a descrição da “ordem” das notícias neste telejornal.

Na maioria das vezes o primeiro bloco é reservado aos principais temas do dia, quase sempre relacionados a violência como operações policiais, seqüestros e assaltos com reféns. O quarto bloco reúne as séries especiais e na maioria das vezes é tomado integralmente por elas. Já os blocos 2 e 3 são de difícil definição. Na maioria dos dias observados revezam temas e assuntos. Inclusive coberturas de temas específicos como agendas dos candidatos e jogos da Copa.

Essa indefinição de temas também poderia ser explicada pelo “perfil” do telejornal que privilegia notícias e reportagens sobre violência e denúncias de irregularidades, desde casos de omissão médica, até irregularidades nas licitações de obras para que o Brasil sedie a Copa de 2014, o que facilita a hierarquização e ordenação das notícias. Devido ao longo tempo em que permanece no ar, provavelmente a ordem em que as reportagens e notícias ficam prontas (editadas) influencia mais que o tema no momento de sua ordenação no telejornal.

Quanto aos assuntos tratados durante este período como queimadas nas áreas de preservação florestal ou o caso do goleiro Bruno, observa-se que são os mesmos divulgados pelo Jornal Nacional no período, porém acrescido de coberturas mais extensas destes e outros temas e de maior percentual de reportagens exclusivas como denúncia de

precariedade no transporte escolar público no Pará e no Ceará e coberturas de vários assaltos a banco no Pará e ação de piratas nos rios da Amazônia.

5.3.3. Séries de Reportagens:

Durante o período da pesquisa, de 14 de junho a 9 de outubro de 2010, ambos os telejornais analisados apresentaram várias Séries de reportagens, nas quais a Amazônia ou foi o tema principal das matérias ou esteve presente como “uma região brasileira”. No total, as informações sobre a região que estavam inseridas em Séries de reportagem correspondem a 27,72% das matérias sobre a Amazônia exibidas no período.

5.3.3.1. Jornal Nacional:

O Jornal Nacional durante este período apresentou 20 reportagens sobre a Amazônia distribuídas em três Séries especiais. Destas seis citam diretamente a Amazônia. Tratam-se da visita da Série *JN no Ar* ao Mato Grosso e das reportagens da Série *Amazônia Urbana*.

- h) *Amazônia Urbana*: Esta Série foi ao ar entre os dias 19 e 23 de julho de 2010 e era composta por cinco capítulos. Seu objetivo era ser uma “Série de reportagens com um olhar diferente sobre a Amazônia. [...] Como é a vida de brasileiros que moram em cidades erguidas no meio da floresta”¹⁴. A produção percorreu quatro estados (Amazonas, Pará, Acre e Rondônia), suas quatro capitais e 15 cidades, além de povoados.

A maior parte do caminho foi feito de avião. “Navegando por rios cheios de curvas como o Purus, levaríamos vários meses. Aqui do alto a imensidão verde que atrai os olhos do mundo inteiro. Lá em baixo 25 milhões de brasileiros [...] Quando falamos de Amazônia quase sempre se faz referência a natureza, mas 70% da população a região vive nas cidades”¹⁵, explica um geógrafo do Amazonas.

“Mais do que a floresta a Amazônia urbana foi o foco da jornada”, resume o repórter enviado especial do Rio de Janeiro. “Viemos conhecer brasileiros com uma visão diferente do que é cidade. Repórter: O senhor se considera um homem da cidade ou da floresta? Entrevistado: Me considero um homem da floresta, a diferença é que nos mora em uma cidadezinha.

¹⁴ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 19 de julho de 2010.

¹⁵ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 19 de julho de 2010.

Repórter: Um lugar onde a relação com o tempo é outra. Onde o ritmo é o dos rios”.¹⁶

A primeira reportagem que foi ao ar dia 19 de julho fala sobre a colonização da região, sua história, formação da população e o significado da floresta ao longo do tempo: “Para as madeireiras a floresta era só matéria-prima. Para a pecuária e agricultura em larga escala, um obstáculo a ser removido da terra. Nada mais fora de moda neste século 21, os olhos do mundo e principalmente dos maiores interessados: os habitantes da Amazônia”¹⁷.

A segunda reportagem foi exibida em 20 de julho e fala sobre como as quatro capitais da região se desenvolveram e o impacto deste desenvolvimento sobre a floresta. “Quatro capitais bem diferentes em sua relação com a Amazônia. A metrópole, Manaus, cresce desordenadamente em torno de indústrias desligadas da floresta. Já Porto Velho passou por cima dela. Também cresce violentamente: Para cima! Belém, com sua arquitetura colonial, é mais amazônica, se alimenta com seus sabores e sua história. Rio Branco aposta na floresta e em evoluir de mãos dadas com a Floresta”¹⁸, resume o repórter.

A terceira reportagem tem por tema o Isolamento das cidades e povoados erguidos no meio da floresta. O repórter fala de viagens longas a bordo de canoas e conta “Não existe estrada. Só o rio e uma pista de pouso (de aviões) que parece a rua principal. Entrevistado: ‘Isso faz com que as pessoas daqui sejam diferentes dos centros urbanos, o tempo praticamente não tem muita importância, sempre se consegue as coisas, mas de uma forma bem lenta. (...) Se não fosse a internet estaríamos isolados’”¹⁹. Também revela a criação e manutenção de cidades, quase sem viabilidade social e econômica, exclusivamente pelo interesse nacional de proteção das fronteiras, por outro lado, regiões que tem produção, história, economia e tradições próprias estão condenadas a permanecerem como distritos de outros municípios devido a legislação federal e, assim, sem oportunidades de governar seu território.

¹⁶ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 19 de julho de 2010.

¹⁷ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 19 de julho de 2010.

¹⁸ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 20 de julho de 2010.

¹⁹ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 21 de julho de 2010.

A quarta reportagem mostra como “a falta de conhecimentos sobre a floresta pode derrubar projetos implantados na região”²⁰. Mostrando o fracasso do projeto de Henry Ford de aproveitar a borracha na própria Amazônia, na década de 1920, quando a arquitetura americana tornou as casas da vila e as fábricas, “quentes demais” e houve também outros choques culturais e até conflitos armados: “a batalha do peixe com farinha contra o hambúrguer com espinafre, são um sintoma de um problema muito maior responsável pelo fracasso, não só deste, mas de muitos projetos na Amazônia. A falta de conhecimento da região por parte dos forasteiros”²¹. Outro projeto fracassado mostrado é o da Transamazônica: “Milhares de quilômetros cortando a Floresta para integrar a Amazônia ao restante do país, bandeira do Regime Militar nos anos 50”²². A rodovia deveria chegar até Benjamin Constant na fronteira com o Peru. No caminho deveria estar a cidade de Lábrea, no Amazonas, mas a rodovia termina no centro desta cidade.

Na última reportagem o tema são os projetos que pretendem promover o desenvolvimento regional sem agredir a floresta. No Amazonas uma ponte sobre o Rio Negro deve ajudar a integrar o estado, facilitar a circulação de pessoas e mercadorias, mas também preocupa a população das cidades menores que temem que, com o progresso, venha também a violência. No Acre, a Escola da Floresta mostra como sobreviver da preservação do meio ambiente com o conhecimento sobre o beneficiamento de sementes e do pescado regional “para sustentar cidades, manter populações no interior”²³. A criação da Rodovia Transoceânica, que ligará a Amazônia ao Peru e Colômbia, “trazendo um mercado consumidor de mais de 30 milhões de pessoas que deve ser abastecido pelos produtos da Amazônia”²⁴. A série é concluída lembrando o papel da região em relação ao seu próprio futuro e ao do mundo. “Repórter: Será que a nossa Amazônia ainda vai transportar ideias para as cidades do futuro? Entrevistado: “Não é o mundo que tem que pensar a Amazônia. ‘É a partir da Amazônia, a partir da ciência que

²⁰ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 22 de julho de 2010.

²¹ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 22 de julho de 2010.

²² Reportagem exibida no Jornal Nacional em 22 de julho de 2010.

²³ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 23 de julho de 2010.

²⁴ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 23 de julho de 2010.

produzimos aqui do conhecimento da nossa gente que temos que pensar o mundo. Eu acredito na Amazônia”²⁵, diz o pesquisador amazonense.

- i) *Maiores preocupações dos brasileiros*: Entre os dias 16 e 21 de agosto foi ao ar a Série “As maiores Preocupações dos brasileiros”, elaborada a partir de uma pesquisa encomendada pelo Jornal Nacional e que pretendia mostrar, no ano eleitoral, quais os desafios dos novos governantes em cada região. Segundo os dados apresentados as maiores preocupações eram: Saúde, Educação, Segurança, Emprego e Salário & Custo de vida. A Amazônia aparece nas reportagens sobre Saúde, educação e custo de vida, além da reportagem inicial que anunciava a Série.

O primeiro tema abordado é a Saúde, que é a principal preocupação em todas as regiões, mas é ainda maior para os habitantes do Norte e Centro-Oeste do país (47%). No meio da reportagem, o Pará aparece com uma boa proposta para evitar a migração dos pacientes com destino às capitais, sobrecarregando o sistema nas maiores cidades. No Pará, uma Unidade Móvel fica em média dois dias em cada município atendendo os pacientes. A iniciativa foi de um consórcio de 11 municípios e leva os médicos até os pacientes, ao invés do contrário²⁶.

Na reportagem sobre educação, são discutidos os índices de analfabetismo, média de escolaridade e percentual de crianças entre 4 e 14 anos na escola. Altamira, no Pará, é apresentada como um bom exemplo. Embora o estado tenha um dos piores índices no Índice de Educação Básica (IDEB), uma escola com nota 3,6 tem um aluno com nota 8. A mãe diz que sempre vai a escola perguntar sobre o desempenho do filho e como ajudá-lo a melhorar. Em outra escola o acompanhamento é a chave para uma média de 5,4, acima das médias nacionais e estaduais. Cartilhas são confeccionadas pelos professores e distribuídas à alunos carentes, se um aluno falta três aulas seguidas, a direção da escola o visita para se informar sobre o que está acontecendo. A passagem de vídeo da repórter, na matéria, é feita na sala de aula desta escola. “Na beira do rio Xingu, uma fórmula que pode ajudar a melhorar a educação em todo o país”²⁷, finaliza a repórter especial enviada.

²⁵ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 23 de julho de 2010.

²⁶ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 17 de agosto de 2010.

²⁷ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 18 de agosto de 2010.

Última reportagem da Série sobre as maiores preocupações dos Brasileiros, o tema é custo de vida. A reportagem intercala dois casais, um que vive em São Paulo e um que mora em Manaus, abordando suas técnicas para controlar o orçamento. A passagem da reportagem é feita em uma feira livre de Manaus onde o repórter comenta que a maioria dos produtos da feira vem de outros estados e outras regiões, de barco ou de avião, o que encarece o preço e é um desafio para o orçamento dos moradores do Amazonas.

- j) JN no ar: Entre os dias 23 de agosto e 1º de outubro foi ar a Série JN no ar. Uma equipe do Jornal nacional visitou uma cidade de médio porte em cada unidade da federação (26 estados e distrito federal). A ordem em que o avião pousava em cada estado foi escolhida, mas diariamente se sorteava a cidade para a qual a equipe se dirigiria.

“As cidades que entram no sorteio do JN no Ar tem mais de 40 mil habitantes, mas em alguns estados são poucas ou nenhuma, com exceção da capital. Para ampliarmos as opções, adotamos nesse caso o critério de colocarmos no sorteio cidades que tem a população média do estado. Isso significa dividir o número total de habitantes do estado pelo número de municípios”, explicam os jornalistas no site da Série²⁸. Outro critério era estar posiciona próximos de aeroportos onde o jato ou um avião de apoio de menor porte pudessem pousar. As cidades estavam classificadas por regiões, no entanto, para a pesquisa observamos também as visitas da equipe ao município escolhido do Maranhão e do Mato Grosso. Nesta última, a reportagem localiza a cidade como pertencente à Amazônia.

Quadro 4: JN no ar - Amazônia

Data	Cidade	Cita a Amazônia
23-ago	Macapá - Amapá (início)	Não
26-ago	Jacundá - Pará	Não
31-ago	Feijó - Acre	Não
06-sep	Alto Alegre - Roraima	Não
08-sep	Porto Grande - Amapá	Não
13-sep	Colíder - Mato Grosso	Sim
16-sep	Tefé - Amazonas	Não
17-sep	Pinheiros - Maranhão	Não
23-sep	Cacoal - Rondônia	Não

²⁸ <http://g1.globo.com/platb/innoar/>. Acesso em 02 de março de 2011,

Data	Cidade	Cita a Amazônia
28-sep	Paraíso do Tocantins - Tocantins	Não
01-oct	Entrevista (Final)	Não

5.3.3.2. Jornal da Record:

O Jornal Nacional durante este período apresentou 08 reportagens sobre a Amazônia distribuídas em quatro Séries especiais. Destas três citam diretamente a Amazônia. Tratam-se de dois episódios da Série Infância em perigo e de um da Série Desafios do Brasil.

- a) *Em busca do Ouro*: Esta série de reportagens mostra a revalorização do ouro internacionalmente e o que isso significa no Brasil. Entre as cinco reportagens duas mostraram o garimpo de Serra Pelada, outras as ovas tecnologias de exploração do ouro e o uso do metal também em outras áreas como energia e medicina. As duas reportagens feitas no Pará foram realizadas por um repórter do Núcleo de rede local, mas não do Pará e sim do estado do Amazonas.

“Primeiro foi o dia 11 de setembro de 2001. Um dia trágico que entrou para a história. Perplexos, os investidores começaram a se voltar para o ouro, símbolo da fortuna ao longo de milênios. O metal se valorizou de novo, sete anos depois, novo impulso. A crise financeira de 2008 aumentou ainda mais o preço do ouro. Em todo o mundo velhas minas foram reativadas. E os homens e as mulheres que vagavam sem esperança ao seu redor, viram no horizonte sinais, talvez, de tempos melhores. O ouro voltou a brilhar como antes”²⁹, conta o repórter na primeira reportagem da Série.

A primeira notícia foca na reabertura de Serra Pelada. Desta vez ao invés das imagens quase bíblicas de homens trabalhando na terra, as máquinas serão as principais responsáveis pelo garimpo. “O novo garimpo de Serra Pelada vai ser parecido com aquelas antigas minas de filmes famosos e das notícias de tragédia na TV. Para reduzir os riscos os túneis devem ser abertos com uma máquina conhecida como tatuzão, utilizado no metrô de São Paulo. E mais tarde, durante o funcionamento do garimpo, os rejeitos voltarão a mina, numa tentativa de diminuir o impacto ambiental e reforçar

²⁹ Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 21 de junho de 2010.

a estrutura dos tuneis”³⁰. A população de Curionópolis, município onde se localiza Serra Pelada, no Pará, vê com descrença as promessas de que a reabertura da mina com mais tecnologia possa ajudar no desenvolvimento do município.

Na terceira reportagem da Série, a ganância trazida pelo ouro é o tema principal. As disputas pelo ouro em Serra Pelada eram sangrentas e o comando do comércio do metal precioso era dividido inclusive com o aval do governo federal. “Nos anos 80 a corrida do ouro acumulou dezenas de mortes, por doenças, por acidentes, mas também por ganância. E agora quando está para começar uma nova fase do garimpo, a cobiça reacende disputas sangrentas. Em 1980 quando o Garimpo de Serra Pelada começou o Brasil estava sem dólares, praticamente quebrado. O Banco central parou de publicar o boletim das reservas internacionais. O Ouro do Pará, se não salvou a pátria foi pelo menos um aval para o governo do General Figueiredo, o último presidente do regime militar. O garimpo era comandado pelo major Curió, oficial do serviço de informações que tinha combatido a Guerrilha do Araguaia. Em Serra Pelada todo dia se hasteava a bandeira e se cantava o hino, como num quartel. [...] Serra Pelada reviveu no Brasil a Saga do Ouro uma história de vida, fortuna, desgraça e morte”³¹.

- b) A nova classe média: De 06 a 10 de setembro o Jornal da Record exibiu uma Série de reportagens sobre o modo de vida da nova classe média, que tem renda mais baixa do que o que se esperava da classe média há alguns anos atrás, mas “dá um jeitinho de ter acesso a crédito mesmo assim”³² e também tem cultura e gostos próprios. No dia 8 de setembro foi ao ar a reportagem sobre a nova Cultura musical da classe média marcada por ritmos e cantores foram do mercado fonográfico nacional como o tecnobrega e o forró.

Em Belém o destaque foi para as festas de aparelhagens e a distribuição de músicas direto aos camelôs, contornando a indústria fonográfica, assim como a extravagância das roupas, acessórios e luzes. “Mistura isso com a nossa coisa Amazônica, da nossa música, do nosso carimbó, da nossa floresta, do nosso índio digital, das cidades, e surge essa mistura louca que

³⁰ Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 21 de junho de 2010.

³¹ Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 23 de junho de 2010.

³² Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 8 de setembro de 2010.

faz o povo tremer.(...)”³³, explicou a cantora Gaby Amanrantos, sobre o tecnobrega. No comentário final a apresentadora diz que esta nova cultura “não ter vergonha de reforçar uma cultura que sempre foi tachada de periférica, porque, afinal, hoje ela é da maioria”³⁴.

- c) *Desafios do Brasil*: A Série mostra os desafios que os novos governantes brasileiros terão em 2011. Ela foi elaborada com 18 reportagens divididas em seis episódios sendo que cada um deles conta com três partes, gravadas em lugares diferentes do país. Os episódios que foram ao ar nos dias 15, 16, 17, 22, 23 e 24 de setembro, ou seja, de quarta a sexta.

A reportagem a respeito da saúde pública no país é dividida em três partes. Abre com a espera em São Paulo, onde as filas são virtuais, uma vez que os atendimentos são agendados, porém se demora meses para conseguir exames e consultas. A segunda parte fala sobre o atendimento em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e como os pacientes vindos do interior para a capital sobrecarregam os hospitais públicos. A reportagem é concluída mostrando o caos no atendimento no interior do estado. O exemplo é o município de Bonito, no Pará. Onde os 12 mil habitantes têm a disposição apenas cinco médicos clínicos gerais. Cada reportagem é realizada pelo correspondente local³⁵.

No episódio sobre o acesso ao mercado de trabalho, a primeira parte a falta de trabalhadores jovens em Uberlândia, Minas Gerais. A seguir a falta de oportunidades de emprego em Salvador-Bahia e por fim, as dificuldades adicionais dos jovens de Manaus. Nesta parte da reportagem é mostrada uma personagem que vive em uma comunidade isolada na margem de um rio e que participa de um projeto sobre plantas medicinais que lhe garante uma bolsa de estudos e a promessa de uma fonte de renda quando terminar os estudos. “Lugar sem formação de jovens para o mercado de trabalho, nem formação para o primeiro emprego, assim é a comunidade ribeirinha onde Marinete mora. [...] O caminho de Marinete é longo, assim como de muitos jovens brasileiros de poucos recursos, só que este desafio tem uma

³³ Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 8 de setembro de 2010.

³⁴ Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 8 de setembro de 2010.

³⁵ Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 15 de setembro de 2010.

dificuldade a mais. A adolescente precisa viajar de barco em busca das oportunidades”³⁶.

- d) *Infância em Perigo*: Entre os dias 4 e 9 de outubro, o JR exibiu a Série Infância em perigo denunciando a exploração e o abandono de crianças e adolescentes entre 5 e 15 anos no país. A primeira reportagem sobre a Amazônia, que foi ao ar dia 6 de outubro, fala sobre a venda de pacotes turísticos, nos quais estrangeiros aliciam menores em barcos de luxo de Manaus. Adolescentes da periferia da cidade, ribeirinhas e até moças de origem indígena estão entre as vítimas. Segundo as autoridades locais a pobreza e a falta de acesso a educação deixa estas jovens ainda mais frágeis diante deste tipo de crime.

No dia 8, o Amazonas e a Amazônia são novamente cenário de outra denúncia contra a infância. Crianças trabalham com facões para a produção de espeto de churrasco. Um trabalho intenso, perigoso e mal remunerado. Mas o repórter explica: “A visão da produção e espetos não é abusar dos filhos, mas transmitir o conhecimento de uma atividade que há mais de 40 anos sustenta as comunidades”³⁷ (...) E completa: “Estamos numa área de proteção ambiental próxima ao Arquipélago das Alhadianas, um tesouro da biodiversidade brasileira. As leis protegem a mata, os peixes e os bichos, mas as pessoas precisam se virar. Muitas vezes burlando a legislação”³⁸.

5.3.4. Núcleos de Rede

Os núcleos de rede são os departamentos das emissoras filiadas e afiliadas das redes nacionais responsáveis por produzir conteúdos com vista a divulgação nacional. As equipes dos Núcleos de rede são compostas por profissionais que, embora trabalhem cotidianamente nas redações dos telejornais locais, se dedicam a produções ou apurações de conteúdos exclusivos para a divulgação nacional. Quando um assunto é encaminhado para a produção do núcleo de rede ele só poderá ser abordado pelo jornalismo local após a divulgação no telejornal ou programa nacional para o qual ele foi produzido.

Estas equipes podem ser compostas por:

³⁶ Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 16 de setembro de 2010

³⁷ Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 8 de outubro de 2010

³⁸ Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 8 de outubro de 2010

- a) *Um produtor de rede*: profissional que propõe temas a serem abordados, seleciona os entrevistados, marca as entrevistas, reúne informações prévias sobre os assuntos e temas das matérias e cuida da parte operacional das reportagens como organização de viagens, por exemplo.
- b) *Editor de texto*: profissional responsável por ajudar o repórter a organizar as informações num texto jornalístico. É ele quem sugere alterações no texto, incluindo supressões e acréscimos. Também é este jornalista que seleciona os trechos de falas dos entrevistados que serão utilizados em cada notícia ou reportagem.
- c) *Um repórter de rede*: profissional que vai as ruas para entrevistar, ver os acontecimentos e sintetizar os assuntos em textos jornalísticos;
- d) *Um repórter cinematográfico*: responsável por registrar as imagens dos acontecimentos e entrevistados para compor as notícias e reportagens.
- e) *Um auxiliar de cinegrafia*: profissional que sela pela qualidade da iluminação e som durante a captura de imagens e que está apto a substituir o repórter cinematográfico, se necessário.
- f) *Um editor de imagem*: profissional que faz a seleção e hierarquização das imagens que serão utilizadas sob o texto jornalístico.

Os Núcleos de rede do Estado do Pará são os mais antigos instalados na Região Norte do País e desempenham entre as emissoras da região uma liderança em relação ao número de inserções na grade de programação nacional³⁹. As equipes dos Núcleos de rede da TV Liberal (Afiliada da Rede Globo) e da TV Record-Belém (Filiada da Rede Record) são compostas por um repórter de rede, um repórter cinematográfico, um auxiliar de cinematografia e um produtor que também acumula as atividades de editor de texto. Nenhuma das duas equipes pesquisadas possui um editor de imagens próprio. Sendo que as matérias produzidas por eles são editadas com profissionais que atuam no telejornalismo local e são escolhidos segundo a disponibilidade no momento da edição dos conteúdos.

Há três tipos de reportagens que podem ser produzidas por um núcleo de rede local:

- a) *Iniciativas*: São as reportagens e notícias que foram sugeridas pelos integrantes do Núcleo de rede local;

³⁹ O que foi confirmado por dados empíricos da presente pesquisa a serem apresentados nos capítulos V e VI.

- b) *Demandadas*: Tratam-se de temas abordados a pedido de programas/telejornais específicos da sede da rede;
- c) *Participações*: São as notícias e reportagens que, mesmo sendo produzidas por profissionais da rede nacional, contam com a colaboração de integrantes (não da equipe completa) de membros do Núcleo de rede local.

Na TV Liberal, em Belém, a rotina de produção e conteúdos com vista a divulgação no Jornal Nacional, geralmente privilegia o turno da tarde. Ou seja, o produtor do núcleo de rede que atua a tarde trabalha para o Jornal Nacional e o Jornal da Globo, enquanto seu colega que atua no turno da manhã atende ao Bom dia Brasil e o Jornal Hoje. Na TV Record acontece justamente o contrário: o produtor do turno da manhã volta-se para os telejornais da noite (Jornal da Record) e o produtor da tarde para o telejornalismo do turno seguinte (Fala Brasil). Esta diferenciação de horários de produtores/editores, no entanto, não ocorre para os repórteres e auxiliares de cinegrafia, que não possuem um turno específico de trabalho e ficam 24h a disposição para realização de reportagens e notícias.

Na TV Liberal, diariamente, as 9h e as 15h, ocorrem reuniões de caixa, momento em que todas as emissoras afiliadas e os produtores do telejornalismo da Rede Globo se reúnem virtualmente por meio de uma espécie de sistema de rádio no qual os envolvidos podem falar e ouvir a todos os demais. Na TV Record, estes encontros ocorrem as 10h30 e 17h. Nas reuniões de caixa cada Núcleo de rede expõe os assuntos factuais que podem merecer cobertura e comunicam se possuem alguma reportagem produzida que possa ir ao ar naquele dia ou nos próximos. Neste momento, pode ocorrer uma espécie de negociação sobre temas, abordagens, prazos e viabilidade de produzir determinada notícia. As sugestões são pré-selecionadas e levadas até os editores dos telejornais específicos, no caso analisado, do Jornal Nacional, que imediatamente comunicam se possuem ou não interesse na informação. Durante esta reunião interna, pode ocorrer uma segunda rodada de negociações sobre a publicação e tratamento dado as informações. Os editores fazem perguntas sobre o tema e discutem se ele deve ou não entrar na grade e que dimensão ou tratamento ele terá.

Com a adoção de equipamentos e redes via satélite, as redações locais e nacionais podem enviar arquivos e notícias em geral cada vez mais rapidamente. Por isso, dependendo da negociação com o telejornal naquele dia, a reportagem ou notícia editada pode ser enviada para o Jornal Nacional, mesmo quando o programa já está no ar. Esta forma de comunicação e troca de dados tende a se intensificar graças a adoção da tecnologia da TV Digital, uma vez que as imagens já são capturadas em formato que

facilita sua transmissão com grande velocidade e sem perda da qualidade de som e imagens.

O processo acima descrito também é válido para a rotina de produção do Núcleo de rede da TV Record. Porém a produção para o Jornal da Record inicia pela manhã. A reunião de caixa ocorre as 10h30 da manhã. Caso a notícia seja aprovada, o repórter começa a gravar a matéria por volta das 11h30 a fim de tentar concluir todo o processo de produção e edição da notícia até o início do Jornal da Record, porém, preferencialmente, até as 17h.

Ao contar sobre o “Modo de fazer“ do JN, o atual editor-chefe do programa diz que mesmo uma notícia muito importante deve sempre ser vista dentro do todo com base no número de fatos igualmente importantes e na cobertura e abrangência que cada tema deverá ter, as decisões sobre as matérias enviadas pelos Núcleos de rede são tomadas⁴⁰. Segundo ele, as matérias não factuais geralmente são negociadas fora da reunião de caixa. Nas reuniões apenas é atualizado o andamento da produção destas matérias. “Hoje, a reunião de caixa serve primordialmente para atualizar previsões, não para discutir pautas”⁴¹. A equipe de produtores de rede é quem mantém contato direto com os Núcleos de rede e submete as sugestões aos editores-chefes de cada telejornal, inclusive do JN, mantendo, assim, também o controle para que notícias não-factuais não sejam repetidas pelos telejornais da emissora.

Não foram localizadas publicações semelhantes a respeito das rotinas de produção do Jornal da Record.

Em seu livro, o jornalista do JN conta ainda que os critérios primários para seleção de temas para cada edição do telejornal são a abrangência, a gravidade das implicações do fato, o caráter histórico, o peso do contexto (importância relativa de uma notícia quando comparada as demais que também são candidatas a publicação naquele dia) e a relação com o todo (conjunto de matérias não factuais que podem estar relacionadas em maior ou menor medida com as factuais em cada edição). Estes critérios definem se um tema será ou não abordado pelo telejornal. Já o que ele chama de critérios secundários definem como cada tema será tratado pelo telejornal: a complexidade do tema que pode requerer ou não a presença de um repórter ou de recursos gráficos e o tempo disponível para divulgação de cada informação, quando sua importância é comparada a das demais matérias do dia.

⁴⁰ BONNER, William. *Jornal Nacional Modo de Fazer*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009, p.102.

⁴¹ BONNER, William. *Jornal Nacional Modo de Fazer*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009, p.81.

Essas seriam as “regras” que inspirariam as decisões para seleção e tratamento de conteúdos no Jornal Nacional, apesar disto durante as rotinas sempre há margem para negociações em relação a estas decisões.

E se, por infelicidade, o ‘não, não cobriremos este assunto’ for um equívoco, o Jornal Nacional poderá ser salvo por seus mecanismos internos de proteção. O produtor que ouviu o ‘não’ poderá contra argumentar. E seu colega da emissora responsável pela oferta do tema ao JN [do Núcleo de rede]. E também um repórter dessa emissora, ao tomar conhecimento de que o assunto para o qual se preparava foi rejeitado. E editores, nessas emissoras ou no próprio JN (BONNER, 2009, p. 131).

Após a decisão e os encaminhamentos negociados com o JN, o produtor do Núcleo de rede local organiza os detalhes para a cobertura da matéria ao levantar informações prévias, marcar entrevistas e locações e avisar aos demais membros da equipe o horário e detalhes das filmagens do dia. A equipe, então, captura as imagens, grava as entrevistas, o repórter rediz o texto e o revisa com o produtor/editor e ainda grava a narrativa dos eventos. O produtor/editor vai para a ilha de edição e “monta” a notícia selecionando imagens e falas segundo as indicações do texto.

A reportagem ou notícia a ser enviada para os telejornais, tanto o JN, quando o JR, são enviadas já editadas. O acréscimo de recursos como trabalhos gráficos ou imagens, bem como a supressão de entrevistas ou partes do texto da narrativa do repórter podem ocorrer, mas estes “desentendimentos” são raros, segundo relato de William Bonner, uma vez que a linha editorial dos telejornais é amplamente absorvida pela equipe que atua em todas as fases da seleção, produção e edição de conteúdos. “‘Mas a coisa já funciona quase por música’ [Carlos Henrique Schroder]. A música a que se refere o diretor da DGJE é o respeito geral, nos telejornais, a uma linha editorial absolutamente clara, enraizada em todo o processo de construção dos programas e compartilhada pelas equipes” (BONNER, 2009, p. 57). Esse respeito geral que gera uma espécie de consenso que diminui a ocorrência de desentendimentos sobre o que deve ou não ser abordado pelo telejornal nacional e que tratamento deve ser dado a informação oriunda de um Núcleo de rede, por exemplo.

O editor-chefe do JN também defende o modelo de rede nacional mantido pela Rede Globo que garantiria uma espécie de descentralização da produção de conteúdos com vista a divulgação nacional. “(...) Esse mesmo cidadão, ao acompanhar um telejornal da Rede, como o JN, terá informações de cada canto do Brasil trazidas por profissionais da região mostrada. Jornalistas que conhecem o lugar, sua gente, suas carências e suas riquezas. A filosofia que norteia a estruturação a Rede Globo explica em grande parte a

capilaridade abrangente do nosso telejornalismo – e do Jornal Nacional” (BONNER, 2009, p. 33).

Sobre a natureza do que convencionou adjetivar de uma rede nacional de televisão, Manuel Dutra reflete a respeito do sentido atribuído a esta classificação. O autor questiona se os conteúdos jornalísticos produzidos sob o modelo de redes nacionais de fato abrem espaço para mostrar o local, insendo-o no processo produtor de sentido, ou se a abrangência nacional se restringe a capacidade tecnológica de penetrabilidade do sinal e as características de localização apresentadas não seriam apenas um disfarce para “contextos e coerções sociais que determinam as condições de produção das redes nacionais” (DUTRA, 2010, p. 4).

O autor apresenta como hipótese a existência de Brasis, sob os discursos que se evocam a classificação de nacional. Ao invés de um país do qual se fala e para o qual se fala, os textos jornalísticos das redes nacionais de televisão falariam uma distinção ao apresentar, de um lado, um Brasil urbano e moderno, cultura e territorialmente mais próximo da sede das emissoras que ocupam a liderança das redes (localizadas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro); e de um outro lado, um Brasil distante, relativamente estranho, exótico e estereotipado. Esta diferenciação, no texto, exemplificada por meio de discursos transmitidos nacionalmente em uma telenovela (O Clone) e em um programa de variedades (Mais Você), estabelece uma clara oposição entre um “nós” e um “eles”, no qual a Amazônia seria parte desse “eles”, por tanto, suas representações expressas em suas reportagens e notícias, seriam marcadas pela alteridade e não pela identificação dos emissores.

O termo *regionalização* se localiza mais no campo político e a simples idéia de incluir textos *locais* no âmbito das programações das emissoras afiliadas, em todos os Estados, não satisfaz a análise científica, haja vista as emissoras afiliadas obedecerem às gramáticas de produção das cabeças de Redes. (...) A questão a investigar é se, ao cobrirem temas localizados no âmbito físico de abrangência de seus sinais magnéticos, aqueles dispositivos buscam, de fato, cumprir uma nova gramática produtiva, ou se procuram tão-somente, seguir localmente as regras dos manuais de produção de suas patrocinadoras maiores. Nossa hipótese é que as produções *regionalizadas* falam uma linguagem também *nacional*, com o intuito de mostrar a sua *região* aos espectadores que lhe são fisicamente próximos, no entanto, empregam uma linguagem *nacional*, por meio da qual possam ter seus produtos aceitos pelos produtores das cabeças de rede e ver seus programas ocasionalmente inseridos nas mídias de abrangência *nacional*. Dessa forma, simulariam um falar *regional*, seguindo ao mesmo tempo as coerções dos lugares-de-fala das cabeças de Redes (DUTRA, 2011, não paginado).

Ainda segundo o autor, a lógica de imposição hegemônica das elites locais aproxima sua visão das demais partes da população regional periférica daquela evocada

pelas redes nacionais. Apenas quando símbolos ou representações que referenciam elementos da identidade destas elites categorizando-os como iguais aos dos índios, povos tradicionais e caboclos é que, essas elites locais reagem e questionam as representações da Amazônia presentes nos discursos das redes nacionais.

Isso porque as elites *locais* percebem os segmentos populares com visão idêntica ou muito próxima àquela visão das elites *nacionais*. Quando a televisão reitera pré-construídos e aplica a política do silêncio, por exemplo, aos índios, aos ribeirinhos, trabalhadores rurais, povos da floresta, as elites *regionais* assumem a mesma posição de quem cede a palavra para calar, de quem mostra para ocultar, de quem introduz os subalternos na cena midiática para recolocá-los, de modo recorrente, nos mesmos lugares-de-fala reservados historicamente aos subalternos (DUTRA, 2011, não paginado).

Nesta pesquisa, delimita-se como objeto de análise as definições de Amazônia expressas nos telejornais “Jornal Nacional” (JN) e “Jornal da Record” (JR), transmitidos respectivamente, pela Rede Globo e pela Rede Record de Televisão, buscando nas referências diretas e indiretas a região, presentes nas notícias e reportagens, as principais representações sociais sobre este lugar existentes nestes textos jornalísticos e observando ainda a diferenciação entre estas definições conforme a origem das informações, ou seja, comparando as definições sobre a Amazônia quando as notícias são produzidas dentro ou com a participação direta de Núcleos de Rede locais, com aquelas produzidas fora da região/sem a participação dos NR.

Como estratégia para observar este objeto buscou-se a análise de quatro parâmetros: Os conceitos de Amazônia adotados nas notícias e reportagens do recorte metodológico; a relação semântica de cada estado pertencente a região com a Amazônia; os temas segundo os quais são evocadas as representações sobre a região e a diferença entre as notícias e reportagens segundo a participação ou ausência dos NR no seu processo produtivo.

Quando nos voltamos para observar quem são os representantes do “povo”, ou seja, aqueles entrevistados nas matérias que personalizam o telespectador ou o homem comum, há um predomínio de duas representações dos amazônidas: a primeira é majoritariamente voltada para temas urbanos e mostra pessoas desfavorecidas econômica e socialmente, moradores de áreas periféricas ou profissionais que em sua maioria possuem postos de trabalho com remuneração baixa; a segunda é dos exóticos/estranhos, ou seja, povos tradicionais, populações indígenas e migrantes nordestinos que são os “amazônidas de hoje”. Estas informações aparentemente confirmam o que refletia Manuel Dutra a respeito de uma espécie de marginalização dos amazônidas em relação as elites locais e

nacionais nos textos jornalísticos analisados. Este tema será retomado no capítulo VI do presente estudo.

6. DELIMITAÇÕES DA AMAZÔNIA NA TV

6.1. CONCEITOS DE AMAZÔNIA:

Das 101 matérias do Jornal Nacional (JN) e do Jornal da Record (JR) nas quais aparecem referências a acontecimentos ocorridos dentro da região Amazônica, apenas 31 citam diretamente este vocábulo. As outras 70 notícias e reportagens apenas se localizam dentro da região, porém não citam diretamente a palavra “Amazônia”, embora os temas tenham se passados em lugares (cidades, estados, regiões) apontados pelos telejornais como pertencentes a esta região. Entre as 31 informações que citam explicitamente a Amazônia, 19 foram exibidas no Jornal da Record e 12 no Jornal Nacional.

Tabela 5 - Matérias em relação a nomeação da Amazônia

	JN	JR	Total
Matérias que citam a Amazônia	12	19	31
Matérias que apenas referenciam a Amazônia	34	36	70
Total	46	55	101

6.1.1. Jornal Nacional:

Das 12 matérias que foram ao ar no período analisado e que citam diretamente a Amazônia, quatro foram produzidas a nível local sendo que duas foram feitas no Amazonas, uma no Pará e uma no Mato Grosso. Outras seis foram produzidas pela “cabeça de rede” no Rio de Janeiro e duas foram realizadas pelos jornalistas de Brasília.

6.1.1.1. Julho:

Em *julho*, as reportagens produzidas em Brasília adotam o conceito de “Floresta Amazônica”, “Bacia Hidrográfica” e de “Amazônia Legal” ao comentar a aprovação do Código Florestal Brasileiro em uma Câmara Especial do Congresso. O embate entre ambientalistas e ruralistas tentava mudar as propostas sobre reservas ambientais, multas por desmatamento e áreas de preservação ambiental no interior das propriedades. O texto cita a Amazônia como Amazônia Legal e diz que as regras se aplicam para pequenas propriedades com menos de cem hectares. Segundo o novo texto, estas estão dispensadas de manter a reserva, mas devem preservar a mata nativa remanescente sendo que os percentuais são e 80% na Amazônia, 35% no Cerrado e 20% na Mata Atlântica.

Sobre o desmatamento, as multas aplicadas até julho de 2008 estariam dispensadas e seriam suspensas as autorizações para novos desmatamentos por cinco anos após a aprovação da lei. Outra decisão foi a redução da área de preservação as margens dos rios com até 5 metros de largura. Passou de 30 para 15 metros a distância mínima entre as plantações e o leito do rio.

Para os ambientalistas a decisão foi um retrocesso: “É uma anistia para crimes ambientais e ocupação irregular de terras”⁴², afirmou o líder da ONG *SOS Mata Atlântica*. Já os ruralistas diziam que vão batalhar para diminuir a área de preservação em médias e grandes propriedades. O texto ainda deve passar por votação na Câmara e no senado, mas apenas em 2011.

Os jornalistas do Rio de Janeiro produziram cinco reportagens para a Série “Amazônia Urbana”, que se dedica a mostrar as cidades da região e o desafio do crescimento urbano com desenvolvimento sustentável. A Série foi ao ar em julho. O repórter responsável por estas reportagens, no início da Série, explica que utilizará o conceito de Amazônia Legal, mas que se referirá apenas a quatro capitais amazônicas, no caso: Belém (Pará), Manaus (Amazonas), Porto Velho (Rondônia) e Rio Branco (Acre). Todas estão também localizadas na Região Norte o que, na Série, faz com que a Amazônia Legal e a Região Norte sejam tratadas como sinônimos. A Série evoca outros dois conceitos de Amazônia. Além do já comentados, também cita a “Floresta Amazônica” e a “Amazônia Urbana”, conceitos colocados ora como aliados, ora como concorrentes na luta pelo desenvolvimento sustentável.

6.1.1.2. Setembro:

Já no mês de *setembro*, a equipe do Rio de Janeiro também foi a responsável pela produção de uma reportagem no Mato Grosso que integra a Série “JN no ar”, na qual na qual uma equipe de profissionais do Jornal Nacional visitou uma cidade em cada unidade da federação (26 estados e o distrito federal. Além dos sete estados da Região Norte, a equipe de jornalistas também visitou uma cidade ao norte do Mato Grosso que foi classificada como pertencente ao Centro-Oeste, mas que está dentro dos limites da Amazônia Legal. O que é explicitado pelo prefeito da cidade de Colíder no meio da reportagem. “Repórter: ‘Preservar nunca foi uma preocupação para Colíder. O cálculo varia mas eles derrubaram entre 70 a 80% das matas nativas. (...). Prefeito: ‘Quem fez este

⁴² Notícia exibida no Jornal Nacional no dia 06 de julho de 2010.

estrago no passado também não fez isso por maldade. Forma pessoas que foram trazidas para colonizar esta região e o próprio INCRA instruiu que devia derrubar, que quem derrubasse teria a posse da terra”⁴³.

Entre as notícias produzidas por Núcleos de rede locais, duas são oriundas do estado do Amazonas. A primeira exibida em 14 de agosto fala sobre a visita de Marina Silva, então candidata a presidência da república, a Manaus, capital do estado e utiliza o conceito de “Floresta Amazônica”. A repórter conta que Marina Silva participou do Fórum Amazônia Sustentável e prometeu “retomar as estratégias de desenvolvimento regional que adotou quando foi ministra do Meio Ambiente” e “sobre a Amazônia reafirmou que o crescimento econômico deve estar aliado a preservação ambiental. ‘É necessário ponte, é necessário estrada, é necessário hidrovias, mas fazendo com sustentabilidade’”⁴⁴, concluiu a candidata.

A segunda notícia foi ao ar no dia 11 de setembro e mostra a estiagem nos rios do estado do Amazonas, sendo que vários municípios estavam em estado de alerta. “É a pior seca já registrada na parte da Amazônia, onde o Brasil faz fronteira com o Peru e a Colômbia. (...). Mais de três mil famílias ribeirinhas foram afetadas pela estiagem deste ano. Luciana, vizinha do Rio Solimões, agora tem de caminhar mais de meia hora para conseguir água para os três filhos. Há um ano chove menos que o esperado nas cabeceiras dos grandes rios da Amazônia por causa do aquecimento do Oceano Pacífico, o fenômeno conhecido como El Niño. Os rios já estavam com níveis muito baixos e para piorar a época das secas chegou muito cedo.(...)”⁴⁵. O texto privilegia o conceito de “Bacia Hidrográfica” contando sobre a seca dos rios da região e como estes veios d’água fazem falta no cotidiano da população local.

A notícia produzida pelo Núcleo de rede do Mato Grosso fala sobre a visita do também candidato a presidência, José Serra, a cidade de Sinop no dia 23 de setembro. José Serra comentou a importância da criação de uma força tarefa nacional, uma defesa civil nacional, para combater, prevenir e agir em casos de desastres naturais como inundações e queimadas. Naquele mesmo mês, alguns dias antes da visita, uma das queimadas no estado do Mato Grosso atingiu uma área urbana e destruiu indústrias, comércio e também bairros residenciais. Assim, as queimadas na “Floresta Amazônica” são o tema da visita. No

⁴³ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 13 de setembro de 2010.

⁴⁴ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 14 de agosto de 2010.

⁴⁵ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 11 de setembro de 2010.

entanto, ao identificar a região atingida como “amazônica” fica implícito o uso também do conceito de “Amazônia Legal”.

Por sua vez, a notícia produzida pelo Núcleo de rede de Belém, capital do Pará, fala também sobre a visita de Marina Silva, em campanha, no dia 28 de setembro à cidade e privilegia o conceito de “Floresta Amazônica” e sua preservação e a “Amazônia Urbana” que deve crescer com sustentabilidade. A candidata a presidência apresentou propostas para o desenvolvimento econômico da região no Mercado do Ver-o-Peso, “o mais tradicional da capital paraense”. “Repórter: As propostas pretendem aumentar a industrialização, na própria Região Norte, dos recursos naturais da Amazônia, gerando emprego e desenvolvimento. Marina Silva: Agregar valor e tecnologia e agregar valor a nossa matéria-prima [...] e gerar empregos sem destruir a Floresta”⁴⁶.

Quadro 5- Temas que citam a Amazônia no JN

Jornal Nacional		
Mês	Nº de notícias	Temas
Junho	07	Código Florestal Brasileiro; Série “Amazônia Urbana”.
Agosto	05	Visita de Candidatos ao Amazonas, Pará e Mato Grosso; Série “JN no ar” Mato Grosso; Estiagem nos rios do Amazonas.

6.1.1.3. Conceito de Amazônia no JN:

As notícias e reportagens que foram produzidas fora dos estados amazônicos não contam com a participação dos Núcleos de rede. Por outro lado, as que foram produzidas nas unidades da federação que pertencem a Amazônia Brasileira foram elaboradas a partir dos Núcleos de rede locais.

No que diz respeito aos conceitos de Amazônia evocados nas notícias e reportagens em geral, há uma predominância da apresentação da região como “Floresta Amazônica”, presente em 11 das 12 matérias. Outros conceitos que são evocados no telejornal, conforme a quantidade de vezes em que eles são apresentados são os de “Amazônia Legal”, definida como nove estados brasileiros (unindo a Região Norte e parte do território dos estados do Maranhão e do Mato Grosso); “Amazônia Urbana”, definida como as cidades tipicamente amazônicas; “Região Norte”, que reúne os estados do Amazonas, Acre, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins; e “Bacia Hidrográfica”.

⁴⁶ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 28 de setembro de 2010

Quadro 6- Conceitos de Amazônia no JN

Conceito de Amazônia	Nº de referências
Floresta Amazônica	11
Amazônia Legal	9
Amazônia Urbana	6
Região Norte	6
Bacia Hidrográfica	3

6.1.2. Jornal da Record:

No que diz respeito aos conceitos de Amazônia utilizados, nas 19 matérias do Jornal da Record que citam diretamente a região, há uma predominância de reportagens e notícias produzidas com a participação de Núcleos de rede locais (em 14 das 19 matérias). Mesmo em duas notícias que tratam de assuntos que se passavam majoritariamente fora da região, os Núcleos de rede locais contribuíram com o envio de entrevistas e imagens específicas.

6.1.2.1. Julho:

Em *julho*, das cinco matérias que citam diretamente a região, quatro foram produzidas por Núcleos de rede locais, sendo duas paraenses, uma amazonense e uma produzida parcialmente pelo Pará e pelo Amazonas. Há ainda uma reportagem que cita Rondônia como um lugar da “Selva Amazônica”, mas que foi produzida em São Paulo.

No dia 19 de julho foi exibida uma notícia sobre a “falta de médicos na Amazônia”, denunciando o caso de uma menina que recebeu um tiro na cabeça e, ainda assim, peregrinou por quatro hospitais antes de ser aceita, devido a falta de neurocirurgiões. A Secretária Estadual de Saúde diz que faz concursos para contratar neurocirurgiões, mas as vagas nunca são preenchidas por falta de candidatos. Ao todo há apenas 334 neurocirurgiões no estado o equivalente a um para cada 206 mil habitantes. Esta é a primeira matéria onde Belém é referenciada como pertencente à Amazônia, como uma cidade amazônica. A “Amazônia Urbana” é o conceito principal da região que aparece na matéria.

No dia 20 de julho há duas reportagens que citam a região. A primeira foi produzida pelo Núcleo de rede do Pará e fala sobre um Programa do Governo federal intitulado “Terra Legal”, o objetivo é regularizar as terras na Amazônia. A região é definida como “Amazônia Legal” ao citar os estados beneficiados pela medida: Acre, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Maranhão e Tocantins. Ao todo a medida atingiria 173 mil

municípios. “Lotes de terra a preço de banana, literalmente, a preço de banana mesmo. Essa foi a medida tomada pelo governo para regularizar a posse da terra e combater a violência rural e o desmatamento na Amazônia”. Resume a apresentadora. “O Governo quer diminuir a violência gerada pela grilagem, regularizar as terras invadidas e evitar o desmatamento”⁴⁷, conta a repórter paraense.

Um pesquisador paraense do Instituto Homem da Amazônia (IMAZON) aparece no final da matéria comentando que este Programa, ao contrário, pode atrair mais gente para ocupar irregularmente a região em busca da posse definitiva da terra. O responsável pelo projeto, diz que para participar será preciso comprovar que se vive da terra com testemunhos, documentos, fotografias, etc., o que garantirá que ocupações recentes não sejam beneficiadas pela medida. Assim, são evocados na matéria tanto o conceito de Amazônia Legal, quanto o de Floresta Amazônica.

No mesmo dia a equipe de São Paulo produziu a reportagem sobre a criação de uma nova broca odontológica que, ao contrário das anteriores, é silenciosa, o que poderia evitar que crianças e demais pacientes desenvolvessem medo do dentista. “A novidade está sendo testada na *Selva Amazônica*. Estudantes e professores de Bauru estão usando a nova broca para atender famílias carentes em Rondônia”⁴⁸. Imagens do atendimento também em Rondônia são utilizadas assim como entrevistas com pacientes “amazônidas”, o que revela a participação do Núcleo de rede local na matéria.

No dia 23 de julho foi ar a notícia sobre a visita do presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Ricardo Lewandowski, ao estado do Amazonas para mostrar a nova tecnologia de envio da apuração dos votos via satélite, o que prometia acelerar o resultado das eleições 2010. “Muitos municípios na Amazônia não tem acesso a internet por banda larga e para que o voto destes eleitores seja conhecido logo, a justiça eleitoral conta com um sistema via satélite de transmissão de dados. [...] Integrar as cidades na floresta com Brasília vai levar apenas um minuto”⁴⁹, narra a apresentadora. “Por mais remota que seja a localidade, por mais afastada que esteja o eleitor, nos vamos buscar este voto”⁵⁰, garantiu o presidente do TSE. As imagens utilizadas na notícia mostram comunidades isoladas pela floresta e cuja saída e comunicações são realizadas por meio do rio, o que classifica a Amazônia a partir da “Floresta Amazônica” e da “Bacia

⁴⁷ Reportagem exibida no Jornal da Record em 20 de julho de 2010.

⁴⁸ Reportagem exibida no Jornal da Record em 20 de julho de 2010.

⁴⁹ Reportagem exibida no Jornal da Record em 23 de julho de 2010

⁵⁰ Reportagem exibida no Jornal da Record em 23 de julho de 2010.

Hidrográfica”. Até mesmo o posto do TSE para o envio dos dados está instalado em um barco.

A última reportagem produzida em julho tem duas partes, uma elaborada pelo Núcleo de rede do Pará e outra pelo Núcleo de rede do Amazonas e fala que, enquanto o resto do país está em pleno inverno, na Amazônia é verão. “Estrangeiros e brasileiros estão curtindo o verão na Amazônia. É que nesta época do ano naquela região do país. A estação mais quente vai de julho a novembro.”⁵¹ Começa a apresentadora.

Na parte que fala sobre o Pará o destaque são a praia de Salinas, perfeita para a prática de esportes radicais e com uma vida noturna agitada, e as praias de água doce. “O mais impressionante é que o rio faz ondas e, se a maré estiver cheia, as ondas no mar de rio, as ondas podem chegar até a um metro de altura”, conta na passagem de vídeo a repórter Vanessa Libório. Nesta parte da reportagem há destaque para o conceito de Bacia Hidrográfica.

No Amazonas o contato com o meio ambiente é o destaque. “Existem agências que trazem os turistas para lugares como este, bem perto da capital. Um refúgio no rio negro onde é possível entrar na água e brincar com os botos”⁵², conta o repórter manauara. “É uma imensidão. E a gente se sente tão em sintonia com a natureza aqui. É maravilhoso demais. É indescritível o que a gente sente quando chega aqui”, revela a turista na reportagem. O instrutor de esportes radicais praticado no Amazonas defende a proximidade com a “nossa região”⁵³: “O Wakeboard traz a pessoa para a natureza para conhecer um lado diferente,... conhecer os ribeirinhos. Conhecer a nossa região é bem legal”⁵⁴. Nesta reportagem, a parte de Belém privilegia a definição da região a partir de seus rios e águas em geral (Bacia Hidrográfica), na parte produzida pelo Núcleo de rede do Amazonas, além da Bacia Hidrográfica há destaque para a fauna da “Floresta Amazônica”.

6.1.2.2. Agosto:

Em *agosto* também a predominância de reportagens que citam a Amazônia produzidas por Núcleo de rede locais. A única reportagem produzida por jornalistas localizados fora da região vem de Brasília e comenta os números divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) que revelam a redução no desmatamento, mas o aumento expressivo das queimadas. Aqui a região, por meio de um mapa, é identificada

⁵¹ Reportagem exibida no Jornal da Record em 23 de julho de 2010.

⁵² Reportagem exibida no Jornal da Record em 23 de julho de 2010.

⁵³ Reportagem exibida no Jornal da Record em 23 de julho de 2010.

⁵⁴ Reportagem exibida no Jornal da Record em 23 de julho de 2010.

como “Amazônia Legal”, mas inclui a totalidade dos estados do Mato Grosso e Maranhão e não parcialmente como seria o conceito original, o que converteria este conceito no chamamos nesta pesquisa de “Amazônia Brasileira”. Os pesquisadores do INPE dizem que é cedo até mesmo para comemorar a redução do desmatamento porque os números podem estar disfarçando uma nova forma de desmatamento. Outros satélites devem ser colocados em órbita para mapear melhor propriedades com menos de mil hectares, que atualmente são pontos cegos do sistema de monitoramento. “A ocupação na Amazônia já não é mais uma ocupação de migração. É uma ocupação consolidada. As pessoas já estão lá. Em lugar de abrir grandes novas áreas, elas abrem uma pequena expansão da área que já existe”⁵⁵, diz o diretor do Instituto, Gilberto Câmara, preocupado com a “Floresta Amazônica”.

Das três matérias produzidas por Núcleos de rede locais, duas têm origem no Pará. A primeira, exibida em 07 de agosto, fala sobre a ação de piratas nos rios da Amazônia. Apesar disso, os crimes descritos e a ação da Polícia Federal no combate a este crime, no entanto, são exclusivas no estado do Pará. Apresentadora: “Um novo tipo de crime na região Amazônica está deixando os pescadores do Pará com medo de trabalhar a noite. Ladrões armados atacam os barcos que navegam nos rios que cortam o Estado”⁵⁶. A ação de piratas seria mais intensa na região da Ilha do Marajó. O conceito de Amazônia é o de Bacia Hidrográfica, mas também há uma “localização” da região, como se a mesma se restringisse as fronteiras do estado.

No Pará também foi produzida uma reportagem sobre “Casas Flutuantes”. Famílias abastardas da região montam verdadeiras casas em barcos no Pará para passar férias e veraneio. O período de agosto, destaca a repórter, é quando as praias nas margens dos rios alcançam sua maior extensão e quando os moradores resolvem se mudar para seus endereços fluviais. O conceito de Amazônia utilizado é o de Bacia Hidrográfica, mas na reportagem o estado do Pará é a única referência quando a palavra “Amazônia” é evocada.

No dia 19 de agosto o Jornal da Record exibiu a notícia do fechamento de aeroportos e cancelamento de voos no Amazonas devido a falta de visibilidade provocada pelas queimadas na “Floresta Amazônica”. Embora o fechamento apareça como localizado, é resultado de um fato (queimadas) de toda a Região Amazônica, segundo repórter. A apresentadora chama de Região Norte: “O excesso de fumaça provada pelas queimadas além de causar transtornos a população prejudica o funcionamento de

⁵⁵ Reportagem exibida no Jornal da Record em 9 de agosto de 2010.

⁵⁶ Reportagem exibida no Jornal da Record em 7 de agosto de 2010.

aeroportos na Região Norte”⁵⁷. Já o repórter fala em *Amazônia Legal*: “Uma camada de fumaça é trazida pelo vento das áreas destruídas pelo vento em todos os estados da *Amazônia Legal*”⁵⁸.

6.1.2.3. Setembro:

Em *setembro*, outras quatro matérias citam a Amazônia, sendo que duas delas foram produzidas pelos Núcleos de rede do Pará e do Amazonas e as outras duas por repórteres do Rio de Janeiro. No entanto, em uma destas últimas, há a participação do Núcleo de rede do Pará.

No dia 10 de setembro, o Núcleo de rede do estado do Amazonas fala sobre a estiagem nos rios da região. “O tempo seco deixa o nível dos rios da região amazônica muito abaixo o que dificulta o transporte de combustíveis”⁵⁹, diz a apresentadora. A reportagem mostra como o baixo nível dos rios está dificultando a chegada de etanol no Amazonas, Rondônia e Roraima. O conceito que predomina é o de Bacia Hidrográfica.

Uma ação do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) contra o desmatamento no Pará é o tema da notícia do dia 13, que cita a Amazônia como “Floresta” devastada. Como a localização da região aparece restrita ao solo paraense esta notícia também se classifica no conceito de “Amazônia paraense”.

Nos dias 20 e 24 equipes de jornalismo do Rio de Janeiro produziram reportagens que citam a Amazônia. A primeira fala sobre o combate ao narcotráfico no país e é dividida em duas partes. No início está a operação da polícia federal que apreendeu 300 mil quilos de maconha no Pará e mostra as plantações de maconha no interior da “Floresta Amazônica”. A segunda parte da notícia segue com a operação que capturou mandantes de uma quadrilha de narcotráfico que agia na Favela da Rosinha, no Rio de Janeiro.

No dia 24, a última reportagem da Série “Desafios do Brasil” dedicada aos maiores problemas dos brasileiros como saúde, educação, segurança e habitação, fala sobre como o país pode avançar investindo nas promessas do esporte nacional. Ao abordar a preparação para as olimpíadas sediadas no país, os repórteres de São Paulo e do Rio de Janeiro mostram entre as promessas de medalha jovens da Amazônia. O primeiro apresentado é o Delson Salles, boxeador, que começou a carreira em Roraima. Ao falar dele, os repórteres o localizam apenas em relação ao seu estado de origem. Depois, ao comentar sobre a

⁵⁷ Reportagem exibida no Jornal da Record em 19 de agosto de 2010.

⁵⁸ Reportagem exibida no Jornal da Record em 19 de agosto de 2010.

⁵⁹ Reportagem exibida no Jornal da Record em 10 de setembro de 2010.

canoagem, aparecem várias referências a região. “O Botafogo foi buscar na Amazônia um jovem remador que agora vive na beira da Lagoa Rodrigo de Freitas”⁶⁰. O rapaz explica “Sempre saía para passear em canoa regional mesmo”⁶¹. O narrador conta, então, que a carreira no esporte começou profissionalmente ainda na Amazônia. Um segundo remador, ainda mais jovem também é citado como quem “veio lá da Ilha do Marajó, no Pará”. O jovem conta: “Andava nas canoinhas só passeando”. A reportagem é concluída aconselhando o país a buscar novos talentos em todos os cantos da nação e dando como exemplo os jovens remadores da Amazônia ao afirmar que “ainda tem muito remador de talento por lá, é só procurar”⁶², afirmam juntos entrevistado e repórter. A matéria privilegia a definição da região como Bacia Hidrográfica.

6.1.2.4. Outubro:

No início de *outubro*, o Jornal da Record transmitiu seis matérias que citam diretamente a Amazônia. Três foram produzidas por Núcleos de rede locais (Pará e Amazonas) e todas falam sobre as temas relacionados as Eleições 2010. Entre as demais informações, duas fazem parte da Série “Infância em perigo”, que mostra a precariedade da vida de crianças em todo o país, e uma sobre os novos números do desmatamento. As primeiras foram produzidas por jornalistas do Rio de Janeiro enviados especiais à Amazônia. A segunda foi produzida em Brasília.

No dia 1º de outubro, o Núcleo de rede do Amazonas anunciava que a estiagem nos rios do estado poderiam afetar o resultado das eleições já que os rios são a principal via de transporte da região, e sem eles o número de abstenções poderia ser muito representativo. As autoridades locais pedem providenciais do governo federal e da justiça eleitoral a respeito das grandes distancias que deverão ser percorridas, agora, a pé. Os conceitos de Amazônia evocados são os de Bacia Hidrográfica e de Região Norte.

No mesmo dia, o Núcleo de rede do Pará falava sobre o reforço do exército durante o esquema de seguranças das eleições. O estado que recebeu o maior contingente de oficiais era o Pará. Na reportagem, o major Fábio Corbalo explica que “Temos situações aqui que o exército não enfrenta em outros estados, a necessidade de sair com maior

⁶⁰ Reportagem exibida no Jornal da Record em 24 de setembro de 2010.

⁶¹ Reportagem exibida no Jornal da Record em 24 de setembro de 2010.

⁶² Reportagem exibida no Jornal da Record em 24 de setembro de 2010.

antecedência em função das grandes distâncias, a deficiência na comunicação...”⁶³. A notícia adota o conceito de Floresta Amazônica.

Já no dia 4 de outubro, os jornalistas do Núcleo de rede do Pará foram os responsáveis pela notícia sobre o resultado das eleições em toda a Região Norte, cujo estado com maior colégio eleitoral era o Pará, daí a escolha sobre quem faria a matéria.

Entre as matérias produzidas fora dos estados amazônicos está o anúncio da redução do ritmo de crescimento do desmatamento na “Floresta Amazônica” no dia 8 de outubro. Na reportagem a Amazônia mostrada é a Amazônia Brasileira (legal com os estados do Maranhão e Mato Grosso inteiros). A principal vilã deste desmatamento são as queimadas que triplicaram em relação ao mesmo período do ano passado. Os campeões de desmatamento são os estados do Pará, Mato Grosso e Amazonas. A repórter também anuncia que os maiores registros de focos de queimadas estavam em Rondônia, Mato Grosso e Pará e que os incêndios são majoritariamente criminosos, segundo o Ministério do Meio Ambiente.

Nos dias 6 e 8 de outubro foram ao ar dois episódios da Série “Infância em perigo” que se passavam na Amazônia, ambos especificamente no estado do Amazonas. No dia 6, o tema era a exploração sexual de adolescentes no Amazonas por turistas estrangeiros. A reportagem mostra como turistas aliciavam e abusavam de adolescentes da periferia de Manaus, ribeirinhas e indígenas. Nesta matéria a região é definida a partir da Bacia Hidrográfica e da Floresta Amazônica.

Já no dia 8 de outubro, a denúncia é sobre o trabalho infantil nas comunidades localizadas às margens do Rio Negro, no Amazonas. As crianças e suas famílias produzem espetos para churrasco extraindo madeira ilegalmente de áreas de proteção ambiental onde atividades como pesca, agricultura, pecuária e extração madeireira são proibidas dificultando a sobrevivência das populações. Os conceitos de Amazônia são os de “Floresta Amazônica” e o de “Bacia Hidrográfica”.

Na passagem de vídeo, o repórter anuncia: “Estamos navegando nas águas do rio negro, quanto mais subimos o rio, mais ganhamos distancia de Manaus a capital do Amazonas. As margens existem povoados que ficam isolados porque o único meio de transporte daqui é o barco. Não recebem programas sociais nem serviços do governo. Em um deles encontramos crianças vivendo em uma situação dramática, num trabalho de alto

⁶³ Reportagem exibida no Jornal da Record em 1º de outubro de 2010.

risco”⁶⁴. A narração segue anunciando a dificuldade de promover a verdadeira sustentabilidade na região: “Estamos numa área de proteção ambiental próxima ao Arquipélago das Alhadianas, um tesouro da biodiversidade brasileira. As leis protegem a mata, os peixes e os bichos, mas as pessoas precisam se virar. Muitas vezes burlando a legislação”⁶⁵.

Quadro 7: Temas que citam a Amazônia no JR

Jornal da Record		
Mês	Nº de notícias	Temas
Junho	05	Falta de médicos; Broca silenciosa; Programa Terra Legal; Eleições 2010; Verão Amazônico.
Agosto	04	Piratas na Amazônia; Números do Desmatamento; Casas Flutuantes; Queimadas prejudicam aeroportos.
Setembro	04	Estiagem nos rios do Amazonas; Desmatamento no Pará; Combate ao Narcotráfico no Pará; Amazônia fornece atletas para Olimpíadas no Brasil.
Outubro	06	Estiagem nos rios prejudica eleições; Segurança nas eleições 2010; Resultado do Primeiro Turno; Números do desmatamento; Série “Infância em perigo”.

6.1.2.5. Conceitos de Amazônia no JR:

A participação dos Núcleos de rede nas reportagens e notícias que citam a Amazônia acontece mesmo quando a matéria trata de assuntos que se passam fora da região. Além disso, das 19 matérias, 12 foram produzidas por Núcleos de rede localizados em estados da “Amazônia”, especificamente Pará (8) e Amazonas (5).

Quanto ao conceito de Amazônia que predomina nas notícias divulgadas pelo telejornal no período a “Floresta Amazônica” está em 12 matérias; seguida pela “Bacia Hidrográfica”; Região Norte e Amazônia Legal/Brasileiras. Em duas reportagens produzidas pela cabeça de rede e sem a participação dos Núcleos de rede locais, o conceito de Amazônia Legal é confundido. Ao invés de considerar apenas parte dos territórios dos estados do Mato Grosso e Maranhão, os jornalistas consideraram como amazônicos a totalidade destas duas unidades da federação, misturando assim, o conceito de Amazônia Legal com o de Amazônia Brasileira.

⁶⁴ Reportagem exibida no Jornal da Record em 6 de outubro de 2010.

⁶⁵ Reportagem exibida no Jornal da Record em 6 de outubro de 2010.

Quadro 8: Conceitos de Amazônia no JR

Conceito de Amazônia	Nº de referências
Floresta Amazônica	12
Bacia Hidrográfica	9
Região Norte	3
Amazônia Brasileira	2
Amazônia Legal	3
Amazônia Urbana	1

6.1.3. Conceitos da Amazônia em matérias sem citação:

No recorte analisado, das 101 matérias que referenciam a Região Amazônica, 70 não a citam diretamente, apesar dos fatos se passarem ou se referirem a lugares identificados como pertencentes ao interior dos diversos conceitos de “Amazônia”. Em cada notícia ou reportagem foram consideradas todas as referências encontradas, por isso, o número de referências é muito superior ao das matérias as quais elas se referem.

6.1.3.1. Jornal Nacional:

Das 34 matérias que forma ao ar no período analisado e que referenciam, mas não citam diretamente a palavra “Amazônia”, 22 são produções externas e 12 são produções internas da Amazônia. Todas as matérias feitas dentro da região foram elaboradas por Núcleos de rede (NR) locais. Entre as matérias nacionais, 15 não tiveram a participação dos NR locais e das 22 reportagens, 21 forma produções do Rio de Janeiro.

Do total de matérias analisadas na pesquisa, 21 classificam a como “*Floresta Amazônica*”. Destas, 13 foram produzidas fora dos estados “amazônicos”, sendo 12 delas produzidas pela “cabeça de rede” no Rio de Janeiro e uma em Brasília. Das 13 notícias ou reportagens produzidas de forma externa a região, oito não contaram com a participação dos Núcleos de rede locais.

Em 19 matérias, A Amazônia é definida como “*urbana*”, sendo que 14 destas reportagens e notícias têm origem externa à região, 13 no Rio de Janeiro e uma em Brasília, e nove delas não contam com a participação dos Núcleos de rede locais. As cinco reportagens locais forma produzidas duas no Mato Grosso, duas no Pará e uma no Amazonas.

Dezoito notícias e reportagens definem a Amazônia como sinônimo da “*Região Norte*”. Quinze delas forma produzidas no Rio de Janeiro e uma em Brasília, sendo que nove delas sem a participação dos Núcleos de rede locais. As duas matérias produzidas por

estados amazônicos e que utilizam a Região Norte como Sinônimo de Amazônia vieram do Amazonas e do Tocantins.

Outras 10 matérias classificam a região como “*Bacia Hidrográfica*”, ou seja, a definem a partir de seus rios e veios d'água. Sete destas notícias e reportagens forma produzidas pela “Rede” sediada no Rio de Janeiro, com a participação do Núcleo de rede local em quatro inserções. As três matérias produzidas pelos Núcleos de rede locais são oriundas duas do Amazonas e uma do Pará.

Há ainda duas referências a Amazônia como “*região de fronteira*” As duas foram produzidas no Rio de Janeiro sem a participação de Núcleos de rede locais. Uma outra notícia se refere à Amazônia como o “*Eldorado*” e também foi produzida no Rio de Janeiro, pela “cabeça de rede” e sem a participação de jornalistas de estados identificados como amazônicos.

Quadro 9: Conceitos de Amazônia em matérias sem citação no JN

Conceito de Amazônia	Nº de referências
Floresta Amazônica	21
Amazônia Urbana	19
Região Norte	18
Bacia Hidrográfica	10
Fronteira Amazônica	2
Eldorado	1
Amazônia Legal	0

6.1.3.2. Jornal da Record:

Das 36 matérias que forma ao ar entre junho e outubro de 2010 e que referenciam, mas não citam diretamente o vocábulo “Amazônia”, há 32 notícias e reportagens que foram produzidas com participação dos Núcleos de rede (NR) locais, dos quais, 22 foram produções do Núcleo de rede do Pará. Neste período, nove matérias que se referem a Amazônia, embora não a citem, foram organizadas e executadas por jornalistas de fora da região, porém em seis delas, houve a participação de um NR local.

A referência a Amazônia mais frequente é a “Amazônia Urbana” com 21 ocorrências, sendo 17 produções locais e quatro exógenas (três delas com participações de NR locais). A segunda referência mais comum a região é a de “Floresta Amazônica”, com 11 notícias e reportagens, das quais dez são criações dos Núcleos de rede do Amazonas (1), Goiás (1) e Pará (8).

O terceiro conceito que mais aparece na amostra é o de “Região Norte”, com nove ocorrências, sete de NR locais (uma de Santa Catarina, uma de Goiás, uma do Amazonas e quatro do Pará) e duas de estados fora da região amazônica. A quarta referência é a de “Bacia Hidrográfica” com seis notícias e reportagens, quatro delas oriundas de NR locais, Santa Catarina (1), Goiás (1) e Pará (2). Há ainda duas referências a região como “Eldorado” e uma como “Fronteira”, todas são produções do NR do Pará.

Quadro 10: Conceitos de Amazônia em matérias sem citação no JR

Conceito de Amazônia	Nº de referências
Amazônia Urbana	21
Floresta Amazônica	11
Região Norte	9
Bacia Hidrográfica	6
Eldorado	2

6.1.4. Que Amazônia?

Dois conceitos sobre a região são predominantes nas matérias analisadas. A ideia de “Floresta Amazônica” versus a “Amazônia Urbana” salta aos olhos e está relacionada principalmente a dois fatores. O primeiro é a nomeação Amazônia. Entre as 31 notícias e reportagens que citam diretamente esta palavra predomina o conceito de “Floresta”, com 23 referências. Já entre as 70 matérias que não fazem referência direta a este vocábulo há um predomínio de temas “urbanos” (40 referências), embora a referência a Floresta também seja constante (32). O segundo fator é a divisão segundo os telejornais. A temática da violência urbana é praticamente inexistente no Jornal Nacional, enquanto é um dos principais assuntos sobre o Pará transmitidos no Jornal da Record.

Segundo a Teoria das Representações Sociais, no interior dos processos de ancoragem (familiarização do estranho) e de objetivação (conversão do elemento estranho à uma categoria), ocorre o processo de nomeação que seria a principal via de formação de representações.

Nomear é um processo de criação de uma representação na medida em que, quando é realizado, pode-se falar de algo que antes era impossível porque era algo inominado. Assim como, este algo se torna passível de comparação uma vez que desenvolve uma Identidade; algo que lhe é próprio, que o atribui unicidade. Ao nomear também convertemos a “coisa” em parâmetro para outras coisas. Agora este novo “ser” nomeado poderá servir de parâmetro para possíveis coisas sem nome ou ser usado como comparação para explicar algo já que agora pode-se fazer referências à suas características

por meio do seu nome. Uma vez devidamente nomeado, se torna mais fácil compartilhar esta atribuição de sentido socialmente e popularizá-la até que também se torne um conhecimento enraizado, cotidiano. Até que se torne uma Representação.

Desta maneira os nomes carregam significados e características de uma representação. A representação da Amazônia, quando a palavra é utilizada para nomear a região é distinta da representação deste(s) mesmo(s) lugar(es), quando o vocábulo não aparece.

A Amazônia é o lugar distante e isolado, coberto por florestas que estão sendo devastadas por queimadas e desmatamentos e cheia de extensos e curvos rios que são um atrativo turístico e que estão intimamente ligados ao transporte e modo de vida de grande parte da população local, como no caso dos remadores olímpicos que vêm da Amazônia, e que também representa problemas no caso de estiagem ou durante a ação de piratas nestes veios d'água. A região também conta com a presença das forças armadas no combate ao desmatamento, ao narcotráfico e no reforço da segurança durante as eleições, isso se deve ao fato de ser uma extensão área de fronteira com outros países Sul-americanos.

O território é marcado por ocupação que, apesar de ter sido incentivada pelo Governo Federal em um dado momento histórico, é basicamente irregular e repleta de disputas por títulos de propriedade e violência no campo. Um lugar que deve ser preservado, mas que na tentativa de proteger o meio ambiente, esquece os humanos que vivem nestes lugares. A vida desta população é marcada pelo isolamento, pela falta de acesso a infraestrutura e serviços públicos de qualidade como saúde e educação que não chegam nem mesmo nas cidades que ora tentam “sobreviver da floresta”, ora tentam “passar por cima dela”.

A cobertura das eleições 2010, também contou com reportagens especiais na Amazônia, lugar onde “as grandes distâncias dificultaram o envio de dados às capitais”, apesar do Superior Tribunal Eleitoral ter inaugurado um novo sistema de envio de dados da apuração dos votos, especialmente desenvolvido para “lugares remotos”. Os candidatos em campanha falaram sobre o desenvolvimento regional e sobre como prevenir desastres naturais como “inundações e queimadas”.

Por estar ligada intimamente a ideia de meio ambiente, falar de Amazônia Urbana parece ser uma contradição. Mesmo na Série “Amazônia Urbana” do Jornal Nacional, ao se dedicar a mostrar o outro lado da Região, o faz tratando a cidade como o exótico. Ainda assim, a floresta e os rios estão sempre relacionados a cidade, em cada tema abordado, desde a forma de ocupação, passando pela maneira como suas capitais ligar com o meio

ambiente, como os pequenos povoados e cidades no interior estão isolados pelo meio ambiente até os projetos de desenvolvimento regional que combatem o isolamento e o “atraso” com infraestrutura (pontes, estradas, energia e meios comunicação). Outro destaque na série é a ausência de povos indígenas e seu papel histórico e social na região. Mesmo quando a série fala sobre o ciclo da borracha, por exemplo, a descoberta do látex é retratada como se fosse um achado dos portugueses.

Por outro lado, sem o nome, a representação da região não precisa necessariamente evocar os mesmos conjuntos de característica que a adoção de seu nome carrega. Desta maneira, na ausência da palavra “Amazônia” as matérias sobre o lugar manifestam outras representações mais localizadas e ligadas a estados, cidades, eventos e lugares específicos como é o caso do garimpo de Serra Pelada ou do Círio de Nazaré, por exemplo.

Estas outras representações são mais propícias para as reportagens e notícias de denúncia que valorizam mais o tema da irregularidade que a localização das ações, como no caso de denúncias sobre médicos que submeteram irregularmente uma jovem a uma cesariana quando a mesma já não estava grávida ou notícias sobre a falta de saneamento nas cidades da região.

No entanto, há de se considerar os textos jornalísticos nos quais a ideia de pertença região está implícita, são os casos das reportagens sobre operações e índices de desmatamento ou sobre estiagem dos rios da região que não citam o vocábulo “Amazônia”, mas no contexto de texto e imagens parecem referenciá-la.

As matérias sobre violência urbana são um a parte destas referências. A principal referência é a cidade de Belém, no Pará, cenário de ondas de assaltos com reféns, a bancos, casas lotéricas e carros fortes, além de violência nas escolas. Mas o tema é quase exclusivamente abordado pelo Jornal da Record.

Entre os conceitos clássicos de Amazônia a dualidade reside na relação entre o conceito de Amazônia Legal e o de Região Norte. Ora estes aparecem como sinônimos, ora, como complementares. A diferenciação entre eles está na presença de parte dos estados do Mato Grosso e do Maranhão no conceito de Amazônia Legal, no entanto como estes estados não são justificados como amazônicos nas notícias e reportagens do período e são completamente, no caso do Maranhão, ou quase completamente, no caso do Mato Grosso, eles estão desconectados dos sistemas periféricos e do Núcleo Central da representação sobre a Amazônia, tornando o conceito de Amazônia Legal inapropriado nos discursos na mídia.

Tabela 6: Conceitos de Amazônia conforme citação e telejornal

Uso da Palavra “Amazônia”	Jornal Nacional		Jornal da Record		Total de referências
	Com	Sem	Com	Sem	
Floresta Amazônica	11	21	12	11	55
Amazônia Urbana	6	19	5	21	51
Região Norte	6	18	3	9	36
Bacia Amazônica	3	10	9	6	28
Amazônia Legal	9	0	5	0	14
Fronteira	0	2	0	1	3
Eldorado	0	1	0	1	2

6.2. ESTADOS AMAZÔNICOS:

Ao longo das 101 notícias e reportagens, indicações de que lugares são amazônicos aparecem de forma implícita e explícita. Entre os diversos conceitos que existem para delimitar a região, a variação entre que unidades da federação brasileiras seriam ou não pertencentes a esta região é extensa. Por este motivo, ao observar as matérias divulgadas no recorte, analisou-se dois critérios sobre a identificação dos estados brasileiros enquanto amazônicos: a autoria e a citação, ou seja, como a região é descrita ou o que é dito sobre ela quando cada estado é o autor principal da informação ou quando ele é citado na mesma.

Assim, expor-se-á os dados sobre o número de citações e autorias de matérias de cada estado, neste último caso, dos Núcleos de rede locais, e se descreverá a forma como cada um deles se relaciona com a região (descreve-a ou integra-a), segundo cada telejornal analisado.

6.2.1. Jornal Nacional:

Tabela 7: Notícias sobre a Amazônia por mês, Estados citados e responsáveis pela produção (JN)

Estado		Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Total
Pará	Citações	1	8	5	2	2	18
	Autorias	1			1	1	3
Amazonas	Citações		6	2	5	1	14
	Autorias		1	1	2		4

Estado		Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Total
Rondônia	Citações		6	2	1		9
	Autorias						0
Roraima	Citações		1		1		2
	Autorias						0
Acre	Citações		5	1	1	1	8
	Autorias				1		1
Amapá	Citações		1	2	4		7
	Autorias				3		3
Tocantins	Citações			1	2	1	4
	Autorias			1			1
Maranhão	Citações		1		2		3
	Autorias						0
Mato Grosso	Citações			3	4	1	8
	Autorias			2	2		4
Outros Estados Brasileiros	Citações			5	2		7
	Autorias		9	11	9	1	30

Fonte: Elaboração Própria (2011)

6.2.1.1. Pará:

a) Autoria:

As três matérias de autoria do Núcleo de rede do Pará tratam de assuntos bem diferentes: o caso de uma jovem submetida a uma cesariana, sem estar grávida; a visita da candidata à presidência da república, Marina Silva, ao estado e o relato sobre o segundo dia do Círio de Nazaré com a transladação.

Este lugar distante e difícil de chegar tem nos “rios de águas turvas”, “a maior das estradas”. No que diz respeito a delimitação ou definição do que é a Amazônia, ela se apresenta como um contraste. De Um lado uma Floresta marcada por sua biodiversidade e suas águas que precisam ser preservados; De outro, a região é identificada como lugar de cidades e áreas metropolitanas com problemas no sistema de saúde, que precisam criar mais empregos, aumentar a renda de sua população, investir na própria industrialização e fomentar o turismo. Num projeto político de desenvolvimento que concilie meio ambiente e crescimento urbano: “Agregar valor e tecnologia e agregar valor a nossa matéria-prima [...] e gerar empregos sem destruir a Floresta”.

A capital paraense, Belém, ainda aparece como o cenário de duas referências culturais importantes: o Mercado do Ver-o-Peso e o Círio de Nazaré. “Aqui na Baía de

Guajará, o Círio das águas abençoa os povos que vivem desta riqueza. As águas turvas ganharam cores com as mais de 300 embarcações que participaram da romaria (...)"

b) Citações:

Das 18 matérias sobre a Amazônia nas quais o Pará é citado, seis foram produzidas por Núcleos de rede locais (Três pelo Pará, uma pela Amapá, uma pelo Amazonas e uma pelo Tocantins) e 12 foram produzidas por jornalistas do Rio de Janeiro. Em seis notícias e reportagens aparecem citações diretas à Amazônia: em uma matéria oriunda do Pará e em cinco matérias criadas no Rio de Janeiro, mas com a participação de Núcleos de rede (NR) locais.

Nas matérias que citam o Pará há referências a região como Floresta Amazônica (“Aqui do alto a imensidão verde que atrai os olhos do mundo inteiro”), Bacia Hidrográfica (“Não existe estrada, só o rio [...]), Amazônia Legal (“Visitamos quatro estados, quatro capitais e 15 cidades, além de povoados da Amazônia Legal” , Região Norte ([...]a Saúde, que é a principal preocupação em todas as regiões, mas é ainda maior para os habitantes do Norte e Centro-Oeste do país), Amazônia Urbana (“Quando falamos de Amazônia quase sempre se faz referência a natureza, mas 70% da população a região vive nas cidades ") e Fronteira Brasileira (A saída para o outro lado do continente anima a região. A Rodovia Transoceânica até o Pacífico vai virando realidade).

A Floresta Amazônica é descrita como um impasse para as atividades econômicas no estado: “Para as madeiras a floresta era só matéria-prima. Para a pecuária e agricultura em larga escala, um obstáculo a ser removido da terra. Nada mais fora de moda neste século 21, os olhos do mundo e principalmente dos maiores interessados: os habitantes da Amazônia”. Por outro lado, o que se extrai dela faz parte do modo de vida e da cultura de que vive no estado: “A nossa diversidade é imensa: suco de cupuaçu, nossa maniçoba, nosso pato no tucupi”; “Castanhas que o mundo inteiro já reconhece como da Amazônia e do Brasil; Óleos das árvores, cosméticos, medicinais. Madeira, como não?”. O aproveitamento destas riquezas naturais parece ser o enclave para a melhoria das condições de vida e o desenvolvimento da região: “Agregar valor e tecnologia e agregar valor a nossa matéria-prima [...] e gerar empregos sem destruir a Floresta”. Na prática, ao longo das notícias e reportagens projetos que buscavam este objetivo fracassaram: “É o estado mais populoso do norte e o que produz mais riquezas, apesar disso, tem o menor rendimento mensal da região”.

Dois projetos audaciosos tentaram ser implantados no estado, mas se para o primeiro a falta de conhecimento sobre o ecossistema por parte dos forasteiros é descrito

como o motivo de seu fracasso, no segundo caso não há motivo aparente além da falta de interesse político. “Nos anos 20 Henry Ford tentou explorar a borracha novamente na Amazônia. Além das fábricas foi construída uma vila com cara de filme americano, mas as casas não eram adequadas ao clima local e ficaram “quentes demais”. (...) Mas houve também outros choques culturais e até conflitos armados “a batalha do peixe com farinha contra o hambúrguer com espinafre, são um sintoma de um problema muito maior responsável pelo fracasso, não só deste, mas de muitos projetos na Amazônia: A falta de conhecimento da região por parte dos forasteiros”. Outro projeto audacioso foi a Rodovia Transamazônica. “Milhares de quilômetros cortando a Floresta para integrar a Amazônia ao restante do país, bandeira do Regime Militar nos anos 50”, mas a rodovia nunca foi concluída.

A dificuldade de acesso (isolamento), as distâncias e o tamanho parecem ser atributos desta parte do país que dificultam a integração com outros estados e regiões. A respeito do andamento da realização do Censo 2010, por exemplo, “no Norte do país os desafios são as distâncias e os acessos. Estas recenseadoras de Inhangapí, no Pará, andam quilômetros para chegar até as famílias da Zona rural. Entrevistado: ‘o Brasil saber que eu existo aqui é muito importante, né? Com certeza’”. “Não existe estrada só o rio e uma pista de pouso que parece a rua principal. Entrevistado: ‘Isso faz com que as pessoas daqui sejam diferentes dos centros urbanos, o tempo praticamente não tem muita importância, sempre se consegue as coisas, mas de uma forma bem lenta. [...] Se não fosse a internet estaríamos isolados’”. Um novo sistema de envio de dados da apuração das eleições foi inaugurado pelo Supremo Tribunal Eleitoral e se “Em regiões remotas, o ato de votar requer sacrifícios. [...] Há dificuldades também para a apuração dos votos. Por isso, este ano, mil e quinhentos locais de votação do país receberão equipamentos para transmissão de dados via satélite, a maioria nos estados do Amazonas e do Pará. O novo sistema garante que o voto de pessoas como dona Brasilina tenham os votos contados com a mesma velocidade de pessoas queoram em cidades grandes”.

A falta de infraestrutura e de serviços públicos de qualidade aparece em muitas matérias. Falta de infraestrutura de estradas e rodovias (“São só 115 quilômetros, e asfaltados, daqui de Marabá até Jacundá, mas mesmo esta é uma viagem bastante sacrificada [...] A estrada de Jacundá é estreita, marcada por remendos e freadas de caminhão”). Quanto ao saneamento: “Mais da metade dos moradores não têm água encanada e mais de 90% não tem rede de esgoto [...]”.

O estado tem um mal desempenho nas avaliações da qualidade da educação: “A pior escola particular do Brasil está localizada em Altamira”. Os piores índices do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) estão nas regiões Norte e Nordeste. “Da 5ª a 8ª Séries três estados estão abaixo da média: Pará, Amapá e Rondônia”. Em outra reportagem, Altamira aparece expondo um exemplo positivo: “Embora o estado tenha um dos piores índices no IDEB, uma escola com nota 3,6 tem um aluno com nota 8. A mãe diz que sempre vai a escola perguntar sobre o desempenho do filho e como ajudá-lo a melhorar.[...] Em outra escola, o acompanhamento é a chave para uma média de 5,4, acima das médias nacionais e estaduais [...] Na beira do rio Xingu, uma fórmula que pode ajudar a melhorar a educação em todo o país”.

A saúde “é a principal preocupação em todas as regiões, mas é ainda maior para os habitantes do Norte e Centro-Oeste do país”. Para atenuar a migração de pacientes do interior para a capital, onze municípios fizeram um consórcio para levar os médicos até onde estão os pacientes. “No Pará, uma Unidade Móvel fica em média dois dias em cada município atendendo os pacientes. A iniciativa foi de um consórcio de 11 municípios. Em Jacundá o atendimento oftalmológico é gratuito e lá mesmo é confeccionado o óculos também distribuído de graça aos pacientes”. “Três médicos estão sendo indiciados por imperícia no caso da jovem submetida a uma cesariana quando já não estava grávida”.

A violência é descrita na reportagem da Série “JN no ar”: “Os paraenses convivem com a segunda maior taxa de homicídios do país [...]. Nas ruas não vimos viaturas, só uma blitz da polícia rodoviária na entrada da cidade, mesmo na rodovia a fiscalização não resolve [...]. Infração mais grave aparece no desabafo da moradora: ‘Tem violência assassinatos, bandidagem’. Jacundá é a quinta cidade mais violenta do Pará, estado com o maior percentual de casos de violência no campo do país e maior número de homicídios no Norte. [...] Encontramos gente preocupada com outros problemas da cidade: a prostituição infantil e a o abuso sexual de menores. No ano passado 52 casos de violência sexual foram registrados em Jacundá . [...]”

Durante o período observado, a Amazônia também foi descrita como “Urbana”. Entre as cidades que foram retratadas nos textos jornalísticos estão Jacundá (Série JN no Ar), Altamira (Na beira do rio Xingu, uma fórmula que pode ajudar a melhorar a educação em todo o país) e Santa do Araguaia (“Em Santana do Araguaia, no Pará, o fogo que avança sobre a mata nativa foi controlado, a luta agora é contra as chamas que seguem na direção de uma comunidade”), mas a principal cidade mostrada foi a capital, Belém: “Entrevistado: `Belém era esta cidade que concentrava os fluxos. Era esta cidade que

estava entre o mundo e a floresta”. Repórter: A floresta e suas especiarias até hoje presentes no Ver-o-Peso”.

Na Série “Amazônia Urbana”, os jornalistas explicam que as primeiras cidades que surgiram foram Belém e Manaus. As demais foram sendo inauguradas ao longo do rio Amazonas graças ao primeiro ciclo econômico da região: “A borracha abriu caminho até a Amazônia mais profunda, e povoou a região com milhares de migrantes, principalmente nordestinos. Esta é a origem de grande parte dos amazônidas de hoje”. A série descreve a capital paraense como a “mais amazônica” das quatro capitais visitadas: “Belém com sua arquitetura colonial é mais amazônica, se alimenta com seus sabores e sua história. [...] Belém nasceu para ser capital de uma região que para os portugueses nem era Brasil, era Grão-Pará. Nunca se recuperou do fim do ciclo da borracha, mas segue sendo uma cidade importante, profundamente fluvial, amazônica. Com a floresta e a história muito próxima, é um bom lugar para pensar o futuro da região”.

Apesar de ser também o epicentro das críticas por problemas de infraestrutura, especialmente saúde e educação, também é o palco de “Uma das maiores manifestações religiosas do Brasil”: O Círio de Nazaré. No dia 9 de outubro o repórter do Núcleo de rede do Pará teve uma entrada ao vivo durante a abertura do Jornal Nacional para contar como foi o segundo dia de procissões no estado, marcado, na fala do jornalista, pela romaria fluvial. “Aqui na Baía de Guajará, o Círio das águas abençoa os povos que vivem desta riqueza”.

6.2.1.2. Amazonas:

Entre junho e outubro de 2010, há 14 notícias e reportagens sobre a Amazônia com citação ao estado do Amazonas. Destas, quatro são de autoria do próprio Núcleo de rede local. Este estado é descrito como uma região remota, com pequenas cidades isoladas, onde vivem comunidades ribeirinhas que dependem dos rios. Em todas as matérias predomina o uso de imagens de florestas e rios, o que faz desta a unidade da federação amazônica mais ligada a temática do meio ambiente.

a) Autoria:

A primeira notícia oriunda do Amazonas fala da implantação da nova tecnologia de apuração de votos inaugurada nas eleições 2010. O presidente do Superior Tribunal Eleitoral (STE) visitou a comunidade ribeirinha do Catalão, no Amazonas, para a inauguração da central de processamento e envio de dados da eleição. Durante a

demonstração da com funciona o sistema, há técnicos do STE utilizando computadores na central de apuração que está sediada num barco, e enviando os dados via satélite. A imagem é de uma pessoa segurando um aparelho no meio da vegetação. O texto diz: “Em regiões remotas o ato de votar requer sacrifícios. Há dificuldade também para a apuração dos votos. [...] Mil e quinhentos locais de votação do país receberão equipamentos para transmissão de dados via satélite, a maioria nos estados do Amazonas e do Pará. O novo sistema garante que o voto de pessoas como dona Brasilina (moradora da Comunidade do Catalão) tenham sejam contados com a mesma velocidade do de pessoas que moram em cidades grandes.”

A segunda matéria fala sobre a visita da candidata a presidência da república, Marina Silva, a Manaus, capital do Estado, onde participou do Fórum Amazônia Sustentável. Segundo a repórter, Marina defendeu “uma nova política de governo para a Amazônia” e prometeu “retomar as Estratégias de desenvolvimento regional que adotou quando foi ministra do meio ambiente”. “Repórter: Sobre a Amazônia reafirmou que o crescimento econômico deve estar aliado a preservação ambiental. Entrevistada: ‘É necessário ponte, é necessário estrada, é necessário hidrovias, mas fazendo com sustentabilidade’”

As duas notícias seguintes exibidas dias 11 e 20 de setembro falam sobre a estiagem nos rios do estado, a “maior já registrada desde a década de 80”[...] “Já é possível caminhar onde antes passava o Igarapé”. O problema, nos dois casos é exposto como grave devido ao seu impacto no cotidiano da população: “A navegação está mais perigosa pelo surgimento de bancos de areia onde antes passavam os rios. As viagens de barco estão mais demoradas. (...) Em algumas escolas ribeirinhas as aulas foram suspensas porque os alunos não têm como chegar”; “Luciana, vizinha do Rio Solimões, agora tem de caminhar mais de meia hora para conseguir água para os três filhos”.

b) Citações:

O Amazonas é citado 14 vezes no período analisado, nove destas reportagens forma produzidas pela cabeça de rede no Rio de Janeiro e em nenhuma delas há a participação do Núcleo de rede local. As matérias sobre o estado estão sempre localizadas no início dos blocos do telejornal onde aparecem. Das 14 notícias, nove abrem o bloco de notícia onde estão, sendo que três são as primeiras reportagem do Jornal e outra três o concluem.

Nas matérias que citam este estado como um “mundo cercado por águas”, que ao mesmo tempo isola (“Um lugar onde a relação com o tempo é outra. Onde o ritmo é o dos rios”) e é a principal via de transporte e comunicação com os territórios externos (Vários municípios estão em estado de emergência e outros estão em estado de alerta devido a baixo nível dos rios da região). O baixo nível dos rios fecha escolas (Em algumas escolas ribeirinhas as aulas foram suspensas porque os alunos não têm como chegar), deixa a população sem água potável (Luciana, vizinha do Rio Solimões agora tem de caminhar mais de meia hora para conseguir água para os três filhos), prejudica e interrompe a navegação e assim o principal meio de transporte de pessoas e cargas (Navegação mais perigosa pelo surgimento de bancos de areia onde antes passavam os rios. As viagens de barco estão mais demoradas pelo perigo de encalhes e acidentes já que o nível dos rios está muito baixo). Na Série “JN no Ar”, a cidade de Tefé é descrita como um lugar que “depende de barco para quase tudo”.

“A exploração da floresta Amazônica também é origem de riqueza e motivo de preocupação para ambientalistas” e as propostas para o desenvolvimento do estado são marcadas pela ideia de sustentabilidade. Para a candidata à presidência, Marina Silva: “É necessário ponte, é necessário estrada, é necessário hidrovia, mas fazendo com sustentabilidade”. O prefeito da cidade de Lábrea, onde hoje termina a rodovia Transamazônica “Tem que ter políticas mais voltadas para o desenvolvimento dos produtos da floresta, ou seja, o extrativismo, o manejo pesqueiro porque isso é que vai preservar a floresta”.

Já no episódio final da Série “Amazônia Urbana”, onde se mostram projetos que visam o desenvolvimento sustentável, no Amazonas é apresentado o projeto de construção de uma ponte sobre o Rio Negro que “facilitará a travessia do Rio Negro e promete promover desenvolver os transportes, acelerar a distribuição da produção de pequenas cidades (localizadas) em volta para a capital e atrair novos investimentos nas cidades que passarão a ser integradas à metrópole”.

“Repórter: Será que a nossa Amazônia ainda vai transportar ideias para as cidades do futuro? Entrevistado: Não é o mundo que tem que pensar a Amazônia. [...] É a partir da Amazônia, a partir da ciência que produzimos aqui do conhecimento da nossa gente que temos que pensar o mundo. Eu acredito na Amazônia”, garante o pesquisador amazonense.

Este é o lugar onde vive o “homem da floresta”. O maior estado do país, possui três milhões de habitantes. “Quando falamos de Amazônia quase sempre se faz referência a

natureza, mas 70% da população a região vive nas cidades”, explica um geógrafo do Amazonas.

Mas a população que aparece nas imagens e nas entrevistas quase sempre está no grupo dos outros 30%. O repórter, Hernesto Palha, na Série “JN no Ar” conta que “A vida é dura, o lugar é quente e isolado”. Já na Série “Amazônia Urbana”, outro repórter anuncia “Vamos mostrar como é a vida de brasileiros que moram em cidades erguidas no meio da floresta [...]”. “Viemos conhecer brasileiros com uma visão diferente do que é cidade: Repórter: O senhor se considera um homem da cidade ou da floresta? Entrevistado: Me considero um homem da floresta, a diferença é que nos mora na cidadezinha”. E este homem que vive na Floresta e na Bacia Amazônica pode ser a chave para o desenvolvimento sustentável da região. “Tem que ter políticas mais voltadas para o desenvolvimento dos produtos da floresta, ou seja, o extrativismo, o manejo pesqueiro porque isso é que vai preservar a floresta e manter o caboclo no interior porque eles é que protegem a floresta porque a cultura deles não é desmatar, mas cortar a seringa, tirar uma copaíba, pescar um peixe no lago...”.

A relação com o meio ambiente é tão intensa que a capital, Manaus e sua Zona Franca, são mostradas como um enclave no meio do estado. “A metrópole Manaus cresce desordenadamente em torno de indústrias desligadas da floresta.[...] Graças à Zona Franca, Manaus não vive da floresta, mas as indústrias ajudaram o Amazonas a manter a mantê-la de pé. O desmatamento poderia atingir 80% do território, caso a Zona Franca não tivesse sido instalada. Floresta de pé, mas na cidade de Manaus falta verde. Periferias extremamente pobre e favelas em torno dos igarapés”.

O estado está localizado em uma área de fronteiras, (“É a pior seca já registrada na parte da Amazônia onde o Brasil faz fronteira com o Peru e a Colômbia [...]”). Fronteiras que devem ser protegidas e habitadas em prol do interesse nacional. Na Série “Amazônia Urbana” é mostrada a situação da cidade de Santa Rosa do Purus, que “já nasceu e morreu neste mesmo lugar, duas vezes. Transformada em cidade há 17 anos, desta vez ela vai resistindo, aparentemente, por questões de segurança nacional. Há a presença do exército, da polícia federal. [...] Os empregos que existem são quase todos públicos. [...] Na escola, espanhol é uma matéria importante. É que mesmo assim, tão modesta, Santa Rosa é uma referência para as cidades da fronteira com o Peru. A cidade mais próxima do lado deles fica longe demais”. Até mesmo os médicos do estado vêm dos países vizinhos. Em Tefé “Mas o difícil é conseguir mão-de-obra. A maioria dos médicos, como se vê nestas receitas, não têm registro oficial. Muitos são estrangeiros e trabalham de forma irregular no

país ‘Eles costumam vir do Peru, da Bolívia e estão salvando o povo’, diz a Secretária Municipal de Saúde de Tefé”.

A localização aparece quase como sinônimo do isolamento. “A maior parte da viagem fizemos de avião. Navegando por rios cheios de curvas como o Purus, levaríamos vários meses”, explica o repórter da Série Amazônia Urbana. Ao longo da Transamazônica ele vê “vários projetos de cidade que ficaram pelo caminho”. Na reportagem sobre o município de Tefé, para a Série “JN no Ar”, “A falta de luz e o racionamento de energia é um problema sério para “uma cidade que já enfrenta um problema grave que é o isolamento. A cidade fica há mais de 500 quilômetros da capital Manaus com a qual simplesmente não tem ligação por terra. [...] O isolamento de Tefé é agravado por falta de banda larga. Já na Série sobre “As maiores Preocupações dos brasileiros”, o custo de vida aparece como uma das maiores preocupações de quem vive no estado. O repórter explica que a maior parte dos produtos comercializados na principal feira livre de Manaus, por exemplo, vêm de outros estados e outras regiões, o que os encarece de sobremaneira.

6.2.1.3. Rondônia:

a) Citações:

Embora não seja autor de nenhuma reportagem, o estado de Rondônia é citado nove vezes no Jornal Nacional entre junho e outubro de 2010. Oito matérias foram produzidas por jornalistas do Rio de Janeiro e uma veio de Brasília. Cinco notícias e reportagens citam a Amazônia e em outras duas há a participação do Núcleo de rede local. Esta Unidade da federação é retratada basicamente pela presença de migrantes entre sua população local e pela destruição do meio ambiente.

Rondônia é citado como uma dos estados com piores desempenhos no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e lugar onde a realização do censo está atrasada por conta de imprevistos na entrega do material aos recenseadores. Também sofreu em um momento com o período de queimadas. “Rondônia declarou estado de emergência por causa das queimadas. Bombeiros, forças armadas e IBAMA fazem força tarefa para combater os incêndios”.

Mas foi nas Séries “JN no Ar” e “Amazônia Urbana” onde o estado obteve mais destaque.

Porto Velho, capital de Rondônia, é descrita como uma cidade que nem parece pertencer a região. “Num estado com 40% de desmatamento, ela (Porto Velho), nem

parece amazônica.[...] A política de ocupação da Amazônia e especialmente de Porto Velho dizia: Venha, derrube a floresta e comece a produzir”, conta o prefeito da cidade que nasceu pela ferrovia madeira Mamoré, no auge da exploração da borracha, e como tantas outras cidades da região, localizada às margens de um grande rio. A cidade é descrita como lugar de um crescimento urbano verticalizado e quase desordenado: “Porto Velho passou por cima dela (Floresta). Também cresce violentamente: Para cima”! A reportagem ainda fala sobre a construção de duas hidroelétricas na região, Santo Antônio e Hidrelétrica de Jirau, obras gigantescas que movimentam a construção civil tanto quando o elevado índice de inaugurações de prédios residenciais e que aproveita o potencial da região para a geração de energia.

A cidade de Cacoal foi o lugar sorteado pela equipe do “JN no ar”. Ernesto Palha descreve o estado como um “retrato da diversidade brasileira, quase metade da população vem de outros estados do país”. A população descrita na matéria é basicamente universitária. Campi públicos e privados e alojamentos de estudantes de vários estados são mostrados assim como a intenção de eles permanecerem na cidade. No final da reportagem abre espaço para mostrar os índios da região. Indica que cerca de 3.500 índios vivem nas duas reservas localizadas dentro do município e que “mais parecem bairros de Cacoal”. O diretor do Centro Cultural indígena diz que a tribo “Desde o ano passado, já não desmatamos nem permitimos o desmatamento” e que promove a recuperação de áreas com o plantio de espécies nativas. A infraestrutura desta “cidade universitária” ainda precisa de melhorias. O Aeroporto e o Hospital ainda não estão terminados.

A destruição do meio ambiente também aparece retratada aqui na reclamação do repórter sobre a visibilidade. “Para chegar lá tivemos que enfrentar um problema: poluição. [...] O problema da poluição persiste e chega a atrapalhar a aviação. Repórter: Viajamos por instrumentos em plena luz do sol. Comandante está ruim viajar hoje?. Piloto do avião: ‘Geralmente pelas queimadas na região que geram esta fumaça enorme que cobre toda a região, é interfere muito na nossa operação’”.

6.2.1.4. Acre:

a) Citações:

As citações do Acre no Jornal Nacional são marcadas pelas Séries “Amazônia Urbana” e “JN no Ar”. Além destas reportagens há apenas uma notícia, a única produzida no próprio estado por seu Núcleo de rede, da campanha de Marina Silva, candidata à

presidência da república, na capital, Rio Branco. Nela, Marina Silva conhece um projeto que ensina computação à jovens da periferia e jovens indígenas e fala rapidamente do seu apoio para a legalização do trabalho de ambulantes.

“Rio Branco aposta no meio ambiente e em evoluir de mãos dadas com a Floresta”. Nas cinco reportagens da Série Amazônia Urbana, Rio Branco é citada como a cidade mais sustentável das quatro capitais mostradas (Além de Rio Branco; Porto Velho – Rondônia; Manaus – Amazonas, Belém – Pará), mas pouco se fala dela: Mostram-se projetos que buscam no extrativismo e na valorização do uso sustentável de sementes e do pescado da região como fontes de renda. O aproveitamento de sementes para a confecção de biojóias, negócio que já sustenta famílias inteiras e até cria postos de trabalho aparece na segunda reportagem da Série. “A proposta deste lugar (Escola da Floresta em Rio Branco) é enriquecer a cidade a partir da floresta. [...] Esses alunos aprendem a aproveitar outro tesouro amazônico. Técnicas de corte (de pescado), cuidados que podem ajudar as pequenas cidades de onde eles vêm [...]”.

O prefeito da cidade diz que o melhor seria ter políticas públicas que valorizassem projetos e cidades que cuidassem do meio ambiente. “É preciso um estudo para valorização daquelas cidades da Amazônia que mais investem na questão da preservação ambiental”. A cidade também aparece como um dos lugares mais beneficiados pela construção da Rodovia Transoceânica que ligará a Amazônia ao Pacífico passando pela capital do Acre. O mercado consumidor de mais de 30 milhões de pessoas deve ser abastecido por produtos da Amazônia Brasileira.

Na Série “JN no Ar” o foco é a cidade de Feijó, um lugar descrito como de difícil acesso e comunicação. As dificuldades se refletiram na própria participação do município na série. A reportagem que deveria ser exibida no dia 30 não pode ir ao ar por problemas de comunicação e no dia 31, quando foi exibida, a entrada ao vivo do repórter foi cortada também por dificuldades técnicas de comunicação. Na reportagem sobre o estado, o repórter conta que com 706 mil habitantes, o Acre tem a terceira menor população do país, mas têm a maior taxa de fecundidade do Brasil, com 2,41 filhos por mulher. Quando ele contava sobre a falta de saneamento básico no lugar, a transmissão ao vivo foi interrompida.

O jornalista lembra ainda que a capital do estado leva o nome do Barão do Rio Branco, o responsável por assinar o tratado que garantiu que o Acre deixasse de ser boliviano e passasse a ser brasileiro. A população local define o estado como “Temos muito verde e floresta” com um “povo é muito acolhedor”. A principal característica deste

município, porém, é o isolamento que interfere, inclusive em sua principal safra: o açaí. “Viemos para visitar Feijó que fica a 350 quilômetros da capital. Em qualquer lugar do Brasil essa é uma distância razoável, mas aqui no Acre isso significa que muitas vezes devido as chuvas amazônicas e outras dificuldades a cidade de Feijó fica totalmente isolada [...]”.

“A especialidade da terra é o Açaí. Feijó tem duas safras anuais da fruta que virou mania nas academias. Quem toma não imagina o trabalho que dá. Entrevistado: ‘O pessoal que toma o suco não sente nada, só sente o gosto, né?’. O resultado é um caldo grosso. O vinho que aqui se toma com açúcar e com farinha. Repórter falando com entrevistados: ‘Eu acho que a farinha já é influência nordestina. É ótima mas a produção só consegue sair para Rio Branco nesta época do ano quando chove menos. A partir de outubro os aguaceiros transformam a BR-164 num enorme atoleiro. Durante boa parte do ano esta cidade fica isolada da capital e do restante do país. Muitas mercadorias só chegam de avião, imagine o preço!’”.

No final da reportagem o jornalista conta sobre a importância da cidade como região de fronteira. “Os Índios Ashaninka navegam até 12 dias da fronteira com o Peru até o comércio e o posto de saúde de Feijó. Sem alojamento, eles acampam e ficam expostos às tentações da cidade. Entrevistado: ‘É comum vermos índios nos bares, alcoolizados. No outro lado do [rio] Envira fica a aldeia dos Shanenawa, praticamente um bairro de Feijó”, onde os indígenas preparavam um festival que aconteceria no dia seguinte. Nesta e também na reportagem final da Série o jornalista comenta sobre uma “bebida feita pelos índios no interior do Acre que é uma mistura fermentada de mandioca e é de fato um paladar adquirido e eu não tive tempo de aprender a gostar...”

6.2.1.5. Mato Grosso:

a) Autorias:

Entre junho e outubro oito notícias e reportagens citam o estado do Mato Grosso. Quatro foram produzidos no próprio estado e outras quatro foram elaboradas por equipes do Rio de Janeiro e Brasília.

Há quatro notícias elaboradas pelo Núcleo de rede do Mato Grosso, todas se dedicam ao mesmo tema: as queimadas que assolam o estado. No dia 12 de agosto as “Queimadas estão destruindo áreas onde a natureza estava preservada”. O município de Medicilândia foi a mais afetada, já que as chamas atingiram uma área urbana, destruindo

casas, fábricas e marcenarias. O incêndio que estava tomando conta da vegetação se alastrou por conta do tempo seco. “Não dá nem pra respirar por causa da fumaça”, descreveu uma moradora entrevistada. A visibilidade no município também estava muito baixa por conta da fumaça.

A solidariedade foi o tema da segunda reportagem oriunda do Mato Grosso. Voluntários arrecadaram alimentos e roupas para as famílias desabrigadas pelo fogo das queimadas, já a Prefeitura pretende construir um conjunto habitacional para os desabrigados. No dia 23 de setembro, dois candidatos à presidência visitaram o estado. Marina Silva foi até a capital, Cuiabá, e se disse preocupada com as queimadas que além da destruição imediata, enfraquecem o solo e prejudica a retomada das atividades produtivas. Criticou o uso do fogo na agricultura e disse que “é preciso investimento tecnológico para a produção de alimentos sem prejuízo ao meio ambiente”. Já José Serra, em visita ao município de Sinop. Defendeu a criação de uma defesa civil nacional para “combater, prevenir e agir em casos de desastres naturais, de inundações a queimadas” e “enfrentou o calor de quase 40 graus e parou para tomar suco de cupuaçu, fruta típica da Amazônia”.

a) Citações:

Das outras quatro reportagens que falam sobre o Mato Grosso, duas foram produzidas em Brasília e duas a partir da equipe da Série “JN no Ar”. As matérias de Brasília comentam sobre a proliferação dos focos de incêndios em relação ao ano anterior e que “as queimadas são criminosas”. A ministra do meio ambiente garante que ira identificar e punir os culpados. Também há a divulgação do “Mapa do Crime eleitoral no Brasil”, onde, “entre os indiciados por compra de votos, o Mato Grosso é o segundo com maior número de casos, 115”.

As citações sobre o Mato Grosso no “JN no Ar” são sobre a visita da equipe a cidade de Colíder, no dia 13 de setembro e o episódio final da série, quando o repórter relembra o encontro com um caíque indígena durante as gravações da Série no estado. As queimadas também aparecem nesta reportagem: “Decolamos num céu estranhamente cinzento. Passagem de vídeo: ‘Esse branco lá de fora na verdade é fumaça, fumaça que toma conta de toda esta região apesar de serem proibidas até dia 30 de setembro’”.

Embora o município de Colíder seja localizado como pertencente a “Região Centro-Oeste”, a reportagem comenta que os primeiros pecuaristas da cidade foram atraídos pelos projetos de expansão da fronteira Amazônica. “Na década de 70 esses

açougueiros de Maringá foram atraídos para o Mato Grosso pelos Programas de Ocupação da Amazônia, patrocinados pelo Governo Militar”.

A reportagem sobre o estado fala que um dos desafios é fazer com que o crescimento não prejudique a vida selvagem do Serrado e do Pantanal, não comenta a Floresta ou Bacia Amazônica como estando presente neste território, apesar de ter citado este estado como pertencente a Amazônia. “A cidade está vivendo um momento de expansão e parece haver lá uma grande preocupação para que este crescimento não repita os erros do passado. (...)Preservar nunca foi uma preocupação para Colíder. O cálculo varia, mas eles derrubaram entre 70 a 80% das matas nativas. [...] Entrevistado: ‘Quem fez este estrago no passado também não fez isso por maldade. Foram pessoas que foram trazidas para colonizar esta região e o próprio INCRA instruía que devia derrubar, que quem derrubasse teria a posse da terra’”, explica o prefeito. “O cacique ‘Haoni’ tem aldeia na região e já viveu o suficiente para saber que o progresso nem sempre respeita a natureza. Cacique: ‘Prejudica a terra, a floresta e faz mal a saúde da população. Não só índio, mas o ser humano, né?’ ”. Esta entrevista, ao final da Série foi destacada como um dos melhores momentos para o repórter que parecia honrado em poder conhecer o chefe indígena.

6.2.1.6. Amapá:

a) Citações:

Há sete citações ao estado do Amapá no Jornal Nacional durante o período analisado e pode-se classificá-las em dois grupos. Três são notícias produzidas pelo Núcleo de rede do Amapá e falam sobre a operação “Mãos Limpas”, que prendeu 18 pessoas ligadas aos três poderes no estado, incluindo o ex-governador e o atual governador do Amapá. Todos acusados de fraude e desvio de dinheiro público. O ex-governador teria favorecido a legalização de fazendas compradas por um grupo estrangeiro em troca de financiamento para sua campanha. Dez dias depois da prisão o governador do estado foi solto e reassumiu o cargo. Ele desceu do avião que vinha de Brasília com uma bandeira do Amapá e participou de uma carreata em comemoração.

As outras quatro citações aparecem em dois dias: No início da Série “JN no Ar”, no dia 23 de agosto, e no dia 08 de setembro, quando a equipe visitou a cidade de Porto Grande. No primeiro dia, o apresentador William Bonner apresentou parte do jornal diretamente da Fortaleza de São José, no Amapá. Na primeira entrada ao vivo, o jornalista

mostrou uma reportagem sobre o Estado definindo-o como um lugar com muito verde para mostrar. “O Amapá também tem um número verde para mostrar. Ainda preserva 97% da sua cobertura vegetal original, o maior índice do país. [...] Entrevistado: ‘A própria dificuldade de escoar a produção é um reflexo disso...digamos que o estado não está plenamente conectado ao resto do país’. 70% do território do Amapá estão sobre proteção ambiental. Entrevistado: ‘não podemos esquecer que estas áreas protegidas não servem apenas para proteger o patrimônio natural, mas também para preservar o patrimônio cultural.’”

Na segunda entrada o apresentador do Jornal Nacional fala que está sobre a linha do equador, num calor intenso porque se está na menor distância que alguém pode se posicionar em relação ao sol. Ele explica então como se dará a série e que “o cenário das reportagens via mudar todos os dias”, anuncia o repórter, “num dia a vida na floresta, no próximo os brasileiros na praia. (...) Ao final, um mosaico completo do Brasil”. A última entrada se dedica ao sorteio de uma cidade no estado no Sergipe e nada acrescenta sobre o Amapá ou a região.

No dia 8 de setembro, a cidade de Porto Grande é visitada para representar a participação do Amapá na Série. “Trocamos o Planalto Central pelo calor úmido de Macapá...”. O repórter conta que o estado tem 643 mil habitantes, a segunda menor população do país e tem na extração mineral sua principal atividade econômica. Apesar disso, “tem a menor porção de pessoas trabalhando”, por outro lado, têm a menor taxa de analfabetismo do país, empatado com o Distrito Federal.

No meio da reportagem a equipe se depara com algo inesperado: “Vimos os dois lados da estrada tomados por uma floresta inesperada: Vastas plantações de eucalipto, grande parte para abastecer fábricas de papel e celulose na Europa e no Japão, onde estão os maiores acionistas.[...]”.

A população é jovem o que preocupa as autoridades locais. “A delinquência juvenil é um problema. A Polícia Militar amapaense tem até um programa específico para lidar com jovens: Organiza aulas de reforço escolar, educação física e bota a garotada em forma”.

“A terra que já deu muito ouro agora é fonte de uma riqueza em frutas, a maior produção e alimentos do Amapá”. A terra é descrita como “pouco fértil”, mas que pequenos produtores que vivem hoje na região aprenderam como cultivá-la, em troca, conseguem obter safras o ano todo.

6.2.1.7. Maranhão:

a) Citações:

O estado do Maranhão foi citado três vezes durante o período analisado. As notícias forma todas oriundas do Rio de Janeiro e falam sobre: o mal desempenho das escolas públicas no Maranhão, onde esta localizada a pior escola pública do país, segundo os dados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); sobre o “Mapa do Crime Eleitoral no Brasil”, segundo o qual o Maranhão é o terceiro estado com mais indiciamentos, num total de 408 casos; e a visita da equipe do “JN no Ar” a cidade de Pinheiros.

Ao contrário do Mato Grosso, em nenhuma notícia ou reportagem há qualquer indicação do estado como pertencente à Amazônia, apesar disso em comum com as cidades da Série que foram localizadas na Amazônia Legal, Pinheiros sofre com o isolamento, problemas políticos, falta de infraestrutura urbana como saneamento e água encanada e também a importância dada pelos moradores ao rio que corta da cidade, o rio Perimam de onde os moradores ainda pescam um peixe que compõe o principal prato típico da área, mas que é também o destino de todo “esgoto” que corre a céu aberto na cidade.

6.2.1.8. Tocantins:

a) Autoria:

O estado do Tocantins aparece quatro vezes entre os programas do Jornal Nacional exibidos de 14 de junho a 9 de outubro de 2010. Apenas uma reportagem foi elaborada pelo Núcleo de rede local. Ela foi ao ar no dia 14 de agosto e fala sobre as queimadas no estado que “em 26 cidades, estão fora de controle. [...] A natureza vai demorar a se reerguer, de acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas sobre a Amazônia, a recuperação pode demorar até 200 anos”.

b) Citações:

A primeira matéria que fala do Tocantins, mas foi produzida foram do estado, vem de Brasília e mostra que o Tocantins é o estado com o maior número e indiciamentos, com 841 casos, no “Mapa do Crime Eleitoral do Brasil”. Quando considerados apenas os

indiciamentos por compra de votos, esta unidade da federação aparece ainda em terceiro lugar, com 90 casos registrados.

As duas outras citações são da Série “JN no Ar”. No dia 28 de setembro, a equipe do Rio de Janeiro esteve em Paraíso do Tocantins, a última cidade da Região Norte a ser visitada. Visita que foi lembrada no fechamento da Série, no dia 1º de Outubro.

O estado é descrito como o “mais jovem estado brasileiro” e “berço do que a natureza deixou e que todo mundo deveria conhecer”. A região vive da pecuária e o distrito industrial cresce em função das atividades econômicas do campo. “Até a educação aposta no agronegócio. Entrevistada: `Por ser um estado novo as pessoas têm essa responsabilidade ambiental bem dentro dela, e nos repassamos isso aqui (na escola Profissional)”, conta uma das professoras. A reportagem também mostra a Serra do Estrondo que “é uma reserva ambiental batizada com este nome em homenagem aos trovões que são comuns na cidade, mas não chove desde maio. Paraíso sofre com a falta d’água”.

Um dos destaques dado na matéria é o “Hotel para boi dormir”, um lugar onde os pecuaristas deixam o gado descansar antes de seguir viagem. O responsável pelo negócio explica que nas viagens o gado perde muito peso, seja pela caminhada longa ou por ter de ficar sempre em pé dentro de caminhões nas viagens e quando param para descansar podem recuperar uma parte ou evitar perder tantos quilos.

Ao final da série, o repórter Hernesto Palha, responsável pela equipe, lembra a culinária do Tocantins onde experimentou o Chambarim, um cozido feito com músculos da perna do boi, um tipo de ensopado de influência nordestina. “Eu gostei muito de um ensopado feito de um músculo da perna do boi lá do Tocantins”, conta.

6.2.1.9. Roraima:

a) Citações:

Roraima é citado duas vezes no Jornal Nacional durante os meses de junho e outubro. Em cinco de julho é identificado como um dos cinco estados que piores desempenhos no Ensino Médio, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e no dia 06 de setembro recebeu a visita da equipe do “JN no Ar”.

O Estado é descrito como pertencente a Região Norte, um “lugar de povo acolhedor, com grande percentual de imigrantes”. Também é a menor economia do país,

com problemas sérios de saneamento básico (água encanada e esgoto), menor índice de mortalidade infantil, mas também menor expectativa de vida da Região Norte.

Na entrada ao vivo o repórter explica que há uma confusão sobre a estação do ano em Roraima. Que na maior parte da Amazônia se considera a estação atual verão e tecnicamente em Roraima seria verão, já que eles estão no hemisfério norte, mas a população considera este período inverno, porque é quando chove mais. Ele chama a região de “extremo norte da Amazônia” onde há um “outro clima”.

Na reportagem ele comenta sobre a falta de água potável que deve ser amenizada com a captação de água do rio Mucajaí, obra em andamento com recursos do governo federal. Os recursos do município encolheram já que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população diminuiu em quatro mil pessoas. Em Alto Alegre, vivem 12 etnias que estavam reunidas para os jogos estudantis indígenas no dia da realização da reportagem.

As principais atividades econômicas são a agricultura, a pecuária de corte e a piscicultura. “que aproveita a área desmatada para o gado”, uma alternativa a proibição do desmatamento. Um piscicultor de origem nordestina, ao ser entrevistado, definiu a população como “alegre e produtiva” e diz que o município “já cresceu um pouco e cada dia cresce mais com nossa força de vontade e trabalho”.

6.2.2. Jornal da Record:

Tabela 8: Notícias sobre a Amazônia por mês, Estados citados e responsáveis pela produção (JR)

		Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Total
Pará	Citações	6	8	8	11	7	40
	Autorias	5	8	5	7	5	30 ⁶⁶
Amazonas	Citações	1	5	2	2	6	16
	Autorias	1	2	1	1	2	7
Rondônia	Citações		3	2	1	2	8
	Autorias		1				1
Roraima	Citações		1	1	2	2	6
	Autorias						0
Acre	Citações		1	2		2	5

⁶⁶ A soma total dos números de matérias segundo sua autoria atinge o valor de 102 textos. Isso ocorre porque uma reportagem foi produzida em parceria entre o Pará e o Amazonas e a autoria foi atribuída aos dois, sem prevalência de um sobre outro, como ocorreu em outras notícias e reportagens analisadas.

	Autorias						0
Amapá	Citações	1	2	1	2	6	
	Autorias	1	1	1		3	
Tocantins	Citações		1	2	2	5	
	Autorias					0	
Maranhão	Citações		1	2	1	4	
	Autorias					0	
Mato Grosso	Citações		1	1	1	3	
	Autorias					0	
Outros Estados Brasileiros	Citações	3	4	1	5	2	15
	Autorias	1	3	2	5	3	14

Fonte: Elaboração Própria (2011)

6.2.2.1. Pará:

a) Autorias:

O estado do Pará é o principal território referenciado como pertencente a Amazônia. Há 40 citações a esta unidade da federação entre junho e outubro de 2010. Destas, 30 foram produzidas pelo Núcleo de rede do Pará. Os principais temas são a Série “Em Busca do Ouro”, reportagens relacionadas a esportes, meio ambiente, infraestrutura e sérvios, posse de terra, cultura e violência Urbana. Entre as 30 matérias que foram produzidas pelo Núcleo de rede local, 22 não citam o vocábulo “Amazônia”, mas ganham destaque na hierarquização de notícias dentro do telejornal, já que 19 delas estão localizadas no primeiro e segundo blocos do programa.

Na Série “Em Busca do Ouro”, há dois episódios que tratam do garimpo de Serra Pelada, localizado no município de Curionópolis, no Pará. O lugar é mostrado como um território a parte, quase como se não pertencesse nem ao estado, nem a região. Ao mesmo tempo em que a presença do garimpo, mostra a reportagem, foi importante não só para a economia do Pará, mas também para a do Brasil.

A primeira reportagem mostra a reabertura do garimpo, desta vez com a exploração mecanizada do minério, uma vez que o local onde se concentra o metal está inundado. A população entrevistada vê com descrença as promessas de melhoria no município devido a reabertura de Serra Pelada, e dizem que “esta conversa eu tô com 30 anos que eu tô ouvindo ela...”

Na segunda reportagem sobre Serra Pelada, que foi a terceira reportagem a ir ao ar, o tema é a violência que sempre rondou o garimpo. “Nos anos 80 a corrida do ouro acumulou dezenas de mortes, por doenças, por acidentes, mas também por ganância”. A matéria mostra que hoje Serra Pelada é uma reserva e que apenas os garimpeiros teriam direito de explorá-la. Apesar disso o Ministério de Minas e Energia autorizou a parceira da Cooperativa de Garimpeiros com uma empresa canadense, que juntas formaram a empresa “Serra Pelada Companhia de Desenvolvimento Mineral”. “Uma reserva garimpeira não poderia ter uma exploração mecanizada. Então é uma coisa anômala. O governo cedeu por quê? Porque são milhares de pessoas e milhões de interesses. Há o interesse legítimo, aberto, e o interesse oculto e, as vezes, escuso, em torno de Serra Pelada, que é um enredo que sempre aconteceu”.

A cooperativa de garimpeiros tem um histórico de conflitos e mortes. Depois de quatro assassinatos ainda não solucionados, uma intervenção na justiça determinou uma nova eleição. No entanto, o presidente eleito não chegou a assumir o cargo, foi morto dois dias antes da posse. Hoje a oposição dentro da cooperativa acusa o acordo com a empresa canadense de ter sido realizado ilicitamente com fraude nas assembléias e questiona os critérios da escolha da empresa. O repórter conta: “A novidade fez surgir um novo tipo de garimpeiro. Ele não quebra pedra, nem carrega peso nos ombros. Tudo o que ele tem que fazer é passar uma noite num acampamento assim para ajudar a decidir o destino de Serra Pelada” e conclui: “Pelo jeito a troca de acusações vai acompanhar cada novo grama de ouro arrancado das entranhas de Serra Pelada”.

Nesta reportagem os jornalistas mostram como a exploração da jazida em Serra Pelada foi importante para o Brasil: “Em 1980 quando o Garimpo de Serra Pelada começou o Brasil estava sem dólares, praticamente quebrado. O Banco central parou de publicar o boletim das reservas internacionais. O Ouro do Pará se não salvou a pátria foi pelo menos um aval para o governo do General Figueiredo, o último presidente do regime militar”.

Outra notícia produzida neste período também fala sobre ocupação e conflitos pela posse de terra no Pará e na Amazônia. No dia 20 de julho o Jornal da Record anuncia o Programa Terra Legal, do governo federal. A intenção é “diminuir a violência gerada pela grilagem, regularizar as terras invadidas e evitar o desmatamento”. O programa promete atingir 173 mil municípios da Amazônia Legal. O baixo preço dos lotes de terra são vistos com preocupação por parte de pesquisadores ambientais que dizem que a medida pode, ao contrário, atrair mais pessoas para ocupar irregularmente a região.

Já nos rios, a ação de “piratas” foi retratada como um problema que atinge pescadores da região amazônica. “Um novo tipo de crime na região amazônica está deixando os pescadores do Pará com medo de trabalhar a noite. Ladrões armados atacam os barcos que navegam nos rios que cortam o Estado”, conta a apresentadora. A ação seria mais intensa na região da Ilha do Marajó. Na reportagem também aparece o trabalho da Polícia Federal na tentativa de captura dos criminosos. As cenas, com imagens cedidas pela polícia, mostram perseguições em áreas residenciais nas margens de rios, passando por pontes e casas de madeira. Um dos entrevistados é identificado como ribeirinho. Ele tem idade entre 30 e 40 anos, pilota barcos e tem cabelos lisos e pele morena.

A violência urbana é outro dos principais temas das reportagens. Treze notícias sobre estupros, assaltos com reféns, violências nas escolas, assaltos à ônibus, bancos, carros fortes e casas loterias. O tema é tão frequente que o apresentador chega a afirmar: “O caso que vamos apresentar agora, você já viu em outras edições do Jornal da Record. Mudam os endereços e os nomes dos envolvidos, mas o crime é o mesmo: Assalto com reféns em Belém”. O assassinato de uma jovem num cemitério da capital do estado com indícios de vampirismo também é mostrado no programa. A falta de segurança no Pará também aparece na reportagem sobre os estados que pediram reforço do exército durante as eleições 2010. O Pará é o estado que recebeu o maior contingente de oficiais. O Major responsável pela segurança no estado define a presença no Pará como diferente em função de características físicas do local: “Temos situações aqui que o exército não enfrenta em outros estados, a necessidade de sair com maior antecedência em função das grandes distâncias, a deficiência na comunicação”.

Outro problema apresentado enfrentado pelos paraenses seria as péssimas condições de infraestrutura de serviços públicos a disposição da população. O transporte escolar em Bujaru, no interior do Pará, recebe um orçamento anual de 700 mil reais para levar alunos da zona rural para a sede do município, mas os repórteres denunciam o sucateamento dos ônibus e a péssima qualidade do serviço. Por sua vez, a falta de saneamento levou os moradores de uma rua na periferia de Belém a colocarem uma faixa oferecendo seus votos para os políticos que promoverem asfalto, água encanada e esgoto para o local.

O tema saúde fala sobre o caso da menina Victória que foi atingida na cabeça por uma bala durante um assalto e que foi recusada em quatro hospitais da cidade devido a falta de neurocirurgia. Os apresentadores definem o caso como “falta de médicos na Amazônia” quando a Secretaria Estadual de Saúde do Pará diz que promove concursos

para contratar neurocirurgiões, mas que as vagas nunca são preenchidas por falta de candidatos. A conclusão do caso é mostrada em outra notícia, quando a menina recebeu alta do hospital: “Essa reportagem deixa agente feliz por vários motivos. Além da recuperação da criança que, não por acaso, se chama Vitória, é bom saber que uma cidade que tem tantos problemas no atendimento hospitalar, tantas denúncias que é Belém, consegue salvar pelo menos uma vida, né?”, comenta a apresentadora Ana Paula Padrão. Em outra notícia o tema são as dificuldades de obter atendimento nos postos de saúde e prontos socorros de Belém e Ananindeua. Entre junho e outubro também foi ao ar o caso do indiciamento de três médicos por negligência após submeterem uma adolescente a uma cesariana quando a jovem já não estava grávida.

O meio ambiente é o principal tema em quatro matérias. A reportagem sobre o verão amazônico mostra que enquanto o resto do país está no inverno, turistas aproveitam as praias de água doce da região. “O mais impressionante é que o rio faz ondas e se a maré estiver cheia, as ondas no mar de rio, as ondas podem chegar até a um metro de altura”. O turismo também aparece em uma reportagem sobre as “casas flutuantes na Amazônia”. A reportagem fala de famílias que montam casas em barcos para férias e veraneio. Fala que o período de agosto é quando as praias as margens dos rios no Estado alcançam sua maior extensão e também quando os moradores passam a morar dentro dos rios.

Em outra reportagem, aparece um mico-de-cheiro (macaco de pequeno porte) que fazia parte da fauna livre de um parque zoológico em Belém, mas que preferiu ir viver com macacos-aranhas (macacos de grande porte), que são maiores e mais pesados que ele, porém o mico parece dominar o ambiente.

Infrações contra o meio ambiente aparecem em outras reportagens. O uso do “cerol” (mistura de vidro moído com cola branca utilizado para fortalecer linhas utilizadas para empinar pipas) aparece como uma agressão aos pássaros da região. A repórter mostra pássaros mortos e feridos permanentemente devido a acidente envolvendo linhas com “cerol”. Um representante do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) diz que se ocorrer um flagrante de dano ao animal silvestre, a pessoa responsável pode ser indiciada por crime ambiental. O IBAMA aparece em outras duas reportagens, desta vez sobre desmatamentos no estado. A primeira diz que os lugares devastados são encontrados com ajuda da tecnologia (satélites) e depois sobrevoos nos locais mostram outros pontos de desmatamento. A Operação Aratau de fiscalização contra o desmatamento também é mostrada. Mais de três mil campos de futebol foram destruídos, mas “Para chegar até as

áreas desmatadas as dificuldades são muitas. A maior delas é enfrentar a rodovia transamazônica e uma nuvem de poeira”, anuncia o repórter.

No dia 20 de julho foi ao ar uma reportagem sobre a importância da farinha para a cultura alimentar paraense e como ela pode ser utilizada para combater cáries na população, quando se adiciona flúor ao produto. A matéria cita este hábito como dos moradores da Região Norte e afirma que a farinha é um dos produtos mais procurados na feira livre do Ver-o-Peso em Belém e que é ainda mais procurada no interior do estado. A descoberta da fórmula de mistura de farinha e flúor foi feita por pesquisadoras da UFPA.

A Copa do mundo no estado também aparece nas reportagens paraenses. Além de participações em notícias nacionais, o estado foi o responsável pela produção de uma das matérias sobre o jogo Brasil contra Portugal enfatizando famílias e pessoas divididas entre as duas nacionalidades. O texto começa com as padarias de São Paulo e opiniões de clientes e dos donos de padarias. A segunda parte da reportagem falava de um motorista em Belém do Pará que celebrava o jogo torcendo de forma alegórica para as duas seleções. Em seguida mostra uma família cujo patriarca é português, e embora tenha muitos filhos e netos, apenas um dos integrantes da terceira geração apoia o avô. São 12 copas do mundo que a família já se reuniu para torcer dividida.

O Pará também foi o responsável pela produção da reportagem sobre os resultados do primeiro turno das eleições 2010 no Norte do país. A região é definida como a maior do país e que “na Amazônia as grandes distâncias dificultaram o envio de dados às Capitais”. O Estado do Pará é citado como o maior colégio eleitoral da Região, com mais de 7 milhões de eleitores.

b) Citações:

Já das dez matérias onde o Pará é citado, o Núcleo de rede local participa de metade delas. Os temas e assuntos são variados. Em duas reportagens o tema são os esportes. A primeira fala sobre “os jeitinhos que os brasileiros deram para ver o jogo do Brasil contra Portugal”. Na Baía de Guajará em Belém, “os barcos procuram uma televisão. O barco para, mas o motor fica ligado. É ele que mantém o televisor ligado”. Um homem que foi picado por uma cobra e descansa em uma rede “ganha lugar privilegiado na plateia que assiste ao jogo com a ajuda de baterias”.

A reportagem privilegia as peculiaridades de cada lugar e o quando o jogo muda estas rotinas tão distintas que neste momento se aproximam. Os pontos mostrados são: Baía de Guajará em Belém, região das Ilhas onde TVs funcionam com baterias; Brasília,

TVs em barracas no palácio da alvorada; em Florianópolis, pescadores se reúnem num barracão e em Goiânia onde trabalhadores rurais improvisam um lugar para assistir o jogo, este último é o local que preenche a maior parte do tempo da reportagem e onde é gravada a passagem de vídeo.

Já na Série “Desafios do Brasil” a última reportagem mostra o desafio da preparação de atletas para os vários esportes das olimpíadas. Como sede, o país terá vaga garantida em esportes onde nunca disputou medalha. Os repórteres de São Paulo e do Rio de Janeiro mostram entre as promessas de medalha jovens da Amazônia. O primeiro apresentado é o Delson Salles, boxeador, que começou a carreira em Roraima. Ao falar dele os repórteres o localizam apenas em relação ao seu Estado de origem. Depois ao comentar sobre a canoagem, aparecem várias referências a região.

“O Botafogo foi buscar na Amazônia um jovem remador que agora vive na beira da Lagoa Rodrigo de Freitas”. O rapaz explica “Sempre saia para passear em canoa regional mesmo”. O narrador explica que a carreira no esporte começou profissionalmente ainda na Amazônia. Imagens do rapaz com uniforme da equipe de remo da Tuna Luso, mostram que o início da carreira foi no Pará. O jovem remador é Ailson Eráclito, mas um adolescente identificado apenas como Marciel “veio lá da Ilha do Marajó, no Pará”. O remador conta: “Andava nas canoinhas só passeando”.

A reportagem é concluída aconselhando o país a buscar novos talentos em todos os cantos da nação e dando como exemplo os jovens remadores da Amazônia ao afirmar que “ainda tem muito remador de talento por lá, é só procurar”, afirmam juntos entrevistado e repórter.

Já na Série “A Nova Classe Média”, o tema é a cultura musical. A reportagem mostra como ritmos que antes sofriam preconceitos, conseguem contornar a exclusão e se inserir na cultura fonográfica nacional. No Pará o exemplo é o tecnobrega com suas festas de aparelhagens e a distribuição de músicas direto aos camelôs, contornando a indústria fonográfica. Também é mostrada a extravagância de roupas, acessórios e luzes. “Mistura isso com a nossa coisa Amazônica, da nossa musica, do nosso carimbó, da nossa floresta, do nosso índio digital, e surge essa mistura louca que faz o povo tremer (...)”, diz Gaby Amarantos, cantora de tecnobrega. O texto segue contando o sucesso do forró em São Paulo. AO final, a apresentadora comenta. “(...) Não ter vergonha de reforçar uma cultura que sempre foi tachada de periférica, porque, afinal, hoje ela é da maioria”.

O tema do meio ambiente aparece em agosto, num quadro chamado “boa notícia”. A informação é contraditória porque diz que diminuiu a taxa de desmatamento na

Amazônia, que é identificada como Amazônia Brasileira já que inclui a totalidade dos estados do Mato Grosso e Maranhão, mas o texto também informa que as queimadas triplicaram em relação ao mesmo período do ano passado. Os incêndios são majoritariamente criminosos segundo o IBAMA. O desmatamento também é tema de uma notícia no dia 8 de outubro. Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revelam redução do desmatamento na Amazônia Brasileira. O Pará é identificado como o campeão da devastação e os pesquisadores do INPE dizem que é cedo para comemorar porque os números podem estar disfarçando uma nova forma de desmatamento. Outros satélites devem ser colocados em órbita para mapear melhor propriedades com menos de mil hectares. O diretor do Instituto, Gilberto Câmara, diz que os números estão relacionados a nova forma de ocupação da região: “A ocupação na Amazônia já não é mais uma ocupação de migração. É uma ocupação consolidada. As pessoas já estão lá. Em lugar de abrir grandes novas áreas, elas abrem uma pequena expansão da área que já existe”.

Na “Série Desafios do Brasil”, a reportagem a respeito da saúde pública no país é dividida em três partes. Abre com a espera em São Paulo, onde as filas são virtuais, uma vez que os atendimentos são agendados, porém se demora meses para conseguir exames e consultas. A segunda parte fala sobre o atendimento em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e como os pacientes vindos do interior para a capital sobrecarregam os hospitais públicos. A reportagem é concluída mostrando o caos no atendimento no interior do estado. O exemplo é o município de Bonito, no Pará. Onde os 12 mil habitantes têm a disposição apenas cinco médicos clínicos gerais que se dizem “tudista” já que acabam fazendo o trabalho de vários especialistas como pediatras, obstetras, cardiologistas, etc.. As imagens mostram uma cidade pequena com algumas ruas de terra batida e outras asfaltadas, postos de saúde lotados, pacientes sem atendimento médico e onde os habitantes dão um “jeitinho” para não ficar sem orientação como a utilização das parteiras. O lugar é identificado como um exemplo dos interiores do país e não relacionado com a região ou estado.

As forças armadas aparecem em duas reportagens. A primeira foi ao ar no dia 20 de setembro e fala sobre o narcotráfico no país e começa com imagens sobre a operação da polícia federal que apreendeu 300 mil quilos de maconha no Pará. As definições para o lugar são: “Maior floresta do mundo”, “meio da mata” e diz que é preciso um “búfalo para o transporte da droga para fora da floresta”. As imagens mostram a plantação de maconha no meio da floresta e da mesma sendo destruída pelos policiais. A notícia segue com operação que capturou mandantes de uma quadrilha de narcotráfico que agia na Rosinha,

no Rio de Janeiro. No dia 8 de outubro, A reportagem fala sobre o desvio e roubo de armas de uso exclusivo das forças armadas brasileiras. A notícia se centra na ação dos quartéis e do problema no Rio de Janeiro a partir de um relatório realizado. Dentro da notícia é comentado que foi feito um mapeamento de quais estados mais sofrem “desvio e roubo de armas” pela ordem de incidência são: Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Pará, Amazonas e Ceará.

A segurança ainda é o tema da notícia sobre o assassinato de uma jovem em um cemitério da periferia de Belém. Os envolvidos também são jovens e adolescentes que confessaram indícios de vampirismo no crime e foram capturados com a ajuda de um internauta para quem confessaram o crime pela internet.

A última notícia fala sobre a aplicabilidade da Lei da Ficha Limpa nas Eleições 2010. Enquanto 22 estados aplicaram-na para todos os casos, cinco estados (Pará, Acre, Rondônia, Tocantins, e Maranhão) tomaram decisões contrárias as orientações do Supremo Tribunal Eleitoral, alegando que a Lei não pode ser retroativa. A decisão final caberá ao Supremo Tribunal Federal, por hora um candidato ao governo do Distrito Federal teve a candidatura cassada enquanto o candidato a senador Jader Barbalho teve a campanha liberada pelo Tribunal Regional Eleitoral do Pará.

6.2.2.2. Amazonas:

a) Autorias:

O meio ambiente é o principal tema das matérias produzidas pelo Núcleo de rede do Amazonas. Das sete notícias produzidas pelo estado entre junho e outubro de 2010, três falam sobre problemas relacionados a queimadas e a estiagem de rios, uma retrata o verão amazônico, uma mostra índios torcendo pelo Brasil no jogo contra a seleção de Portugal, outra fala sobre o novo sistema de envio de dados de apuração de votos e a última comenta sobre um projeto do sistema penitenciário.

A primeira reportagem foi ao ar no dia 25 de junho e mostra uma aldeia indígena localizada próxima a cidade de Manaus, capital do Amazonas. Os indígenas se reuniram em frente a TV e “Os índios não esquecem que o adversário de hoje, Portugal, no passado conquistou os povos da floresta”, diz o narrador. O cacique afirma “no começo, no início, os portugueses maltrataram com os brasileiros, os povo brasileiro, e agora os filhos deles estão castigando aqueles que chegaram”. A reportagem é concluída falando que faltou a “dança da vitória”, mas a fala do índio que se segue comenta apenas que o empate se deve

a falta dos principais jogadores da seleção, em campo. Comentário, já enfatizado durante quase todo o primeiro bloco do jornal nas falas de repórteres e entrevistados sobre o resultado do jogo.

Nos dias 10 de setembro e 1º de outubro, o tema é a estiagem nos rios da região. A primeira mostra como o “tempo seco deixa o nível dos rios da região amazônica muito abaixo o que dificulta o transporte de combustíveis”. Os estados que enfrentam o problema são o Amazonas, Rondônia e Roraima. As imagens da reportagem são de transporte de carga pelos rios e da área urbana de postos de gasolina. Em outubro, o tema é como a estiagem pode afetar as eleições já que os rios são a principal via de transporte para os moradores devido ao “isolamento dos ribeirinhos na Amazônia”. Na reportagem o repórter diz que a paisagem mais parece o Nordeste, mas é o fundo de um rio no Amazonas. A seca que atinge os estados do Norte do País ameaça as eleições já que “as embarcações são o principal meio de transporte na região”. As autoridades locais pedem providências do governo federal e da justiça eleitoral a respeito das grandes distâncias que deverão ser percorridas, agora, a pé.

A eleição também é o tema de uma reportagem que foi ao ar em 23 de julho e que retrata a inauguração do sistema de envio de informações sobre a apuração de votos para as eleições 2010. “Muitos municípios na Amazônia não tem acesso a internet por banda larga e para que o voto destes eleitores seja conhecido logo, a justiça eleitoral conta com um sistema via satélite de transmissão de dados”. Com a nova tecnologia “Integrar as cidades na floresta com Brasília vai levar apenas um minuto”, narra a apresentadora. A região é definida como “remota” por Ricardo Lewandowski, presidente do Tribunal de Justiça Eleitoral (TJE).

Ainda em julho a reportagem sobre o “Verão amazônico” mostra os atrativos turísticos do Amazonas e do Pará. No Amazonas: “Existem agências que trazem os turistas para lugares como este, bem perto da capital. Um refúgio no rio negro onde é possível entrar na água e brincar com os botos”, explica o repórter na passagem de vídeo. Os esportes radicais também podem ser praticados no rio e, segundo o instrutor servem para aproximar os turistas da população local: “O Wakeboard traz a pessoa para a natureza para conhece rum lado diferente, conhecer os ribeirinhos, conhecer a nossa região é bem legal”. Uma turista fala sobre o sentimento de proximidade em relação a natureza: “É uma imensidão. E a gente se sente tão em sintonia com a natureza aqui. É maravilhoso demais. É indescritível o que a gente sente quando chega aqui”.

Em gosto o tema se volta para o período de queimadas na região que é definida tanto como Região Norte, quanto como Amazônia Legal. Na fala da apresentadora predomina o primeiro conceito: “O excesso de fumaça provada pelas queimadas além de causar transtornos a população prejudica o funcionamento de aeroportos na Região Norte”; já o segundo conceito é utilizado pelo repórter: “Uma camada de fumaça é trazida pelo vento das áreas destruídas pelo vento em todos os estados da Amazônia Legal”. O texto fala sobre o isolamento da região onde em muitos lugares só é possível chegar de avião, sem visibilidade, as pessoas estão sem ter como voltar pra casa.

A última reportagem fala sobre campanhas e projetos em Manaus e Tabatinga, no Amazonas, que buscam prevenir e incentivar o tratamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis em presídios. A matéria se centra na novidade das ações não na localização do fato, embora a segunda cidade seja na fronteira com o Peru e a Colômbia e a ação seja mantida por um programa das nações unidas.

b) Citações:

Das 16 matérias sobre o Amazonas que foram ao ar no período, nove foram produzidas em outros estados. Duas no Pará, duas em São Paulo, duas em Brasília e três no Rio de Janeiro. Em seis delas, os assuntos são localizados como se passando na “Amazônia”, apesar de em apenas quatro, duas oriundas do Pará e duas de São Paulo, haver a participação de Núcleos de rede locais.

Do Pará vieram as reportagens sobre o resultado do primeiro turno das eleições nos estados da Região Norte e sobre o Programa Terra Legal do governo federal que pretende “diminuir a violência gerada pela grilagem, regularizar as terras invadidas e evitar o desmatamento”, cujas ações devem ser efetivadas em 173 municípios da Amazônia Legal.

De Brasília são os autores das reportagens sobre o desmatamento que foram ao ar no dia 09 de agosto e no dia 8 de outubro que mostram a redução do ritmo do desmatamento na Amazônia Legal, mas também revelam que as queimadas criminosas são as principais responsáveis pela atual destruição e que os números podem estar errados devido a técnica de coleta de dados. Já que os satélites utilizados para o mapeamento do desmatamento não observam áreas menores que mil hectares. O diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) explica que “A ocupação na Amazônia já não é mais uma ocupação de migração. É uma ocupação consolidada. As pessoas já estão lá. Em

lugar de abrir grandes novas áreas, elas abrem uma pequena expansão da área que já existe”.

São Paulo é a origem de duas reportagens que mostram como os rios estão presentes no cotidiano da população. A primeira fala de uma pesquisa internacional que revela que os brasileiros são o povo que mais toma banhos por semana, uma média de 20. A reportagem mostra o banho de rio no Amazonas, onde o banho vira diversão e o menino entrevistado conta sobre a “economia de água”. O texto segue falando sobre os problemas de saúde que o excesso de banho quente pode causar e a segunda parte da reportagem se refere a campanha do governo federal Israelense para que os moradores tomem banhos de 4 minutos para economizar água. O líquido está escasso no mundo, diz o responsável pela campanha. A reportagem tem foco no banho, mas relaciona o excesso de água disponível no país, principalmente no banho de rio no Amazonas com a falta do líquido no mundo por meio da questão do desperdício.

A segunda reportagem faz parte da Série “Desafios do Brasil” e tem por tema o acesso ao mercado de trabalho. Ela inicia com a falta de trabalhadores jovens em Uberlândia, Minas Gerais. A seguir a falta de oportunidades de emprego em Salvador-Bahia e por fim, as dificuldades adicionais dos jovens de Manaus. Nesta parte da reportagem aparecem definições de lugar como “Lugar sem formação de jovens para o mercado de trabalho nem formação para o primeiro emprego, assim é a comunidade ribeirinha onde Marinete mora.(...) O caminho de Marinete é longo, assim como de muitos jovens brasileiros de poucos recursos, só que este desafio tem uma dificuldade a mais. A adolescente precisa viajar de barco em busca das oportunidades”.

Das três reportagens que foram produzidas por jornalistas do Rio de Janeiro, a primeira cita o Amazonas como o sexto estado onde mais ocorrem desvios e roubos de armas de uso exclusivo das forças armadas, segundo relatório do exército e, as duas seguintes, fazem parte da Série “Infância em Perigo”.

No dia 6 de outubro o tema da Série é a exploração sexual de jovens e adolescentes no Amazonas por turistas estrangeiros. As jovens seriam da periferia de Manaus, de famílias ribeirinhas e também jovens indígenas. O texto fala que a Amazônia é muito procurada para o turismo ecológico, mas que crimes vem acontecendo quando eles chegam aqui, além da exploração sexual a entrada irregular de estrangeiros em áreas de preservação indígena também é denunciada. No dia 8 de outubro a reportagem volta-se para o trabalho infantil em comunidades localizadas às margens do Rio Negro, onde as famílias dependem da produção de espetos de churrascos. No entanto, até a extração deste

material é irregular já que se trata de área de preservação ambiental. Segundo o repórter “a visão da produção e espetos não é abusar dos filhos, mas transmitir o conhecimento de uma atividade que há mais de 40 anos sustenta as comunidades”, por outro lado “estamos numa área de proteção ambiental próxima ao Arquipélago das Alhadianas, um tesouro da biodiversidade brasileira. As leis protegem a mata, os peixes e os bichos, mas as pessoas precisam se virar. Muitas vezes burlando a legislação”. Devido a dualidade as autoridades estão divididas. Fiscais do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) prendem indiscriminadamente quem for pego em atividades ligadas a esta produção, já o conselho tutelar diz que se não ajudarem os pais na atividade, as crianças provavelmente passarão ainda mais necessidades e que por isso é complicado interferir na questão do trabalho infantil, mesmo sendo este muito perigoso.

6.2.2.3. Rondônia:

a) Citações:

O estado de Rondônia possui 8 citações no Jornal da Record entre os meses de junho e outubro. Ele é citado duas vezes pelo Pará, uma pelo Amazonas, uma pelo Amapá, uma por São Paulo, uma pelo Rio de Janeiro e duas por Brasília. O estado aparece como um lugar distante, que deveria ter uma cobertura vegetal maior, mas que está devastado atualmente.

O conceito de Floresta Amazônica aparece primeiro na reportagem sobre a criação de uma nova tecnologia de brocas odontológicas que são silenciosas e que por isso devem assustar menos os pacientes. Alguns aparelhos forma doados pelo fabricante e estão sendo testados na “Selva Amazônica” em pacientes carentes da periferia de Rondônia.

Rondônia será uma dos territórios beneficiado pelo Programa Terra Legal, onde lotes já ocupados serão legalizados. Alguns serão negociados “a preço de banana”. “Lotes de terra a preço de banana, literalmente, a preço de banana mesmo. Essa foi a medida tomada pelo governo para regularizar a posse da terra e combater a violência rural e o desmatamento na Amazônia”, resume a apresentadora.

O estado é referenciado em duas reportagens produzidas em Brasília sobre a redução do ritmo do desmatamento na Amazônia. As queimadas criminosas, no entanto, persistem como principais destruidoras da Floresta e o Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais (INPE), diz que os números podem estar errados já que os satélites não

monitoras áreas com menos de mil hectares e que nelas podem estar a nova forma de desmatamento na região.

Rondônia também é um dos estados prejudicados pela seca nos rios da região o que dificulta a chegada do etanol nos estados e, conseqüentemente, a distribuição de combustíveis e o transporte de cargas.

Esta unidade da federação também é referenciada duas vezes em notícias sobre as eleições 2010. Uma notícia fala que o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) de Rondônia foi um dos que não aplicaram a Lei da Ficha Limpa conforme orientações do Tribunal Superior Eleitoral. O estado também aparece quando é anunciado o resultado da eleição para governador no estado em uma reportagem produzida no Pará que revela os dados do 1º turno na Região Norte.

A capital de Rondônia, Porto Velho, tem o pior índice de saneamento do país, seguida por cidades cariocas. A falta de investimentos nesta área se reflete na área da saúde e no setor de trabalho. A reportagem fala de uma pesquisa nacional que revela que metade dos brasileiros não tem esgoto nem água encanada em casa, mas se todo o país tivesse as mesmas condições que Jundiaí, em São Paulo, os benefícios sociais e econômicos tornariam o país desenvolvido, segundo a Fundação Getúlio Vargas

6.2.2.4. Roraima:

a) Citações:

O estado de Roraima foi citado seis vezes no Jornal da Record entre os dias 14 de junho e 9 de outubro de 2010. Em cinco delas, referencia a região como Amazônia. Duas notícias falam sobre o desmatamento na região no período de agosto de 2010, outras duas comentam sobre as eleições 2010, uma fala sobre a estiagem nos rios da Bacia Amazônica e outra sobre esportes.

A redução do ritmo do desmatamento em agosto, apesar do crescimento do índice de queimadas em relação ao ano anterior, em duas notícias mostra Roraima como um dos estados atingidos. O meio ambiente também é tema da notícia sobre a estiagem dos rios da região que atrapalham a distribuição de etanol e o transporte de cargas no estado.

Roraima é o menor colégio eleitoral do país, segundo uma reportagem que foi ao ar em 20 de julho. Enquanto que para se eleger em Roraima um senador necessita de 200 mil votos, em São Paulo este número sobe para 8 milhões. Já o resultado da eleição para

governador do estado foi divulgado, junto com os números do primeiro turno das eleições 2010, em uma notícia produzida no Pará.

Na Série “Desafios do Brasil”, ao abordar a preparação para as olimpíadas no país, os repórteres de São Paulo e do Rio de Janeiro mostram entre as promessas de medalha jovens da Amazônia. O primeiro apresentado é o Delson Salles, boxeador, que começou a carreira ainda em Roraima. Ao falar dele os repórteres o localizam apenas em relação ao seu Estado de origem.

6.2.2.5. Amapá:

a) Autorias:

O estado do Amapá foi citado seis vezes entre os meses de junho e outubro de 2010, duas delas foram produzidas pelo Núcleo de rede do estado. Ambas falam sobre o tema Eleições 2010. A primeira fala sobre a aplicabilidade da Lei da Ficha Limpa, em que cinco estados da Amazônia Legal - Pará, Acre, Rondônia, Tocantins e Maranhão - tomaram decisões contrárias as orientações do Supremo Tribunal Eleitoral, alegando que a Lei não pode ser retroativa.

Também foi produzida no estado a reportagem sobre a operação “Mãos Limpas”, que prendeu 18 pessoas por fraudes e corrupção no desvio de recursos públicos no estado. Os presos são dos três poderes do estado, incluindo o governador e o ex-governador.

b) Citações:

Nas quatro matérias em que o Amapá é citado, duas falam sobre a redução do desmatamento na Amazônia Legal, apesar do aumento do número de queimadas criminosas. Uma referencia o resultado do primeiro turno das eleições em todos os estados da Região Norte do país e a última explica que uma parte do Brasil está localizada no Hemisfério Norte do planeta uma vez que, quatro estados brasileiros possuem parte de seu território localizado acima da Linha do Equador.

O texto conta que enquanto no Sul do país, moradores enfrentam temperaturas abaixo de zero graus Celsius, no Amapá entra oficialmente no período mais quente do ano. A sensação térmica pode chegar a 40 graus. “Em Macapá, cheia de sol, é difícil quem não e renda ao calor. Pra refrescar nada melhor do que um banho nas águas do rio Amazonas”.

6.2.2.6. Acre, Tocantins, Maranhão e Mato Grosso:

a) Citações:

Cinco notícias do Jornal da Record citam o Acre e o Tocantins entre junho e outubro de 2010. A primeira diz que os estados estão entre as unidades da federação que serão beneficiadas pelo Programa Terra Legal de regularização e distribuição de títulos de terra na Amazônia Legal. Duas matérias produzidas em Brasília falam sobre a redução do desmatamento na Amazônia, apesar do aumento das queimadas e de que os números podem estar errados, uma vez que os satélites que monitoram o espaço não observam áreas menores que mil hectares, o que pode estar escondendo as queimadas e desmatamento feitos em pequenas propriedades e que estão ligadas a agricultura.

A política aparece em duas matérias. A primeira conta o resultado do 1º turno das eleições 2010 em toda a Região Norte do país e a segunda que o Acre o Tocantins estão entre os cinco estados que aplicaram a Lei da Ficha Limpa de foram contrária as orientações do Tribunal Superior Eleitoral, alegando que a legislação não poderia ser retroativa.

Os estados do Maranhão e Mato Grosso são citados brevemente nas matérias sobre o “Programa Terra Legal” e sobre a redução do desmatamento. Sendo que o Maranhão também está entre os estados que não aplicaram a Lei da Ficha Limpa nas eleições 2010.

6.2.3. Identidade e representações dos estados amazônicos: definições de Amazônia:

Quanto a relação entre os estados e a região, observa-se que os estados do Pará e do Amazonas são as principais unidades da federação, não apenas identificadas como amazônica como também autoras de notícias sobre a região. Isso provavelmente se deve a história de expansão das emissoras no território nacional. Ambas tiveram no Pará seus primeiros Núcleos de rede, sendo estes os mais antigos e com maior número de inserções na programação dos telejornais nacionais. Hoje, embora as emissoras já mantenham núcleos de rede em todos os estados, há poucas inserções sobre a Amazônia que não são de origem paraense ou amazonense.

O Pará está numericamente na frente do Amazonas tanto no critério da “autoria”, quanto no da “citação”, como o principal estado referenciado nos textos jornalísticos sobre a Amazônia, mas quando comparamos a descrição da Amazônia com a descrição do Pará ver-se que o estado afasta-se da representação da Amazônia com seu núcleo no conceito de “Floresta Amazônica”. Por um lado, devido a referência ao meio ambiente do estado que

aparece como “devastado”, como alvo de denúncias de desmatamento, queimadas ou cenário de crimes como narcotráfico. Por outro lado, o estado se aproxima de temas que são comuns a estados não-amazônicos como a violência urbana, a falta de saneamento e as periferias. Desta forma, é a unidade da federação amazônica com maior gama de temas relacionados a ela e a que parece mais próxima do resto do país. Retomando Dutra (2011) o estado do Pará ora aparece como pertencente ao Brasil Exótico, ora como integrante do Brasil próximo, isso porque é o único estado amazônico onde a dinâmica urbana é narrada de forma cotidiana e os problemas urbanos são aqueles comuns a centros urbanos de qualquer região do país. A frequência e forma como as notícias sobre violência e falta de moradia e saneamento básico são mostradas no Pará dão a impressão de que este é um estado que está crescendo e se tornando, em alguns momentos, menos “atrasado” que o resto da Amazônia.

Por sua vez, o Amazonas está intimamente ligado a ideia de isolamento e meio ambiente preservado. O meio ambiente está até mesmo nas reportagens sobre outros temas como nas denúncias da Série “Infância em Perigo” que tinham por tema a exploração sexual de adolescentes e o trabalho infantil, mas que também mostravam a vida na floresta e as dificuldades de jovens mulheres na periferia, nas comunidades ribeirinhas e aldeias.

Ao contrário, as capitais parecem fora de contexto como se houvessem sido trocadas. Belém é a cidade amazônica, fluvial, ligada a produção da floresta por meio do Ver-o-Peso, e aos rios, devido ao Círio das águas. Já Manaus, com sua Zona Franca, parece um enclave no meio da floresta: industrializada e problemática.

Depois do Pará e do Amazonas, Rondônia é o principal estado referenciado. Marcado pela destruição do meio ambiente, pela presença de migrante em sua população, pelo aproveitamento energético de seus rios que devem ser local de duas novas hidrelétricas e por uma capital que “nem parece amazônica” devido a tendência de verticalização do município.

Roraima é o estado com menos gente, presença indígena, forte presença de migrantes e que sofre com o desmatamento. Tocantins é o estado mais novo do Brasil, também sofre com o desmatamento, necessita de regularização fundiária e está entre os que mais possuem processos na Justiça Eleitoral. Tocantins é identificado como um estado de fronteira que precisa ser preservado, mas ao mesmo tempo onde já há um a forte presença agropecuária, portanto, onde os espaços já não contém floresta preservada.

O Amapá, apesar de ser o estado mais preservado da Amazônia, tem uma terra pouco fértil e possui parte de seu território no hemisfério norte. No período analisado foi

destaque devido a realização da operação “Mãos Limpas” que prendeu personalidades políticas importantes acusadas de fraude e desvio de recursos públicos.

O Acre tem forte presença de migrantes entre sua população, fica em uma região isolada devido as fortes chuvas amazônicas, sofre com o desmatamento, mas tem no açaí uma das principais produções locais e no Projeto da Rodovia Transoceânica, a maior esperança de desenvolvimento.

Por outro lado, observa-se que mesmo quando o conceito de Amazônia adotado é o de Amazônia Legal, há um predomínio de citações e autorias de estados da Região Norte do país. O Maranhão aparece nas reportagens que utilizam o conceito de Amazônia Legal, mas em nenhum momento os textos jornalísticos tentam relacionar ou justificar a presença deste estado dentro da Amazônia. Ele é citado apenas em notícias sobre desmatamento e regularização fundiária aparentemente apenas devido a adoção do conceito de Amazônia Legal nos projetos.

Mato Grosso é referenciado quase exclusivamente sobre a temática do desmatamento e das queimadas que o ligam ao assunto do meio ambiente, mesmo que nas reportagens e notícias essa devastação seja localizada em outros ecossistemas, como o Cerrado e o Pantanal e não na Amazônia. A ocupação do Mato Grosso com incentivo de projetos do período dos governos militares é a única referência direta a região.

Um grande volume de matérias, especialmente no Jornal Nacional, foram produzidas fora dos estados Amazônicos e sem a participação de Núcleos de rede locais. Isso se deve principalmente a produção de Séries de reportagens que eram filmadas e falavam sobre estados, lugares ou sobre a Amazônia em geral, mas eram “criadas” pelas emissoras “cabeça de rede” como a Série “JN no Ar” e a “Infância em Perigo”.

Tabela 9: Estados Amazônicos

Estado	Citações	Autorias
Pará	58	33
Amazonas	30	11
Outros	20	47
Rondônia	17	0
Acre	13	1
Amapá	13	5
Mato Grosso	11	4
Tocantins	9	1
Roraima	8	0
Maranhão	7	0

Assim se pode referenciar quatro “tipos” de relação mantidas pelos estados em relação ao conceito de Amazônia: A dualidade Pará – Amazonas, o grupo do “extremo norte” que integra os estados do Acre, Roraima, Rondônia e Amapá; o estado do Tocantins como a fronteira nacional da Amazônia e os estados do Mato Grosso e do Maranhão como os amazônidas nominalmente, mas não “por direito”.

O Pará e o Amazonas são os estados que mais compartilham representações com a Amazônia. O primeiro é um micro cosmos dos conflitos e mudanças pelas quais a região tem passado. Nele estão concentradas as referências sobre dinâmicas urbanas, rurais, de ocupação, de políticas públicas e de diversidade populacional. O Amazonas se restringe a compartilhar com a Amazônia a representação de “natural” e as consequências desta “naturalidade”. O Estado está intimamente relacionados a representação do Meio Ambiente e todos os demais fatores ou dinâmicas das quais se fala nas reportagens e notícias analisadas são submetidos ao predomínio da “floresta”, desde o povo até a infraestrutura disponível neste espaço.

Os estados do Acre, Rondônia, Roraima e Amapá são amazônicos principalmente porque são representados como “distantes”, “isolados”, povoados por migrantes, com baixa densidade populacional e localizados no “extremo norte do país”. Com exceção do Amapá, estes territórios também são os locais onde se encontram as populações indígenas da Amazônia. Estas características comuns, que levam as narrativas jornalísticas sobre estes lugares a descrevê-los de forma muito semelhante e homogênea, são representações também da Amazônia, como região.

A de se apontar o estado do Tocantins como a fronteira nacional da Amazônia. Nas reportagens sobre este lugar os personagens nas matérias fazem, a todo o momento, referências a uma espécie de “consciência de preservação” e discursos sobre a importância do meio ambiente. No entanto, as imagens exibidas no Jornal Nacional e no Jornal da Record sobre o estado o mostram como um estado já devastado pela ocupação humana e cujas paisagens são quase restritas a agropecuária. O Tocantins é o estado da fronteira agrícola na Amazônia e que hoje já tem mais características em comum com a região Centro-oeste do que com a região Norte.

Por fim os estados do Mato Grosso e Maranhão têm representações separadas da região Amazônica. As mesmas representações que tornam o segundo grupo homogêneo e pertencente a região, afastam estes dois territórios da Amazônia. Tornando sua pertença a

região um ato meramente político e contextualmente ultrapassado e errôneo, na fala dos textos jornalísticos analisados.

As representações da Amazônia sofrem flutuações quando pensadas em relação a cada estado apontado como pertencente a região. Estas diferenciações entre estados estão relacionadas mais a estrutura e modelo de telejornalismo presente no país que a simples divisão político-administrativa brasileira, embora pareçam, por outro lado, ter congelado no tempo os conceitos de Amazônia, especialmente o de Amazônia Legal.

Os nove estados que fazem parte da Amazônia Legal e sete deles, da Região Norte. A floresta parece estar presente em quase todos. Ela inclusive é o fator que justificaria o pertencimento do Mato Grosso à Amazônia no passado. Isto porque as reportagens que incluem esta unidade da federação tratam exclusivamente da questão das queimadas e do desmatamento. O interessante é que os ecossistemas identificados como destruídos nestas queimadas e desmatamentos não são Amazônicos. Pertencem ao Serrado e ao Pantanal. Ou seja, áreas do estado do Mato Grosso foram incorporada na representação da Amazônia devido a extensão da Floresta latifoliada sobre seu território e devido aos baixos níveis populacionais nesta área, o que no passado fez com que fosse incentivada pelo Governo Federal a migração. No entanto, hoje, não há mais esta floresta amazônica e seus habitantes não são localizados como Amazônicos. A Amazônia no Mato Grosso está extinta, nos discursos das reportagens e notícias analisados. O pertencimento do estado a região nos dias atuais parece estar ligado mais a manutenção do conceito nas pesquisas sobre o desmatamento e queimadas que se refletiriam nas matérias jornalísticas, mas parecem injustificados nas mesmas.

A mesma situação parece na representação do Maranhão em relação a Amazônia. Com o agravante de que não há nas notícias e reportagens analisadas qualquer justificativa para o pertencimento deste território à Amazônia tanto no passado, quanto no presente. Ele parece estar ligado a região apenas por uma medida política, quando da criação do conceito de Amazônia Legal. Sua representação é hoje relacionada e localizada como “nordestina”.

Situação semelhante parece atingir o estado do Tocantins. Nenhum outro estado descrito parece mais “fronteiriço” internamente (em relação ao Brasil) que este. As imagens e representações são restritas a agropecuária e presença de grande percentual de migrantes em seu território. Este último fator parece ser o “ponto” em comum dele com a Amazônia: A presença de migrantes nordestinos.

Os estados do Acre e Roraima seriam amazônicos por sua baixa densidade populacional, grande presença de migrantes nordestinos, presença de populações

tradicionais da região e sua localização no extremo norte do país. Além destas, o Amapá acrescenta outro item como justificativa para pertencer a Amazônia: o fato de ser coberto por áreas de reservas florestais. No Amapá foi encontrada a única dissonância na representação dos estados em relação a Amazônia quando comparados os discursos dos dois telejornais. No Jornal Nacional, o estado aparece como preservado devido, principalmente, ao fato de parte de seu território pertencer a reservas ambientais. No entanto, no Jornal da Record, o percentual de área preservada não é conhecido e o estado está relacionado ao tema da devastação, principalmente devido as queimadas e ao desmatamento na região.

O Amazonas é o estado mais amazônico porque sua representação é praticamente idêntica a da região, inclusive em todas as representações periféricas da mesma. Os jornalistas dos Núcleos de rede do estado, inclusive, evocam a Amazônia em todas as reportagens que produzem, provavelmente como estratégia para aumentar suas chances de espaço na grade de programação dos telejornais nacionais.

O Pará é reconhecidamente amazônico, mas vem dele a maior diversidade de representações sobre a região. Apresentado como parcialmente devastado e parcialmente preservado, parece ainda estar travando a principal batalha pela preservação do ecossistema amazônico. Vêm do Pará também as únicas referências a dinâmicas sociais, políticas e econômicas que se passam fora dos ambientes urbanos. A violência no campo, as disputas por propriedades, a existência de classes hegemônicas regionais são exemplos de dinâmicas que são indissociáveis da representação da Amazônia, mas que na verdade, parecem restritas ao Pará.

A ausência do estado na região é outro item que surge relacionado apenas ao Pará, embora seja descrita como uma característica amazônica. Ao mesmo tempo este é o estado onde, nas reportagens, mais aparecem referência a presença de instituições públicas (hospitais, escolas, secretárias e órgãos administrativos do governo e também das forças militares).

Porém, se o estado é incontestavelmente amazônico, ele também apresenta uma aproximação maior com a representação dos estados não-amazônicos. Esta dualidade em relação a esta unidade da federação em particular é intrigante. O Pará está mais próximo das representações urbanas, disputas políticas e projetos de desenvolvimento que buscam o crescimento econômico. Estas três representações o tornam mais parecido com o Brasil moderno e urbano do qual falava Dutra (2011) embora as demais (presença de migrantes

nordestinos, luta pela preservação ambiental e atraso no setor de serviços públicos e de infraestrutura) o conciliem com o Brasil exótico e distante (DUTRA, 2011).

Na análise da atuação dos Núcleos de rede dos estados Amazônicos em relação a divulgação dos conteúdos, suas estratégias para garantir inserções na grade nacional, estão intimamente ligadas as representações da região e as representações da identidade amazônica, tanto endógenas, quando exógenas a região.

As representações sobre a Amazônia, ao mesmo tempo em que parecem congeladas, estão sendo constantemente atualizadas devido as flutuações das representações de cada estado em relação a região e mesmo a representação dos limites e de localização da Amazônia no território nacional.

No momento histórico em que se delimitaram conceitos de Amazônia e que estados pertenciam a região e se difundiram estes conceitos, eles começaram seu percurso de interação e influencia com representações da região já presentes no imaginário individual e coletivo. Ao considerar todos os processos de interação verbal cotidiana como processos comunicacionais e levando em conta que as “conversas” acontecem a partir de pontos em comum ou dissonantes segundo a interpretação que cada indivíduo ou grupo de indivíduos de representações disseminadas socialmente, por exemplo, por meio da matérias exibida no Jornal Nacional e no Jornal da Record, ver-se que as negociações por divulgação de conteúdos sobre a Amazônia no telejornalismo nacional são apenas uma das diversas dinâmicas sociais de construção e reconstrução de representações e identidades amazônicas, mas que podem exemplificar algumas desta dinâmicas de apropriação e interação com representações.

Segundo Moscovici (2003) as representações exercem a função de organizar o mundo material e social possibilitando aos indivíduos orientar-se e localizar-se, mas também torna possível a estes indivíduos tentar controlar este mundo material/social. Integrantes dos Núcleos de rede locais (dos estados Amazônicos) e integrantes das equipes de elaboração dos telejornais nacionais da rede compartilham determinadas representações sobre a Amazônia e o que é amazônico, mas também possuem representações específicas devido o ambiente social no qual interagem cotidianamente.

A noção de que os Amazônidas de hoje são descendentes de migrantes nordestinos que vieram para a região incentivados pelos governos militares a partir da década de 1960, ou seja, a representação dos amazônidas como descendentes de nordestinos parece nos textos analisados pertencer aos jornalistas das redes nacionais por que é uma impressão ausente nas matérias produzidas com a participação do NR. Os

jornalistas dos Núcleos de rede, por sua vez, referenciam como amazônidas natos, principalmente, povos tradicionais. Ambos os grupos podem concordar que na Amazônia há migrantes descendentes de nordestinos, como há descendentes de indígenas, mas a representação destes dois grupos em relação a identidade amazônica varia conforme as representações que cada emissor têm da região. Estas diferenças, que podem ser completamente antagônicas ou apenas levemente distintas, estão presentes nas notícias e reportagens produzidas com ou sem a participação dos NR locais, mas aparecem de forma ainda mais marcante naquele conjunto de matérias que têm uma autoria predominante, mas conta com a participação de ambas as equipes.

Ao observar mais atentamente as reportagens da Série “Em Busca do Ouro”, exibidas pela Rede Record, por exemplo, temos um exemplo desta interação. A equipe jornalística que foi até Serra Pelada, realizou as entrevistas e apurou informações sobre o tema era pertencente a dois núcleos de rede. O produtor/edição e repórter cinematográfico eram do NR do Pará. O repórter era do NR do Amazonas. Em todo caso, todos eram integrantes de NR locais. No entanto, as reportagens sobre o garimpo integram uma Série especial mais abrangente que trata, na verdade, da revalorização do ouro e do uso deste material em vários setores da sociedade, desde o setor de jóias, até a área médica. Logo, a abordagem, seleção de informações mais relevantes, entrevistados que melhor exemplifiquem os habitantes da região e garimpeiros e quais especialistas explicam melhor as dinâmicas que acontecem em relação a exploração de ouro em Serra Pelada, certamente, teve uma presença intensa de integrantes (editores) da rede nacional.

Isto fica ainda mais claro porque Serra Pelada foi tema ou citada em três das cinco reportagens da série, mas originou uma Série completa apenas sobre o Garimpo no telejornal local Para Record. Esta Série expunha o mesmo teor de entrevistas e informações sobre Serra Pelada da Série Em Busca do Ouro, mas de forma mais aprofundada (mais informações sobre o garimpo, entrevistas mais longas, mais entrevistados, etc).

Nestes pontos dissonantes entre as representações da rede nacional e as dos integrantes dos Núcleos de rede locais (amazônicos) a representações comuns têm um significado importante. Segundo a Teoria das Representações Sociais, as representações limitam o pensamento e condicionam a imaginação diante de novas informações e ainda se impõem de forma inquestionável. Para cada questionamento e conflito há sempre uma resposta/solução pré-estabelecida que foi construída socialmente e que é transmitida antes mesmo que as questões sejam claramente formuladas. Estas respostas servem de guia mostrando saídas, respostas, formas de agir e interagir com os outros, limitando e guiando

em todos os campos. São elas que indicam a separação entre o “igual” e o “diferente”, entre os limites do “eu” e o “outro” ou o “todo”.

Em todos os intercâmbios comunicativos, há um esforço para compreender o mundo através de ideias específicas e de projetar essas ideias de maneira a influenciar outros, a estabelecer certa maneira de criar sentido, de tal modo que as coisas são vistas desta maneira, em vez daquela. Sempre que um conhecimento é expresso, é por determinada razão, ele nunca é desprovido de interesse. (MOSCOVICI, 2003, p.28)

Sobre esta tentativa de imposição de representações, Dutra (2011) nomeia de tentativa de imposição de apreensões de classes e grupos hegemônicos sobre grupos subalternos, grupos que não tem o que Cuche (2002) chamou de capacidade de auto-denominação, como o exemplo dos caboclos analisados, por Carmem Isabel Rodrigues, e que são representados para alguém de sua preferências ou identificações, a partir da alteridade e representações daqueles que tem a possibilidade de impor-lhes determinadas nomeações.

Dutra (2011) ainda argumenta em favor do compartilhamento da representação das “populações tradicionais” pelas elites locais e nacionais, o que faria com que os atores locais (amazônidas) que tem a possibilidade de maior resistência em relação a representações de identidades amazônicas impostas pela rede, não reaja. Ao se identificar mais com o Brasil urbano e moderno e não com os “povos da floresta”, as elites urbanas paraenses, por exemplo, não questionam a projeção de imagens de pequenas cidades subvertidas pela floresta imponente. No entanto, quando em uma telenovela esta representação de “cidade amazônica” é imposta a capital, Belém, lar das elites urbanas locais, as mesmas imediatamente reagem e negam esta representação exigindo uma espécie de retratação. Esta reação, Moscovici (2003) explica como a descoberta das expectativas do outro diante de uma representação da identidade.

Quando classificamos alguém, nós o enquadrados em um conjunto linguístico que o confina a um determinado padrão comportamental ou a determinadas reações. E se ele descobre o que nós sabemos podemos influenciar a forma como ele se comporta porque ele tomou conhecimento das nossas exigências específicas relacionadas às nossas expectativas. (MOSCOVICI, 2003, p. 67)

De tal modo, a relação entre os agentes locais (Núcleos de rede) com as redes nacionais permite negociações, mas estas negociações ocorrem apenas diante de questionamentos/resistências identitárias em relação ao que representado sobre a Amazônia. Com o compartilhamento de representação da identidade amazônica centrada no meio ambiente nos povos da floresta e a não-identificação dos emissores locais como amazônidas clássicos (povos tradicionais), dificilmente há resistências a estes discursos.

No entanto, isso é válido apenas para as matérias exibidas nacionalmente que se referem explicitamente ao conceito de “Amazônia”. Aquelas 31 descritas no capítulo anterior. As demais (70), livres do nome Amazônia, permitem elementos periféricos da representação divergentes com a temática da floresta e os povos da floresta, expondo uma Amazônia mais próxima do “Brasil Moderno e próximo” das redes nacionais, que do “Brasil exótico e distante” da representação naturalista da região.

Assim, abordando temas urbanos, a atuação de instituições e a precariedade de serviços e infraestrutura a Amazônia parece mais ligada ao resto do país que a própria região. No entanto, vale ressaltar que esta representação aparece apenas nas matérias produzidas pelos NR locais, especialmente do Pará, e sem a nomeação “Amazônia”. Quando se considera a totalidade das matérias analisadas (com e sem citação direta da Amazônia), em relação aos dois telejornais, os elementos periféricos e o núcleo representacional das representações da identidade Amazônica são compartilhados, como se descreve no próximo capítulo.

7. REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA NA TV

7.1. REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA:

Após a transcrição das 101 matérias analisadas, destacou-se em cada texto os temas aos quais cada um fazia referência. Ao total os textos evocavam 37 assuntos diferentes. Após o agrupamento das matérias segundo cada assunto ao qual se referia, foram encontradas temáticas em comum que estavam ora explícitas, ora implícitas nos textos e imagens e no contexto da fala jornalística. Os temas encontrados foram: Sociedade, Meio Ambiente, Infraestrutura e Serviços, Urbano e Governança.

Estes “temas” foram identificados como os elementos periféricos das representações sobre a Amazônia. Por se referirem a aspectos específicos e contextualizados da região e sua referências e por este motivo serem mais flexíveis em relação a suas definições e relações com este espaço, podendo, inclusive, conter contradições aparentemente inconciliáveis. É o caso, por exemplo, da dualidade “urbana” Vs “floresta” que aparece em 28 reportagens. A “conciliação” das duas definições só é possível graças a prevalência de uma representação sobre outra ou graças a atributos específicos dos lugares de onde se fala.

Segundo Jean-Claud Abric, estes elementos periféricos são os temas mais acessíveis e imediatos de uma representação. Os mais palpáveis e concretos, porém os mais sujeitos a alterações e transformações que podem mesmo ser completamente contraditórias em relação ao seu estágio anterior. As alterações e diferenças nestes sistemas periféricos correm como estratégias de adaptação e atualização da representação por meio de “ponderações, interpretações novas, deformações funcionais defensivas e integração condicional de elementos contraditórios” (ABRIC, 1998, p. 31).

7.1.1. Meio Ambiente: florestas e rios

Neste projeto de pesquisa, o Sistema Periférico “Meio Ambiente” reúne referências sobre as águas, clima, floresta, relevo e biodiversidade da região, mas também os que fazem referência as ideias de exploração, aproveitamento, preservação ou devastação da Amazônia.

Nota-se nas descrições sobre o lugar e os elementos que compõem sua “paisagem” a noção de supremacia do ecossistema sobre os indivíduos que os habitam. Ao ponto da vida sem os rios, as árvores, a fauna, etc., ser impensável. Quando estes

elementos são modificados a própria descrição da região parece de separar do conceito da região. Provavelmente, o exemplo mais notório é o das reportagens sobre a estiagem dos rios.

Definidos como caminho, “maior das estradas”, principal via de transporte e comunicação, fonte de alimentação e de água potável e também espaço de fé (Círio de Nazaré) e de lazer (Banhos de rio, contra o calor da Amazônia”), ao perdê-los a população fica com a rotina e o modo de vida completamente modificado e “sacrificado”. Ao ponto de reforçar o isolamento representado pela floresta e pela ausência de estradas e ferrovias e dificultar, cancelar aulas, dificultar o voto e ameaçar a vida com ausência de peixe e de água e obtenção de água potável para beber.

A relação íntima do conceito de Amazônia com o de Floresta também torna as reportagens sobre queimadas e desmatamento como a destruição da própria região. Ainda que sem a cobertura vegetal original o espaço em si se mantenha, a ausência da paisagem da floresta latifoliada torna este pedaço de território não-amazônico. Por outro lado, a ideia de devastação está cada vez mais presente na de floresta. Ao ponto do estado do Mato Grosso, por exemplo, ser identificado como pertencente a Amazônia pelo único motivo de que está sofrendo queimadas e desmatamentos.

O clima “diferente” que concilia chuvas torrenciais, que isolam cidades no Acre, com o calor de até 40° C, sucesso das praias de água doce do Pará. O clima é diferente porque no resto do país é inverno enquanto na Amazônia é verão e a divisão das estações na região fica ainda mais confusa já que os 7% do território nacional que pertencem ao Hemisfério Norte do planeta estão na Amazônia. Por isso, segundo as chuvas, os moradores chamam de inverno, o que de acordo com a divisão da Linha do Equador seria verão e dizem estar no verão em lugares onde seria oficialmente inverno, ainda que estes mesmos lugares estejam passando por um calor de 40° C.

A biodiversidade da floresta e dos rios da Amazônia aparece nas matérias analisadas como um conceito distanciado. Fala-se de preservar os recursos naturais e as riquezas naturais da região, mas a fauna e flora em si só foram alvo de comentários nas notícias que se passavam em áreas urbanas ou povoadas. É o caso da notícia do Jornal da Record sobre os riscos que o “cerol” (mistura de vidro moído e cola utilizado em linhas de pipas) representa para os pássaros em Belém, a presença do pequeno mico-de-cheiro entre os macacos-aranha do Parque Zoológico Emílio Goeldi ou os peixes e botos dos rios do Amazonas que estão próximos de comunidades ribeirinhas.

Já os conceitos de preservação, exploração e devastação aparecem competindo entre si nas matérias que não falam de desmatamento e queimadas. O principal tema passa a ser então o desenvolvimento da região a partir dos recursos naturais, especialmente minerais e florestais (madeira), porém sem destruir completamente o ecossistema.

Por fim, é preciso dizer que o meio ambiente, embora soberano, não está nunca vazio de homens. Em todas as reportagens que tratam deste sistema periférico, a população local, os moradores da comunidade, da periferia dos centros urbanos e trabalhadores relacionados as atividades desenvolvidas (lícitas ou ilícitas) são o personagem principal das histórias.

7.1.2. Sociedade: ribeirinhos, povos da floresta, migrantes e periféricos

Este Sistema Periférico reúne matérias sobre modos de vida, culinária, religião, música, esportes, populações, fenótipos, etnias, referências a quantidade de habitantes, patrimônio e manifestações culturais e a pobreza na região.

O homem tem papel central nas reportagens e notícias que foram ao ar no período analisado e subordina outros temas. Assim, quando se fala da extração mineral, por exemplo, o mais importante na reabertura da mina é a perspectiva de novos empregos e empresas que devem surgir na região e como a nova fonte de renda deve impactar na infraestrutura do município. O tema é contado a partir da “descrença” dos moradores de Curionópolis a respeito das melhorias. Quando se mostra os atrativos do verão amazônico, a turista acha o bom humor e a descontração dos paraenses “um espetáculo”.

As informações sobre o patrimônio cultural da região destacam sempre a biodiversidade da Amazônia, especialmente a culinária em geral. “A nossa diversidade é imensa: suco de cupuaçu, nossa maniçoba, nosso pato no tucupi”⁶⁷; “Buscar novos caminhos para o desenvolvimento das cidades é um desafio da Amazônia. A proposta deste lugar (Escola da Floresta em Rio Branco) é enriquecer a partir da floresta. (...) Esses alunos aprendem a aproveitar outro tesouro amazônico (imagens de piscicultura e pesca): Técnicas de corte, cuidados que podem ajudar as pequenas cidades de onde eles vêm”⁶⁸.

Já a população da Amazônia é retratada sempre como pobre, seja nas áreas urbanas, seja nas comunidades ou áreas rurais. Apenas uma reportagem do Jornal da Record refere-se a população como rica ou de classe média. Trata-se a matéria sobre as

⁶⁷ Fala de uma entrevistada na reportagem sobre a visita do “JN no Ar” a cidade de Jacundá, no Pará, no dia 26 de agosto de 2010.

⁶⁸ Reportagem da Série Amazônia Urbana exibida em 23 de julho de 2010.

“casas flutuantes” na qual famílias abastardas de Belém montam casas luxuosas a bordo de barcos para aproveitar a época de férias e veraneio. No restante das reportagens e notícias todas as referências a condição econômica dos entrevistados e moradores da Amazônia os mostram como pessoas que sofrem sem poder aquisitivo pela falta de infraestrutura e serviços públicos. Os entrevistados da região são sempre pessoas de cabelos negros, pele morena e aparência humilde.

A expressão “comunidades ribeirinhas”, que aparece em três reportagens sobre a região e em todas ligadas ao estado do Amazonas, parece como uma “parcela da população”, mais especificamente a parcela que vive no interior do estado do Amazonas, onde as cidades estão ligadas entre si apenas pelos rios, sem possuir estradas e quase sem aeroportos (mesmo particulares).

Em todas as matérias analisadas, apenas uma pessoa foi identificada como “ribeirinha”. Trata-se de um homem, que aparenta ter entre 30 e 40 anos e trabalha como piloto de barco no Pará. Ele tem cabelos escuros, pele morena e aparece na reportagem usando apenas uma bermuda, sem camisa e sem sapatos. Sua fala, no entanto, refere-se a ação dos piratas nos rios do Pará, cujo entrevistado já foi alvo de um dos assaltos.

Referências a populações da floresta ou tradicionais aparecem apenas na Série do Jornal Nacional “Amazônia Urbana” e neste caso definidas como populações que vivem, preservam e conhecem a floresta. O repórter pergunta: “O senhor se considera um homem da cidade ou da floresta? Entrevistado: Me considero um homem da floresta, a diferença é que nos mora na cidadezinha”. Referindo-se a uma pequena cidade do interior do Amazonas. Ainda no Amazonas e na mesma Série, o prefeito da cidade de Lábrea, onde termina a Rodovia Transamazônica, diz que para o desenvolvimento da região “tem que ter políticas mais voltadas para o desenvolvimento dos produtos da floresta, ou seja, o extrativismo, o manejo pesqueiro porque isso é que vai preservar a floresta e manter o caboclo no interior porque eles é que protegem a floresta porque a cultura deles não é desmatar, mas cortar a seringa, tirar uma copaíba, pescar um peixe no lago...”. A sustentabilidade do sistema parece possível graças a presença e o modo de vida específico das populações tradicionais ou dos povos da floresta, que são desta forma representados de forma muito semelhante a do “bom selvagem”.

Há sete notícias e reportagens que falam sobre populações indígenas na região. Elas são citadas principalmente pelo Jornal Nacional durante as visitas as cidades dos estados de Rondônia, Acre, Roraima e Mato Grosso. A única reportagem no Jornal da Record que fala sobre indígenas mostra uma aldeia próxima a Manaus onde a aldeia se

reúne para torcer pelo Brasil contra a seleção de Portugal na Copa Mundial de Futebol 2010. Em geral, os textos apenas citam a existência dos povos nas proximidades apenas nas reportagens sobre o Acre e o Mato Grosso há maior destaque. Na primeira é citado o problema do alcoolismo entre os indígenas que buscam em Feijó serviços de saúde. Na outra o cacique “Haoni” comenta sobre a importância da preservação ambiental: “Prejudica a terra, a floresta e faz mal a saúde da população. Não só índio, mas o ser humano, né?”. Já na Série Amazônia Urbana há uma total ausência de referência sobre indígenas, mesmo quando se conta a história de ocupação da região.

Os “amazônidas de hoje”, nesta Série e também na Série “JN no Ar” são descritos como descendentes de nordestinos. Esta referência está na matéria sobre o consumo e produção de açaí no Acre, o repórter comenta: “Eu acho que a farinha já é influência nordestina”. No Tocantins, o mesmo repórter diz que gostou de um prato chamado chambari, um prato de músculo da perna do boi usado num ensopado que tem “influência maranhense”; e na Série “Amazônia Urbana”, “A borracha abriu caminho até a Amazônia mais profunda e povoou a região com milhares migrantes principalmente nordestinos. Esta é a origem de grande parte dos amazônidas de hoje”. No Jornal da Record, na Série “Em busca do Ouro”, migrantes nordestinos também aparecem como origem da população atual do município de Curionópolis, onde está localizado o garimpo de Serra Pelada, no Pará.

Assim, a maior parte das notícias e reportagens expõe representantes de habitantes da região como urbanos e moradores de periferias, mas ao nomear de amazônidas quem é identificado com tal pertence ao grupo de “povos da floresta” ou migrantes.

7.1.3. Infraestrutura e serviços: isolamento

Este Sistema Periférico reúne matérias sobre os serviços de saúde, educação, saneamento, trabalho e renda e a infraestrutura de comunicações, energia e transportes, especialmente a questão do acesso aos locais da região.

A infraestrutura de transporte, comunicações e energética da região é definida como precária. A ideia do isolamento da Amazônia está intimamente ligada a estas ausências. Cidades inteiras que apesar de estar “perto” segundo parâmetros tradicionais, passam a estar “distantes” devido a ausência de vias de transporte e comunicação com outros locais.

É o que se diz, por exemplo, na reportagem do Jornal Nacional da Série “JN no Ar” em visita ao Acre. “Vimos para visitar Feijó que fica a 350 quilômetros da capital. Em qualquer lugar do Brasil essa é uma distância razoável, mas aqui no Acre isso significa

que muitas vezes, devido as chuvas amazônicas e outras dificuldades, a cidade de Feijó fica totalmente isolada”⁶⁹. No Jornal da Record, em denúncia sobre a precariedade do transporte escolar no Pará, o repórter explica “A viagem até a escola é de quase 160 quilômetros de estrada de terra no meio da floresta”⁷⁰.

A falta de energia elétrica ou a dificuldade em obtê-la esteve presente em cinco reportagens. A falta de infraestrutura de comunicações foi o tema de sete notícias. Os casos mais marcantes foram os dos municípios de Tefé, no Amazonas, e de Feijó, no Acre. Ambos foram visitados pela equipe da Série “JN no Ar”. No primeiro caso, a “Metade dos moradores de Tefé não estão nos assistindo hoje, devido ao racionamento de energia”. (...) “falta de luz e o racionamento de energia é um problema sério para “uma cidade que já enfrenta um problema grave que é o isolamento. A cidade fica há mais de 500 quilômetros da capital Manaus com a qual simplesmente não tem ligação por terra”⁷¹. Feijó, foi descrito como um lugar de “difícil acesso e de difícil comunicação”. As dificuldades se refletiram na própria participação do município na série. A reportagem que deveria ser exibida no dia 30 não pode ir ao ar por problemas de comunicação e no dia 31, quando foi exibida, a entrada ao vivo do repórter foi cortada também por dificuldades técnicas de comunicação⁷².

Os serviços públicos à população são precários. A educação aparece com mal desempenho segundo avaliações oficiais e a saúde é alvo de denúncias por imperícia, falta de médicos e de infraestrutura adequada para atender a população. Esses problemas são citados nas reportagens como problemas nacionais, mas que na Amazônia são agravados, ora pelo isolamento que afasta os médicos e professores, ora pelo “atraso” da região, ou seja, pela falta de hospitais, remédios, laboratórios e infraestrutura médica ou de escolas, matéria didático e recursos pedagógicos nas salas de aula. O “atraso” é uma das principais representações da Amazônia e o fator que diferencia a “Amazônia Urbana” dos demais espaços “urbanos” nacionais.

“O que dizer de um sistema de saúde que expulsa pacientes em direção as capitais?”, questiona a reportagem do Jornal Nacional sobre a saúde como uma das “As maiores preocupações dos brasileiros”. O entrevistado responde: “Está falido!”. No Jornal da Record, a falta de médicos é alarmante no interior e na capital. Em Bonito, o clínico geral diz que ele é obrigado a ser um “tudista” porque atende pacientes como pediatra,

⁶⁹ Reportagem da Série “JN no Ar”, exibida pelo Jornal Nacional em 22 de agosto de 2010.

⁷⁰ Reportagem da Série “JN no Ar”, exibida pelo Jornal Nacional em 29 de junho de 200.

⁷¹ Reportagem da Série “JN no Ar”, exibida pelo Jornal Nacional no dia 16 de setembro de 2010.

⁷² Reportagem da Série “JN no Ar”, exibida pelo Jornal Nacional em 31 de agosto de 2010.

obstetra, cardiologista, etc. No município são apenas cinco médicos para atender uma população de 12 mil habitantes. Nas denúncias sobre o caso de uma menina baleada durante um assalto e recusada por quatro hospitais na capital, fica clara a falta de neurocirurgião também em Belém. A Secretaria de Saúde do Estado diz que faz concurso, mas não aparecem candidatos para as vagas.

A educação básica e o ensino médico aparecem como insatisfatórios⁷³, mas as referências ao ensino superior nas matérias são promissoras. No Jornal da Record do dia 20 de julho, uma descoberta de pesquisadores da Universidade Federal do Pará pode ajudar a promover a saúde bucal na população da Região Norte. Eles apontam uma fórmula para adicionar flúor à farinha de mandioca, alimento comumente consumido na região, segundo o repórter. A mistura tem de ser feita em laboratório ou deve ter a fórmula industrializada. Já na reportagem sobre a cidade de Alto Alegre, em Roraima, alvo da visita da equipe do “JN no Ar”, no dia 06 de setembro, mostra que este é um município universitário e que a alta concentração de universidades públicas e particulares promete ajudar no desenvolvimento da região, já que muitos destes futuros profissionais, que vieram de outros estados e regiões do Brasil, pretendem ficar em Roraima.

No que diz respeito a questão do trabalho e renda na região, os trabalhos apresentados são diversificados. Há pessoas que aparecem como lavradores, pecuaristas, piscicultores e atividades ligadas ao campo, mas há também operários, pedreiros, empreiteiros, eletricitas, vendedores, corretores de imóveis e outras atividades ligadas a trabalhos em áreas urbanas. Os entrevistados dizem que os salários “graças à Deus dá pra sustentar a família. Não falta nada em casa”⁷⁴. Mas a falta de oportunidades de emprego e a baixa remuneração aparecem nas reportagens especiais e naquelas ligadas a séries de reportagens.

Na Série “Em Busca do Ouro”, exibida pelo Jornal da Record”, os garimpeiros de Curionópolis e de Serra Pelada estão sem uma fonte de renda fixa desde que o garimpo foi inundado por um veio d`água. Um jovem nordestino que foi até o município em busca de oportunidades com o ouro diz ao repórter que “não tá dando nem pra comer, não moço”⁷⁵.

⁷³ Os estados da Região Norte aparecem com mal desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica na reportagem exibida em 05 de julho de 2010, e no Exame Nacional do Ensino Médico, em reportagem exibida no dia 19 de julho de 2010, ambas no Jornal Nacional.

⁷⁴ Entrevista com funcionário de um frigorífico na cidade de Colíder, Mato Grosso, durante a reportagem da Série JN no Ar exibida no dia 13 de setembro de 2010.

⁷⁵ Entrevista exibida no primeiro episódio da Série “Em Busca do Ouro” que foi ao ar no dia 21 de junho de 2010 no Jornal da Record.

A Série JN no Ar em visita ao Pará, diz que o Pará “É o estado mais populoso do norte e o que produz mais riquezas, apesar disso, tem o menor rendimento mensal da região”⁷⁶.

Já na Série “Desafios do Brasil” do Jornal da Record, as dificuldades do jovens que vivem em comunidades ribeirinhas em ter acesso a educação e trabalhos desvinculados das atividades rurais é mostrada como um problema adicional “Lugar sem formação de jovens para o mercado de trabalho nem formação para o primeiro emprego, assim é a comunidade ribeirinha onde Marinete mora”.[...] “O caminho de Marinete é longo, assim como de muitos jovens brasileiros de poucos recursos, só que este desafio tem uma dificuldade a mais. A adolescente precisa viajar de barco em busca das oportunidades”⁷⁷.

A falta de saneamento é citada em doze reportagens e notícias. No Pará, moradores de uma rua chegaram a colocar um faixa oferecendo votos, em troca de serviços de asfalto, água encanada e esgoto⁷⁸. Porto Velho, capital do estado de Rondônia foi definida como a cidade com o pior saneamento do país, segundo uma pesquisa nacional⁷⁹. Nos estados da Região Norte, sempre mais da metade da população não tem água encanada ou esgoto, segundo a Série “JN no Ar”.

A falta de infraestrutura e de serviços é um dos elementos periféricos que mais aproxima a Amazônia do resto do país. Estes problemas são apresentados como nacionais, comuns, inclusive nas sedes da redes nacionais e atribuem uma certa identidade brasileira a Amazônia.

7.1.4. Urbano: enclaves na floresta

Este Sistema Periférico reúne matérias sobre crescimento urbano, moradia, periferias, transportes em áreas urbanas e violência urbana. Nas 51 referências às cidades amazônicas surge uma divisão entre as capitais e outras cidades dos estados. As capitais concentram serviços e infraestrutura e são referência em quase todos os aspectos para as demais cidades dos estados que por sua vez são sempre retratadas como “pequenas cidades” por terem, no máximo, apenas alguns milhares de habitantes.

O Crescimento Urbano é retratado em quatorze notícias. O crescimento das cidades aparece sempre como causa da devastação do meio ambiente, ou seja, como uma espécie de ferida que é aberta dentro da “Floresta Amazônica”, sinônimo de atração de características urbanas negativas como a violência por exemplo. Em entrevista sobre a

⁷⁶ Reportagem da Série “JN no Ar”, exibida no Jornal Nacional no dia 26 de agosto de 2010.

⁷⁷ Reportagem da Série “Desafios do Brasil”, exibida no Jornal da Record no dia 16 de setembro de 2010.

⁷⁸ Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 24 de setembro de 2010.

⁷⁹ Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 20 de julho de 2010.

construção de uma ponte sobre o Rio Negro, no Amazonas, obra que pretende integrar as cidades do estado, uma moradora diz que tem medo “do que pode vir do lado de lá...”⁸⁰.

Ao mesmo tempo, as cidades mantêm uma relação muito próxima do meio ambiente, seja devido a integração predominantemente fluvial, seja por referências culturais. Desta forma os projetos que buscam o “desenvolvimento e crescimento das cidades” sempre defendem a ideia da Sustentabilidade. Em campanha, por exemplo, a então candidata a presidência da república, Marina Silva, defende a necessidade de: “Agregar valor e tecnologia e agregar valor a nossa matéria-prima [...] e gerar empregos sem destruir a Floresta”⁸¹.

O tema moradia está também ligado as periferias das cidades. A falta de infraestrutura urbana e a ocupação desordenada dos espaços da cidade são retratadas principalmente nas imagens mostradas: Ruas sem asfalto, esgoto que corre a céu aberto e casas construídas de forma precária. A relação com a pobreza da população é marcante. As periferias de Manaus (Amazonas), Belém (Pará), Pinheiros (Maranhão) e Rio Branco (Acre) são mostradas desta maneira. Já as residências dos ribeirinhos são sempre mostradas do “lado de fora”, ou seja, são imagens capturadas do rio em direção as margens ou capturadas da floresta em direção a área descampada, o que mostra um distanciamento e uma superficialidade nos discursos jornalísticos sobre estas populações.

Apenas duas reportagens mostram como são as casas dessas populações por dentro. A primeira é sobre o atraso dos dados da pesquisa do Censo 2010, na qual é mostrada uma casa construída no meio da floresta. Com apenas um cômodo, sem água encanada, sem iluminação e sem ruas ou mesmo rios que pareçam ligá-la ao resto do mundo, a melhor descrição para ela é mesmo “isolada”. O chefe da família ao ser entrevistado sobre a importância do Censo 2010 diz: “o Brasil saber que eu existo aqui. É muito importante, né? Com certeza”⁸².

Outra reportagem sobre o tema está na Série “Infância em Perigo”. Ao mostrar o trabalho de crianças na produção de espetos para churrasco e comentar que mesmo este dinheiro não “dá pra muita coisa”, as famílias mostram casas construídas com madeira, no meio de áreas verdes ou nas margens dos rios e igarapés (pequenos braços de rios), com um ou dois cômodos e poucos móveis. O teto é feito com palha e as casas estão construídas

⁸⁰ Reportagem exibida no Jornal Nacional no dia 23 de julho de 2010.

⁸¹ Reportagem exibida no Jornal Nacional no dia 28 de setembro de 2010.

⁸² Reportagem exibida no Jornal Nacional no dia 16 de agosto de 2010.

elevadas em relação ao solo, provavelmente devido ao ciclo de cheia e vazante dos rios e veios d'água próximos.

O transporte nas áreas urbanas não é muito diferente das áreas interioranas. A relação com o meio ambiente aparece novamente na falta ou precariedade do transporte escolar, nas notícias de assaltos à ônibus, na ação de piratas que assusta pescadores e encarece o preço dos peixes nas feiras, no cancelamento de voos devido a falta de visibilidade pelo excesso de fumaça das queimadas, na estiagem dos rios e na necessidade de obras para interligar cidades e estados com outras regiões dentro e fora do Brasil.

A violência é citada em 20% do total de matérias com referência a Amazônia. No garimpo de Serra Pelada, em Curionópolis, assassinatos não solucionados e ameaças de morte afetam o andamento da retomada da exploração; abuso sexual de crianças e adolescentes no Pará e no Amazonas assustam pais e desafiam autoridades nacionais e internacionais; o narcotráfico e “desvio” de armas de uso oficial exigem a ação das forças armadas nesta parte do país; agressões dentro de escolas, assassinatos, assaltos, trocas de tiros com a polícia parecem acontecimentos cotidianos em Belém, denuncia as reportagens exibidas no Jornal da Record. Na reportagem sobre Jacundá, no Pará, uma moradora diz a equipe do “JN no Ar”: “Aqui não tem lei não.” O estado é o líder do ranking de mortes no campo.

As cidades são cenário de notícias positivas apenas na Série “Amazônia Urbana”, quando Rio Branco e Belém, capitais de Roraima e do Pará, respectivamente, são descritas como cidades que crescem com harmonia com o meio ambiente por terem no primeiro caso projetos que busquem aproveitar os recursos naturais na geração de renda, e no segundo caso por ser fluvial e manter íntima relação com o sabores da floresta, graças ao Ver-o-Peso.

As cidades amazônicas, especialmente as capitais, são representadas como semelhantes as de outros núcleos urbanos nacionais, mas as cidades interioranas, ora são próximas as áreas rurais do país devido aos problemas que enfrentam e a estruturação urbanística, ora são representadas como o lugar onde vivem os povos tradicionais que saíram de seu local isolado no meio da floresta para viver mais próximo de um ambiente moderno/urbano, embora estes lugares/cidades sejam igualmente precários, no que diz respeito a promoção da qualidade de vida.

7.1.5. Governança: interferências dos Estados e instituições

Este Sistema Periférico reúne matérias sobre gestão do território ou de instituições localizadas na Amazônia, em particular sobre os temas posse de terra, defesa e segurança nacional, desenvolvimento regional e política.

A presença de órgãos oficiais de defesa ou das forças armadas brasileiras na Amazônia aparece em doze reportagens do período analisado. Referências aos Governos Militares foram encontradas em matérias sobre o garimpo de Serra Pelada onde “a bandeira do Brasil era hasteada todos os dias como num quartel” e cujo ouro foi um aval para o governo do General Figueiredo, último presidente militar. A Transamazônica é outro projeto dos Governos Militares na região. Nunca terminada deixou um rasto de “projetos de cidade que ficaram pelo caminho”.

Nos dias de hoje a Polícia Federal e o Exército brasileiro são as principais referências. Eles combatem o narcotráfico, o desmatamento, os piratas, os incêndios e ainda reforçam a segurança durante as eleições. Segundo o responsável pelo reforço da segurança no Pará durante as eleições 2010, o Major Fábio Corbalo: “Temos situações aqui que o exército não enfrenta em outros estados, a necessidade de sair com maior antecedência em função das grandes distâncias, a deficiência na comunicação...”⁸³.

Já o município de Santa Rosa do Purus, na fronteira com o Peru é “uma cidade inventada ou reinventada. Santa Rosa do Purus, já nasceu e morreu neste mesmo lugar, como um vilarejo, duas vezes. Transformada em cidade há 17 anos, desta vez ela vai resistindo, aparentemente, por questões de segurança nacional. Há presença do exército e da polícia federal. Os empregos que existem são quase todos públicos. [...] Na escola espanhol é uma matéria importante. É que mesmo assim, tão modesta, Santa Rosa é uma referência para as cidades da fronteira com o Peru. A cidade mais próxima do lado deles fica longe demais”⁸⁴.

A posse ou ocupação de terras na Amazônia aparece em nove reportagens. O Programa Terra legal foi a medida adorada pelo Governo brasileiro para tentar “diminuir a violência gerada pela grilagem, regularizar as terras invadidas e evitar o desmatamento”. Mas tanto hoje como historicamente aparece como um dos agentes responsáveis por este cenário na região.

⁸³ Reportagem exibida no Jornal da Record do dia 01 de outubro de 2010.

⁸⁴ Reportagem exibida no Jornal Nacional do dia 21 de julho de 2010.

A aprovação numa câmara especial do Congresso do texto do novo Código Florestal Brasileiro mostra a disputa entre ambientalistas e ruralistas sobre o uso das terras em áreas florestais. As mudanças no texto são vistas como uma derrota para a legislação ambiental no Brasil já que, entre outras medidas, elimina a reserva ambiental em propriedades com menos de cem mil hectares e absorve indiciados por desmatamento cujos processos tenham iniciado antes de 2008. Já o Ministério de Minas e Energia autorizou a exploração mecanizada do garimpo de Serra Pelada, mesmo sendo esta uma área de reserva garimpeira, o que quer dizer que a extração deveria ser apenas artesanal. Na reportagem sobre o trabalho infantil em comunidades localizadas às margens do Rio Negro, a presença de populações em áreas de reserva ambiental, mostra-se impossível. Para sobreviver no local sem projetos de manejo sustentável, as famílias “burlam a legislação” e extraem madeira para a produção de espetos de churrasco e peixes de áreas onde a pesca é proibida, correndo, assim, risco de serem presas.

Sobre a redução dos desmatamentos na região, o diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) afirma: “A ocupação na Amazônia já não é mais uma ocupação de migração. É uma ocupação consolidada. As pessoas já estão lá. Em lugar de abrir grandes novas áreas, elas abrem uma pequena expansão da área que já existe”.

Mas no passado, a necessidade de povoar a Amazônia levou o Governo a incentivar correntes migratórias e o desmatamento na região. Na época do auge do garimpo em Serra Pelada, “O governo militar teria autorizado uma forte migração para amenizar conflitos de terra. Sem se preocupar com as consequências”. Na Transamazônica, o projeto “Atraiu colonos do Nordeste. Da primeira leva poucos resistiram”.

Já no Mato Grosso e em Rondônia, a posse das terras era dada a quem as “ocupassem”: ”Na década de 70 esses açougueiros de Maringá foram atraídos para o Mato Grosso pelos Programas de Ocupação da Amazônia, patrocinados pelo Governo Militar. [...] Preservar nunca foi uma preocupação para Colíder. O cálculo varia, mas eles derrubaram entre 70 a 80% das matas nativas. [...] ‘Quem fez este estrago no passado também não fez isso por maldade. Forma pessoas que foram trazidas para colonizar esta região e o próprio INCRA instruía que devia derrubar, que quem derrubasse teria a posse da terra’”⁸⁵, explica o prefeito de Colíder. O prefeito de Porto Velho também conta a

⁸⁵ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 13 de setembro de 2010.

mesma história: “A política de ocupação da Amazônia e especialmente de Porto Velho dizia: Venha, derrube a floresta e comece a produzir”⁸⁶.

O tema do Desenvolvimento Regional aparece de forma diversificada nas reportagens que foram ao ar entre junho e outubro de 2010. Ora são projetos oficiais grandiosos que combatem determinadas características da região que são tidas como prejudiciais, como o isolamento que atrai projetos de infraestrutura, especialmente de estradas, como a Transamazônica e a Rodovia Transoceânica ou a construção de uma ponte sobre o Rio Negro, no Amazonas. Ora são promessas de iniciativas que deveriam conciliar o meio ambiente e as cidades na busca de industrialização e de agregar valor aos recursos naturais da Amazônia. Ora são projetos menores mantidos por instituições de ensino e de investigação científica como a pesquisa sobre ervas medicinais, que gera emprego no Amazonas, ou a “Escola da Floresta”, sediada em Rio Branco.

Em outras reportagens é citada justamente a falta de projetos e iniciativas que promovam o desenvolvimento regional é o caso das reportagens do “JN no Ar” em visita ao Pará, Roraima e Mato Grosso. “Cuidar do futuro aqui da é exceção por aqui. As pequenas carvoarias que concentram muitos casos de trabalho escravo mostram o lado mais atrasado deste pedaço do Pará”⁸⁷. Nestes textos jornalísticos predomina a impressão de atraso da Amazônia em relação a outras regiões do país.

Referências ao tema “política” são as mais frequentes. No total 41 reportagens e notícias apresentam alguma referência aos poderes executivo, legislativo ou judiciário e suas relações com a população. As eleições 2010 foram responsáveis por 14 destas citações. As denúncias de fraude e desvio de recursos públicos que levaram a prisão de 18 pessoas no Amapá foi o tema de cinco notícias. A maioria das referências é ao governo federal ou órgãos ligados a ele e criticam a péssima qualidade ou ausência de sérvios e obras públicos. A citação mais direta a este respeito foi do repórter da Série JN no Ar: “Jacundá é uma destas comunidades relativamente jovens no norte do país onde parece que a população foi se implantando de forma pioneira e o Estado, as instituições, a lei, isso só vai chegando aos poucos [...]”⁸⁸.

⁸⁶ Reportagem exibida no Jornal Nacional em 20 de julho de 2010.

⁸⁷ Reportagem exibida no Jornal Nacional no dia 26 de agosto de 2010.

⁸⁸ Reportagem exibida no Jornal Nacional no dia 26 de agosto de 2010.

7.2. A SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA:

As representações sociais, segundo Jean-Claude Abric, têm como característica o fato de se organizarem em torno de um Núcleo Central que está “protegido” pelos elementos periféricos. Trata-se de um ou mais elementos que dão significado a uma representação. Essas características são mais estáveis, históricas e sociais e, embora possam mudar ao longo do tempo, devido as atualizações de seus sistemas periféricos, tendem sempre a manter-se intactas numa tentativa de preservação da própria representação social.

Este Núcleo Central provem “da natureza do objeto representado” e do “sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo” ao qual pertence. É o elemento que “assegura a continuidade dos contextos móveis e evolutivos”.

Analisando os elementos periféricos da representação da Amazônia, tanto com ou sem a evocação do nome da região, observa-se que todas se referem a um mesmo “assunto”. O Meio Ambiente não é apenas uma imensa floresta repleta de rios e biodiversidade, mas uma floresta ocupada por homens. A sociedade miscigenada e com populações com modos de vida tão diferentes entre si têm em comum a necessidade de “melhoria das condições de vida”. O crescimento econômico é visto como necessário, mas projetos que o busquem, mesmo nas áreas urbanas, devem ser sustentáveis. Embora esta “sustentabilidade” seja uma palavra guarda-chuva, não definida e as maneiras de alcançá-la sejam igualmente indeterminadas. Há a necessidade de infraestrutura, de serviços públicos, de uma organização social de gestão dos espaços e presença mais ativa de instituições.

O tema central de todas as matérias é o que tem-se chamado de “desenvolvimento sustentável”, ou seja, a preservação ambiental do que é tido como um patrimônio natural, aliado ao crescimento econômico, a melhoria das condições de vida e a melhoria da governança do território e das relações políticas entre instituições, grupos, empresas e indivíduos. Projetos que levam a este desenvolvimento, no entanto, são raros, defendem princípios distintos, privilegiam alguns aspectos (especialmente os econômicos ou os ambientais) em detrimento de outros e estão desarticulados de um projeto central de promoção do “desenvolvimento”. O mesmo pode ser dito internamente sobre seus “ramos”: economia, sociedade, política e meio ambiente, estão desarticulados.

A imprecisão deste conceito, apesar do contínuo reforço de sua importância, chama atenção. A pergunta “Como promover o desenvolvimento da Amazônia?”

permanecesse em todas as matérias sem uma resposta pontual ou direta. As principais aproximações localizadas estão na fala da, então candidata a presidência e ex-ministra do Meio Ambiente, Marina Silva. Ainda neste aspecto, o conceito de desenvolvimento sustentável é tão impreciso quando a própria representação da Amazônia.

7.3. NÚCLEOS DE REDE E AS REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA:

A participação dos Núcleos de rede (NR) como autores ou colaboradores na produção de notícias e reportagens sobre a Amazônia é significativa. Das 101 matérias que fazem referência a região, 68 passaram por um NR, o que representa 67,32% do total de matérias exibidas sobre a Amazônia no período. No Jornal da Record este percentual é muito maior: 85,45% das matérias foram feitas com a participação de um NR. Já no Jornal Nacional este percentual ainda é considerado elevado, mas cai para 45,65%.

Tabela 10: Total de Notícias segundo a participação dos Núcleos de Rede locais

Telejornal	Com NR	Sem NR	Total
Jornal Nacional	21	25	46
Jornal da Record	47	08	55
Total de notícias	68	33	101

No entanto, qualitativamente, nos dois telejornais há posturas distintas sobre a participação dos Núcleos de rede dos estados Amazônicos nas notícias e reportagens. Enquanto no Jornal da Record os NR têm uma participação ativa, inclusive em Séries de reportagens nacionais; no Jornal Nacional há poucas reportagens e coberturas especiais das quais os NR participam. Sendo que nas séries de reportagens estavam muitos dos textos jornalísticos mais descritivos e opinativos sobre as representações da região. Por conterem vários episódios e serem produzidas em um tempo mais longo, nestes textos jornalísticos os temas eram abordados com maior profundidade pelos repórteres.

Por este motivo, como das 46 matérias analisadas do Jornal Nacional, 20 pertenciam a séries de reportagens, e como não há a participação ativa dos NR locais nas mesmas, as representações da região segundo este telejornal são majoritariamente manifestações da “cabeça de rede”, sediada no Rio de Janeiro. Os jornalistas deste estado foram os autores de 27 das 46 notícias que fazem parte da análise. No Jornal da Record ocorre o oposto, como a maioria (47 das 55) das notícias e reportagens tem origem local, as representações da região são majoritariamente dos jornalistas dos Núcleos de rede locais.

Quando se desconsidera as reportagens e notícias com autoria ou participação dos Núcleos de rede locais, sistemas periféricos da representação da Amazônia são modificados, bem como o próprio núcleo central. Sem os NR se perderia a noção de sustentabilidade e se manteria apenas a ideia da dificuldade do homem em habitar este ambiente. Diferente das matérias produzidas com a participação dos NR, a preservação da floresta não é pré-requisito para a busca do desenvolvimento econômico da região. O lugar nas reportagens e notícias em a participação dos NR é descrito de forma mais próxima ao “Brasil exótico e distante”.

Se desconsiderarmos as matérias com os NR, não há referências as descrições do cotidiano, dos modos de vida, das atividades econômicas, da importância efetiva dos rios para a região, nem matérias sobre a violência urbana e de denúncia de precariedade de serviços de saúde. A proximidade que o estado do Pará, por exemplo, parece ter com estados de fora da região, desaparece.

Ao restringir temas e diminuir o número de inserções sobre os estados amazônicos, a representação da região perde profundidade e diversidade. Ao considerar apenas as matérias que foram produzidas totalmente fora da região, há o predomínio da localização e descrição da Amazônia como sinônimo de “Região Norte” e a separação da floresta em relação aos rios. As vias fluviais, esvaziadas de seu papel como integração e também de atrativos turísticos e práticas de lazer, passam a ser apenas morada dos peixes e lugar que se percorre de canoa. Os navios, o transporte de passageiros, de cargas e de combustíveis que abastecem os núcleos urbanos é um aspecto desconhecido nestas matérias.

A sociedade local, sem o sistema periférico urbano, perde a descrição dos moradores da periferia e passa a ser quase exclusivamente formada por migrantes, ribeirinhos e indígenas. Os índios aparecem como moradores “das redondezas”, quase uma extensão da floresta.

A ausência de infraestrutura ainda seria notada, mas a de serviços públicos, não. A noção de isolamento e dificuldade de acesso e comunicação permanece, mas a falta de qualidade na educação, saúde e saneamento, pareceria mais “natural”, devido a descrição da paisagem. O isolamento, as distâncias e o predomínio da floresta sobre o homem, somados à pequena quantidade de habitantes, parece servir de justificativa para a inexistência de ações governamentais mais efetivas na promoção destes serviços.

As coberturas especiais de 2010, as Eleições e a Copa do Mundo, excluíam a Amazônia, já que todas as matérias sobre estes temas foram elaboradas por NR locais. As

referências a projetos de desenvolvimento da região passam a ser apenas históricas e predominantemente dos governos militares. Ou seja, na atualidade não haveria registro de projetos com este objetivo.

A região seria esvaziada, mesmo da presença das forças armadas neste território que só aparece em relatos dos NR locais. O território é marcado pela dualidade homem *versus* Floresta e o conceito de desenvolvimento sustentável, mesmo carregado de imprecisões, desaparece. A relação que permanece, passa a ser a descrita por Magali Franco Bueno onde a floresta em pé preservada é um conceito inconciliável com o de crescimento e desenvolvimento, que necessita de uma floresta dominada e submissa aos interesse diversos dos brasileiros (não apenas amazônidas) de tal modo que aparentemente, onde estão os homens a floresta não pode sobreviver intacta, o progresso econômico está desvinculado de sua preservação; e onde há floresta preservada a sobrevivência dos homens modernos (urbanos, capitalistas) é quase impossível e apenas os povos da floresta são capazes de sobre viver no que é descrito como um mundo pré-moderno, ou nas palavras de Benedicto Nunes: um verde e vago mundo.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

8.1. AMAZÔNIAS NA TV

Nas mensagens exibidas durante o período de 14 de junho a 09 de outubro de 2010 nos telejornais do horário nobre possuem mais referências a Amazônia que citações a mesma. Apenas 30% das notícias sobre a região, a nominam e a opção por chamá-la ou não de Amazônia está ligada a relação que existe entre o meio ambiente e o lugar, tratados como sinônimos. Mesmos nas áreas urbanas, descrições e imagens que em outros lugares são referenciados como “paisagismo”, ou seja, uma vegetação não necessariamente natural, nas cidades da região, estes mesmos espaços são “representantes da floresta”.

Mas a Amazônia Urbana também ganha destaque no noticiário nacional. O elevado número de notícias sobre violência no Jornal da Record e de ter sido realizada uma série especial no Jornal Nacional mostram a importância do tema. Embora as cidades amazônicas não sejam tão diferentes de outras cidades do Brasil mostradas durante o mesmo, estar “no meio da floresta”, ser “isolada e distante”, lhes atribui unicidade. O principal fato que parece caracterizar a região em relação a outras áreas que também são rodeadas por reservas ambientais, como o pantanal, por exemplo, é o papel dos rios no transporte de passageiros e cargas, mas também sua importância cultural e cotidiana como lugar de lazer e contemplação.

Nos diversos conceitos de Amazônia nas mensagens, o maior ponto de acordo parece ser o de que a região é “brasileira”. Não há em nenhuma das reportagens qualquer referência ao fato de que a Amazônia se estende além do Brasil, nem foram encontradas nas reportagens internacionais exibidas pelo Jornal Nacional e pelo Jornal da Record no período qualquer referência de que se tratam de lugares “amazônicos”. Em uma das reportagens da Série Amazônia Urbana cita-se a expectativa de desenvolvimento regional a partir da construção da Rodovia Transoceânica, que ligaria o Oceano Atlântico ao Pacífico, especificamente o estado de Rondônia ao Peru e Bolívia, e que abriria novos mercados consumidores para os produtos da Amazônia. Embora a obra seja localizada dentro de uma área denominada de Amazônia Internacional ou Pan-Amazônia e cuja obra está relacionada com as negociações da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA), o texto a referencia como “solo estrangeiro”.

Já no que diz respeito a que estados brasileiros pertencem a Amazônia, parece que os estados da região norte são os únicos verdadeiramente amazônicos, mesmo nas notícias em que a denominação usada seja a de “Amazônia Legal”. O Maranhão em nenhum momento é descrito como pertencente a região, mas é beneficiado pelo projetos que promovem seu desenvolvimento ou gestão como o Programa “Terra Legal” de regularização fundiária. O Mato Grosso é o estado da destruição. A ele fazem referência a maior parte das notícias sobre queimadas e desmatamentos e sobre a destruição das “florestas” (que alias nunca foram nomeadas de amazônicas) ainda que segundo o Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais (INPE), o Pará é que seja o campeão da devastação. Assim, o conceito de Amazônia Legal parece retrogrado e não justificável atualmente. A acrescentar o Mato Grosso e o Maranhão a região amazônica parece ter sido uma medida, do ponto de vista das representações da Amazônia nos telejornais analisados, mais política e econômica com o objetivo de beneficiar estes estados, que pertinente a região.

O estado do Pará é a principal unidade da federação referenciada como pertencente a Amazônia ainda que seja descrita como “menos amazônica” que o Amazonas. O estado aparece com uma espécie de liderança regional que faz com que seja o estado mais problemático, onde os conflitos e o “atraso” pareçam ser maiores, mas também, devido à diversidade de temas, à existência de denúncias sobre seus problemas e atraso, a referências como “estado com maior população e eleitores” e mesmo devido à quantidade de vezes em que aparece em relação aos demais estados da região, este seja o lugar mais conhecido da Amazônia. Ou ainda como descreve a matéria da Série “Amazônia Urbana”, “um bom lugar para pensar o futuro da região”. Análise futura sobre a representação específica do Pará em relação a representação da Amazônia e a representação dos estados não-amazônicos pode ajudar a referenciar melhor os limites da própria representação da identidade regional.

Por outro lado, o Amazonas é o estado mais Amazônico, ou seja, o estado cuja descrição parece confundir-se com a da região. Ao ponto de sua capital, lar da Zona Franca, se tratada como um enclave, uma exceção ao que seria uma cidade típica na Amazônia. Em pesquisa realizada no ano de 2000, por Magali Franco Bueno, onde a pesquisadora entrevistou 80 pessoas (20 em São Paulo, 30 em Belém e 30 em Manaus) apresentando-lhes um mapa da América do Sul e pedindo que indicassem onde ficava a Amazônia, o terceiro conceito de Amazônia mais frequente nas respostas foi de que ela era sinônimo do estado do Amazonas.

No que diz respeito as representações sociais da região, embora haja uma diferenciação nítida entre as matérias que evocam e as que não evocam o conceito de “Amazônia”, elas se restringem aos sistemas periféricos. Nas matérias sem citação a Amazônia emergem temas urbanos e denúncias de irregularidades em geral, que tornam os sistemas periféricos “urbano” e “infraestrutura e serviços”, mais importantes que nas reportagens que possuem a citação. Apesar disso, o núcleo da representação, tanto em matérias que citam como nas que não citam a Amazônia permanece o mesmo: o desenvolvimento sustentável e não uma espécie de aura “primitivo-natural-exótica”, como se imaginou no início da presente pesquisa. Mesmo nas matérias onde a Amazônia é citada, o homem está sempre presente e é o personagem principal da história. A diferenciação está na possibilidade de “modernizar a Amazônia”, aproximá-la do que seria tido como desenvolvimento e representações mais próxima do Brasil moderno-urbano da região Sudeste do país, seria compatível com a manutenção da floresta nas matérias produzidas com a participação dos Núcleos de rede locais, mas seria impossível nas reportagens e notícias que não contam com a participação dos NR locais.

A diferenciação na representação só é relevante, quando se compara as matérias que contam com as que não contam com a participação dos Núcleos de rede locais. A participação na autoria ou colaboração como fornecedor de dados para compor as reportagens e notícias de pessoas que vivem na região dos NR torna as descrições mais diversificadas (maior variedade de temas), profundas (mais informações sobre cada tema abordado) e mais atentas a mostrar o cotidiano, como vivem e o que pensam os habitantes da região.

Não pôde ser comprovada a importância da “identidade” dos autores (NR), em relação a região no que diz respeito aos conteúdos construídos, embora a leitura de Manuel Dutra comparada aos resultados desta pesquisa indique que estes NR compartilhem das representações e identificações das elites regionais que por sua vez são muito próximas das representações da Amazônia dos integrantes das redes nacionais. Isso significa que para os NR locais, os povos da floresta também seriam um “outros/eles” moradores do Brasil exótico: a Floresta Amazônica. Os integrantes dos NR, então, seriam (se amazônidas) urbanos e devido a isso mais próximos do Brasil moderno e das representações defendidas pelas redes nacionais. Ao narrarem as histórias na terceira pessoa, há o afastamento natural esperado no texto jornalístico entre este “narrador” e os fatos.

De outro modo, a aproximação e o sentimento de pertença a região pelos entrevistados só foram explícitos em duas falas. O primeiro foi um membro do IBAMA

que durante uma operação de fiscalização no Pará disse que “Vamos tentar barrar todos os desmatamentos na nossa região”⁸⁹ e o segundo na fala de um instrutor de esportes radicais: “O Wakeboard traz a pessoa para a natureza para conhece rum lado diferente, conhecer os ribeirinhos, conhecer a nossa região é bem legal”⁹⁰.

Embora o fato dos integrantes dos NR locais viverem e conhecerem melhor a região possa ser um dos motivos da diferenciação entre as representações nas reportagens com e sem a participação dos NR, não é possível avaliar a manifestação de algum sentimento identitário, nem classificá-los segundo a categorização de Castro (2005), definindo que “tipo” de amazônidas eles seriam. Também não é possível avaliar se, em termos identitários, eles se localizam mais ou menos próximos do grupo das elite urbanas locais, dos moradores periféricos urbanos ou dos “povos da floresta”. Esta informação seria melhor investigada em uma pesquisa que utilizasse como técnica de coleta de dados, entrevistas individuais com integrantes de NR locais.

O fato da participação do NR do Pará no Jornal da Record, ser maior que a participação do NR do estado no Jornal Nacional, por exemplo, pode também estar ligada a própria estruturação destes departamentos dentro das empresas jornalísticas as quais estão ligados e as “gramáticas” e perfis editoriais dos dois telejornais e emissoras. Os critérios utilizados pelas redes nacionais para decidir quando utilizam NR locais e quando enviam equipes especiais para a Amazônia carecem de pesquisa específica. Explicar o porquê desta diferenciação necessitaria de uma abordagem teórico-metodológica que observasse também as interações entre a rede nacional e os NR por meio de observações e entrevistas com os dois grupos.

As representações sobre a Amazônia no telejornalismo nacional sofrem alterações quando da participação de NR locais. Sob esta perspectiva, os NR dos estados do Pará e do Amazonas são os atores locais com maior interação para a construção e conteúdos a respeito da região que podem ser exibidos no telejornalismo nacional. Apesar disto, não se pode ignorar que as representações sobre a Amazônia são apreensões históricas tanto quanto releituras cotidianas que as atualizam, bem como são sociais e também individuais. A evocação de uma identidade amazônica, uma resposta definitiva sobre o que é a região, parece contraditória porque faz parte da representação da mesma uma certa “imprecisão” sobre onde ela está e quem a habita.

⁸⁹ Reportagem exibida no Jornal da Record em 27 de agosto de 2010.

⁹⁰ Reportagem exibida no Jornal da Record no dia 26 de julho de 2010.

Este imaginário orienta a pensar a Amazônia como parte do “Brasil exótico”, como o “eles”, um alteridade e não uma identidade. Os temas e consequentes representações que aproxima a Amazônia do “Brasil moderno” e do “nós” parecem distanciar o lugar da própria definição de Amazônia porque parece um absurdo que a Amazônia possa estar “aqui” e não “lá” ou que os amazônidas possam enfrentar os mesmo problemas de falta de infraestrutura de saúde, por exemplo, que os moradores das favelas cariocas. A identidade amazônida é baseada numa impressão de diferença, assim como sua representação. As modulações que tornam a região mais ou menos próximas da sede das redes nacionais parece ser um fenômeno melhor observável a partir da perspectiva do estado do Pará, que desta forma, é um microcosmo da região, onde os elementos periféricos da representação da Amazônia lutam por incorporar o “novo” ao mesmo tempo que tentam justificar impressões e conceitos já historicamente integrantes do núcleo da representação da Amazônia, que a vê como “floresta”.

O fato do núcleo da representação estar se deslocando em direção a ideia de desenvolvimento sustentável, ou seja, de conciliação do homem com o meio ambiente, já indica que as representações sobre a Amazônia estão passando por um processo de atualização cotidianamente, a final, nos relatos de viagens, analisados por Bueno (2002), esta conciliação não existia. Processo de atualização do qual fazem parte atores locais como os integrantes dos NR, mas também atores nacionais, como os integrantes das redes nacionais de televisão influenciados pelo momento histórico atual, mas também por representações da Amazônia que são reproduzidas e resignificadas há mais de cinco séculos.

Entre a história e o futuro das representações, o que é a Amazônia vai sofrendo atualizações a partir das distintas dinâmicas da sociedade (econômica, social, cultura e política), mas também a partir da forma como o pesquisador social opta por olhar para estas representações, privilegiando, em um dado momento, este ou aquele ator em detrimento de outro. Por isso, os dados aqui apresentados não buscam impor-se como verdades, mas buscam principalmente refletir sobre representações das representações sobre a Amazônia a partir da mídia televisiva.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J.-C. A abordagem estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A. S. P. e OLIVEIRA, D. C. d. **Estudos interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998.

AGIER, M. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. Mana v.7 n° 2. Rio de Janeiro, 2001.

AUMONT, J. **A imagem**. São Paulo: Papyrus. 1995

BAUER, M. W. Análise do Conteúdo Clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis:Vozes, 2002. p. 189-217.

BAUER, M. W; GASKELL, G; ALLUM, N.C. Qualidade, quantidade e interesse do conhecimento - evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis:Vozes, 2002. p. 17-36.

BISTANE, L; BACELLER, L. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto. 2005

BONNER, W. **Jornal Nacional Modo de Fazer**. Rio de Janeiro: ed. Globo, 2009.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997

_____. A identidade e a representação - Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de regio. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1992.

BUENO, M. F. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia**. São Paulo: USP, 2002.

CABRAL, J. d. P. **Identidades inseridas: algumas divagações sobre Identidade, emoção e ética**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2003.

CANEVACCI, M. **Antropologia da comunicação visual**. Rio de Janeiro: DP&A. 2001

CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002

CASTRO, F. F. H. **As Representações Sociais. Fundamentos e desenvolvimentos de uma metodologia de abordagem sociológica dos fenômenos intersubjetivos**. Laboratório de Sociomorfologia v.1. 2005a.

_____. **Reorganizações identitárias na Amazônia brasileira**. Laboratório de Sociomorfologia, v.1. 2005b.

_____. **Arqueologia do sujeito moderno - Por uma crítica não metafísica da identidade**. Laboratório de Sociomorfologia, v.1. 2005c

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et all. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 254-294.

CEMIN, A.B. Entre o cristal e a fumaça:afinal o que é o imaginário? **Revista Presença**. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia. V.6, n.14, 1998.

_____. Escola Sociológica Francesa e suas presneças nas teorias do imaginário. **Revista Primeira Versão**. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia. V.1, n.38. 2001.

COUTINHO, I. Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento In: VIZEU, A (Org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p.91-107.

CUCHE. D. Cultura e Identidade. In: **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

DUTRA, M. J. S. **A redescoberta midiática da Amazônia**: Sedutoras reiteraões dos discursos sobre a natureza. Belém: UFPA/NAEA, 2003.

_____. **A natureza da TV**: uma leitura sobre os discursos da mídia sobre a Amazônia, biodiversidade, povos da floresta. Belém: NAEA, 2005.

_____. M. **Redes nacionais de TV e recepção local**: cruzando falares, dissonâncias. 2011. Páginas não numeradas. Artigo ainda não publicado.

FANTINE, M. Águas turvas, Identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem e outras misturas. In: ABDALA, B. **Margens da Cultura**. São Paulo: Boitempo, 2004.

FLICK, U. Entrevista episódica. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis:Vozes, 2008. p. 144-136.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis:Vozes, 2002. p. 64-89.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes. 1995.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: está é a questão? **Psicologia:teoria e pesquisa**, v 22, n. 2, p. 201-210, maio/ago. 2006.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 1999

HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000

HERZ, D. **Relatório Donos da Mídia.** Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/cadernos/cid240420021.htm>>. Acesso em: 25 de nov 2009.

HOULE, G. A Sociologia como ciência da vida: a abordagem biográfica. IN: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 317-334.

IANNI, O. Prefácio. In: LOUREIRO, J. d. J. P. **Cultura Amazônia, uma poética do Imaginário.** São Paulo: Escrituras, 2001.

JACCOUD, M; MAYER, R. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 254-294.

KILPP, S. Mundos televisivos, imaginários televisíveis e sociedade imaginada. **Contemporânea**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 155-180, 2003.

LAGO, C; BENETTI, M. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

LANDOWSKI, E. Busca de Identidades, crises de alteridade. In: LANDOWSKI, E.: **Presenças do Outro.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

LOPES, M.I.V. de. Problemáticas metodológicas na prática da pesquisa em comunicação. In: LOPES, M.I.V. **Pesquisa em Comunicação.** São Paulo. Loyola, 2005. p. 89-111.

LOUREIRO, J. d. J. P. **Cultura Amazônia, uma poética do Imaginário.** São Paulo: Escrituras. 2001

MACHADO, A. As vozes do telejornal. In: MACHADO, A: **A televisão levada a sério.** São Paulo: ed. Senac. 2005.

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre: n. 15. 2001.

MEDEIROS, J. L. A Identidade em questão: notas acerca de uma abordagem complexa. In: DUARTE, M. B. B.; MEDEIROS, J. L. **Mosaico de Identidades.** Curitiba: Juruã, 2004.

MONTEIRO, G. C. d. S. **Amazônias em 1980:** Análise comparada da Representação midiática da Identidade Amazônica nos jornais impressos O Estado do Pará e O Liberal. [s.l.;s.n.], 2006.

MOSCOVICI, S. Fenômeno das Representações Sociais. In: MOSCOVICI, S: **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social.** Petrópolis: Vozes, 2003a.

_____. A história e atualidade em Representações Sociais. In: MOSCOVICI, S: **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social.** Petrópolis: Vozes, 2003b.

_____. sociedade e teoria em psicologia social. In: MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003c.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2003.

"O VELHO âncora volta à cena". **Revista Dossiê Ajuris**, Porto Alegre. [s.n.], abr, 2007, p. 18.

PEREIRA JR, A.E.V; CORREIA, J.C. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, A (Org). **A sociedade do telejornalismo**.Petrópolis: Vozes, 2008. p.11-28.

PORCELLO, A.C.F. Mídia e Poder: os dois lados de uma mesma moeda - a influência política da TV no Brasil. In: VIZEU, A (Org.). **A sociedade do telejornalismo**.Petrópolis: Vozes, 2008. p.47-79.

RAMOS, J. M. O. **Televisão, publicidade e cultura de massa**. Rio de Janeiro: Vozes. 1995

RIBEIRO, J. L. Fragmentação e reconstrução de Identidade o sistema mundial. In. RIBEIRO, J. L.: **Cultura e Política no mundo contemporâneo**. Brasília: BNB, 2000.

RICHARDSON, R.J. Análise do Conteúdo. In: RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: Métodos e técnicas**. São paulo: Atlas, 1999

REZENDE, G. J. de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 343-364.

RODRIGUES, A.D. Questão comunicacional e formas de sociabilização. In RODRIGUES, A.D.: **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Presença. 1990.

RODRIGUES, C.I. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. **Novos Cadernos do NAEA**. Belém: NAEA, v. 9. 2006.

SALZMAN, P.C. O cavalo de tróia eletrônico: a televisão na globalização das culturas paramodernas. In: SALZMAN, P.C. **As dimensões culturais da transformação global**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001267/126734porb.pdf>>. Acesso em: 19 de jun 2009.

SCHOLLHAMMER, K. E. O olhar antropológico – ou o fim do exótico. In: LOPES, L. P. M; BASTOS, L. **Identidades**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

SCHWARTZ, T. **Mídia: O segundo Deus**. São Paulo: Summus, v.8. 1981

SILVA, C.R.; GOBBI, B.C; SIMÃO.A.A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Organizações rurais agroindustriais**, Lavras: v.7, n. 1, p 70-81, 2005.

SILVA, E.L. de; MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3 ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

STEINBRENER, R. A. Centralidade ambiental x invisibilidade urbana (ou os novos "fantasmas" das Amazônia). In: ARAGÓN, L. E.; OLIVEIRA, J.A. de (Orgs). **Amazônia no cenário sul-americano**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009, p.19-40.

STRAUBHAAR, J. Caminhos glocais para a televisão. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 30, n. 2. 2007.

TV LIBERAL. **Memorial da Televisão Paraense**. Disponível em: <<http://www.orm.com.br/projetos/tvliberal/historico.asp>>. Acesso em: 30 de set 2009.

VALENTE, J.C.L. **Produção regional na TV Aberta Brasileira:um estudo de 11 capitais brasileiras**. Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=441>. Acesso em 11 de ago 2009.

VERON, E. El análisis del "Contrato de lectura": un nuevo método para los estudios del posicionamiento de los soportes de los media, In: VERON, E. **Les Médias: Experiences, recheches actualles, aplicaciós**. Paris: IREP, 1985

WOLF, M. **Teorias das Comunicações de massa**. São Paulo: Martins F., 2003.

APÊNDICES



Universidade Federal do Pará
Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido

APÊNDICE A - Modelo de Roteiro de Telejornais

Objetivo: identificação e organização de notícias e reportagens exibidas nos telejornais nacionais em relação ao emissor/autor dos textos sobre a Amazônia.

Identificação

Telejornal:

Data:

Horário de Exibição:

Duração total:

Apresentação:

Número de Blocos:

Categorias predominantes percentualmente:

Roteiro

	Duração	Resumo	Origem	Tema
Escalada				
Notícia 01	00:25	Corpo de jovem grávida assassinada em Parauapebas ainda não foi encontrado	Pará	Violência
Notícia 02	00:15	Seleção de Dunga enfrenta Portugal neste Domingo	África	Esportes
Notícia 03	00:10	Banco Central anuncia novo pacote econômico	Brasília	Economia
Notícia 04	00:25	E o dia de Campanha dos candidatos a presidência	RJ/SP/MT	Política
Total	4	01:15		
Intervalo				
Bloco A: Atualidades				
Notícia 01	01:14	Brasileiras dão um jeitinho para não perderem o jogo do Brasil contra Portugal	PA/GO/CE	Esportes
Notícia 02	07:12	Último treino da seleção e expectativa de escalação para o jogo de domingo.	África	Esportes
Total	08:26			
Intervalo				



Universidade Federal do Pará
Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido

APÊNDICE B - Modelo de transcrição de notícias locais exibidas nacionalmente

Objetivo: Registrar para fins de análise concomitantemente as imagens que aparecem nas reportagens, os textos que são “lidos” nas notícias, os sujeitos detentores das falas e os ícones gráficos que aparecem na tela para facilitar a compreensão do receptor.

Metodologia: A transcrição é realizada da seguinte forma:

- **Transcrição do áudio:** é realizada a transcrição detalhada do áudio das gravações, indicando os locutores e as ênfases nas falas.
- **Identificação de gêneros jornalísticos envolvidos:** Separa-se o texto de acordo com o gênero jornalístico (nota, reportagem, chamada, entrevista, etc.)
- **Identificação de tipos de locutores:** Identificação de que vozes são evocadas para “testemunhar” ou emitir opinião sobre o tema (poder público, especialistas, personagens, jornalista, etc.).
- **Descrição das imagens:** São observados os cortes nas imagens e é realizada a descrição das mesmas.
- **Paralelismo com as imagens:** As colunas “imagens” e “mensagens”, sob a perspectiva horizontal, mostram a simultaneidade do aparecimento das imagens em relação ao texto “lido”. Assim, embora a pontuação das “mensagens” esteja correta, utilizou-se o parágrafo para marcar as transições de imagens no texto falado.
- **Transcrição dos textos icônicos:** Indicação dos caracteres que surgem na tela, ou seja, das informações que aparecem de forma “escrita” para o telespectador, seja para auxiliar na identificação ou percepção de um dado, seja para reforçar palavras ou conceitos importantes ou não-familiares.
- **Paralelismo dos textos icônicos com imagem e mensagens:** Os caracteres são posicionados na tabela conforme “surgem” em relação à imagem e a mensagem falada para indicar exatamente onde estão localizadas.
- **Comparação:** Análise final para verificar a necessidade de ajustes na correspondência dos dados.

Ficha de Identificação para análise e arquivamento:

Telejornal: Jornal Nacional

Data: 09/06/2010

Gêneros jornalísticos envolvidos: “cabeça/nota de abertura”, “reportagem”, “nota pé”.

Duração do 1º Gênero: 00:47

Duração do 2º Gênero: 01:53

Duração do 3º Gênero: 00:51

Duração total da reportagem: 02:51

“Localização”: 2º bloco, informação 03.

Gênero	Locutor	Caracteres	Imagens	Mensagens
Chamada/Lead/ Cabeça	Âncora: William Bonner		Jornalista em estúdio	No <i>Pará</i> uma cidade pede <i>socorro</i> . <i>Faltam hospitais e postos de saúde</i> para combater um surto de <i>malária</i> .
Reportagem	OFF 01: Repórter	Imagens: Jorge Ladimar	<p>Esquema gráfico mostrando a localização da cidade em relação à Belém (sob imagens aéreas no fundo)</p> <p>Imagens aéreas da cidade mostrando que fica localizada na margem de um grande rio Com uma floresta nos limites da cidade</p> <p>Imagens de atendimento médico</p> <p>Imagem mais aberta mostrando muitas pessoas aguardando em um ambiente notoriamente inadequado</p> <p>Imagens da fachada do prédio sede do posto</p> <p>Cenas internas com pacientes sobre duas macas em uma pequena sala</p> <p>Imagem de uma mulher passando mal</p> <p>Criança chorando aparentemente no posto de atendimento</p>	<p>Oeiras do Pará fica a 10 horas de barco de Belém.</p> <p>É uma cidade <i>isolada</i> entre o rio e a floresta.</p> <p>Em meio ao surto de malária, a coleta de sangue é feita em uma garagem.</p> <p>No único posto de saúde do município há apenas cinco leitos.</p> <p><i>Homens, mulheres e crianças sofrem à espera de atendimento.</i></p>
	Sonora 01: Personagem	Lucelina Lopes, dona de casa	Entrevista realizada no posto com várias pessoas doentes aguardando atendimento ao fundo	É frio, é febre, é dor na cabeça, é diarreia e vômito.

Reportagem

<p>OFF 02: Repórter</p>	<p>2010: 3.281 casos confirmados</p> <p>2009: 9 casos confirmados Fonte: Secretaria de Saúde de Oeiras do Pará</p> <p>Anopheles</p> <p>Produção: Alessandra Barreto e Márcio Lins</p>	<p>Imagens das ruas do município</p> <p>Imagens de uma rua mais movimentada</p> <p>Rua com tráfego intenso de pessoas</p> <p>Imagem mostrando em uma única cena várias ruas onde as pessoas passam apressadas.</p> <p>Atendente do posto de coleta de sangue com a fila de pacientes aguardando</p> <p>Mãe segurando uma criança no colo enquanto uma terceira pessoa coleta sangue</p> <p>Mostra alguns mosquitos em foco em uma placa de petri</p> <p>Cena aberta de casas de palafitas</p> <p>Foco em uma casa na área alagada</p> <p>Imagens aéreas de locais próximos à áreas verdes onde a vegetação foi completamente retirada</p> <p>Mesma imagem com enquadramento distinto. (corte na fala do repórter)</p> <p>Imagens da cidade com pessoas andando de bicicleta</p> <p>Cena aparentemente de um porto com trabalhadores carregando cordas como se fossem pescadores caminhando em direção à rua</p>	<p>Desde janeiro, já são mais de <u>três mil casos</u> confirmados de malária no município.</p> <p>Mais de 10% da população.</p> <p>No mesmo período do ano passado, foram apenas <u>nove casos</u>.</p> <p>A malária é uma doença causada por parasitas que são transmitidos de uma pessoa para outra pela picada do mosquito <u>anopheles</u>.</p> <p>Segundo especialistas, duas situações dificultam o controle da doença na Amazônia:</p> <p>O <u>desmatamento</u> que afasta o mosquito transmissor de seu habitat natural, fazendo com que ele se apro-(xima) ainda mais do homem, e a <u>migração constante</u> dos trabalhadores do campo em busca do sustento.</p>
-----------------------------	---	---	--

Reportagem	Sonora 02: Especialista	Marinete Povoá, Pesquisadora Instituto Evandro Chagas	Pesquisadora em uma sala bem estruturada, aparentando estar em Belém.	Normalmente, quando estas pessoas chegam, elas já vêm de <u>outras áreas</u> e já trazem consigo o parasita porque já estiveram em uma área onde a malária é mais endêmica.
	Passagem: Repórter	Fabiano Villela, Oeiras do Pará, PA	Repórter está em uma área alagada cujas casas de madeira são unidas por pontes do mesmo material e caminha se aproximando de uma das casas onde há uma criança na janela.	As famílias mais atingidas pela malária vivem em regiões como esta. As casas ficam praticamente <u>dentro da mata</u> e foram construídas <u>sobre áreas alagadas</u> . Nesta casa, por exemplo, <u>duas crianças tiveram a doença este ano</u> e uma delas está <u>novamente com os sintomas</u> . Nós vamos entrar para conversar com a família.
	Sonora 03: Personagem	Rosineide Silva, 9 anos	Menina doente deitada em uma rede	Repórter – O que creê está sentindo? Criança - Dor de cabeça, dor na perna...
	Sonora 04: Personagem	Maria de Jesus Silva, lavradora	Mãe na sala de casa e notoriamente preocupada e sem saber o que fazer	... Com a doença delas...isso daí... até eu <u>me dói</u> . Eu me sinto assim... <u>eu me sinto doente junto com eles</u> .
	OFF 03: Repórter		Imagens focadas no prefeito em frente ao posto de saúde Novo enquadramento do prefeito	O prefeito diz que não tem condições de controlar a doença porque <u>faltam remédios e ambulatórios</u> .
	Sonora 05: Poder público	Edivaldo Leão, prefeito de Oeiras do Pará	Prefeito com tom de voz pesado informa que não tem estrutura (corte na fala)	Muitas pessoas precisam se reidratar, tomar soro, alguma coisa assim,... mas nós <u>não temos</u> onde aplicar porque não temos estrutura. Na verdade, nós <u>estamos pedindo socorro</u> .
Nota pé	Âncora: William Bonner		Jornalista em estúdio	O Ministério da Saúde enviou <u>esta semana</u> medicamentos para combater a malária em <u>Oeiras do Pará</u> . A secretaria de Saúde do Estado informou que o hospital da cidade vai ser inaugurado no <u>fim do mês</u> .



Universidade Federal do Pará
Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido

APÊNDICE C: Resumo de Notícias e reportagens analisadas

Data	Telejornal	Autor Principal	Produção	Cita a Amazônia	NR	Resumo
21/jun	JR	Santa Catarina	Local	Não	Sim	No norte do país 4 estados brasileiros entraram hoje no verão, já no sul, em são Joaquim na serra catarinense a população se prepara para temperaturas abaixo de zero
21/jun	JR	Pará	Nacional	Não	Sim	1ª reportagem da Série Corrida pelo Ouro fala sobre Serra Pelada
23/jun	JR	Pará	Nacional	Não	Sim	Segunda reportagem da Série A nova corrida pelo Ouro fala sobre os conflito das exploração do minério e as novas tecnologias
25/jun	JR	Pará	Nacional	Não	Sim	Reportagem sobre o jogo entre Brasil e Portugal, mostrando as torcidas que estavam divididas entre estas duas nacionalidades
25/jun	JR	Goiás	Local	Não	Sim	Reportagem sobre as dificuldades e “jeitinhos” que os brasileiros tiveram pela frente no terceiro jogo da copa
25/jun	JR	Amazonas	Local	Não	Sim	A reportagem mostra uma aldeia indígena localizada próxima a cidade de Manaus no Amazonas assistindo ao jogo do brasil
29/jun	JR	Pará	Local	"Não"	Sim	Reportagem sobre a precariedade do transporte escolar no país, no caso Maceió e Bujaru.
29/jun	JR	Pará	Local	Não	Sim	Notícia sobre a denúncia de negligência contra três médicos que fizeram uma cesariana em uma adolescente que não estava mais grávida, em Belém.

Data	Telejornal	Autor Principal	Produção	Cita a Amazônia	NR	Resumo
19/jul	JR	Pará	Local	Não	Sim	Reportagem comenta sobre os perigos ambientais do uso de “cerol” quando crianças empinam pipas. Mostrando animais que morreram ou foram feridos ao voarem perto das pipas
19/jul	JR	Pará	Local	Sim	Sim	Reportagem sobre a “falta de médicos na Amazônia”.
20/jul	JR	São Paulo	Nacional	Sim	Sim	Reportagem mostra nova tecnologia que produz brocas dentárias silenciosas. O novo produto está sendo usado por estudantes de Bauru que atendem famílias carentes em Rondônia
20/jul	JR	Pará	Local	Sim	Sim	Reportagem produzida no Pará fala sobre o programa Terra Legal promovido pelo governo federal. Que pretende regularizar as terras na Amazônia
20/jul	JR	São Paulo	Nacional	Não	Não	Reportagem sobre as novidades e números das eleições 2010, dados divulgados pelo TSE. Entre as informações citadas está a de que Roraima tem o menor colégio eleitoral do país.
20/jul	JR	Pará	Local	Não	Sim	Reportagem fala sobre a importância da farinha para a cultura alimentar paraense e como ela pode ser utilizada para combater cáries na população quando se adiciona flúor ao produto
20/jul	JR	Rio de Janeiro	nacional	Não	Sim	Porto Velho, Rondônia, tem o pior índice de saneamento do país logo após vêm cidades cariocas
22/jul	JR	Pará	Local	Não	Sim	A reportagem denuncia a dificuldade de obter atendimento público na área de saúde no estado do Pará.
23/jul	JR	Pará	Local	Não	Sim	A reportagem denuncia o grande número de assaltos a ônibus em Belém
23/jul	JR	Amazonas	Local	Sim	Sim	A reportagem fala sobre a nota tecnologia para envio da apuração dos votos para as eleições 2011 e da visita oficial do presidente do TSE ao Estado
24/jul	JR	São Paulo	Nacional	Não	Sim	Pesquisa revela que os brasileiros são o povo que mais toma banhos por semana, são cerca de 20. A reportagem mostra o banho de rio no Amazonas, onde o banho vira diversão e o menino entrevistado conta economia água

Data	Telejornal	Autor Principal	Produção	Cita a Amazônia	NR	Resumo
26/jul	JR	Amazonas e Pará	Local	Sim	Sim	A reportagem mostra que enquanto o resto do país está no inverno "Estrangeiros e brasileiros estão curtindo o verão na Amazônia".
27/jul	JR	Amazonas	Local	Não	Sim	Reportagem sobre campanhas e projetos em cidades (Manaus e Tabatinga) do Amazonas que buscam prevenir e incentivar o tratamento de DSTs em presídios
28/jul	JR	Pará	Local	Não	Sim	Reportagem conta o final da história de Vitória que recebeu um tiro na cabeça durante um assalto e foi recusada em 6 hospitais. A reportagem mostra a alta da UTI da menina e o alívio da família
05/ago	JR	Amapá	Local	Não	Sim	Notícia sobre as contradições sobre a aplicabilidade da Lei da Ficha Limpa. Enquanto 22 estados aplicaram-na para todos os casos, Cinco estados (PA, AC, RO, TO e MA) tomaram decisões contrárias as orientações do Supremo Tribunal Eleitoral.
07/ago	JR	Pará	Local	Sim	Sim	Notícia sobre a ação de piratas nos rios do Estado do Pará
09/ago	JR	Brasília	Nacional	Sim	Não	Notícia sobre dados do INPE que revelam redução do desmatamento na Amazônia
11/ago	JR	Pará	Local	Não	Sim	Notícia sobre elevado número de assaltos a banco no Pará, especialmente no interior do estado
14/ago	JR	Pará	Local	Sim	Sim	"Famílias curtem mordomias em casas flutuantes na Amazônia".
18/ago	JR	Pará	Local	Não	Sim	Notícia sobre jovem assassinada no Pará com toques de vampirismo. A reportagem se centra no crime e apenas mostra o cemitério onde o corpo foi encontrado e o crime cometido.
19/ago	JR	São Paulo	Nacional	Não	Não	Notícia sobre o caso do assassinato no cemitério do Tapanã com indícios de vampirismo. A Suíte mostra o internauta que ajudou a polícia a chegar até os assassinos. A única referência é a própria "periferia de Belém".

Data	Telejornal	Autor Principal	Produção	Cita a Amazônia	NR	Resumo
19/ago	JR	Amazonas	Local	Sim	Sim	Notícia sobre o fechamento de aeroportos e cancelamentos de voos em Manaus devido a falta de visibilidade causada pela fumaça das queimadas na região. Embora o fechamento apareça como localizado, é resultado de um fato (queimadas) de toda a região amazônica, segundo repórter
27/ago	JR	Pará	Local	"Não"	Sim	Reportagem exclusiva em que a equipe acompanha ação do IBAMA contra o desmatamento
08/set	JR	São Paulo	Nacional	Não	Sim	Série a nova classe média mostra a cultura da nova classe social com o sucesso do tecnobrega e do forró
10/set	JR	Pará	Local	Não	Sim	Cena de faroeste: Bando assalto carro forte e troca tiros com a polícia em Belém
10/set	JR	Amazonas	Local	Sim	Sim	"O tempo seco deixa o nível dos rios da região amazônica muito abaixo o que dificulta o transporte de combustíveis",
10/set	JR	Amapá	Local	Não	Sim	Notícia sobre a Operação no Amapá que prendeu 18 pessoas por fraudes e corrupção no desvio de recursos públicos no estado
13/set	JR	Pará	Local	Não	Sim	Jovem é espancado em Vila da Marinha em Belém
13/set	JR	Pará	Local	Sim	Sim	Operação Aratau do IBAMA fiscaliza desmatamento no Pará. A chamada da reportagem fala da devastação na Amazônia, mas o conteúdo é exclusivo do solo paraense.
15/set	JR	Pará	Local	Não	Sim	Notícia sobre um assalto com 30 reféns no município de Igarapé-Miri no Pará
15/set	JR	São Paulo	Nacional	Não	Sim	Reportagem da Série Desafios do Brasil sobre a Saúde mostra o bom exemplo de Bonito, no Pará.
16/set	JR	Pará	Local	Não	Sim	Notícia sobre briga entre adolescentes em sala de aula que acabou em agressão física
16/set	JR	São Paulo	Nacional	Não	Sim	Série Desafios do Brasil mostra a questão do acesso ao mercado de trabalho.
20/set	JR	Rio de Janeiro	Nacional	Sim	Sim	Notícia sobre o combate ao narcotráfico no país começa com uma "nota coberta" sobre operação da polícia federal que apreendeu 300 mil quilos de maconha no Pará

Data	Telejornal	Autor Principal	Produção	Cita a Amazônia	NR	Resumo
24/set	JR	Rio de Janeiro	Nacional	Sim	Não	Na Série Desafios do Brasil, ao abordar a preparação para as olimpíadas sediadas no país, os repórteres de São Paulo e do Rio de Janeiro mostram entre as promessas de medalha jovens da Amazônia
24/set	JR	Pará	Local	Não	Sim	Notícia sobre uma rua na periferia de Belém onde moradores colocaram faixa oferecendo votos para o político que promover o saneamento básico (asfalto, água encanada e esgoto) no local
30/set	JR	Pará	Local	Não	Sim	Notícia de curiosidade sobre um mico-de-cheiro que ao ser introduzido num parque em Belém, preferiu viver em cativeiro com um grupo de macacos-aranhas, que são maiores e mais pesados que ele, porém o mico pareceu dominar o ambiente
01/out	JR	Pará	Local	Não	Sim	Notícia sobre um novo assalto com reféns em Belém
01/out	JR	Amazonas	Local	Sim	Sim	Notícia sobre a seca nos rios do Amazonas e como ela pode afetar as eleições. Na chamada o apresentador anuncia o "isolamento dos ribeirinhos na Amazonas".
01/out	JR	Pará	Local	Sim	Sim	Notícia sobre o reforço do exército durante o esquema de segurança das eleições. O estado que receberá o maior contingente de oficiais é o Pará.
02/out	JR	Pará	Local	Não	Sim	Notícia sobre a denúncia de um professor que molestava alunas em sala de aula em Altamira
04/out	JR	Pará	Local	Sim	Sim	A notícia é sobre o resultado do primeiro turno na região Norte. Na reportagem o repórter define este lugar como a maior região do País.
06/out	JR	Pará	Local	Não	Sim	Notícia sobre assaltos à casas lotéricas em Belém. A informação se centra na violência urbana na cidade e na ação dos bandidos próximo ao sorteio da megasena.
06/out	JR	Rio de Janeiro	Nacional	Sim	Não	Reportagem realizada pela produção de São Paulo e é a primeira da Série Infância em Perigo. Fala sobre a exploração sexual de adolescentes no Amazonas por turistas estrangeiros.

Data	Telejornal	Autor Principal	Produção	Cita a Amazônia	NR	Resumo
08/out	JR	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Reportagem sobre o desvio e roubo de armas de uso exclusivo das forças armadas brasileiras
08/out	JR	Brasília	Nacional	Sim	Não	“Reduz o ritmo de crescimento do desmatamento da floresta Amazônica em agosto
08/out	JR	Rio de Janeiro	Nacional	Sim	Não	A segunda reportagem da Série Infância em Perigo fala sobre o trabalho infantil nas comunidades da margem do rio negro, no Amazonas. As crianças e suas famílias produzem espetos para churrasco extraíndo madeira ilegalmente de áreas de proteção ambiental onde atividades como pesca, agricultura, pecuária e extração madeireira são proibidas dificultando a sobrevivência das famílias
29/jun	JN	Pará	Local	Não	Sim	Notícia sobre o indiciamento de médicos no Pará por realizarem uma cirurgia cesariana em uma paciente que já não estava grávida.
05/jul	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Notícia sobre uma análise dos dados do IDEP divulgada pelo Ministério da Educação. Os piores índices estão nas regiões Norte e Nordeste
06/jul	JN	Brasília	Nacional	Sim	Não	Notícia sobre a aprovação na comissão da câmara de deputados do novo texto do Código Florestal Brasileiro. O embate entre ambientalistas e ruralistas tentava mudar as propostas sobre reservas ambientais, multas por desmatamento e áreas de preservação ambiental no interior das propriedades
07/jul	JN	Brasília	Nacional	Sim	Não	Notícia sobre o dia de protestos após a aprovação na comissão especial da câmara do novo Código Florestal Brasileiro
19/jul	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Sim	Notícia sobre a avaliação as escolas segundo seu desempenho no ENEM.
19/jul	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Sim	Não	Séria Amazônia Urbana - colonização.
20/jul	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Sim	Não	Na segunda reportagem da Série Amazônia Urbana, quatro capitais da região e desenvolveram e o impacto deste desenvolvimento sobre a floresta.
21/jul	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Sim	Não	A terceira reportagem sobre a Amazônia Urbana se dedica ao Isolamento das cidades e povoados erguidos no meio da floresta

Data	Telejornal	Autor Principal	Produção	Cita a Amazônia	NR	Resumo
22/jul	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Sim	Não	“Mostram como a falta de conhecimentos sobre a floresta pode derrubar projetos implantados na região”.
23/jul	JN	Amazonas	Local	Não	Sim	Notícia sobre novo sistema de gerenciamento de dados para apuração dos votos nas eleições 2010 e sobre a visita do presidente do tribunal superior eleitoral testou o sistema na comunidade ribeirinha do Catalão, no Amazonas.
23/jul	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Sim	Não	Um dos maiores desafios da região a busca por novos caminhos para o desenvolvimento das cidades
12/ago	JN	Mato Grosso	Local	Não	Sim	As queimadas no norte do Mato Grosso, especialmente no município de Medicilândia são classificadas como uma tragédia
14/ago	JN	Tocantins	Local	Não	Sim	“Queimadas estão destruindo áreas onde a natureza estava preservada”.
14/ago	JN	Mato Grosso	Local	Não	Sim	Voluntários ajudam famílias desabrigadas no Mato Grosso que foram expulsas pelo fogo, os apresentadores definem o estado como um “dos mais atingidos pelo fogo”.
14/ago	JN	Amazonas	Local	Sim	Sim	Marina Silva passou o dia em Manaus onde defendeu uma nova política de governo para a Amazônia.
16/ago	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Sim	Reportagem sobre os dados divulgados pelo IBGE sobre o Censo 2010. OS estados onde o levantamento está mais atrasado são RO, CE e SE.
16/ago	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Reportagem anuncia uma série de reportagens sobre as principais preocupações dos brasileiros
17/ago	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Série de Reportagem sobre as maiores preocupações dos brasileiros. O primeiro tema é a Saúde, que é a principal preocupação em todas as regiões, mas é ainda maior para os habitantes do Norte e Centro-Oeste do país (47%). No meio da reportagem (05:34 a 06:46, totalizando 46 segundos), o Pará aparece com uma boa proposta para evitar a expulsão dos pacientes com destino às capitais sobrecarregando o sistema nas maiores cidades

Data	Telejornal	Autor Principal	Produção	Cita a Amazônia	NR	Resumo
17/ago	JN	Brasília	Nacional	Não	Sim	Notícia sobre o período de incêndios no país. A reportagem chama atenção para a multiplicação dos focos em relação ao ano anterior e sobre a acusação de falta de fiscalização já que as queimadas são criminosas.
18/ago	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Segunda reportagem sobre as maiores preocupações dos brasileiros. O tema é educação. Altamira no Pará é apresentada como um bom exemplo. Embora o estado tenha um dos piores índices no IDEB, em uma escola com nota 3,6 tem um aluno com nota 8.
21/ago	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Última reportagem da Série sobre as maiores preocupações dos Brasileiros. O tema é custo de vida. A partir de 09:44, a reportagem intercala dois casais um de São Paulo e um de Manaus que tentam técnicas para controlar o orçamento
23/ago	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Início da Série JN no Ar. Ao vivo do Amapá, o apresentador William Bonner apresenta metade do jornal e faz três entradas comentando sobre a série.
23/ago	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Na segunda entrada ao vivo o estado é apresentado como Um dos mais jovens do país.
23/ago	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Sim	Sorteio de um município em Sergipe e a decolagem do aeroporto. Despedida de William Bonner. Todo comentário concentrado na série e no destino, sem informações sobre Macapá, ou Amapá ou região norte.
26/ago	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Série JN no Ar. Os jornalistas visitam Jacundá no Pará
31/ago	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Reportagem sobre a idade de Feijó, no Acre. Um lugar descrito como de difícil acesso e de difícil comunicação.
06/set	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Reportagem da Série JN no Ar. O destino é a cidade de Alto Alegre em Roraima.
06/set	JN	Acre	Local	Não	Sim	Notícia sobre a agenda da candidata à presidência Marina Silva. Ela visitou Rio Branco sua terra natal
08/set	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Sim	Reportagem sobre os dados divulgados pelo IBGE da Pesquisa Nacional Por amostra de Domicílios 2009. OS dados mostram o contraste entre o país da tecnologia e o país da falta de serviços básicos como esgoto e água encanada

Data	Telejornal	Autor Principal	Produção	Cita a Amazônia	NR	Resumo
08/set	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Reportagem da Série JN no ar, segunda visita ao Amapá. Desta vez em Porto Grande.
09/set	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Notícia sobre relatório sobre o “Mapa do crime eleitoral” divulgado pela Polícia Federal
10/set	JN	Amapá	Local	Não	Sim	Notícia sobre a realização da operação “Mãos Limpas” no Amapá, onde o governador, o ex-governador e vários personagens importantes da política local foram presos acusados de fraude e desvio de dinheiro público.
11/set	JN	Amazonas	Local	Sim	Sim	Notícia sobre a estiagem (Seca) que atinge o Estado do Amazonas. Vários municípios estão em estado de emergência e outros estão em estado de alerta.
13/set	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Sim	Não	14º Reportagem da Série JN no Ar. A visita é a cidade de Colíder, no Mato Grosso
15/set	JN	Amapá	Local	Não	Sim	Notícia sobre acusação do ex-governador do Amapá de oferecer propina para empresa para favorecer a legalização de fazendas compradas pelo grupo estrangeiro em troca de financiamento para sua campanha.
16/set	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Série JN no Ar visita a cidade de Tefé no Amazonas.
17/set	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Série JN no Ar visita a cidade de Pinheiros no Maranhão.
20/set	JN	Amazonas	Local	Não	Sim	Notícia sobre o agravamento da estiagem no Amazonas
20/set	JN	Amapá	Local	Não	Sim	Notícia sobre o governador do Amapá, que concorre a reeleição, denunciado por fraude e corrupção eu foi libertado em menos de 24 horas e reassumiu o cargo no mesmo dia
23/set	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	A Série JN no Ar visita a cidade de Cacoal em Rondônia.
23/set	JN	Mato Grosso	Local	Não	Sim	Notícia sobre a campanha de Marina Silva no Mato Grosso (Cuiabá). A candidata falou sobre as queimadas. “Preocupada com queimadas que enfraquecem o solo, criticou o uso do fogo na agricultura e disse que é preciso investimento tecnológico para a produção de alimentos sem prejuízo ao meio ambiente”

Data	Telejornal	Autor Principal	Produção	Cita a Amazônia	NR	Resumo
23/set	JN	Mato Grosso	Local	Sim	Sim	Notícia sobre a visita do candidato José Serra ao Estado do Mato Grosso (Sinop). Ele comentou a importância da criação e uma força tarefa nacional, uma defesa civil nacional para combater, prevenir e agir em casos de desastres naturais de inundações e queimadas.
28/set	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	A Série JN no Ar visita a cidade de Paraisópolis do Tocantins, o último estado da região norte a ser visitado
28/set	JN	Pará	Local	Sim	Sim	Notícia sobre a visita de Marina Silva à Belém e apresentou proposta para o desenvolvimento econômico da região no mercado do Ver-o-Peso, o mais tradicional da capital paraense
01/out	JN	Rio de Janeiro	Nacional	Não	Não	Informações sobre o fim da Série JN no Ar, há uma reportagem de balanço sobre a série e uma entrevista em estúdio com Ernesto Palha, repórter responsável pela equipe
09/out	JN	Pará	Local	Não	Sim	“Uma das maiores manifestações religiosas do Brasil reuniu milhares de pessoas no Pará. Foi o segundo dia de procissões no Pará durante o Círio de Nazaré”